

Autora Bestseller do USA Today

R C B O L D T

A romantic couple is shown from the chest up, lying in bed and partially covered by a white sheet. The woman, with blonde hair, is leaning over the man, smiling and looking down at him. The man, with dark hair and a beard, is smiling back at her. The background is a soft-focus white brick wall.

SÓ MAIS
Uma vez

Bookmarks

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Autora Bestseller do USA Today

R C B O L D T

A romantic couple is shown in a close-up, intimate pose. The woman, with long blonde hair, is leaning over the man, her hands resting on his head. Both are smiling warmly at each other. They are partially covered by a white sheet, with a patterned blanket visible at the bottom. The background is a soft-focus white brick wall.

SÓ MAIS
Uma vez

Bookmarks

Table of contents

1. Sinopse:
2. Sumário
3. Dedicatória
4. Segunda dedicatória
5. Nota da autora
6. Prólogo
7. Sarah
8. Jack
9. Sarah
10. Jack
11. Sarah
12. Sarah
13. Jack
14. Sarah
15. Jack
16. Sarah
17. Jack
18. Sarah
19. Jack
20. Sarah
21. Jack
22. Sarah
23. Jack
24. Sarah
25. Jack
26. Sarah
27. Sarah
28. Jack
29. Sarah
30. Sarah
31. Jack
32. Sarah
33. Sarah
34. Jack
35. Sarah
36. Sarah
37. Jack
38. Sarah
39. Sarah
40. Jack

41. [Sarah](#)
42. [Jack](#)
43. [Sarah](#)
44. [Sarah](#)
45. [Jack](#)
46. [Sarah](#)
47. [Sarah](#)
48. [Jack](#)
49. [Sarah](#)
50. [Sarah](#)
51. [Jack](#)
52. [Sarah](#)
53. [Jack](#)
54. [Sarah](#)
55. [Sarah](#)
56. [Jack](#)
57. [Sarah](#)
58. [Jack](#)
59. [Epílogo](#)
60. [Leia também:](#)
61. [Prólogo](#)
62. [Um](#)

Guide

1. [Cover](#)
2. [Table of Contents](#)

R C B O L D T

SÓ MAIS *Uma vez*

Tradução:
Mariana Dias

1ª edição
2024

Bookmarks

Título Original: *Blue Balls*
Copyright © 2017 por RC Boldt
Copyright da tradução © 2024 por Editora Bookmarks.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Tradução: Mariana C. Dias
Copidesque: Fernanda Costa e Wélida Muniz
Diagramação digital e edição: Andreia Barboza
Capa e diagramação: Luizyana Bueno

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Sinopse:

RC Boldt, autora bestseller do USA Today, nos traz mais uma comédia romântica divertida sobre duas pessoas que vivenciam “contratempos” nos momentos mais inoportunos...

Sara está mais do que frustrada com o bonitão que a deixou subindo pelas paredes. Várias vezes. De alguma forma, as coisas sempre dão errado, e ele a deixa na mão. Não que ela esteja interessada em um relacionamento. Mas o Sr. Moreno Alto, Bonito e Sensual faz com que ela não desista de procurá-lo. Mesmo após um desastre sexual maluco após o outro.

Jack está cativado pela mulher que o deixou louco de desejo. Tão louco que parece ter atraído uma série de calamidades sexuais que não o deixam matar a vontade de estar com ela. Mas ele não desiste fácil. E tem certeza de que vai conseguir provar a Sarah que os dois podem ter algo mais juntos. Desde que ela permita que ele tente só mais uma vez.

Em algum momento, as estrelas e o universo vão se alinhar e o ápice será de outro mundo!

Sumário

Sinopse:

Dedicatória

Segunda dedicatória

Nota da autora

Prólogo

Sarah

Jack

Sarah

Jack

Sarah

Sarah

Jack

Sarah

Jack

Sarah

Jack

Sarah

Jack

Sarah

Jack

Sarah

Jack

Sarah

Jack

Sarah

Sarah

Jack

Sarah

Sarah

Jack

Sarah

Sarah

Jack

Sarah

Sarah

Jack

Sarah

Sarah

Jack

Sarah

Jack

Sarah

Sarah

Jack

Sarah

Sarah

Jack

Sarah

Sarah

Jack

Sarah

Jack

Sarah

Sarah

Jack

Sarah

Jack

Epílogo

Leia também:

Prólogo

Um

Dedicatória

Matty,

Obrigada por **não** ter sido a inspiração para esta história. E por rir comigo como se fôssemos dois adolescentes toda vez que eu lia algum trecho em voz alta.

P.S.: Eu ainda te amo mais.

A,

Você é – e sempre será – minha garota favorita neste mundo todo. Não mude nunca... a não ser pelos chiliques mal-humorados. É sério.

E não se esqueça: eu te amo “mais que o mundo e o universo”.

Segunda dedicatória

Este livro é dedicado a qualquer um que já teve que lidar com bolas azuis.

Que você encontre alívio em breve.

Nota da autora

Já que esta é uma história de ficção, algumas liberdades foram tomadas e nomes foram trocados para proteger inocentes.

Estou brincando quanto à última parte. Mais ou menos...

Tudo bem, a verdade é que alguns dos incidentes neste livro *talvez* tenham acontecido de verdade com meus amigos. Ou comigo. Mas a maior parte, com amigos.

Divirta-se com as estripulias a seguir.

Prólogo

Sarah

Sei que você está se perguntando no que está se metendo. Digo isso porque praticamente consigo te ouvir pensar: “Bolas azuis? Que merda é essa?”.

Eu entendo. De verdade. Se alguém me dissesse que eu teria que enfrentar um dilema desses, eu ia rir na cara da pessoa.

Espere aí! Onde estão meus modos? Droga. Se vamos falar de longos períodos de satisfação sexual adiada, eu deveria, pelo menos, me apresentar adequadamente.

Meu nome é Sarah Matthews. Sou enfermeira, meu filme preferido é *A princesa prometida*, e eu amo chocolate, principalmente os que vêm com mensagens especiais impressas dentro da embalagem. Amo homens e sexo.

Espere um segundo antes de começar a me julgar. Eu gosto de sexo. Sexo *seguro*, é claro, mas sou muito seletiva em relação a quem levo para cama. Considero que minha vagina é criada em liberdade. Assim como aquelas galinhas que botam ovos melhores porque não estão cheias de hormônios. Ou, pelo menos, é o que a embalagem alega quando pago quase o dobro por uma dúzia deles. E, falando sério, como as pessoas conseguem dormir tranquilas depois de cobrar tão caro por uma dúzia de ovos?

Minha vagina é exigente e não gosta de restrições com relação ao lugar em que ela pode... circular livremente.

A conversa está ficando esquisita, não é? O que estou tentando dizer é que tenho pré-requisitos. Não me considero uma mulher fácil, então, não é como se minha vagina estivesse aberta à visitação, nem lidando com um... “tráfego” intenso, estilo Times Square, em Nova York. Ela é *seletiva*.

Além disso, eu não namoro. Não só pela infância que tive, mas porque ando ocupada demais. Decidi que ser auxiliar médica não era o que eu queria e mudei de planos. Agora sou enfermeira anestesista. Estudar para a certificação ao mesmo tempo em que trabalhava em período integral não me deixava com muito tempo para outras coisas. É claro, minha melhor amiga encontrou o homem dos sonhos dela, mas eu? Isso não está no meu destino. Só quero um cara divertido e que tenha o dom de fazer os lençóis pegarem fogo comigo.

Quando Maggie e Ry foram morar juntos, conheci o melhor

amigo dele, Jack. Os dois fingiam ser namorados. É uma *longa* história, mas Jack sempre me deixou intrigada.

Ele é diferente, o que me chamou atenção desde o início, e tenho quase certeza de que foi recíproco. Obviamente, as circunstâncias criaram alguns obstáculos ao longo do caminho, mas quando as órbitas dos planetas se alinharam e pudemos tomar uma atitude quanto à nossa atração, imaginei que seria um mar de rosas. Achei que as coisas ficariam aquecidas, que suaríamos, que haveria *muita* safadeza e que eu descobriria se ele estaria à altura das minhas expectativas.

Mas não foi o que aconteceu. Fomos vítimas do que podemos chamar de uma doença terrível, por assim dizer. E não foi algo leve. Nada disso. Foi praticamente a definição de uma praga.

O que você está prestes a ler é a nossa jornada – e tentativa de batalha – contra a praga das bolas azuis.

Sarah

SARATOGA SPRINGS, NOVA YORK

Moreno, alto, bonito e sensual. É a descrição de Jack Westbrook.

Eu o conheço há pouco mais de um ano e, já que a proximidade com os nossos melhores amigos nos empurrou um para o outro, tentei incluir outros tipos de aproximação nessa equação. No entanto, temos pisado em ovos em torno dessa atração, pois, por diversas razões, nenhum dos dois tomou qualquer atitude... *até agora*.

Um dos motivos é que eu estava estudando, mas posso finalmente dizer que sou enfermeira anestésista e que trabalho e estudo não vão mais impossibilitar a existência da minha vida social. Além disso, Jack estava saindo com alguém de Boston, mas ouvi dizer que terminaram de forma amigável. Não posso confirmar, nem negar que a notícia fez meu coração pular de alegria. Ah, a quem eu quero enganar? É lógico que posso confirmar. Fora tudo isso, há outra questão rondando meus pensamentos: *quero mesmo namorar o melhor amigo do noivo da minha melhor amiga?* Isso também soou tão esquisito para você como soou para mim?

Digamos que eu tenho certeza de que não reclamaria se o pênis dele “ocupasse” o interior da minha vagina. Na verdade, minha ansiedade em relação a isso está no auge. Faz muito tempo que não transo. Minha pobre amiguinha está jogada às traças. Eu nem ficaria surpresa se, da próxima vez que fosse para a cama com alguém, o cara ouvisse o som de uma cripta se abrindo e poeira e morcegos saíssem voando.

Isso foi descritivo demais. Principalmente a parte dos morcegos. É, eu passei dos limites. Desculpe.

Como é o jantar de noivado de Maggie e Ry, me esforcei muito para estar apresentável na noite especial da minha melhor amiga. E isso não tem relação nenhuma com o moreno, alto – com mais de um metro e oitenta de virilidade –, bonito e sensual. Não. Nada mesmo.

Tenho certeza de que neste momento você ouviu em sua cabeça: *mentira, mentira, mentira*. Não se preocupe, você não está sozinha. Também sei que estou mentindo.

Mas pode me dar um minuto, por favor? Porque Jack Westbrook é um gostosão. Ele é do tipo que fica sensacional em um terno, mas igualmente delicioso quando usa jeans e camiseta. Jeans

que se molda nele em todos os lugares certos. *Tooodos*. Principalmente o traseiro e aquele *outro* lugar.

Não balance a cabeça. Não posso fazer nada se sou pervertida. *Eu nasci assim, eu cresci assim*, já dizia a música. Sim, eu sei que agora você se irritou, porque essa música vai ficar na sua cabeça o dia inteiro.

Enfim, de volta ao Jack. Só de falar o nome dele já quero suspirar, toda derretida. Aquele suspiro do qual as mulheres fazem piada, mas acredite em mim, é justificável.

Sinto que você está em dúvida, então me deixe explicar: cabelo escuro milimetricamente despenteado em um comprimento que te faz pensar em agarrá-lo enquanto ele está nas suas “partes baixas”, praticamente “te comendo como se você fosse a última refeição”.

Ei, pode parar. Já avisei que sou pervertida.

Além disso, tem o corpo dele. Admito que não o vi nu, *ainda*, mas posso dizer que Jack tem músculos muitíssimo definidos por jogar raquetebol com Ry na academia. Esse esporte é uma daquelas coisas que não consigo entender. Quem é que gosta de ter bolas voando na direção do próprio rosto a centenas de quilômetros por hora? Eu, não. Na verdade, não sou muito fã de bolas em geral. Elas não chegam nem perto de serem tão interessante quanto o pênis.

Opa. Lá vou eu, mudando de assunto de novo.

Não me leve a mal. Não sou superficial. Gosto mais do que só a boa aparência de Jack. Na verdade, ele tem um senso de humor dúbio e sabe ser tão pervertido quanto eu. Gosto disso em um homem. Ele também é muito inteligente e trabalha como consultor independente de negócios. Pelo que sei, é muito requisitado e está perto de ter que recusar alguns trabalhos por causa da agenda lotada.

O jantar de noivado de Maggie e Ry foi a desculpa perfeita para eu me arrumar e mostrar a Jack o que ele está perdendo. Fiz tudo o que estava ao meu alcance com relação ao cabelo, maquiagem e roupa para garantir que eu o arrebatasse e mantivesse sua atenção em mim.

Rodeados pela família e amigos de Ry e Maggie, estamos sentados no salão de um restaurante histórico, o Longfellows, localizado no centro de Saratoga Springs. O lugar foi alugado pelo pai do Ry especialmente para a ocasião.

A voz grave de Jack percorre a multidão:

— Maggie e Ry se conheceram de um jeito nada convencional. A história dos dois é única, recheada de travessuras, risadas e o mais importante — ele para e sorri em direção ao casal sentado à sua direita —, amor.

Ele olha para os convidados antes de repousar os olhos em mim por um instante a mais, e então continua:

— Esses dois são perfeitos um para o outro, pois são melhores

amigos. Eles se conhecem por inteiro e se amam, não apesar das imperfeições, mas por causa delas. Os dois se amam tanto pelas coisas boas quanto pelas não tão favoráveis.

Ele sorri.

— Apreciam as qualidades um do outro, porque é isso que os faz ser especiais. Todas essas qualidades combinadas são a pessoa por quem se apaixonaram. Se uniram para fazer com que a pessoa fosse real, imperfeita e cheia de falhas, mas ainda assim — Jack sorri para Maggie e Ry antes de a voz descer um decibel, tornando-se mais suave, mais íntima — dois indivíduos imperfeitos e falhos que encontraram sua outra metade. Juntos, as imperfeições e defeitos desaparecem. E tudo o que vemos quando olhamos para eles é amor.

Com um leve brilho nos olhos, Jack ergue a taça de champanhe para brindar.

— Ao amor, às risadas e ao felizes para sempre. A Maggie e Ry!

— A Maggie e Ry! — todos nós gritamos em resposta antes de tomarmos um gole da bebida.

Ao amor, às risadas e ao felizes para sempre.

O homem fofo também sabe fazer brinde. Sem mencionar que ele me superou. Caramba. Meu discurso não chega nem perto de ser tão bom quanto o dele. Não que eu esteja com inveja, nem nada assim, mas nossa. A gente não pode ter nosso momento de brilhar?

Pelo menos, estou com um vestido sem alças muito elegante. É de cetim azul, bem justo e meus seios ficaram ótimos no sutiã meia taça que coloquei. Quem diria que uma simples lingerie poderia ser tão incrível? Não vou mentir, até eu estou olhando meu peito. Acho que estou apaixonada pela aparência deles.

O azul do vestido combina com os meus olhos, então estou me esforçando para encontrar o ângulo perfeito. Se meu busto não hipnotizar o Jack, talvez meus olhos consigam resolver o problema. Além da minha personalidade fenomenal, obviamente.

Até eu revirei os olhos para a última frase.

Depois do brinde, a equipe de garçons serve a sobremesa aos convidados, e eu me dirijo ao banheiro. Enquanto caminho até a parte mais silenciosa do restaurante, meus olhos assimilam a aura diferente e rústica do lugar, proporcionada pelo grande teto de vigas cruzadas e pela alvenaria.

Lavo as mãos e procuro na bolsa meu pequeno prazer secreto. Sem perder tempo, dou uma mordida no chocolate. Ele fica ainda mais gostoso depois de um pouco de champanhe. Por mais que eu ame a Maggie, não sou fã de bolo *red velvet*, a sobremesa que ela escolheu.

Dou uma olhada na embalagem, em busca da mensagem escrita na parte de dentro, e depois guardo o resto na bolsa: **CHOCOLATE CURA TUDO**. Uma verdade absoluta.

Saio do banheiro e mal dou dois passos antes de alguém agarrar meu pulso e me puxar até um cômodo menor. Minhas costas batem na superfície suave da porta de madeira entalhada e sou encurralada por um pedaço de mau caminho. Quando o seu olhar recai no meu decote e volta aos meus olhos, me parabeno e agradeço ao meu sutiã.

— Não tive chance de falar com você. — Seus olhos azuis profundos oscilam nos meus lábios por um momento. — Nem de te cumprimentar direito e... te parabenizar pela conquista profissional.

Nossa. Não só aquela voz sexy, mas também os parabéns pela minha conquista e ele ter prestado atenção o suficiente para saber dela fazem meu corpo todo esquentar. Além disso, se você estiver aí imaginando, sim, é possível que eu tenha gozado só de ouvir o Jack falar comigo.

Tudo bem. Talvez não tenha sido um orgasmo completo, mas, com certeza, foi algo do tipo. Como um pequeno choque, não um choque intenso que me deixaria suada e constrangida.

— Obrigada. — Minhas bochechas esquentam enquanto tento fingir que a minha calcinha não está encharcada. — Então, é verdade?

Ele arqueia uma sobrancelha e... *nossa!* Não é justo que tudo o que ele faz seja *muito* sexy.

— O quê? — O tom dele é de diversão. — Que a Maggie percebeu que está planejando se casar com o cara errado? — Ele brinca. — É óbvio.

Com um sorrisinho, dou um tapa em seu peito.

— Por mais engraçada que sua resposta tenha sido, não, não é isso. — Faço uma pausa e inclino a cabeça para o lado, curiosa. — É verdade que você está no mercado de novo?

— Acho que sim. — Jack dá de ombros. — Pelo menos, é o que estão me dizendo. — Então ele sorri. — Por que quer saber?

Dou de ombros também.

— Ah, talvez eu conheça alguém que tenha interesse...

— É mesmo? — Ele se aproxima mais e seu sorriso deixa tudo mais quente. — Será que esse alguém tem um cabelo loiro sedoso e um jeitinho travesso de dizer o que pensa?

— Hum... é bem possível. — Estico a mão e prendo um dedo no cós da calça social. — E talvez esse alguém esteja morrendo de vontade de ver o que você anda escondendo aqui embaixo. — Dou uma puxadinha de leve.

Ele inclina a cabeça, sem pressa, levando os lábios à minha orelha. Jack a roça de leve, me fazendo arrepiar.

— Que coincidência. Tenho pensado a mesma coisa a seu respeito. — Ele passa o indicador pelo meu ombro nu e mordisca o lóbulo da minha orelha enquanto sussurra com a voz grossa e grave: — Ainda mais nesse seu vestido sexy.

Minha calcinha se desintegrou. Atenção: *minha calcinha se desintegrou*.

E todos sabemos o que isso significa: minhas partes íntimas estão arrebetando os portões e se libertando, como naqueles filmes em que o sinal da escola toca para dispensar os alunos no último dia de aula e todo mundo sai correndo, em uma confusão, desesperados para se libertarem. Minhas partes íntimas se libertaram e praticamente dançaram, assim como Julie Andrews em *A noviça rebelde*, rodopiando feliz e cantando, “Estamos viiiiiivos e prooooontos, Jack!”.

Você não esperava por essa, não é? Bem, se prepare, porque eu sou assim.

O teeeempo todo.

Tomo a decisão enquanto ele sussurra no meu ouvido com aquela voz de derreter calcinha. Viro a cabeça e o pego de surpresa. Nossos lábios se encontram e acontece.

Acontece mesmo, caramba!

Os fogos de artifício. O calor. O frio na barriga quando uma pitadinha de “magia” se mistura ao desejo. É exatamente isso que estou sentindo. A gostosura que induz orgasmos.

Com apenas um beijo de Jack Westbrook.

Jack

Aquele vestido brilhoso me deixou louco a noite toda. É como se o tecido implorasse para ser desembalhado feito um presente. Eu adoraria tirar a roupa da Sarah lentamente, na minha casa, e descobrir o que tem ali embaixo.

Desde que nos conhecemos, quando Ry e Maggie foram morar juntos e antes de se tornarem algo mais, Sarah e eu pisamos em ovos com relação à atração que sentimos um pelo outro. Fiquei com Brittany por um tempo, mas por ela morar em Boston e só conseguirmos nos ver de vez em quando por causa do trabalho, o relacionamento nunca decolou. Ela é ótima, e sei que vai encontrar alguém mais adequado. Sem mencionar que Brittany nunca causou o que sinto quando estou perto da Sarah. Pareço fósforo aceso caindo em madeira seca, meu corpo pega fogo em instantes.

Estava esperando o momento em que ela me beijaria, queria confirmar se a atração e a tensão sexual que sempre nos envolve e que vem sugerindo a possibilidade de mexer comigo, são válidas. E seus lábios nos meus provam isso. Quase não ouço o som da bolsa dela cair no chão. Ela coloca as mãos por dentro do meu paletó até chegar nas costas, envolve meu traseiro e me puxa para perto. Um som rouco irrompe do fundo da minha garganta com a ousadia daquela mulher. Nunca encontrei ninguém como Sarah antes.

E eu gosto disso. *Muito*.

Balanço os quadris em sua direção, permitindo que ela sinta que já estou duro e mostro o que ela faz comigo só com um beijo. A mulher tem gosto de chocolate meio amargo e champanhe, e não consigo me faltar. Passo a mão pelas suas costelas, tocando a pele macia como seda por cima dos seios exuberantes, e Sarah ofega e geme baixinho. Aquele som por si só envia ainda mais sangue para o meu pau. *Cacete*. Vai ser impossível conseguir voltar para o jantar no estado em que estou.

Tenho que equilibrar o jogo.

Levo a mão até seus joelhos e alcanço a barra do vestido, subo a peça pela extensão da coxa mais macia e aveludada que já senti e sigo em linha reta até o seu sexo.

Putá merda. Ela está encharcada. Passo um dedo pelo tecido molhado da calcinha e interrompo o beijo, descendo até a base graciosa de seu pescoço. E então, sussurro:

— Ela é minha agora. — O peito de Sarah sobe e desce com a respiração vacilante. Estou muito feliz por não ser o único excitado. — *Talvez* eu te devolva. — Meus olhos encontram os dela semicerrados. Não consigo resistir e abro um sorriso arrogante. — *Talvez*.

Desço a calcinha por seus quadris e me ajoelho para passá-la pelos saltos sensualíssimos que ela usa. Cerro o maxilar ao pensar nessa mulher usando só esses sapatos enquanto transamos e a faço gritar meu nome até ficar rouca. Me levanto, e o que deve ser a menor calcinha fio-dental do mundo – azul, é claro, para combinar com o vestido – pende do meu indicador. Consigo sentir o aroma doce de sua excitação na peça.

Fecho os olhos em uma careta dolorosa. Se eu achava que estava duro como uma pedra há segundos, não é nada comparado com agora. Tem algo diferente nessa mulher. Algo que me afeta como nenhuma outra.

— Você costuma sair por aí roubando calcinhas?

Putá merda. Aquela voz... um pouco rouca e inebriada, e a maneira com que os olhos me observam, como se ela fosse me deixar tomá-la aqui e agora...

— Na verdade, não. — Sorrio. — A sua é a primeira. — Sei que não deveria estar fazendo isso na festa de noivado do Ry, pois ele é o meu melhor amigo, mas quando estou perto da Sarah, vale tudo.

Ela corresponde ao meu sorrisinho.

— Me sinto honrada.

Ouvimos passos ao final do pequeno corredor e todo o seu corpo estremece em alarme com o estalar de saltos firmes no chão de pedra. Coloco a calcinha no bolso, pego a bolsa do chão e estendo a mão para prender os fios de cabelo soltos atrás de sua orelha.

— O momento de devassidão acabou — ela sussurra, e o tom subjacente de decepção não combina com a maneira que os olhos se enrugam nos cantos, achando graça.

Inclino a cabeça para roçar um beijo em seus lábios e murmuro:

— Te vejo mais tarde.

— Sarah?

Ela arregala os olhos ao ouvir Maggie chamá-la. Dou um passo para trás e fico fora de vista, encostando o indicador nos lábios e inclinando a cabeça para o corredor, gesticulando para que ela vá. Com um aceno breve, ela passa por mim.

Mas como era de se esperar, ela para e segura meu pau de maneira descarada.

— Estou aqui, Maggie. — Ela sai e os saltos ecoam enquanto ela caminha. — Estava olhando a arquitetura do lugar. Mas já tenho uma boa ideia do que se trata.

Muito bem. Sorrio com a forma como ela brincou com as

palavras.

Espero o som dos sapatos desaparecer, me ajeto e obrigo minha ereção a se acalmar. Não fazia ideia de que a festa de noivado do meu melhor amigo seria tão divertida. Sem mencionar que talvez eu tenha uma chance com a linda loira que em breve será a dama de honra.

Duas horas mais tarde, no restaurante Max Londons

Estou ficando louco. Se essa mulher inclinar o traseiro para a minha virilha mais uma vez, não garanto que não a jogarei no balcão, afastarei suas coxas macias e transarei com ela na frente de todo mundo. Mal consigo lidar com o fato de saber que ela não está usando nada por baixo do vestido.

Inclino a cabeça para perto de seu ouvido e murmuro:

— Você está brincando com fogo.

O lugar está barulhento e lotado, e é por isso que os poucos convidados que decidiram ir até lá para tomar alguns drinques estão perto do bar, jogando conversa fora. Na verdade, “lotado” é uma forma educada de falar. Parecendo uma lata de sardinha é muito mais preciso. Em qualquer outro dia, eu já teria encerrado a noite e voltado para casa. Mas hoje, a superlotação é uma vantagem.

Sarah vira a cabeça e prende seu olhar ao meu através da parede espelhada do bar. Um sorriso travesso aparece em seus lábios. Não preciso de mais nada. Porque me recuso a deixar essa mulher ganhar.

Ainda conversando com um dos primos de Ry sobre meu negócio, movo o braço que estava apoiando espaço disponível no balcão e o uso para esconder as minhas ações. Passo a mão por baixo da barra do vestido de Sarah. Seu corpo enrijece na mesma hora, e vejo os diminutos arrepios nos ombros e braços nus. Antes que ela possa pensar em reagir, passo o dedo entre suas coxas.

E para dentro daquele paraíso quente e encharcado.

A pulsação na lateral de seu pescoço está ficando fora de controle, e eu faria de tudo para mordiscá-la ali. Movo o dedo para dentro e para fora dela, então decido ser ainda mais corajoso, em parte, graças à sua reação e à quantidade de bebida que ingeri. Adiciono outro dedo. Faço isso no momento exato em que ela decide tomar um gole de vinho branco. Ela se engasga e tosse de leve.

Retiro os dedos e dou um tapinha nas suas costas, genuinamente preocupado. Ela se vira para me encarar com fúria no olhar.

— Você. — Ela coloca o indicador fino no centro do meu peito.

— Eu? — Ergo as sobrancelhas, otimista.

Ela curva o dedo para que eu chegue mais perto e eu obedeço. Seus olhos azul-celeste encontram os meus.

— Você tem que decidir se vai me levar para casa ou não. — Uma breve pausa. — Agora mes...

— Vou. — Continuo a encarar, sem me importar se estou agindo como um adolescente ansioso prestes a transar pela primeira vez na vida. Alguma coisa em Sarah me faz voltar a ser o nerd que fui naquela época.

Um brilho malicioso ilumina os seus olhos.

— Vou me despedir do pessoal e te encontro na calçada.

— Combinado.

Ela se move para se afastar, mas seguro seu pulso no último instante. Seus olhos encontram os meus com curiosidade, e inclino a cabeça. Me aproximo de seu ouvido.

— Não pense em ir à academia amanhã, porque vai fazer mais exercícios cardiorrespiratórios hoje do que imagina.

Me viro e começo a me despedir com pressa, pois sei como vou terminar a noite.

Entre as coxas de Sarah Matthews.

Sarah

Cachinhos dourados e os três ursos. Foi como me senti com a aventura em que estava prestes a embarcar. Sabe quando a garotinha entra naquela casa que *não* é dela — o que, por si só, já a faz merecer ouvir um “garota, você é doida!” — e sai testando tudo que vê pela frente: mingau, cadeiras e as camas até encontrar a *perfeita*?

Sinto que venho fazendo isso há eras, mas no meu caso, com pênis. Deixe-me explicar melhor. Pênis. Se você viu ou experimentou só um, feche os olhos, porque provavelmente vou te deixar em depressão profunda, e não posso carregar esse peso na consciência. Se não é o seu caso, continue lendo.

A questão é que... por mais que eu não me classifique como fácil, tive um bom número de parceiros. E cada um deles veio com um histórico. Um dos caras era alto e tinha pés enormes. Pensei que ele fosse bem-dotado. *Ahhhh*, que engano. Na verdade, tive que perguntar: *já entrou?*

Tudo bem, pode rir do meu azar... e do dele. Não é como se a minha amiguinha pudesse ser confundida com algum abismo profundo ou algo assim. Mas juro que era impossível saber se ele havia adentrado ou não na minha caverna feminina.

Outro tinha um pênis fino como um churro. A circunferência era inexistente e por mais que eu goste de churros (e agora eu quero comer um, droga!), não quero estar com alguém cujo “negócio” parece um lanchinho.

E também teve um cara com o pênis curvado. Sim, isso mesmo. *Curvado*. Muito interessante. Eu estava sempre tentando adivinhar para qual lado precisava me virar para ele acertar o ponto.

Então, como você viu, ainda não tive um momento de alegria como a Cachinhos Dourados. Mas acredito que Jack vai mudar isso, principalmente depois que dei uma boa apalpada nele para ver com o que estaria lidando. Porque, vamos ser sinceros, já passei por muita “dureza”, trocadilho intencional, e mereço ser recompensada. Espero estar finalmente embarcando no meu momento de *encontrar a cama perfeita*.

E hoje à noite, meus amigos, será *a* noite.

— Você vai para casa? — Maggie pergunta enquanto me aproximo de onde ela e Ry conversam com os pais do noivo.

— Sim. — Meu sorriso arrogante está tão largo e tão cafona,

que minha melhor amiga liga os pontos na hora.

Ela olha ao redor antes de se voltar para mim. Em seguida, se inclina.

— Não vai embora sozinha, não é?

— Não. — Meu sorriso se amplia.

— Você precisa tomar cuidado. Não quero... — Sua expressão fica preocupada.

— Maggie, relaxe. — Ergo a mão para interrompê-la. — Está tudo bem.

Ela dá um passo na minha direção e apoia uma das mãos no meu braço, incomodada.

— Mas não quero que ninguém se magoe.

— Não vou me magoar.

— Não é com você que estou preocupada. — Ela dá uma risadinha hesitante. — É com o Jack.

Me afasto, surpresa, e a encaro.

— Você está preocupada com *ele*?

Ela dá de ombros. Minha amiga está incrível no vestido frente única branco com sobreposição de renda preta.

— Tenho a sensação de que ele não é tão durão quanto parece. E você...

— Eu...? — Ergo a sobrancelha em expectativa, mas tenho certeza de que já sei o que ela está prestes a dizer: sou dominadora, difícil ou algo do tipo. O que não está longe da verdade, mas não significa que corro menos risco de acabar magoada

— Só não quero que as coisas fiquem estranhas entre nós quatro, tudo bem? — O olhar que Maggie me lança faz com que eu a puxe para um abraço.

— Você sabe que eu te amo, não sabe? — digo enquanto nos abraçamos. Ela assente antes de nos separarmos. — Então não se preocupe. Jack e eu somos adultos, vai dar tudo certo.

Recebo outro olhar descrente de Maggie e abraço Ry antes de me encaminhar para a calçada. Apesar de estarmos em agosto e as temperaturas estarem boas, me agarro ao meu cardigã fino, enfrentando o friozinho da noite, pois o centro da cidade parece um túnel de vento.

Assim que vejo Jack apoiado de maneira casual no poste, com um sorrisinho despreocupado, minhas partes íntimas se pronunciam de maneira oficial, praticamente berrando para serem tiradas do banco de reservas. Esta, com certeza, vai ser a noite em que Jack vai marcar muitos gols.

Já assistiu àquela série antiga da HBO chamada *Confissões de táxi*? Se não, pesquise por ela agora mesmo. Agora! *Pesquisepesquisepesquise*. Estou falando de câmeras escondidas, falar de

tudo e qualquer coisa relacionada a sexo e a indivíduos fazendo sacanagem no banco de trás do carro, todos cheios de tesão depois de uma noite de festa ou de sabe-se lá o quê.

Por que estou falando disso? Porque Jack e eu estamos andando na corda bamba do que poderia ser um episódio da série, já que ele tem mãos bem bobas, se é que você me entende. O lado safado de Jack Westbrook está rapidamente se tornando o meu preferido.

Com um arquejo silencioso, afasto os lábios dos dele e os pressiono nas veias de seu pescoço para sentir o pulso acelerado.

— Você está me matando. — Minhas palavras saem ofegantes, misturadas à respiração agitada dele.

A mão que invadiu minha *propriedade privada* flexiona e sinto um riso percorrê-lo.

— Tenho certeza de que é você quem está me matando, linda.

Ergo a cabeça no momento em que Jack levanta a dele para me olhar com as pálpebras semicerradas. Ele pega a minha mão e a pressiona com firmeza em sua calça, então dá um sorrisinho.

— Mas que jeito incrível de morrer, não é? — Vejo uma faísca de sem-vergonhice em seus olhos e ele inclina a cabeça. Seus lábios capturam os meus e a língua mergulha fundo para duelar com a minha.

Sou saudada por uma mistura de sentimentos quando o taxista estaciona em frente à casa de Jack, porque, *puta merda, que delícia*. Não quero que ele pare, mas, ao mesmo tempo, não quero que o motorista veja minha mercadoria. Nada disso. *Não mesmo*.

Consigo abrir a porta depois que Jack paga a corrida. Saímos apressados e eu praticamente o arrasto pela calçada para que possa digitar a senha que desbloqueia as portas do prédio. Pegamos um elevador vazio e eu o empurro para a parede enquanto subimos.

Dar amassos com Jack Westbrook poderia ser adicionado à lista de coisas que eu amo. *Nossa*. Ele beija com a quantidade certa de língua. O que é *perfeito* para mim. A quantidade *ideal*.

Sabe aqueles beijos que você sente até nos dedos do pé? Que te deixam arrepiada de uma maneira deliciosa? Que te fazem sentir como se estivesse faminta por um beijo e que, agora, você quer mais e mais?

Os beijos de Jack me fazem sentir tudo isso.

Saímos do elevador e chegamos ao seu apartamento. Ele aponta a chave em direção à fechadura, e lido com milhares de sentimentos ao mesmo tempo, distraíndo-o até que ele finalmente consegue destrancar a porta.

Assim que entramos, pressiono as mãos em seu peito musculoso, empurrando-o contra a porta. Se achei que nossos beijos no elevador foram gostosos, eu estava enganada. Porque quando

minha boca volta a se unir à dele, o beijo é delicioso ao ponto de fazer a minha calcinha derreter.

Se eu ainda estivesse com ela.

Desesperada, desabotoo o terno dele, e Jack interrompe o beijo para olhar para baixo. Seus olhos azul-escuros me observam com uma mistura de interesse e desejo quase não contido.

— Estamos com pressa?

Sem responder, me movo para desafivelar o cinto e rapidamente abro sua calça, apenas o bastante para conseguir colocar a mão na boxer preta e sentir o que estava louca para tocar.

Caramba, ganhei na loteria. *Putá merda*, ganhei mesmo. A julgar pelo tamanho e a circunferência, Jack Júnior já tem o meu selo de aprovação.

Me movo com a intenção de me abaixar e conhecer melhor o JJ (isso mesmo, já dei um apelido para ele), mas o aperto firme de Jack no meu antebraço me faz parar. Ergo os olhos até os deles, com dúvida, e o pego me observando com um sorrisinho. Seus olhos estão um pouco vidrados por causa da quantidade de bebida que ingerimos, mas Jack ainda parece alerta e focado em me tirar do banco de reservas.

— Ainda não. — Aquele sorriso sensual, combinado com o som grave e baixo de sua voz me faz arrepiar até o âmagô, e aperto uma perna contra a outra para aliviar a pressão.

Com gestos abruptos, ele se livra dos sapatos sociais pretos e chuta a calça para longe. Então fica parado diante de mim só com o paletó, camisa e cueca boxer, e juro, meus ovários estão praticamente gritando o nome dele. *Jack, Jack, Jack*. De repente, ele me pega no colo.

Quando foi a última vez que um cara me pegou no colo como se eu não pesasse nada — sem nem sequer resmungar — e me carregou para a perdição? Hum... me deixa pensar... é, isso mesmo, *nunca*. O que faz o momento ser ainda mais inesquecível.

— Você está cheio de cartas na manga hoje, não é mesmo? — Minha voz soa ofegante, e passo os braços ao redor de seu pescoço enquanto ele me leva até o quarto. Feixes suaves de luz da lua escapam pelas pequenas frestas da veneziana, lançando um brilho etéreo no cômodo.

Ele me coloca de pé ao lado da cama, me vira, puxa o cardigã e o joga de lado. Assim que tira os grampos do meu cabelo, ele o coloca sobre meu ombro e dá um beijo suave na minha nuca. Jack os acaricia antes de deslizar o dedo até o meio das minhas costas e abrir o zíper do vestido. O tecido cai em uma pilha aos meus pés, me deixando apenas de sutiã e saltos.

Ele solta um suspiro longo, e o hálito quente sopra a minha

pele.

— Sua bunda — ele desce a mão e roça a ponta dos dedos na minha pele — é gostosa pra caramba.

Eu me assusto com a mordida inesperada no ombro, mas Jack a suaviza com a língua e os lábios. Ele desliza a outra mão ao meu redor para segurar o seio direito e roçar o mamilo enrijecido.

— Mal posso esperar para colocar a boca aqui. — A sensação do toque do polegar calejado me faz ofegar, e arqueio em direção a ele.

Eu me viro e tiro seu paletó depressa, depois abro os botões da camisa com muito menos elegância do que gostaria de admitir, mas o tempo é vital agora. Esse homem tem que ficar nu, e preciso da sua pele na minha... com urgência.

Olho para ele com os olhos semicerrados de desejo e sussurro:

— Você também não vai precisar ir à academia amanhã cedo, meu bem.

Jack

Sarah está praticamente rasgando a minha camisa na tentativa de tirá-la. Se a situação fosse outra, eu estaria furioso, porque é uma Armani e foi caríssima, mas quero me livrar das roupas tanto quanto ela. Ou mais. A necessidade de sentir sua pele sedosa e macia contra a minha sem a barreira do tecido é intensa e excruciante.

Jogo a camisa de lado e estendo a mão para encontrar o fecho do sutiã. Deixo a peça cair aos nossos pés. Nada me impediria de segurar aqueles seios exuberantes, sentir o peso deles, inclinar a cabeça para sugar um mamilo e em seguida passar a língua por ele.

Ela puxa o cós da cueca boxer e a desliza para baixo. Chuto a peça para o lado. No segundo em que meu pau está livre e suas mãos pequenas o agarram, uso toda a minha força para não gozar. Sinto as mãos macias, que sobem e descem em carícias lentas e constantes antes de passar o polegar sobre a ponta para capturar a umidade ali.

Mas não é isso que quase me faz perder o controle. O que faz todo o meu corpo tremer em expectativa é Sarah levar o dedo até os lábios e sugá-lo.

Seguro sua cintura e a equilíbrio enquanto ela tira os sapatos. Eu a levanto para que ela se acomode na cama. O cabelo loiro se espalha no travesseiro, o peito sobe e desce, provavelmente com a mesma expectativa que sinto.

Me junto a ela e me apoio nos antebraços. No instante em que nossa pele se encontra, nenhum de nós consegue resistir ao suspiro que escapa de nossos lábios. É como se eu fosse chamuscado pelo contato. Calor irradia pelo meu corpo. Quando capturo sua boca, a paixão com que ela responde ao beijo lança estilhaços de prazer por todo o meu corpo. Movo um pouco os quadris e a ponta do meu pau esfrega seu clitóris. O gemido baixo me instiga a continuar.

Entreabro os lábios e dou beijos por seu corpo, ao longo das lindas curvas até estar entre as coxas esguias. Pressiono suas pernas a se abrirem ainda mais. Coloco a boca ali, deslizo a língua para dentro e meu pau estremece com seu gosto.

Minha língua entra e sai, e Sarah começa a mover os quadris em resposta. Ela dança em minha boca, entrelaçando os dedos no meu cabelo. Os gemidos sussurrados e o apertar das coxas firmes indicam que ela está chegando perto do orgasmo. Me afasto um pouco. Preciso entrar nela.

Agora.

Dou um beijo gentil em seus lábios e olho em seus olhos. Emolduro seu rosto com as mãos e passo os dedos pelas bochechas. Não consigo deixar de me sentir orgulhoso pelo fato de que fui eu quem colocou aquela fome em seus olhos. Sou a causa de sua leve falta de ar.

— É melhor você estar prestes a pegar uma camisinha. — Suas palavras soam ofegantes e contradizem o tom exigente da Sarah pragmática que conheço.

Sorrindo para a mulher embaixo de mim, não resisto e a provoco:

— Na verdade, estou um pouco... — Minhas palavras são interrompidas quando ela me traz para perto, o que me faz perder o equilíbrio.

Droga. Talvez eu não devesse ter tomado aquele último drinque.

— Camisinha — ela murmura, rouca. — Agora.

O fato de ela estar optando por comandos breves e objetivos me motiva ainda mais. Pego uma embalagem na mesa de cabeceira e me preparo para voltar à ação. Estou no limite da dor por estar tão duro. Pressiono a ponta do meu pau em sua boceta, fixo meu olhar nos olhos de Sarah e algo que não consigo decifrar cintila lá.

Acaricio sua bochecha e sussurro:

— Você é linda.

Um leve sorriso surge em seus lábios.

— Pare de enrolar, Westbrook. — Seu sorriso cresce com insolência. — Esperei muito tempo por você.

Esperei muito tempo por você. Suas palavras dão voltas na minha mente antes de serem entendidas, deixando uma trilha de calor em seu encalço.

Empurro a cabeça grossa do meu pau para a sua boceta, e movo os quadris, observando enquanto seus olhos se fecham. As coxas enrijecem ao redor da minha cintura e a resposta me encoraja ainda mais. Pressiono com força, deslizando para dentro, centímetro a centímetro e seus lábios se abrem em um arquejo inaudível. Inclino a cabeça e me entrego ao desejo no instante em que seus músculos internos apertam ao meu redor.

Afundo os dentes na lateral do seu pescoço e vou mais fundo. Mas, de repente, ela me empurra.

Me levanto um pouco e olho para baixo com preocupação. Ela leva a mão ao pescoço, me encarando com olhos arregalados de surpresa.

— Que merda foi essa?

Droga. O que foi que fiz?

— Como assim? — Caramba. Está mesmo escuro aqui ou a minha visão está ficando turva?

— Você me *mordeu*. — Seu tom carrega uma mistura de descrença e acusação. — Com força.

— Desculpe — digo com um sorriso amarelo. — Acho que me entusiasmei um pouco. — Juro, li na *Cosmo* ou na *Glamour* que as mulheres se excitam com mordidas. Será que mordi com força demais?

Ela sorri.

— Cuidado com as mordidas, Westbrook. — Ela segura a minha nuca, me puxando para um beijo e eu deslizo ainda mais para dentro. Nossos gemidos são abafados pelos lábios unidos.

Movo os quadris, estocando lentamente até acelerar o ritmo. Ela interrompe o beijo e os lábios se entreabrem quando Sarah inclina a cabeça para trás.

É a visão mais deslumbrante que já tive.

Pela maneira como seus músculos internos se fecham ao meu redor e como a respiração fica ofegante, sei que ela está perto de gozar. Prevejo sua boceta se contrair e não resisto à vontade de dar beijos na base de seu pescoço até a clavícula. Tenho uma ideia e enquanto ergo uma de suas pernas e a dobro, fico ansioso para ver o quanto ela vai ficar brava.

— Quem é a minha garota safada? — pergunto, dando um tapa na lateral de seu quadril.

— *Putá merda!* — Ela me empurra com mais força que antes, o bastante para que eu caia de lado. Suas mãos voam até o quadril e esfregam com delicadeza a área em que acabei de bater. — Doe. — Ela me encara incrédula, se arrasta para fora da cama, pega a minha camisa e a veste rapidamente antes de dizer por cima do ombro: — Eu tenho que... usar o banheiro.

Com um resmungo frustrado, jogo um braço sobre os olhos. *Merda*. Achei que ela fosse gostar daquilo. Sarah parecia ser o tipo de mulher que entraria na brincadeira. É óbvio, um nerd esquisito pra caramba poderia crescer e comprar lentes de contato e roupas melhores, mas quando o assunto era mulheres, a história se repetia.

Sem noção como sempre.

Merda. Olho para o meu pau: nunca estive tão duro na vida. E, a julgar pela maneira com que ela correu para o banheiro, aposto que estou prestes a ter um caso horrendo de bolas azuis.

Jogo a camisinha na lixeira perto da cama, me viro de lado e puxo o travesseiro para mais perto, inspirando o aroma fraco que ficou. Quando a minha visão perde o foco e o quarto começa a oscilar um pouco, fecho os olhos para afastar a tontura.

— Droga — murmuro, suspirando no silêncio do quarto. Espero

que possa conversar com Sarah e, de alguma forma, contornar o problema quando ela voltar do banheiro.

Mas essa é a última coisa da qual me lembro.

Sarah

O que é isso? *Cinquenta tons* de Westbrook?

Puta merda, aquilo doeu muito! Minha pele sensível, com certeza, vai ficar marcada, sem mencionar a grande chance de a clavícula acabar roxa por causa da mordida.

Empurro Jack para longe, pego a camisa dele, visto e, de forma discreta, pego o celular, peço licença e vou para o refúgio seguro que é o banheiro na suíte.

Assim que me fecho lá dentro, solto um suspiro de alívio e me apoio na porta. Não posso ligar para Maggie, porque ela está comemorando sua noite especial, então meus dedos voam pelo celular, digitando uma mensagem para a outra pessoa que talvez seja capaz de me salvar.

Clint.

Sarah: *Socorro! Por favor. Pelo amor de TUDO O QUE É MAIS SAGRADO. Preciso que você me ligue AGORA!*

Encaro o celular, torcendo para que a tela se ilumine. Sei que Clint, meu colega de trabalho, vai entender a mensagem clara e objetiva. É um grito de socorro para me salvar de uma situação ruim.

Dou descarga por precaução e lavo as mãos. Juro que estou praticamente evocando meus truques mentais de Jedi para fazer Clint responder à mensagem.

Finalmente – *fi-nal-men-te* – a tela do celular acende enquanto seco as mãos.

— Você está bem? Aconteceu alguma coisa? — digo alto, sem esperar pelo cumprimento de Clint.

— É melhor você me pagar um *brunch* com mimosas amanhã, sua doida — ele responde, seco. Então profere em um tom monótono: — Venha me salvar, querida.

— Já chego aí.

Saio correndo do banheiro, praticamente deslizando pelo piso de madeira do quarto na pressa de recolher minhas roupas.

Só para encontrar Jack apagado na cama.

Acho que pedi socorro por nada.

Termino de me vestir e caminho na ponta dos pés para não acordá-lo, mas dou uma última olhada no bonitão deitado na cama: um braço está jogado no lugar onde estive deitada minutos atrás, seu

peito sobe e desce em um ritmo constante. Os lábios estão entreabertos, e há uma mecha de cabelo sobre a testa.

Eu o cubro com cuidado e não me impeço de dar um sorriso ao notar o quanto ele parece jovem agora. Uma diferença e tanto em comparação ao Sr. *Eu Vou Te Morder e Te Bater* — com força — de alguns minutos atrás.

Noto o celular dele na mesa de cabeceira, e não consigo resistir à tentação de pregar uma peça em Jack. Aperto algumas teclas e o devolvo ao seu lugar no mogno escuro.

— Sarah. — Giro a cabeça em resposta ao murmuro de Jack. Seus olhos estão fechados. *Será que ele está acordado?* — Imagine nós dois juntos... — As palavras param, sua voz está carregada de sono. — Você poderia ser minha esposa.

Meu corpo paralisa com aquelas palavras. É óbvio que ele está falando enquanto dorme, mas *caramba*. Não era nisso que pensei estar me metendo. Não quero que ele pense assim, porque eu, com certeza, não estou interessada em algo sério.

Saio apressada do apartamento e corro até o térreo para pegar um táxi.

Durante todo o caminho de volta para casa, encaro a janela e não posso deixar de imaginar como o futuro poderia ser.

E as palavras sussurradas de Jack continuam a me assombrar.

— Não é engraçado! Doeu mesmo!

Minha melhor amiga está oficialmente morta para mim. Neste momento, Maggie se contorce de tanto rir, quase caindo do sofá depois de me ouvir contar o que aconteceu na noite passada.

— Eu... sinto muito. — Ela tenta abafar o riso, mas não consegue.

— É. Você parece sentir muito mesmo. Posso para sentir a sinceridade nas suas palavras — reclamo e me inclino no canto do sofá para esperar que ela se controle.

Os risinhos de Maggie param. Ela estica a mão para pegar o notebook na mesinha de centro e o coloca no colo.

— Temos que pesquisar isso.

— Temos que pesquisar o quê?

Maggie abre o Google e digita “mordida”, “tapa” e “fetiches”. Ela se vira e me examina de perto.

— Ele arrancou sangue?

Eu me arrepio com aquela ideia.

— Não, graças a Deus. — Inconscientemente, meus dedos vão até a clavícula. — Mas fiquei roxa.

Maggie ergue as sobrancelhas e arfa.

— E se ele assistiu muitas vezes aos filmes da saga *Crepúsculo*?

— Não explicaria os tapas.

Ela faz uma careta.

— Ah, é verdade.

— A não ser que ele esteja tentando combinar toda essa coisa de vampiros com...

— Um pouquinho de sadomasoquismo? — ela sugere.

Cubro o rosto com as mãos e resmungo alto.

— Sinceramente? Não quero nem pensar nisso. — Solto um longo suspiro ao resmungar mais uma vez. — É como se o universo estivesse tentando me dizer algo.

— Algo como... você não gosta de sadomasoquismo? — Maggie tenta ajudar.

Afasto as mãos do rosto e olho feio para ela.

— Estávamos indo tão bem, Maggie. — Abraço uma das almofadas. — Então... *bum!* Ele me coloca em uma situação inimaginável. — Suspiro. — Mas essa não é a pior parte.

— O que poderia ser pior do que se machucar com uma mordida e acabar com um hematoma por causa de um tapa?

Meus lábios se retorcem de forma esquisita.

— Ter o equivalente feminino a bolas azuis depois de toda a experiência.

— Sarah. — Maggie revira os olhos para mim. — Você não está com bolas azuis femininas.

— Estou, sim! — protesto, me levantando e andando de um lado a outro da sala. — Cheguei tão perto. Tão perto, Maggie.

Ela cruza as pernas sob o corpo e apoia a cabeça no encosto acolchoado, me observando com interesse.

— Mas então foi bom antes de...

— Antes de ele me colocar em um *Cinquenta tons* de Westbrook? Siiim. — Minha respiração sai em um silvo lento. — Bom. Pra. Caramba. — Faço uma pausa. — E ele ainda me deu outro golpe quando falou dormindo.

Maggie me olha estranho.

— Achei fofo.

— Fofo? — Faço careta como se estivesse prestes a vomitar. — De jeito nenhum.

Eu me jogo toda encolhida no sofá, olho para o teto e me preparo para a reação que sei que está a caminho.

— Falando nisso, decidi aceitar o emprego.

Maggie não diz nada por um momento.

— Que emprego?

Faço careta em resposta à calma desconfiada em sua voz.

— O de enfermeira viajante.

— Você vai embora?

— Acho que é uma boa decisão. Não só isso, também vai ser uma experiência incrível — digo em um suspiro, porque vou ficar com muita saudade da minha melhor amiga. — Eu sempre quis saber como é trabalhar na linha de frente. E... quem sabe? — Dou de ombros, tentando fazer minhas palavras parecerem despreocupadas. — Talvez eu acabe encontrando alguém que é normal na cama.

Depois das reestruturações e dos cortes no hospital onde eu trabalhava, liguei para um contato que me ofereceu uma vaga de enfermeira viajante. O trabalho começava com uma temporada de três meses na Califórnia e depois, outras vagas em outros locais ao longo da Costa Oeste.

— Onde é a primeira vaga?

— San Diego.

— San Diego? — A feição de Maggie demonstra tanto surpresa quanto desgosto. — Muito longe. — Sua postura desaba.

— Eu sei. Vou dirigindo, então tenho que ir na terça-feira. Mas podemos nos falar por chamada de vídeo enquanto eu não estiver aqui. Vai dar tudo certo. — Forço animação na voz.

— Mas... você vai voltar a tempo do casamento, não é?

A hesitação em sua voz me incomoda. Seguro seus ombros de leve e abro o sorriso mais corajoso de todos. Sei que, na melhor das hipóteses, ainda é um sorriso amarelo, mas eu tento.

— Maggie, você sabe que eu não perderia isso por nada no mundo. — Puxo-a para um abraço e a aperto com força. — Vou sentir saudade.

— Eu também — ela sussurra. Ficamos abraçadas por mais tempo do que o normal, pois vai demorar para nos vermos de novo.

Talvez seja egoísmo, mas quero tirar proveito da oportunidade para sair por aí e ter uma boa experiência de trabalho. Não me passa despercebido que também vou deixar para trás a memória daquele homem lindo que acabou com a nossa noite do pior jeito possível.

O dia em que deixei Saratoga Springs para ir a San Diego

Jack: Oi, estou tentando te ligar, mas você não atende ao celular. Queria pedir bolas azuis pela outra noite.

Jack: Espere aí. Estou tentando dizer bolas azuis.

Jack: Merda... Estou tentando me desculpar, mas toda vez que tento digitar bolas azuis, o celular corrige para bolas azuis.

Sarah: Talvez seu celular esteja tentando te dizer algo...

Jack: Foi você que fez isso?

Jack: Por que estou perguntando? É claro que foi.

Sarah: Você ainda me deve um pedido de desculpas, Westbrook. Continue tentando. Espere. Está ouvindo isso? Sou eu rindo pra caramba.

Três meses depois

Jack: Rosas são vermelhas, violetas são roxas, bolas azuis por ter dormido antes de você.

Sarah: Por que você não arrumou isso? É sério, Jack. Sei que você é um cara esperto.

Jack: Mas te convenceu a me responder depois de me ignorar por alguns meses. Eu diria que é uma vitória.

Sarah: Preciso te lembrar de que você dormiu DEPOIS de ter me mordido e me dado um tapa? Foi duro.

Jack: Seria muita falta de noção dizer que meus dentes não eram a única coisa dura naquela noite?

Eu: Não teria feito diferença se o seu pênis fosse a porcaria de uma biruta. Você me mordeu e me bateu.

Jack: Bolas azuis.

Sarah: Eu sei.

Seis meses depois

Jack: Só passando para dar oi. Ouvi aquela música do Justin Bieber, e ele fala algo assim: “É tarde demais agora para dizer bolas azuis?”. Bem, é claro que ele não fala bolas azuis. Você entendeu.

Sarah: Você pode parar? Arrume logo as configurações da porcaria do celular!

Jack: Mas é engraçado demais quando tenho que me desculpar e digo bolas azuis.

Jack: Falando nisso, eu estava ouvindo aquela música dos anos 1980 do Chicago que fala: “É difícil para mim dizer bolas azuis”. Bem, você conhece a música.

Sarah: Jack. Pare.

Jack: Mas funcionou para fazer você voltar a falar. Tenho saudade das nossas mensagens. Elas são sempre repletas de calor e gentileza.

Sarah: Tenho trabalhado pra caramba. Como, durmo e respiro trabalho.

Jack: Ah, bolas azuis por ouvir isso. Bolas azuis mesmo, Sarah.

Sarah: MEU DEUS, Jack. Eu juro, vou te bloquear.

Jack: Por que você faria isso? A diversão acabaria. Pense nas

histórias que contaremos aos nossos filhos sobre como tudo começou entre o pai e a mãe deles. Ou, melhor, como a mãe cortejou o pai.

Sarah: Primeiro de tudo, não vai ter filho nenhum. Segundo, nós não vamos contar a eles sobre como ficamos com bolas azuis.

Jack: Você não contaria isso às crianças. Mas a parte de como você me cortejou... sem dúvida, você mencionaria.

Sarah: Não vai ter NENHUMA história, porque não vai ter criança NENHUMA!

Jack: O quê?! Mas crianças amam histórias! Você negaria às crianças a história de como o nosso amor nasceu?! VOCÊ NÃO PODE DIZER NÃO ÀS CRIANÇAS!

Trinta minutos depois

Jack: Você não pode me ignorar para sempre.

Nove meses depois

Jack: Estão dizendo por aí que você vai voltar para Saratoga Springs em breve. Talvez a gente possa se encontrar para eu pedir bolas azuis pessoalmente.

Sarah: É sério, Jack. Pare. Com. Isso.

Jack: O que eu posso dizer? Sou muito insistente.

Sarah: Ou irritante.

Jack: Admita: você está com saudade de mim.

Sarah: Por favor, pare. Por favor.

Jack: Prepare-se. Talvez eu até cante o sucesso do Chicago: “É difícil para mim dizer bolas azuis.” A não ser que você prefira a do Bieber...

Sarah: Ah! Pare! Espere um pouco... Seu corpo é incrível, você se veste muito bem E você ama música dos anos 1980, além de conhecer uma do Bieber. Ou você é gay...

Jack: Eu não sou gay.

Sarah: Ou você é um unicórnio entre os machos.

Jack: Sou um unicórnio. Mas um bem másculo. Com cascos bem grandes. E um chifre ENORME.

Sarah: Para mim, chega.

Jack: Até breve. Talvez, se você for boazinha, pode dar uma cavalgada...

Sarah: Westbrook. Não.

Jack: Mas estou com saudade. Brincar com você por mensagem

não é a mesma coisa.

Sarah: *Boa noite, Jack.*

Jack: *Bons sonhos, Sarah. Durma bem.*

Sarah

DE VOLTA À SARATOGA SPRINGS, NOVA YORK

Fugir dos meus problemas quer dizer alguma coisa.

Ou, na verdade, fugir do homem que chegou bem perto de me fazer gritar o nome dele só para, depois, me fazer fugir de sua mordida e de seu tapa. E não vamos nem mencionar o que ele disse enquanto dormia.

Não consegui me distanciar por completo do que deixei para trás em Saratoga, é claro. A primeira mensagem chegou no dia em que estava fazendo as malas para começar a viagem até San Diego.

Bem... *talvez* eu tenha programado o celular de Jack para substituir “sinto muito” por “bolas azuis”, mas me recuso a me sentir mal por causa disso. Poderia ser pior. *Muito* pior. Ainda mais considerando que, durante o “fiasco”, antes de ele me bater, eu estava à beira do orgasmo.

O que me conforta é saber que, naquela noite, Jack estava tão excitado quanto eu.

Não contei, nas mensagens de texto, que eu tinha aceitado um trabalho fora da cidade, colocado a mudança no carro e que tinha a intenção de deixar tudo para trás em Saratoga Springs por quase um ano. Deixei que ele descobrisse através da Maggie e do Ry.

Sem dúvida, era uma desculpa, mas a droga da minha clavícula doeu por *dias*. O hematoma levou uma eternidade para desaparecer e tive que me certificar de encobrir a marca, temendo que as pessoas achassem que eu tinha sido vítima de violência doméstica ou que tinha algum fetiche muito esquisito.

Talvez o que aconteceu com Jack tenha me feito considerar mergulhar em uma banheira com água quente e beber champanhe direto da garrafa enquanto ouvia uma compilação das músicas mais tristes e depressivas da Adele? Tudo isso para lamentar o fato de que aquele homem deslumbrante e lindo que tanto desejei preferia externalizar seus fetiches?

Não. Nada disso.

Tudo bem, *sim*. Mas fica entre nós. Porque todo mundo sabe que isso é um grito de socorro. Não posso fazer nada se quando o assunto é Jack, meu cérebro nunca tende a ser um aliado de verdade.

Troquei algumas mensagens com ele que, obviamente, tentou se desculpar. Mas o que ninguém fala sobre as mulheres excitadas é

que elas não se esquecem. Elas se lembram de tudo, principalmente quando são interrompidas à beira de um orgasmo. E guardam rancor. *De verdade.* Minha vagina ainda tem cicatrizes. Se ela pudesse falar, diria algo assim: “Garota, você nunca mais me leve para perto daquele homem, ouviu?”. E já mencionei como essa voz é irritante?

Mas é sério, ela se machucou no “incidente” com Jack e durante toda a corrida de táxi até a minha casa, não parou de repetir: “O que foi que acabou de acontecer?”.

Acho que eu deveria ter contado antes que ela conversa comigo. Ignore a esquisitice, por favor.

Mas, agora que estou de volta a Saratoga Springs, tenho de admitir: é bom estar aqui. É realmente o que sinto... por um momento. Um *brevíssimo* momento. Porque, assim que passa, me lembro do motivo pelo qual estou de volta e que, em breve, terei que encarar a única razão pela qual não consegui ficar muito animada nem interessada em qualquer outro cara durante minhas viagens como enfermeira. A única pessoa que fui incapaz de tirar da cabeça. O homem que parecia ter lançado algum feitiço louco sobre mim, me arruinando para os outros.

Jack Westbrook.

O casamento de Maggie e Ry está quase chegando e nós dois, como padrinho e madrinha, vamos ser empurrados um para cima do outro de novo. Preciso estar pronta para encará-lo... e não tenho certeza de que quero encontrá-lo depois daquele fiasco pavoroso.

— Tem certeza de que vai conseguir passar na loja para fazer os últimos ajustes no vestido? — Maggie me pergunta pela sexta vez, mas não fico irritada, pois noto o pequeno vinco entre suas sobrancelhas. Não quero que ela fique preocupada e duvide de que seu dia com Ry não será especial.

— Sim, amiga. Prometo que vou. — Ergo o celular. — Até programei um lembrete para uma hora antes. — Me inclino no sofá e pego minha bolsa. — Vou para casa e... — Flagro uma troca de olhares entre Maggie e Ry. — O que foi?

A expressão de Maggie é de pura inocência.

— O que foi o quê?

Semicerro os olhos com suspeita enquanto gesticulo entre eles.

— O olhar que vocês acabaram de trocar.

— Foi...

— Nós só...

Os dois começam e param abruptamente antes de Maggie soltar um longo suspiro, focando em mim.

— Esperávamos que você e o Jack pudessem tentar superar o que aconteceu e nos ajudar com o casamento.

Mordo o interior da bochecha antes de responder e tento

controlar a minha expressão.

— Mas é claro.

E falho, porque eles são meus melhores amigos... pois é. Melhores amigos são oniscientes.

— Sarah. — Meu nome sai em uma expiração. E sei o que vem a seguir. — Por favor. — A expressão de Maggie é suplicante e cheia de esperança. — Você poderia fazer isso por mim?

Droga. Por livre e espontânea vontade, precisarei ficar na companhia do homem que me deixou na mão na pior hora possível?

Sr. Bolas Azuis, aí vou eu.

Jack

Ela está de volta.

Uma faísca de animação e ansiedade me percorre. Sarah está de volta a Saratoga Springs depois de passar um tempo trabalhando como enfermeira viajante.

— Ela ainda está bem incomodada com o que aconteceu entre vocês dois.

Retiro o que disse. Minha animação e ansiedade começaram a declinar com a afirmação de Ry.

Passo a mão pelo rosto e me apoio em um armário no vestiário da academia enquanto o espero amarrar os tênis. Acabamos de jogar raquetebol, e juro que estar apaixonado, noivo e se preparando para se casar o fez ultrapassar o nível de super-herói como meu oponente. Ele acabou comigo na quadra.

— É, eu sei. — Suspiro e encaro a fileira de armários na minha frente.

Ele sorri.

— O que foi que aconteceu? Só fiquei sabendo da versão resumida pela Sarah. Você deu... — ele faz aspas no ar — Uma mordida na clavícula dela e, como se não bastasse, também deu um tapa forte na mulher? — Ele faz uma pausa e torce os lábios como se quisesse conter o riso. — Por favor, me diga que não tentou encenar um pornô violento com ela.

Resmungo e bato a cabeça de leve no armário de metal.

— É... engraçado pra caramba, eu sei — comento, seco.

Eu não queria conversar com Ry sobre o que aconteceu, porque foi vergonhoso. Por sorte, ele e Maggie não me atormentaram. Mas agora, com Sarah de volta...

— Você fez ela te chamar de senhor? — Ry arregalou os olhos, que se iluminaram com o riso. — Ou talvez tenha colocado uma coleira nela? Despejado cera quente? — Ele não está nem tentando segurar o sorriso que vai crescendo enquanto os dentes brancos praticamente me cegam. — Me conte a verdade: você a fez te chamar de papai, não foi?

Não ficamos nem sequer um segundo em silêncio antes que meu melhor amigo se curve no banco de madeira e todo o seu corpo comece a tremer, gargalhando às minhas custas.

Assim que as gargalhas perdem a força e se transforma em

risadinha, Ry pigarreia.

— Então, o que aconteceu? De verdade. — Ele apoia os cotovelos nos joelhos, me observando.

Passo a mão pelo cabelo, suspiro e encaro o teto do vestiário.

— Mesmo depois de tanto tempo, ainda sou o mesmo nerd, o cara super geek que sempre fui. Talvez eu tenha trocado os óculos pelas lentes de contato, finalmente encontrado um corte de cabelo decente e roupas que me servem e que estão na moda, mas, lá no fundo...

— Você ainda é o mesmo nerd quando está perto das mulheres por quem se interessa — Ry termina por mim.

Gesticulo com a mão e me afasto do armário.

— Cara, eu leio matérias sobre o que as mulheres gostam ou querem. E aqueles livros e filmes de *Cinquenta tons* são muito populares, então pensei que... — Minhas palavras somem.

— Pensou que ela toparia. — Ry abre um sorrisinho. — Eu entendo, cara. Entendo mesmo, mas — ele se interrompe com uma risada — ainda é engraçado pra caramba.

— Sim — digo, inexpressivo. — Hilário.

— De uma coisa, tenho certeza. — Ele se levanta do banco e joga a bolsa de ginástica sobre um dos ombros. — Você precisa descobrir como quebrar o gelo para sobreviver ao meu casamento.

— Ei, pode parar. De onde essa dúvida surgiu? Troquei algumas mensagens com ela durante a viagem. Além disso, você sabe o quanto sou charmoso. Vou tirar de letra.

— Veremos — meu melhor amigo murmura, balançando a cabeça para mim.

Não quero admitir que talvez eu tenha a mesma dúvida incômoda.

Maggie: *Esteja no Tux and Bridal Boutique às dez da manhã em ponto, por favor.*

É esta a mensagem que recebi de Maggie ontem, depois de chegar do raquetebol com Ry.

Ry: *Não seja esquisito com a Sarah. Amenize a situação, docinho.*

A seguinte veio de Ry, e o uso do antigo apelido que dei a ele não me passa despercebido. Eu o apelidei assim enquanto fingia ser seu namorado para que ele se aproximasse da Maggie durante o período em que ela decidiu ser veementemente antinamoro. Também não me passa despercebido que o meu melhor amigo não acredita em mim. Ou seja, terei que dar o meu melhor.

Hora de colocar todas as minhas cartas em jogo com aquela loira cabeça-quente, sexy e atrevida, e conquistar o seu perdão.

Não tenho para onde correr. Estou encurralado.

Nada está funcionando com Sarah, mas não vou desistir. Não me tornei um consultor de negócios bem-sucedido desistindo das coisas.

— E este aqui? Acho que você deveria trocar o vestido de madrinha que a Maggie escolheu por ele.

Estou segurando o que deve ser o vestido de madrinha mais vulgar que os meus olhos já viram. É dos anos 1980, disse eu tenho certeza. Vulgar pra caramba e parece que alguma pré-adolescente o enfeitou com milhares de miçangas. E, claro, é rosa-choque.

O olhar que ela me lança diz que não achou graça, mas não desisto fácil. Por sorte, não me importo de parecer idiota, então posiciono o tecido horrendo que deveria ser um vestido na minha frente e começo a me balançar para lá e para cá enquanto canto baixinho *Like a virgin*, da Madonna.

Quando estou de olhos fechados e entrando no papel, passando a mão pelo cabelo e escorregando-a pelo pescoço de forma dramática, sinto as mãos de Sarah no meu peito. Olho para baixo e vejo que o canto daqueles lindos lábios estão tremendo. E entendo que a afetei.

— Jack, por favor. Pare.

Com uma seriedade exagerada, faço beicinho.

— Mas eu só estava começando. Agora, minha música preferida de todos os tempos. — Então solto um suspiro sussurrado e excêntrico. — *Girls just wanna have fun*.

Ela abre a boca e balança a cabeça, os ombros tremem de leve. Ela está perdendo as forças...

Sarah ergue a cabeça de repente e me empurra. Ela me encara com os olhos semicerrados e sibila:

— Pare de me fazer rir. Eu deveria estar brava com você, seu idiota!

Nem o fogo em seus olhos, nem a ferocidade de sua careta depreciam sua beleza enquanto a observo. Talvez eu tenha uma fome insaciável por punição, mas amo o quanto ela é briguenta.

— E, de qualquer forma — ela dá um passo para trás —, já tenho um vestido. Eles têm que tirar as minhas medidas mais uma vez para se certificarem de que vai servir direitinho, já que ainda não o experimentei.

Uma mulher mais velha chega trazendo o vestido escolhido para a madrinha e gesticula para que Sarah a siga até os provadores no fundo da loja. Rapidamente, penduro o vestido vulgar no cabideiro

e as sigo.

Me sento em uma das poltronas e espero Sarah se trocar. Assim que ela sai para a mulher tirar as medidas, minha respiração fica presa na garganta e não consigo fazer nada além de encará-la. O vestido é de um tom suave de lavanda, sem alça, na altura do joelho e abraça todas as suas curvas como se fosse feito para ela.

— Nossa. — É tudo o que tenho a dizer. Com essa falta de palavras, ninguém imaginaria que tenho um mestrado e que me graduei com honras.

— Foi um nossa *bom* ou um nossa *ruim*? — Sarah lança um olhar incisivo na minha direção.

— Bom. Com certeza, bom. — *Caramba, Westbrook, você parece um imbecil.*

A mulher, que se move ao redor de Sarah tirando medidas, diz:

— Sugiro tirarmos este pedaço aqui. — Ela segura o tecido na costura interna diretamente abaixo da axila, prendendo-o. — É melhor ficar um pouco mais confortável na região dos seios.

Sarah olha rapidamente na minha direção, e não me impeço de abrir um sorriso arrogante, erguendo as sobrancelhas para ela. A mulher termina de marcar o vestido e pede para que ela tire a peça antes de se apressar para atender outra cliente.

Vou até a área acarpetada onde ela está na intenção de impedi-la de voltar para o provador. Sarah observa seu reflexo no espelho, e juro que detecto uma pontada de incerteza em seus olhos. É como se ela estivesse duvidando, ou não tivesse noção, do quanto está magnífica. E não posso aceitar isso.

Empurro seu cabelo sedoso para trás e fixo meu olhar no dela através do espelho. Abaixo a cabeça, levo os lábios para perto de sua orelha e digo:

— Você vai acabar ofuscando a Maggie.

— Pare de ser fofo comigo. — Seu pulso está acelerado, e isso, combinado com o leve ofegar em sua voz, a entrega.

— Deveríamos fazer uma trégua — sussurro. — Pela Maggie e pelo Ry. — Ela me olha com cautela. Ainda a encarando pelo espelho, inclino a cabeça para o lado com uma expressão confusa no rosto. — Está sentindo isso?

— Sentindo o quê? — ela pergunta, semicerrando os olhos, com suspeita.

Arregalo os meus com animação.

— Estou sentindo que há um abraço chegando.

Ela dá um passo para longe, determinada a voltar ao provador.

— Você deveria senti-lo indo embora. É isso que você deveria sentir, Westbrook.

— Isso é maneira de falar com o padrinho? — Eu a observo se

afastar com o corpo envolto em tecido cor de lavanda e seu traseiro chamando meu nome. Ela murmura algo antes de fechar a porta, e meus olhos recaem na última parte visível de seu corpo: panturrilhas musculosas e delgadas, pés delicados com unhas pintadas em um tom suave de rosa.

Droga. Me ajeito de forma discreta. Atingi o fundo do poço ao deixar a parte inferior das pernas e os pés de uma mulher me excitarem. Caramba, em que tipo de cara esquisito ela me transformou?

— Sr. Westbrook? — Ao som da voz do alfaiate, me viro e o encontro me observando, inexpressivo. — Sinto muito por tê-lo feito esperar. Seu terno foi trocado por engano.

Ele parece muito nervoso, provavelmente pela quantidade de pessoas ricas na região que acreditam que ter dinheiro significa não precisar de boas maneiras, nem ser gentil com os outros.

Abro um sorriso despreocupado e aceno.

— Não se preocupe com isso — digo e dou uma olhada na plaquinha de identificação —, Allen. Não estou com pressa hoje.

O alívio em seu rosto é palpável.

— Obrigado, senhor. Vamos levá-lo até um provador e verificar se as medidas estão corretas.

Eu o sigo até o provador do outro lado da boutique, tiro as roupas e pego o terno. Pelo tanto de vezes que visto um desses para me encontrar com clientes em potencial, era de se esperar que eu estaria acostumado. Mesmo assim, continuo preferindo roupas casuais. Mas é o casamento do meu melhor amigo, e eu faria praticamente qualquer coisa por Ry.

Fecho os botões da camisa branca, visto o paletó e a calça. Allen quer a confirmação de que tudo me cai perfeitamente, então saio do provador. Meus olhos procuram por Sarah e quando a vejo se virar, parando de examinar uma vitrine de bolsas e outros acessórios chiques, seu olhar encontra o meu e ela parece vacilar um pouco.

Allen parece satisfeito com o ajuste, a não ser pela costura entre as pernas. Olho feio para ele quando suas mãos ficam um tanto “amistosias” demais com a minha virilha. Ele se afasta, murmurando que o terno ficará pronto a tempo do casamento. Acho que não posso culpá-lo por querer me apalpar. Sei que é carma por ter fingido ser namorado de Ry por um ano.

Da plataforma em que estou, vejo o topo de uma cabeça loira na seção dos sapatos. Evasão. Sei que ela gostou de me ver e que ainda sente uma atração forte toda vez que estamos próximos. E, talvez, por isso tirou vantagem da apalpada de Allen e da minha distração subsequente para se afastar ainda mais.

— Ah, meu raio de sol — grito para ela. Eu a vejo se agachar,

tentando se esconder. Rio baixinho e volto ao provador para me trocar.

Você pode correr, mas não pode se esconder.

Sarah

Está confirmado: estou apaixonada.

Estou total, honesta e completamente apaixonada. Talvez não seja recíproco, mas juro que é amor de verdade. Estou com todos os sintomas: mãos suadas, falta de ar e boca seca.

— Se fosse possível se sentir sexualmente atraída por um objeto, seria este — murmuro comigo mesma, cobiçando os sapatos de salto que seguro.

— Então compre.

O som repentino da voz de Jack atrás de mim me faz pular. Meus sorriso se desfaz com a interrupção do momento especial. E, acredite em mim, foi especial. Éramos só eu e aqueles sapatos espetaculares, lindos o bastante para me fazerem lembrar de algo que a Cinderela usaria em um baile.

Tirando o príncipe babaca que não se lembra da aparência da jovem quando ela não está usando maquiagem ou vestido bonito, é claro. Na minha opinião, isso é que é ser um imbecil de proporções épicas.

Faço careta e o presenteio com o meu melhor olhar reprovador.

— Não posso.

— É claro que pode — ele diz, simples assim. Como se fosse fácil.

Respiro fundo e o encaro, mas ele não faz nada além de acenar para mim.

— Não me olhe como se eu tivesse acabado de confessar ter sido cúmplice no sequestro de uma criança.

Dou uma risadinha, que disfarço com um bufo, volto a olhar para os sapatos e os devolvo à prateleira.

— Compre, Raio de Sol.

Estou ignorando o apelido novo, e obviamente sarcástico, porque não quero entrar nesse assunto com ele.

— Não posso.

— Por que não?

— Porque sou enfermeira e não... tenho onde usá-los fora da rara ocorrência de um casamento.

— Ou em um belo jantar em uma noite qualquer.

Eu o observo com ceticismo.

— Um belo jantar?

— Sim. Um belo jantar fora de casa, para o qual você se arruma toda e exagera um pouco na comida deliciosamente calórica. E — Jack se inclina para frente, com uma ênfase exagerada — você pode até comer a sobremesa. — Ele cobre a boca com a mão, arregalando os olhos como se tivesse dito algo escandaloso.

E é um pouco.

— Eu não... sei. — Estou hesitante. Ele plantou a semente. E você está ouvindo isto? Esse barulho? São as raízes começando a crescer.

Mas, não! *Não*. Não seria prático. Não seria...

Jack pega a caixa com os sapatos que eu estava cobiçando e vai em direção ao caixa.

Balbuciando, vou atrás dele:

— Espere aí! Você não pode...

Ele para de repente, e eu quase esbarro nele, mas me recupero a tempo.

— Eu posso. — Ele faz uma pausa. — O tamanho é esse?

Tudo o que consigo fazer é assentir, descrente.

A expressão dele relaxa.

— Você é uma das pessoas que mais vejo se esforçando no trabalho, Sarah. Você merece. — Balançando a cabeça, ele adiciona: — Na verdade, merece muito mais que isso.

Assim que ele se vira, eu solto:

— E quem vai me levar a esse belo jantar do qual você falou?

Ele encontra meus olhos de novo, se aproxima e fala em voz baixa e rouca:

— Eu.

Duas horas e meia se passaram, e Jack e eu fizemos a prova final de nossas roupas, verificamos as entregas do bolo de casamento e escolhemos nossos presentes individuais para Maggie e Ry.

Agora, estamos em um inferno florido tentando escolher centros de mesa, porque nem Maggie, nem Ry conseguem ou se deram ao trabalho de escolher os arranjos.

— Que tal só rosas? Podemos pedir para o DJ tocar tango.

Jack colhe uma rosa de caule longo em um balde repleto de flores, e a posiciona entre os dentes. Ele envolve meu pulso com a mão e sou puxada contra seu peito, que é duro como uma parede. Coloco de lado a sacola com os sapatos que ele insistiu em comprar para mim, e Jack a empurra para baixo da mesa. A outra mão se acomoda na minha cintura.

E, caramba, ele me guia em uma caminhada muito parecida com a do tango pelo corredor principal da floricultura.

Antes que eu consiga escapar de suas garras, ele me inclina e meu cabelo voa para trás. Ainda está com aquela rosa idiota presa entre os dentes perfeitos, os lábios curvados em um sorriso. Os olhos azuis escuros cintilam entretidos na tarefa, e não consigo segurar o riso por causa de suas palhaçadas.

Ele deixa a rosa cair no chão e sua fisionomia muda, as pupilas se dilatam enquanto vão dos meus lábios aos meus olhos. Paro de respirar com a expectativa de que ele vá pôr um fim à distância entre nós e me beijar. O pior... é que eu quero que ele faça isso. Quero muito. Mesmo depois do que aconteceu.

Lábios traidores. Hormônios traidores. Todos traidores...

— Ei, vocês dois!

Me remexo, assustada com o som da voz da dona da loja, e as mãos de Jack quase escorregam. Por sorte, ele nos reequilibra com rapidez, e tenho certeza de que o meu cabelo bateu com tanta força na minha bochecha que eu acabei arranhada.

Ajeito a blusa, tento me recompor e fazer tudo em meu poder para evitar encontrar os olhos de Jack. Parece que fui arremessada de volta para a quinta série, quando menti para a professora sobre ter permissão para usar batom. Falhei por completo ao tentar encarar a sra. Frias, que fazia jus ao sobrenome, e também não consigo olhar para Jack agora. Pelo menos, aprendi a deixar o batom fúscia-vivo no passado. Parece que é muito mais fácil eu me esquecer dele do que de Jack Westbrook.

— Oi, srta. Paisley! Que bom te ver!

Merda. Porque estou falando como uma líder de torcida agitada? Talvez eu devesse fazer uma acrobacia e finalizar com um aceno, balançando os dedos.

Alguém me tire daqui. Agora.

Consigo sentir o peso do olhar de Jack em mim, mas não retribuo. Não, não, não. De jeito nenhum. Vou ficar bem aqui onde estou.

Os olhos da srta. Paisley vão e vêm entre mim e Jack. A mulher tem quase setenta anos, sem mencionar que é a senhora mais simpática da região e dona da floricultura há muito tempo. Ela doa arranjos para pacientes terminais no nosso hospital, além de ser conhecida na comunidade como um membro ativo da câmara municipal. É uma daquelas pessoas que faz questão de conhecer todos que cruzam o seu caminho.

— O que estão aprontando hoje? — ela pergunta com voz doce.

— Ah... — começo a responder, mas sou interrompida pela atual causa da ruína da minha existência.

— Nada de mais, srta. P. Só estou tentando beijar a senhorita raio de sol aqui — Jack dá um empurrãozinho brincalhão na senhora.

Meu olhar é mortal e feroz, e vamos esclarecer uma coisa: foi preciso aperfeiçoá-lo depois de usá-lo contra alguns médicos pretensiosos com quem lidei ao longo dos anos, assim como com alguns pacientes espertinhos que acham que viram episódios suficientes de *Grey's anatomy* para saber das coisas. Esse olhar, em particular, silenciou homens grandalhões que pareciam ter acabado de sair do estúdio do filme *Amargo pesadelo*. Gosto de pensar que ele tem o mesmo poder que Darth Vader ao apertar gargantas apenas com a força do *pensamento*. Meu olhar é paralisante.

Ou era o que eu pensava. Porque, é claro, Jack Westbrook não só é imune a ele, como tem a audácia de *sorrir* para mim. Não, retiro o que disse. Ele está mostrando os dentes, todo arrogante, porque sabe que isso me irrita.

Sim, ainda o quero. Eu me arriscaria até a considerar ceder um último morango enorme coberto por chocolate no Dia dos Namorados só para deixá-lo fazer o que quiser comigo. Permitiria tudo. Menos me morder e me dar tapas, é óbvio.

Jack continua jogando charme para cima da srta. Paisley, contando a ela tudo sobre o casamento de Maggie e Ry e pedindo sua opinião, já que ela também conhece o casal. Fico para trás, observando os dois interagirem. Na verdade, observando como Jack interage com a mulher mais velha. Seu perfil, com aquele nariz reto, mandíbula forte e quadrada e a quantidade certa de barba escura por fazer que o lança da categoria “nossa, ele é bonito” direto ao território “ele precisa ficar NU AGORA”, me deixa toda derretida.

Droga.

Meus olhos vagueiam até seu cabelo e me lembro da maciez naquela noite que o agarrei enquanto sua boca estava por todo o meu corpo. Meu olhar desce pela camisa justa cinza-escuro e pelo torso musculoso. Hesito em seu jeans. Caramba, aquele jeans. Minha vagina cambaleou um pouco quando o vi mais cedo. Juro que a senti se mover enquanto ela tentava chamar sua atenção: “Jack! Aqui embaixoóóó!”.

Nossa. Isso foi estranho. Objetivamente falando, deveria ser “aqui dentro”, não é? Caramba! Por que estou tendo uma conversa comigo mesma sobre a minha vagina acenar para um cara? A culpa é toda de Jack. Ele está me deixando louca. Como se isso já não fosse ruim o bastante, meus olhos estão colados em seu jeans e no modo como a calça o abraça em todos os lugares certos. Mais especificamente, no traseiro e na virilha. Por cima daquele...

O som de Jack pigarreando é dissonante e me tira daquela agitação interna. Quando encontro seus olhos azuis, sua testa está franzida, e ele arqueia uma sobrancelha. Fica claro o que ele diz em silêncio: “Conferindo a mercadoria, Raio de Sol?”.

Caramba. Também ouço aquilo na voz dele! Preciso fugir daqui. *Agora.*

— Só um minuto. — Me viro, saio apressada pela porta da loja e o sino toca enquanto eu praticamente me joga na calçada.

Jack

Aquela não era exatamente a reação que eu esperava.

— Jack, fale a verdade, você está perturbando a pobre garota?

Me viro para olhar a srta. Paisley e vejo que ela me olha com seu sorriso torto, o único sinal do AVC que sofreu há alguns anos. Seus olhos cintilam com muito bom humor. Tudo o que posso fazer é sorrir.

— Eu? — Minha expressão é de falsa inocência enquanto coloco a mão sobre o coração. — Jamais faria isso!

Ela ri e me dá um tapinha antes de ficar séria.

— Eu posso ser velha, mas ainda tenho isso — ela cutuca a têmpora —, e notei que você estragou tudo com ela.

Com um olhar curioso, me sinto obrigado a perguntar:

— Como assim?

Ela bufa, virando a cabeça de volta para o balcão quando o telefone toca.

— Você agiu como um homem típico, é claro.

— Hum. É claro — murmuro comigo mesmo e recolho a sacola de Sarah, saindo da loja à sua procura.

Não é difícil encontrá-la. Ela está parada na vitrine da padaria ao lado, com o cabelo loiro bagunçado pela brisa fresca e intermitente. Calor se espalha por mim e é como se meu cérebro quase gaguejasse. Porque, bem neste momento, sinto um desejo intenso de vê-la se virar e sorrir para mim. E não um daqueles sorrisos educados, mas um que aumenta ainda mais ao me ver.

Porém, quando seus olhos encontram os meus, recebo o que deve ser o olhar mais desconfiado e menos encorajador de todos.

Coloco as mãos nos bolsos e dou de ombros.

— Eu estava pensando em lírios. Algo simples, mas ainda clássico. O que acha?

Essa é a tentativa mais patética de oferta de paz, mas é só em que consigo pensar a esta altura. Xingo Maggie e Ry mentalmente por serem tão indecisos ao escolherem centros de mesa para o casamento... e intrometidos. Porque tenho certeza absoluta de que poderiam facilmente ter pedido à srta. Paisley para escolher as flores em vez de pedir para Sarah e eu fazermos isso.

— É claro. Parece ótimo. — Suas palavras soam forçadas, e ela assente rápido, olhando para a sacola com seus tão cobiçados sapatos de salto. Nunca gastaria gastaria mais de cem dólares em um par de

sapatos que não tivesse praticamente nada além de um salto e tiras, mas parece que Jimmy Choo sabe o que está fazendo.

Quando oferece a sacola, seus dedos finos envolvem as alças, e ela hesita por um breve momento. Os olhos azuis encontram os meus, e ela se afasta um pouco.

— Eu posso... te reembolsar. — Sua fisionomia está marcada pela incerteza, e isso, junto com suas palavras, me tira do sério.

— Não quero seu dinheiro, Sarah. — Meu tom é um tanto mordaz e frustrado. Passo a mão pelo cabelo antes de me virar em direção à loja da srta. Paisley. Não estou preocupado com a porcaria do dinheiro. Eu só quero... *ela*. — Vamos entrar e resolver o problema das flores.

Antes que eu alcance a porta da floricultura, Sarah grita:

— Jack.

Algo em seu tom faz os meus ombros relaxarem e me viro para encará-la.

— Obrigada pelo sapato. — Ela mordisca o lábio inferior. — E por dizer que eu o mereço.

Sem querer estragar a nossa trégua, simplesmente aceno e entro na loja.

E sinto o peso de seu olhar em mim o tempo todo.

— Preciso dizer que fomos bastante produtivos hoje.

Recorrido a uma mistura de piadas e constrangimento. Droga, é como se eu estivesse no Ensino Médio de novo.

— Pronta para a última parada?

— Última parada? — Ouço hesitação em sua resposta, mas ignoro. Sigo em frente.

— Sim — respondo com muito mais confiança do que sinto. — Merecemos um bom almoço depois de tudo.

Sarah ergue as mãos, balançando duas sacolas e uma expressão divertida no rosto.

— De alguma forma, acabei ganhando vários presentes só por ter cumprido estas com você.

Fiz questão de comprar uma bolsinha para combinar com os sapatos depois que notei que a peça, exposta na vitrine, chamou a atenção de Sarah. Pela expressão em seu rosto, soube que ela a queria.

Ela franze as sobrancelhas ao olhar com curiosidade para a minha sacola e a aponta com a cabeça.

— Você não me contou o que comprou na loja da srta. Paisley.

Sorrio de forma presunçosa e a conduzo até a um banco na calçada. Tiro uma caixinha branca da sacola e a estendo para ela. Quando Sarah a pega, a ponta de seus dedos roçam nos meus,

disparando uma descarga elétrica pelo meu corpo.

Seus olhos encontram os meus enquanto segura a caixinha retangular.

— Abra.

Quero cruzar os dedos para que ela aceite essa espécie de... presente. Minha respiração desacelera quando Sarah desliza o dedo pelo pedaço de fita que prende a tampa, soltando-a e então a abre.

Ao ver as flores azuis ali dentro, a confusão que marca suas feições fica clara. Porque estas flores, em particular, não são nada especiais. Na verdade, são bem simples.

Me inclino para frente e digo baixinho:

— São *globularia cordifolia*. Ou, mais popularmente conhecidas — faço uma pausa, esperando que os olhos dela encontrem os meus para terminar —, bolas azuis.

Sarah

Não sei se rio ou se dou um soco nele neste exato momento. Porque, sejamos sinceros, que mulher já recebeu flores chamadas “bolas azuis” de um cara que infligiu a síndrome de mesmo nome nos dois?

Olho para cima e vejo que ele me observa com expressão reservada. Ele quase parece um garoto tímido. O que é ridículo, já que o cara tem bem mais de um metro e oitenta e é cem por cento másculo. Um homem que, por acaso, também tem um algo muito grosso...

Opa! Vamos parar? Quem, de repente, embarcou no trem do tesão e acabou com a calcinha molhada?

Ninguém, só esta mulher bem aqui. A que está segurando bolas azuis em uma caixa.

Eu não conseguiria inventar uma história dessas nem se tentasse. É sério. Isso só poderia acontecer comigo. Sou um ímã para coisas ridículas.

— Pense nelas como uma oferta de paz.

Torcendo os lábios, hesito.

— É uma... oferta de paz estranha.

— Como assim? — O rosto dele é a personificação da inocência. — Você quer dizer que mulheres não sonham em receber flores de presente? Ainda mais flores tão cheirosas como estas?

Aperto a ponte do nariz, fecho os olhos e murmuro:

— São em momentos como este que preciso me lembrar de que não vale a pena gastar meu réu primário.

— Nós estamos tendo um momento, Sarah. Algo especial. Não o estrague. — Ele soa divertido. Jack está adorando isso.

— Não é um momento especial. — Abro os olhos e o fulmino.

— Do que você chamaria então?

— Dor de cabeça. — Minha resposta é instantânea.

Ele inclina a cabeça para trás e ri.

— Acho que você está interessada. Na verdade, até ousaria dizer que me deseja. — Ele se inclina para frente. — Ainda. — O sorriso se espalha por seu rosto, largo e arrogante.

Dou um tapinha apaziguador em seu peito e minha expressão é de falsa preocupação.

— O que você não percebe é que eu tenho um superpoder. Eu o

chamo de: “não me importo com o que você pensa”.

Os olhos de Jack brilham. Ele está se divertindo.

— Se é nisso que você quer acreditar, Raio de Sol... só não se esqueça daquele ditado... — Ele faz sinal para que eu o siga até o carro, que está estacionado a alguns metros dali, na avenida principal. — É dando que se recebe.

Ao me ouvir resmungar, ele ri de um jeito que faz meus lábios se esticarem em um sorriso. É contagiante e um calor se desdobra dentro de mim.

Ele puxa a bainha da minha blusa de brincadeira e dá uma piscadinha.

— O que você tem em mente para o almoço?

O que eu tenho em mente? Estou pensando em ver se o pênis dele é tão gostoso dentro de mim quanto naquela noite. Aposto que deslizaria com facilidade para dentro e...

Espere aí, o quê?

Fecho a boca e arregalo os olhos com o medo de ter dito aquilo em voz alta. Por sorte, Jack apenas me olha de um jeito esquisito, ainda esperando que eu responda à pergunta como uma pessoa normal.

O que, claramente, não sou. *E isso não surpreende ninguém.*

— Que tal...

Merda! Não consigo pensar em nada. Estamos parados em uma calçada no centro de Saratoga Springs, entre dezenas de restaurantes e lojas, e meu cérebro está em branco. Isso deveria ser colocado junto aos outros momentos nem-tão-brilhantes-assim, bem no tolo, ao lado da dúvida que sempre tenho sobre se devo empurrar ou puxar as portas. Estou falando sério. Sou inteligente e fiz faculdade, mas abrir portas ainda é difícil para mim. Pelo amor de Deus. E nem vou começar a falar sobre como, às vezes, entro em pânico quando não consigo encontrar o celular e, depois, percebo que estou *usando* o aparelho em uma ligação.

Parece que agora também estou com dificuldades para manter meus neurônios funcionando perto de Jack.

Por sorte, talvez ele tenha sentido a minha dificuldade, pois sugere:

— Que tal darmos uma passada no Limoncello?

Tiro um dos meus chocolates preferidos da bolsa e o abro. Sem morder um pedaço, como é de costume, coloco ele todo na boca depois de ler a mensagem na parte interna da embalagem.

Estou enrolando para responder, é claro. Porque, *nananinanão*. Não. Não vai acontecer. Limoncello é uma daquelas espeluncas românticas. E não importa se você vai lá para o *brunch*, almoço ou jantar, a paixão emana pelas paredes do restaurante com iluminação

fraca e atmosfera aconchegante.

Não acredita em mim? Imagine combinar as baladas antigas de Richard Marx com luz de vela e mesas para dois. *Este* é o Limoncello.

Para piorar, meu estômago escolhe este exato momento para roncar tão alto que eu não ficaria surpresa se pessoas a três estados de distância pudessem ouvir. *Droga*. Estou morrendo de fome, mas tenho que tomar cuidado. Quando começo a pensar em uma resposta, sou salva.

— Minha belezura! — uma voz masculina alta e exuberante soa atrás de mim de repente. Antes de me virar para vê-lo, sou praticamente atacada por um abraço. Braços fortes e bronzeados me envolvem e me tiram do chão.

Clint me solta, me virando para encará-lo, e seu sorriso perfeito e muito branco se fixa em mim.

— Você sentiu com saudade de mim? Sentiu, não é?

Antes que eu possa responder, ele nota Jack e faz uma avaliação pública.

— Nossa, *ooooi*, moreno, alto, bonito e sensual. — Clint estende uma das mãos e seu sorriso ganha ainda mais brilho. — Eu me chamo Clint. Tipo Clint Eastwood.

— Jack Westbrook. — Os olhos azuis de Jack se enrugam com a piada. — Não tenho um nome tão legal. — Ele sorri em autodepreciação e dá de ombros. — Só Jack.

— Bem, eu discordo, Só Jack. — Clint avança para ajeitar o colarinho da camisa social de Jack. — Não tem nada em você que seja “só”.

Puxo o braço de Clint e lanço um olhar que diz: “Afaste-se, colega”.

Ele me responde com outro olhar que quer dizer: “Ele é seu?”.

Hesito. Não porque estamos tendo algum tipo de conversa esquisita e silenciosa só com trocas de olhares, mas porque a primeira coisa que me veio à mente foi: “*Sim. Sim*, ele é meu”.

E aqui temos a deixa para a minha birra interna. Sabe aquele tipo de birra em que você queria poder espernear enquanto grita ou berra em completa e total frustração? Essa mesmo. Eu queria poder fazer isso agora. Porque, com certeza, ainda estou caidinha pelo Jack.

Tenho de colocar um fim nesta loucura agora. *Preciso* fazer isso. Mas acabo indo almoçar com os dois. No Limoncello.

Alguém me salve.

— O glúten é considerado obra do diabo, causando morte e destruição em proporções épicas em termos gástricos em toda Saratoga. E sabe o que tenho a dizer sobre isso? — Clint nos pergunta

em um sussurro alto. Quando Jack e eu balançamos a cabeça, ele responde: — Passe os pães de alho e o macarrão para cá, meu amor.

— Vou pedir para que as minhas cinzas sejam espalhadas nos arbustos deles quando morrer. — Dou um tapinha na barriga e suspiro, satisfeita. Acabei de comer o meu peso em macarrão e não me arrependo, pois o almoço foi bom *assim*.

— Querida, eu também. — Clint dá um tapinha na minha mão e suspira.

Jack parece entretido.

— Já estamos nos preparando para o fim?

Eu me inclino para a mesa e, antes que perceba, solto as seguintes palavras:

— Se esta fosse a minha última noite na terra, eu morreria feliz. — Aceno em direção ao meu prato de ravioli de queijo com molho branco quase vazio.

— Tem certeza? — Jack apoia os antebraços na mesa, chamando minha atenção para o breve movimento dos músculos e os escassos pelos escuros neles. Ele sorri, despreocupado. — Um bom prato de macarrão e você está pronta para morrer?

— Bem, em um mundo ideal, eu precisaria de mais que isso.

Ah, merda. *O que é que estou dizendo?* Estou vomitando palavras de novo. Sem mencionar que o meu tom deu a entender que eu estava flertando. E não um flerte do tipo: “Olhe só para você, o cara mais lindo deste lugar”. Não. Foi mais como: “Se eu fosse um personagem de desenho animado, minha língua estaria pendurada na boca, pingando saliva”, misturada com uma versão sexy da Mulher-Gato que diz: “Vou engatinhar bem tranquila e sedutora por cima desta mesa até chegar a você e te hipnotizar com a minha proeza sexual”.

— É mesmo? Me conte mais. — Jack se aproxima com interesse evidente.

— Sim, conte mais. — Clint balança as sobrancelhas. Ele apoia o queixo na mão, olhando para mim com expectativa. — Sou todo ouvidos.

No momento, estou culpando o ravioli. Vá se catar, ravioli! Foi você que me colocou nesta confusão!

Eu sei, eu sei. Você está reprovando minha atitude agora, com nojo por eu me recusar a assumir a responsabilidade como a adulta que sou.

— Bem, eu gostaria deste ravioli e talvez de uma sessão de amassos. — Dou de ombros, tentando parecer despreocupada, então pego o garfo e brinco com ele para evitar contato visual.

E continuo a me enterrar ainda mais fundo no buraco:

— Eu até ficaria satisfeita com algo estilo Ensino Médio, com roupas e tal.

AH. MEU. DEUS. Eu não acabei de dizer isso! Por favor, me diga que não disse isso em voz alta. *Por favooooor.*

Horrorizada, olho para cima e encaro Clint primeiro. Ele está balançando os ombros em silêncio, como quem diz: “Estou morrendo de rir”. E Jack? Bem, a expressão dele diz tudo. Fica claro que está tentando segurar o riso, pois aqueles lábios gostosos estão pressionados, mas curvados nos cantos.

Apoio o rosto nas mãos e solto um gemido baixo. Talvez eu possa me afogar no resto de molho branco. Porque, sejamos sinceros: que maneira incrível de morrer. Posso até imaginar a reportagem:

“Estamos ao vivo no Limoncello, em Saratoga Springs e segundo informações, uma jovem se afogou no delicioso molho branco do restaurante para fugir da humilhação pela qual passou devido ao homem que parece ser o seu ponto fraco. O mesmo homem que infligiu bolas azuis aos dois. Nós os manteremos informados sobre o desenrolar da história.”

Se Jack e Clint fossem seres humanos decentes, neste momento, eles ririam e relevariam minha fala, colocando toda a culpa no leve coma alimentício em que me encontro. Mas espere só. Espeeeere só.

— Você está dizendo que estaria interessada em dar amassos ao estilo Ensino Médio, é isso? — Clint bate um dedo nos lábios como se considerasse participar.

Espertinho. Ele é gay, ou seja, sou tão atraente para ele quanto creme de castanha com levedura para um apreciador de chocolate.

— Devo pedir para trazerem a conta? — Jack questiona.

Ótimo. Estou presa em um almoço com dois comediantes. Massageio as têmporas com ponta dos dedos e fecho os olhos em uma tentativa de esquecer que eles estão ali.

— O que acha? — Clint pergunta em um sussurro alto. — Talvez eu possa ficar por cima?

Ah, meu Deus.

Jack sussurra de volta:

— Não sei, cara. Ela parece estar com — ele faz uma pausa, e semicerro os olhos a tempo de vê-lo fazer aspas no ar — “dor de cabeça”.

— Tenho certeza de ela vai se animar com o Eastwood Júnior.

Me reclino na cadeira, cruzo os braços e meus olhos vão de um homem a outro. Os dois, claramente, não precisam de mim para levar a conversa adiante.

— Entretanto — Clint diz, olhando direto para Jack —, você vai ter que ter calma com as bolas azuis se quiser tirar a sorte grande comigo.

Ergo a mão e tento chamar o garçom para pedir a conta.

— E já que tocamos no assunto — Clint apoia os antebraços na

mesa e fixa os olhos em Jack —, você está planejando outros episódios iguais ao último de que tanto ouvi falar?

Os olhos de Jack se voltam para mim, brilhando com uma mistura de descrença e diversão antes de voltarem a Clint.

— Ela te contou, é?

Clint abre um sorriso alegre.

— Ah, sim. — Ele se reclina e cruza os braços. — Pelo que sei, você será chamado de sr. Bolas Azuis por toda a eternidade.

— Ótimo. — Jack ri e balança a cabeça.

— Você pode remediar isso colocando sua melhor carta na mesa — Clint sugere antes de se inclinar para mim e continuar em um sussurro alto: — e talvez você possa dar uma animada no...

Eu o interrompo, balançando um dedo.

— Você, de todas as pessoas, deveria saber que a maioria dos homens são criaturas simples. Estou falando sério. — Dou um olhar penetrante a ele. — Um cara ficaria comigo mesmo se eu tivesse batatinha no cabelo.

Jack inclina a cabeça para trás e ri enquanto Clint me encara, pensativo.

— Que tipo de batatinha? — meu amigo pergunta. — Se estivermos falando de sabor sal e vinagre, então concordo, mas se for cebola e creme azedo... — ele faz uma careta — a história é outra.

Levanto a mão com mais entusiasmo.

— A conta, por favor.

Jack

Não faço ideia de como consegui, mas parece que Sarah está me dando outra chance. Nosso almoço foi... interessante para dizer o mínimo, ainda mais com seu amigo divertido, Clint, que ajudou a aliviar um pouco da tensão. Finalmente senti que voltamos a ser o que éramos antes... bem, antes do primeiro “incidente”.

Enquanto caminhamos em direção ao apartamento de Sarah, ela me dá um sorriso sexy por cima do ombro. Quando chegamos, ela gira a chave na fechadura e abre a porta.

— Você está pronto?

— Pronto para... — Minhas palavras são interrompidas quando ela me puxa pelas mãos, nos leva para dentro e fecha a porta com um chute. De repente, estou pressionado na parede do corredor, com suas mãos apoiadas no meu peito.

Sarah fica na ponta dos pés e me olha nos olhos. Seus lábios estão tão perto dos meus que consigo sentir seu hálito quente na minha pele.

— Para isto. — Ela brinca com o meu lábio inferior ao me beijar e um gemido baixo me escapa.

Ela se inclina para trás e sussurra:

— Você acabou de gemer? — Sem esperar a minha resposta, ela faz uma trilha de beijos pela lateral do meu pescoço e mordisca a minha orelha.

Se ela me deixar mais duro, meu pau vai estourar a calça. Agarro-a pela cintura, passo os dedos por baixo da blusa fina e acaricio seus quadris. Eu a conduzo até a parede oposta, encurralando-a e Sarah se pressiona em meu toque, me beijando no mesmo instante. Viro a cabeça e aprofundando o beijo.

Saboreio um leve toque de chocolate e quando sua língua encontra a minha, um gemido profundo é arrancado de mim. Suas mãos estão por toda parte: dedos entrelaçados no meu cabelo, mãos na mandíbula, roçando a barba por fazer e deslizando pelo meu corpo até envolver meu traseiro. Gosto muito do movimento dos seios contra o meu peito, assim como o fato de ela estar aproveitando e demonstrando a mesma reação que eu ao nosso beijo.

Trilhando ainda mais beijos pelo seu pescoço, mordisco o pulso acelerado e murmuro em sua pele quente:

— Tem certeza quanto à regra de *só-por-cima-da-roupa*?

Um riso ofegante escapa de seus lábios.

— Talvez eu possa ser persuadida.

Me afasto e deslizo as mãos até seus seios. A forma como ela se arqueia ao meu toque enquanto os olhos semicerrados encontram os meus envia uma onda de excitação por todo o meu corpo. Posiciono a boca sobre o contorno de um mamilo enrijecido, lambendo-o através das camadas do tecido fino da blusa e do sutiã. Sarah leva as mãos até minha cabeça e afunda os dedos no meu cabelo, puxando um pouco, como se quisesse impedir que eu me afastasse.

Sugo com força e coloco a mão entre suas coxas, acariciando-a sobre a parte macia do jeans e criando fricção. Seus gemidos são o som mais erótico do mundo e me levam ao limite de uma ereção dolorosa. Abro seu jeans, deslizo a mão para dentro e sobre o tecido fino da calcinha. Continuo a desenhar círculos pelo clitóris, sentindo meu pau endurecer ainda mais com a sensação do tecido encharcado nos meus dedos.

Sarah arqueia seu corpo, os quadris se movem por livre e espontânea vontade. Seus olhos estão fechados. Os lábios, entreabertos e a respiração, irregular.

— Jack... — Ela está muito perto do orgasmo, e eu daria tudo para deslizar a língua dentro daquela umidade.

Que se dane. Eu daria qualquer coisa para me enterrar dentro dela e fazê-la gozar no meu pau.

Quando deslizo a mão para dentro da calcinha, prestes a penetrá-la e pensando que vou ter a chance de observar essa linda mulher se derreter nos meus braços, ouço uma batida na porta.

Nós dois olhamos descrentes para a entrada e falamos com a voz ofegante, agitada e ao mesmo tempo:

— Puta merda, só pode ser brincadeira.

Eu venderia um rim pela oportunidade de terminar o que Sarah e eu começamos na entrada do apartamento. Em vez disso, estou apoiado no balcão da cozinha, escondendo uma ereção quase debilitante enquanto Maggie e Ry estão sentados no sofá, trocando olhares cômicos e jogando conversa fora.

— A Sarah derramou algo na camiseta, é? — Maggie pergunta de forma inocente antes de franzir a testa em preocupação fingida. — Só neste lugarzinho? Bem aqui? — Ela gira o dedo, apontando para o seio esquerdo. — Interessante.

— Mags — Ry adverte, achando graça. — Pare com esses gestos sensuais. — Ele se vira para mim com um sorriso e adiciona: — Vamos deixar a conversa sobre sexo para as crianças. Não é mesmo, docinho?

Em vez de responder, grito para o corredor, onde Sarah está se

trocando:

— Raio de Sol! Por favor, se apresse.

Já é ruim ter que lidar com Ry, mas quando ele e Maggie se juntam... é como se fossem *Débi e Lóide* multiplicados por mil. Tanto Maggie quanto Ry erguem as sobrancelhas antes de se virarem um para o outro, murmurando:

— Raio de Sol?

Eu os ignoro. Tenho problemas maiores, como fica evidente quando o meu melhor amigo se levanta do sofá. Ele vai até o balcão onde deixei a caixinha da flor que dei a Sarah mais cedo. O canto da caixa está levemente amassado por ter caído em nossa pressa de pular um em cima do outro antes da interrupção rude e inoportuna.

Ry me lança um olhar curioso e abre a caixa, franzindo a testa para as flores azuis.

— O que é isso? — Então seu olhar está de volta em mim, e uma ponta de preocupação o faz unir as sobrancelhas. — Por favor, não me diga que você escolheu essa flor horrível para o nosso centro de mesa.

— Se acalme. — Reviro os olhos, exasperado. — De jeito nenhum eu escolheria flores que têm o apelido de *bolas azuis* para o seu casamento. Tenha um pouco de fé em mim.

Ele relaxa visivelmente.

— Graças a Deus.

— Espere aí — Maggie começa, devagar. — Essa flor é realmente conhecida como...

— Bolas azuis — termino por ela.

— E você as deu para... — Como se já não soubesse a resposta, Ry não termina a frase. Por favor, não é como se não estivéssemos na casa da Sarah.

— Sarah — respondo, monótono, apenas pensando que preciso de uma bebida forte. E, por falar em coisas fortes e duras... preciso dar um jeito nesta...

Maggie e Ry trocam outro daqueles olhares e caem na gargalhada. Entre risos, Maggie pergunta:

— Você deu essas bolas azuis para ela antes de nós...

— Deixarmos vocês com bolas azuis. — Ry ajuda quando ela falha e leva a mão às costelas. Ele apoia a outra no balcão que separa a sala de estar da cozinha, rindo tanto que quase se sufoca.

Cruzo os braços e encaro os dois.

— Fico feliz que estejam gostando do nosso desconforto.

E eu ainda me dou ao trabalho de chamar essas pessoas de amigas.

Sarah

Faz algumas semanas desde que vi Jack depois do nosso segundo “episódio”, cortesia de nossos melhores amigos. Depois daquele dia com as flores, assistimos a um filme com Maggie e Ry, até os três terem que ir embora. Jack tinha reuniões on-line na manhã seguinte, mas nosso beijo de despedida insinuou a promessa de mais tempo juntos.

Desde que voltei a Saratoga e aceitei a vaga no hospital regional, venho trabalhando muito. O salário é bom, mas fico exausta. Um dia desses, enviei uma mensagem a Jack depois que meu turno terminou, a uma da manhã, para ver se ele queria comer sushi caso ainda estivesse acordado. Sei que, às vezes, ele trabalha até tarde, por isso não achei nada de mais ter enviado a mensagem.

Continuei nesse ritmo até a tarde da segunda-feira seguinte, quando passei na casa de Maggie e Ry para ajudar minha amiga a organizar os assentos. Alguém pediu para que mantivéssemos a tia do Ry, que tende a ficar com as mãos bobas quando bebe, longe dos primos mais novos do noivo e para deixar um tio, que conta piadas ofensivas, longe de outra tia muito conservadora.

Bato à porta e quando ela se abre, dou de cara com o homem que não sai da minha cabeça. Seus lábios se curvam em um sorriso despreocupado.

— Oi, Jack. — Entro e ele fecha a porta atrás de mim, mas antes que eu consiga avançar pelo corredor, ele me encurrala, me pressiona contra a parede e aproxima a cabeça da minha.

— Você esteve me mandando mensagens sensuais? — sua voz baixa e rouca me envolve em um torpor de calor e excitação instantânea.

Até suas palavras fazerem sentido.

— Espere aí, o quê? — Afasto a cabeça, surpresa.

Ele roça os lábios de leve nos meus.

— Você me enviou só uma palavra: sushi. — Outro roçar de lábios. — À uma da manhã, Sarah. Isso é um código, não é?

— Nãooooo. — Surpresa, o encaro. — Eu queria saber se você queria comer sushi na Liquid, já que eles ficam abertos até as três da manhã nos fins de semana.

— Seeeei. — Ele alonga a palavra, com o tom cheio de descrença.

Seu sorriso me parece sensual e malicioso demais, o que me faz querer pular em seu colo. Ou simplesmente em cima dele. As duas opções me parecem ótimas. Jack aproxima os lábios perfeitos e os olhos azuis penetrantes dos meus. Me sinto hipnotizada pela forma como ele me observa.

— Da próxima vez que me enviar mensagem de madrugada, é melhor que não seja sobre... — ele faz uma pausa e sorri de forma impertinente — *comida*. A insinuação perdura entre nós.

Pronto. É neste momento que acontece.

Bum. Engravidei.

Juro, meus ovários deram um giro, sofrendo uma fertilização divina e imaculada.

— Quer passar um tempo comigo esta semana? — ele sussurra em meus lábios, com uma das mãos na lateral do meu rosto e o polegar acariciando a bochecha.

Vamos deixar uma coisa clara: “Quer passar um tempo comigo esta semana?”, vindo de Jack Westbrook, é o equivalente à cobra da Bíblia que tenta Eva com a maçã. Ou o mesmo de quando minha suposta melhor amiga da faculdade tentou me fazer provar aqueles brownies com cheiro esquisito em uma festa. É claro, ela não parou de zombar de mim depois, porque decidi personificar minha versão jamaicana pelo resto da noite.

Levei uma eternidade para superar aquilo.

— Talvez — sussurro de volta. — Desde que não aconteça mais nenhum daqueles... episódios.

Ele ri baixinho e me beija.

— Darei o meu melhor. — Outro beijo suave. — Além disso, talvez eu tenha uma surpresa para você.

— Odeio surpresas.

— Você não pode odiar surpresas. — Ele me encara com descrença.

— Mas eu odeio — reafirmo. Então, tenho uma ideia. — Exceto... — me aproximo para sussurrar: — oral surpresa. Isso, com certeza, eu não odeio.

Jack inclina a cabeça para trás e ri antes de me encarar com os olhos brilhando cheios de humor.

— Anotado.

— Jack? A Sarah chegou? — Maggie grita.

— Sim, ela está ocupada me molestando contra a parede — ele grita, sorrindo quando dou um tapa em seu braço. — Já cansei de falar para ela que não sou esse tipo de cara.

Eu o empurro, e ele só se afasta depois de mais um beijo, sussurrando:

— Até mais tarde, Raio de Sol.

Então caminha até a porta e leva a mão à maçaneta.

— Tchau, Maggie. Até mais, Ry! — Com uma piscadinha para mim, ele sai do apartamento.

Eu estaria mentindo se dissesse que as minhas partes íntimas não correram figurativamente em seu encalço.

Jack

São onze e meia da noite de uma quinta-feira e ainda estou trabalhando. Meus olhos estão turvos de tanto traçar planos para um dos meus novos clientes. Me afasto da mesa, solto um suspiro cansado e passo a mão no rosto. Olho ao redor do escritório e concluo que já trabalhei mais do que o suficiente por hoje.

Meu estômago roncando faz com que me lembre que estive tão focado que só comi uma barrinha de cereal. Não consigo acompanhar a agenda de Sarah no hospital. Ela anda ocupada demais, e tive que sair da cidade para me encontrar com alguns clientes, então não nos vemos há algumas semanas. Imagino que não haja problema em enviar uma mensagem rápida para ver se ela quer sair para comer, caso esteja trabalhando até tarde.

Jack: *Sushi?*

Sarah: *Ha. Ha. Muito engraçado.*

Sorrio com a sua resposta. Ela claramente acha que estou brincando por ter enviado uma mensagem que tinha a mesma pergunta que ela me mandou há algumas semanas.

Jack: *Sim ou não?*

Sarah: *Depende. Você está falando de comida ou...?*

Jack: *Depende. No que você está interessada? No sushi? Ou no “código sushi”?*

Sarah: *Imaginar você, eu e o “código sushi” deixou a minha calcinha ensopada.*

Puta merda. Agora estou me ajeitando na cadeira para aliviar o início de uma ereção com a ideia de prová-la.

Sarah: *Meu estômago acabou de votar. Alto. E ele ganhou.*

Jack: *Que tal nos encontrarmos no Liquid em vinte minutos?*

Meu celular acende com uma ligação dela.

— Oi, Raio de Sol.

— Oi, Jack. — Deus, a voz dela é... tudo. Suave como seda. Hoje à noite, no entanto, ela soa exausta pra caramba.

— Turno difícil no trabalho?

Sarah solta um longo suspiro.

— É lua cheia e isso *sempre* causa confusão. — Ela faz uma pausa. — Enfim, vou tomar banho e trocar de roupa, mas...

— Mas? — eu incito.

— Bem... — Ela suspira. — Não estou com vontade de passar muita maquiagem, nem de arrumar o cabelo a essa hora. Se não se importar em me encontrar toda desarrumada, com cabelo úmido e pouquíssima maquiagem, com certeza, podemos sair para comer.

— Raio de Sol, você fica linda de qualquer jeito. Nos encontramos quando você estiver pronta. Estarei esperando.

— Até já.

Sarah

Depois de uma corrida de táxi até o Liquid, pois estou cansada demais para dirigir e não quero caminhar sozinha tão tarde, entro no restaurante mal iluminado. Ao avistar a parte de trás da cabeça de Jack, vou até ele e cubro seus olhos.

— Oi, bonitão. Adivinha quem está usando uma calcinha sexy de reeeenda? — Arrasto a última palavra de forma indecente.

— Espero muito que seja você e não ele, Raio de Sol. — Este comentário vem de uma voz atrás de mim. A voz de Jack.

Vou repetir: uma voz *atrás* de mim.

Afasto as mãos dos olhos do homem que, *com certeza*, não é Jack e o vejo se virar na minha direção com um interesse ávido no olhar.

— Mas estou interessado em ouvir mais sobre essa calcinha. — O homem sorri para mim com o que deve ser o mais típico dos sorrisos amarelados por nicotina.

— Hum, certo. — Me afasto devagar. — Me desculpe. Pensei que você fosse outra pessoa.

— Eu posso ser quem...

— Não. — Levanto a mão, interrompendo a bobagem que ele diria. — Na verdade, não pode. Acredite em mim. — Forço um sorriso largo e desejo boa noite antes de me virar. Jack me observa, parecendo entretido demais por eu ter feito confusão com a sua identidade. — Pronto para comer? — pergunto, despreocupada, como se eu não estivesse desejando que o chão se abrisse e me engolissem neste exato instante.

Seu sorriso se alarga.

— Com certeza. — Com a mão na parte inferior das minhas costas, ele me guia até a cabine correta. — Então você pode me contar mais sobre essa calcinha, garota boca suja.

— Ha. Ha. — Reviro os olhos. — Um cavalheiro de verdade jamais demonstraria interesse na situação vergonhosa de uma dama.

Nós nos sentamos em lados opostos da cabine e os lábios de Jack se curvam em um sorriso. Seus olhos brilham bem-humorados.

— Ah, mas foi um clássico, Raio de Sol. — Ele inclina a cabeça para o lado. — Me fez lembrar de um daqueles chocolates com mensagens de que você tanto gosta.

— Aceite de braços abertos as estripulias.

Jack me encara, fazendo cara de nojo.

— Ela estava com a garrafa entalada onde?

Eu o estava entretendo com algumas histórias loucas do hospital sobre pacientes que tive que sedar para que os médicos pudessem desfazer acidentes muitas vezes esquisitos e perturbadores. Termino de mastigar e respondo, me inclinando sobre a mesa:

— Na bunda. E — gesticulo com os hashis — ela alegou que estava cuidando do jardim, ajoelhada para arrancar as ervas-daninhas, e não viu a garrafa. E então... *ooopa!* — Eu rio. — A garrafa entrou onde não devia.

— A história nem parece verossímil. — Jack balança a cabeça devagar.

Dou de ombros.

— Acredite em mim, as pessoas não ligam se é possível ou não. Simplesmente se recusam a contar a história verdadeira. Acontece o tempo todo.

— É sério que é tão comum assim?

— Ah, sim. — Solto um suspiro. — Uma vez, um cara chegou com o pênis preso em um frasco de shampoo.

A mão dele para, com um sushi preso entre os hashis.

— Dentro?

— Sim.

Ele franze a testa.

— Mas aquele buraco é tão pequeno...

— Exato. — Termino o último sushi antes de continuar: — É um espaço *bem* pequeno. E, de alguma forma, ele coube. — Tomo um gole de água. — Foi esquisito para, porque todos tiveram que testemunhar aquilo, e — enfatizo, erguendo as sobrancelhas — isso significa que o amiguinho dele era pequeno o bastante para caber ali.

— Como vocês... — Jack não termina a pergunta.

— Na verdade, aquela parte do frasco é muito dura e difícil de cortar. Não conseguimos fazer nada com ele tendo um ataque de pânico e se debatendo, então o sedamos e, com cuidado, cortamos a embalagem.

Ele balança a cabeça em descrença.

— Uau. Não posso acreditar nisso.

— As coisas que entram pelas portas daquele hospital... — Eu me recosto no assento, rindo.

Contemplo o homem à minha frente e deixo meus olhos passearem por ele com admiração. Ele usa camisa social cinza-escuro com as mangas enroladas. Jack fica gostoso pra caramba de terno. Mas com roupas menos formais, com aquelas mangas enroladas para o

prazer dos meus olhos, tenho um assento de primeira fila para um pornô de antebraços. Porque, me deixe te dizer uma coisa: aquelas veias e músculos tonificados são *magníficos*.

— Trabalhando até tarde também? — Aponto para ele.

— Mais algumas empresas me procuraram. — Com um suspiro cansado, ele passa a mão pelo rosto e seus lábios se contorcem. — É ótimo, não me entenda mal, mas sinto que estou cada vez mais perto do ponto em que vou ter que começar a recusar clientes. — Seus olhos azuis estão cansados, desprovidos da luz e do brilho que estou acostumada a ver.

— Ei. — Estendo a mão sobre a mesa para cobrir a dele. — Não é o fim do mundo se você tiver que dizer não para algumas pessoas. Você é um homem só. Não se desgaste tanto.

Jack assente e ficamos em silêncio por um tempo antes de eu notar seus olhos vagueando por mim. Ele vira a mão para cima e entrelaça nossos dedos.

— Você está linda.

Vamos deixar algo bem claro aqui: estou usando jeans, moletom, pouca maquiagem e só agora meu cabelo secou. Eu *não* estou linda. Aceitável? É claro. Linda? De jeito nenhum.

— Não minta. Estou um caco. — Lanço a ele um olhar duvidoso e arqueio uma sobrancelha.

Jack aperta de leve nossas mãos antes de levá-las aos lábios. Com os olhos fixos nos meus, ele dá um beijo leve.

— Eu nunca minto, Raio de Sol.

O apelido que ele me deu... quando ele o diz naquele tom rouco e íntimo, me afeta. Além de molhar a minha calcinha, é claro. É o que acontece quando se é uma pervertida de proporções épicas.

Tudo bem, essa não é a única coisa que acontece. Sinto o meu estômago dar uma pequena cambalhota, o que é... bom, eu acho. Mas não gosto muito das emoções que vêm junto com a sensação. Elas significam sentimentos, e isso leva a relacionamentos. E esse *não* é o meu território.

Eca. Só de pensar na temida palavra com “R” já me sinto a uma canção da Adele de me empanturrar com donuts, ou seja, é hora de mudar de assunto.

— Então, a minha calcinha... — começo, dando uma piscadinha safada para ele.

Jack sorri para mim.

— Me conte.

— Bem, sei que é difícil notar sob este exterior elegante — com um gesto sarcástico, aceno em direção à minha roupa —, mas me esforcei para escolher a roupa íntima com esperança de... — Minhas palavras desaparecem e eu sorrio.

— Como assim, Raio de Sol? — O sorriso de Jack se alarga. —
Está com esperanças de se dar bem esta noite?
— Exatamente. — Solto um longo suspiro rouco.
Jack inclina a cabeça para trás, rindo antes de pegar a carteira.
— Então vamos para casa.

Jack

Beijar Sarah é diferente de tudo o que já experimentei. Ela tem um gosto delicioso, quase sempre com um leve toque daqueles chocolates que carrega na bolsa, mas há algo mais. Quando nossos lábios se encontram, algo único e inebriante a distingue das outras que já beijei.

Amo o fato de que ela me permite vê-la com o cabelo úmido e quase sem maquiagem. Sinto que, talvez, esteja abrindo a porta para mim, me deixando ultrapassar as suas muralhas cuidadosamente erguidas.

Não é segredo que ela não se envolve em relacionamentos. Acho que grande parte da razão é ela trabalhar e estudar ao mesmo tempo. Mas agora, não consigo evitar me perguntar se talvez ela esteja pronta para assumir o risco e embarcar em algo novo.

Comigo.

Interrompo o beijo, passo os lábios pelo seu pescoço e noto, com orgulho, que o seu peito arfa um pouco. Parecemos ter a tendência de mal atravessarmos uma porta e já estarmos atacando um ao outro.

— O que é que você tem — ela murmura baixinho — que me faz querer ficar à sua disposição? Quero dizer, não no sentido de te servir bacon, ovos e panquecas... — Ela para e inspira quando eu, de forma abrupta, empurro seu suéter para cima e a taça do sutiã de renda azul para baixo, expondo um mamilo rosado. Prendo os lábios ao redor dele e sugo a pele enrugada. — Mas — ela continua, mesmo sem fôlego — sexualmente falando.

Rindo, murmuro em sua pele:

— Para mim, está ótimo assim.

Suas mãos pressionam meu peito, me fazendo parar, e os olhos azul-claros encontram os meus.

— Quarto, Westbrook.

Ela pega a minha mão e me leva até o quarto. A luz da rua lança um brilho suave através das persianas.

Assim que entramos, ela abre depressa os botões da minha camisa, e eu a tiro, deixando-a escorregar até o chão. Retiro seu suéter, soltando-o para que se una à minha camisa. Sarah se afasta para tirar o jeans enquanto eu me livro das meias e da calça social. Ficamos apenas com nossas roupas íntimas.

Ela não estava brincando quando falou da calcinha mais cedo: é de renda em um tom vivo de azul, combinando com o sutiã. Essa mulher é um sonho erótico personificado. Não deixa nada a desejar para aquele antigo filme dos anos 1980, *Mulher nota 1000*, em que dois nerds da computação criam a mulher dos sonhos.

Bonita pra caramba.

Passo os dedos por baixo da renda em seus quadris, desço o tecido por suas pernas, e ela o chuta para longe. Me levanto e estendo a mão para abrir o fecho do sutiã. Quando ela se move para se livrar dele, envolvo seus seios e passo os dedos pelos mamilos. Beijo sua boca outra vez, engolindo o gemido baixo. Brinco com uma das pontas enrijecidas enquanto a outra mão desce por seu corpo, acariciando-a até alcançar o ápice de suas coxas.

Sarah afasta as pernas para mim. Deslizo um dedo dentro dela e a encontro molhada e pronta.

Pronta pra caramba.

Adiciono outro dedo, entrando e saindo dela. Sarah agarra meus ombros. Ela geme em minha boca enquanto nossas línguas duelam. Interrompo o beijo e a admiro parada diante de mim, corada de excitação, com as pálpebras pesadas e os mamilos lindamente transformados em picos enrijecidos.

É quando noto que ela está tentando reprimir um bocejo.

— Estou te deixando com sono, Raio de Sol?

— Desculpe. O dia foi longo. — Um olhar constrangido cruza o seu rosto.

Eu a guio até seus joelhos atingirem o colchão e meu olhar se fixa no seu.

— Vamos ver se isso te acorda.

Agarro sua cintura e a acomodo no colchão, fazendo-a se deitar de costas enquanto afastos suas pernas, parado na beira da cama. Olho para ela e tenho que me ajustar, a cabeça do meu pau agora se projeta para fora do cós da cueca.

Me inclino e contorno sua entrada com a língua enquanto uso as mãos para segurar a parte de cima das coxas, sentindo seus músculos tensionarem. Quando ela suspira meu nome, me incita. Saboreio sua pele, estocando-a com a língua.

Ela leva as mãos à minha cabeça, entrelaça os dedos no meu cabelo curto e seu corpo se contorce. Entregando-se aos impulsos primitivos, Sarah se move contra a minha boca. Afasto a mão de uma de suas coxas, levo os dedos até o clitóris e o pressiono com o polegar. Aplico pressão em movimentos circulares até seu corpo ficar tenso e os músculos, rígidos. Sinto pequenos espasmos dos músculos internos ao redor da minha língua e sei que ela está muito perto de um orgasmo.

Acelero as carícias com a língua, continuando a estimular seu clitóris com o polegar e então acontece. Sarah arqueia o corpo pouco antes de me inundar com o gosto de seu gozo, os músculos tensionam e relaxam, seu aperto em meu cabelo é quase doloroso.

Mas vale a pena.

Assim que os tremores desaparecem e o corpo dela relaxa, distribuo beijos por sua barriga, peito e chegando aos lábios.

— Linda — murmuro em sua boca.

Os olhos de Sarah continuam fechados. Um sorriso lânguido e satisfeito enfeita seus lábios.

— Hum, talvez eu tenha que te manter por perto.

Você pode me manter por perto para mais que isso, Raio do Sol.

Enquanto me afasto para responder, noto a uniformidade em sua respiração e isso me faz parar.

— Você dormiu, não é? — Não sei por que estou perguntando quando já sei a resposta. Acho que estou um pouco chocado.

Isso é novidade. Com certeza, não posso dizer que já fiz uma mulher cair no sono com sexo oral antes.

Sorrio.

— Acho que existe uma primeira vez para tudo, não é, Raio de Sol? — Me afasto, puxo a coberta e a coloco sobre seu corpo. Dou um beijo de leve em seus lábios. — Bons sonhos. — Sem fazer barulho, bato a porta do apartamento ao sair, sorrindo.

Parece que eu vou ficar com bolas azuis essa noite.

Sarah

— Não acredito! — Clint para abruptamente, quase causando um engavetamento na calçada. Algumas pessoas nos olham feio enquanto outras nos encaram com dúvida.

Nos encontramos no pequeno restaurante italiano no centro, para tomar um *gelato*, e decidimos caminhar pelo bairro e ver vitrines enquanto aproveitamos o sorvete.

Ele ergue uma mão.

— Garota, não. Só *não*.

Jogo as mãos para cima e meu tom é exasperado:

— Não é como se eu tivesse planejado fazer isso, pelo amor de Deus. Eu estava exausta.

— Você dormiu descaradamente. — Ele continua me encarando e, com uma pausa para dar ainda mais ênfase, arqueia uma sobrancelha. — Depois de ele ter feito um sexo oral excelente.

— Não queria ter caído no sono depois de ele ter caído de boca em mim.

Um arquejo alto chama a nossa atenção.

Viro a cabeça na direção do som e a vergonha me domina.

— *Cacete!* Ah, puta mer... desculpe! — Faço careta ao gaguejar. Porque estou diante de uma freira.

De uma *freira*.

Eu vou para o inferno por ter dito freira desse jeito, não vou?

— Desculpe, hum... — Aceno, tensa, e acabo fazendo uma espécie de reverência esquisita. — Irmã.

Ela franze a testa de um jeito que parece que Deus em pessoa está se comunicando com ela, determinando o meu destino como pecadora. Além disso, acabei de fazer uma *reverência* para uma freira. Como se ela fosse da realeza. A calçada poderia se abrir e me engolir? Por favor?

Clint, é claro, está curvado, rindo e roncando. Seu copo de *gelato* escorrega e lança gotas de chocolate na calçada. A freira me dispensa com um bufo enojado, me olha feio e marcha para longe de nós como se o diabo estivesse em seu encalço.

— Você... acabou de... fazer uma reverência... — as palavras de Clint soam cortadas, pronunciadas através de risos chiados — Para uma freira. — Ele enxuga as bochechas, que agora cintilam com as lágrimas.

— Entrei em pânico! — Passo a mão pelo cabelo, inquieta. — Não sabia o que fazer!

— E a sua primeira opção foi fazer uma reverência? — Clint me encara, incrédulo. — Quem faz isso? Ela é freira, não a rainha da Inglaterra, Matthews.

Eu o dispenso com um aceno.

— Tome logo seu *gelato* antes que derreta. — Voltamos a andar, mas Clint continua a rir baixinho.

Paramos em algumas vitrines, terminamos o sorvete e jogamos o lixo em uma lata ali perto.

— Você tem planos de se encontrar com Jack hoje à noite?

— Não. Vou jantar com a Maggie. — Esperamos o semáforo para pedestres dizer que podemos atravessar e seguimos em direção ao meu apartamento.

— Você e Jack estão quites agora.

— O que você quer dizer com estarmos quites? — Eu o encaro.

Ele dá de ombros.

— Ele dormiu naquela vez, e agora foi você. — Dá de ombros novamente. — Quites.

Considero aquilo por um momento.

— Hum, mas eu só *dormi*. Ele, além de dormir, me *mordeu* e me *bateu*.

— Com certeza, você é capaz de perdoar o homem. Ainda mais depois de ele ter feito o tour completo pela caverna do tesouro.

Eu o encaro.

— Caverna do tesouro?

Ele ri, empurrando o meu ombro com o seu.

— Prefere que eu diga que você foi de primeira classe para o túnel do amor?

— *Clint* — eu o aviso do perigo. O que não adianta nada, é claro.

— Você deveria tentar compensá-lo — ele oferece de repente. — Porque qualquer cara que te leva ao delírio sem receber nem um obrigada em troca merece um pouco de reciprocidade.

Ele tem razão. Eu me sinto mal por ter dormido.

Só preciso decidir qual é o melhor jeito de recompensá-lo.

— Obrigada pelo jantar. — Sorrio para a minha melhor amiga.

Maggie me perguntou se eu gostaria de ter uma *noite das garotas*. E, é claro, aceitei, porque amo passar um tempo só com ela e adoro sushi.

Pelas minhas contas, todos sairiam ganhando.

— Não sei como você consegue comer essa coisa cheia de

pimenta. — Maggie aponta os hashis na direção do meu rolinho apimentado de atum com um molho também apimentado ao qual, agora, estou adicionando wasabi. — Quis arrancar a língua fora de tão forte que estava.

Dou de ombros.

— Eu adoro essas coisas.

— Bem... — Ela deixa os hashis de lado para tomar um gole de água. — Você está pensando em compensar o Jack por ter dormido logo depois do oral?

Concordo.

— E como você vai fazer isso?

— Bem... — Inclino a cabeça para o lado, ponderando. — Pensei em aparecer na casa dele, no escritório ou onde quer que ele esteja depois que terminarmos aqui. — Me aproximo e abaixo a voz: — Então, planejo *realmente* compensá-lo pela outra noite.

Maggie sorri.

— Você sabe que o Jack é um bom rapaz. Ele provavelmente nem se importa com nada disso. Ele gosta de você e ponto.

A forma como ela me encara é desconcertante. É o seu olhar maternal, aquele que me diz que ela sabe de algo que eu não sei. Isso me deixa nervosa.

Desvio o olhar e como o último sushi.

— Ele pode gostar de mim o quanto quiser. Não quer dizer que vá acontecer alguma coisa.

— Aham — minha melhor amiga responde de forma evasiva.

O que só pode significar uma coisa. Ela acha que eu estou mentindo.

Sarah: *Chamando o sr. Bolas Azuis...*

Jack: *Acho que você mandou mensagem para o número errado.*

Sarah: *Onde você está?*

Jack: *Por quê? Vai me trazer comida?*

Sarah: *Quer que eu te leve comida?*

Jack: *Ah, Raio de Sol, você deveria saber que, a esta altura, a única comida que eu quero é... bem, você.*

Sarah: *Está tentando trocar mensagens apimentadas comigo, Westbrook?*

Jack: *Está funcionando? Porque eu nunca fiz isso.*

Sua resposta me faz parar. *Ele nunca fez sexo por mensagem antes?* Sinto algo parecido com orgulho ao saber que sou a primeira destinatária dessas mensagens.

Sarah: Posso ir te visitar com a versão da “comida” que você gosta. Está em casa ou no escritório?

Jack: Ainda no escritório, terminando algumas coisas.

Sarah: Posso chegar aí em dez minutos.

Jack: O código secreto é bater três vezes bem rápido e gritar: “Serviço de quarto!”.

Sarah: Ha. Ha. Te vejo daqui a pouco.

Jack: Mal posso esperar, Raio de Sol.

Dez minutos depois, bato na porta do escritório de Jack antes de virar a maçaneta. Espreito pela fresta, controlando a expressão para que pareça extremamente séria.

— Estou procurando por um cara gostoso de terno, cujo sobrenome é Westbrook. Sabe onde posso encontrá-lo?

Seu riso ecoa suave e inunda os meus sentidos quando seus olhos azuis encontram os meus. O sorriso leve exhibe seu prazer ao me ver.

— Talvez eu saiba. Por que não chega mais perto?

Rio e balanço a cabeça antes de trancar a porta.

— Você pareceu o lobo mau falando agora.

Ele empurra a cadeira com rodinhas para trás e se levanta. Os olhos se movem sobre mim em uma carícia suave antes de falar com a voz grossa e rouca:

— Você está linda.

Diminuo a distância entre nós, mas paro assim quando estou a um passo dele, encarando-o.

— Você e sua fala mansa. Só está dizendo isso porque te trouxe um presente. — Levanto a sacola de sushi antes de colocá-la na mesa.

Seus olhos brilham com algo que não consigo decifrar.

— Obrigado. — Então Jack faz uma coisa que me arrepia: ele segura o meu rosto e seus olhos me estudam com reverência, como se eu fosse um artefato precioso que ele é grato por poder segurar. — Mesmo se você não tivesse me trazido comida, eu ainda teria dito aquilo. — Ele faz uma pausa, seu olhar busca por algo. — Porque é a verdade, Raio de Sol.

Seus lábios pressionam os meus em um beijo muito diferente dos últimos. Parece haver mais emoção... tão cheio de afeição, carinho, e...

Não. Não. Não vamos por esse caminho.

Com uma necessidade desesperadora de mudar o clima, de sair do caminho no qual ele está tentando nos colocar, passo as mãos pelo seu peito, roço a mão em seu pau e seguro seu traseiro com a outra.

Ele interrompe o beijo, apesar de os lábios ainda tocarem os

meus quando diz:

— Alguém não está fazendo rodeios.

Sorriso, guiando-o de volta para a cadeira e levo as mãos ao seu cinto. Puxo a calça e a cueca por seus quadris e o faço sentar.

Com um sorrisinho arrogante, me ajoelho diante dele, seguro seu pau e o acarício. Suas pálpebras pesam com a excitação, e ele enrijece ainda mais. Deslizo lentamente a boca para baixo, tomando-o tão fundo quanto consigo e começo a acariciar o seu comprimento usando os lábios e a língua para criar uma sucção leve. Quando seus dedos seguram o meu cabelo com ainda mais força, sei que estou no caminho certo.

Seus quadris começam a se mover um pouco, como se parte dele estivesse tentando me incitar a tomá-lo ainda mais fundo, mas Jack ainda mantém certo controle para que eu não me engasgue, e sei que ele está chegando perto.

Acelero os movimentos. Minha saliva reveste a ereção e mantenho um ritmo constante quando, de repente, ele se afasta abruptamente, me fazendo tropeçar.

— *Putá merda!* — Ele olha para baixo, agarrando o pau enquanto o rosto se contorce em desconforto extremo.

Começo a me sentir em pânico.

— O quê? O que foi?

— *Está queimando!* — Ele pula para fora da cadeira, quase caindo, uma vez que a cueca e a calça estão nos tornozelos. Jack consegue se endireitar e desaparece no banheiro que fica no canto do escritório. Ouço um som frenético de água até que ele volta, minutos depois. A calça está no lugar e fechada.

— Raio de Sol... — Estou aliviada por ver que ele parece estar achando graça. — Você comeu algo apimentado mais cedo?

— Nã... — Sinto todo o sangue sumir do meu rosto. Ah, merda. *Ahmerdaahmerdaahmerda!*

Faço careta e cubro o rosto com as mãos.

— Rolinho apimentado de atum com molho picante e wasabi — minha voz soa baixa, monótona e abatida.

Porque, sejamos sinceros, em minha tentativa de compensá-lo por ter dormido no outro dia, cometi a proeza de queimar seu pau.

Com. A. Minha. Boca.

Sério... *Quem* faz isso? Ou, melhor ainda, com *quem* acontece isso?

Ninguém. A não ser comigo, é claro.

Jack

— Bem... — Meus lábios se curvam em um sorriso. — Isso foi bem... *picante*. — Estou tentando acalmar Sarah, porque sua vergonha pelo que acabou de acontecer é óbvia.

Ela tira a mão do rosto e solta um longo suspiro. Os olhos azuis estão abatidos e os lábios se curvam em um sorriso fraco.

— Podemos dizer que sim.

— Outra pessoa até diria que a situação ficou um pouco *ardente*.

Ela geme em descrença e me empurra de brincadeira.

— Acho que você já se fez entender, Jack.

— Que tal sairmos? — Pego meu paletó, a sacola de comida para viagem e as chaves. Com um sorrisinho, inclino a cabeça. — Gostaria de tomar um banho para me livrar da ardência que ainda não foi embora — brinco e arqueio a sobrancelha na última parte, fazendo um rubor intenso se espalhar pelas bochechas dela.

— O mínimo que posso fazer é te levar para a minha casa. Você pode tomar banho lá e podemos ver um filme. — Ela faz a oferta, esperançosa, as profundezas dos olhos azuis quase me hipnotizam.

— Podemos assistir *A princesa prometida*?

Ela solta uma risadinha.

— Como quiser.

— Ela está se arriscando no mundo do namoro.

Uma bola passa voando pela minha bochecha e quase me atinge, porque sou pego de surpresa com a admissão de Ry. Ela quica loucamente nas paredes da quadra fechada da academia.

— Como assim? — Eu o encaro.

— Como assim o quê? — Ele me lança um olhar exasperado, preparando-se para sacar de novo. — Foi você que não rebateu.

Como se eu pudesse me concentrar no nosso jogo de raquetebol quando a ideia de Sarah namorando está fresca na minha mente.

Devolvo o saque com um resmungo e pergunto:

— Como assim ela está se arriscando no mundo do namoro? — A ideia de Sarah estar saindo com outros homens é mais do que preocupante e o pânico me domina.

— Mags também me falou que ela está considerando baixar um

aplicativo de relacionamentos, mas quer usar algo que a conecte com pessoas que têm gostos similares.

— Que coisa ridícula.

Ry quica a bola algumas vezes antes de opinar de maneira casual:

— Ou útil. Porque se você odeia carpete e camisa de flanela, como alguém poderia superar isso e se apaixonar?

Ah, Jesus.

Então ele sorri e quica a bola mais algumas vezes.

— Ouvi dizer que ela vai se encontrar com um cara na The Tavern por volta das sete hoje, depois do trabalho. — Ry pisca. — Mas não fui eu que te contei. — Mais duas quicadas da bola. — Consegue tirar a Sarah da cabeça e voltar a prestar atenção no jogo?

— Vamos lá.

— Jack? O que está fazendo aqui?

Sarah claramente foi pega de surpresa quando parei em frente à cabine onde ela está sentada, esperando o cara com quem vai se encontrar hoje à noite.

— Estava pela região e pensei em parar e beber algo. Te vi e tive que vir te cumprimentar — explico, alegre.

— Oi. — Ela acena enquanto olha além de mim, verificando se o cara chegou.

— Ah, Raio de Sol. — Faço um biquinho dramático. — Vai mesmo me descartar assim? Sem olhar duas vezes?

— Sim — a resposta é rápida e os cantos de seus lábios se curvam em um pequeno indício de humor. O brilho nos olhos é prova de que ela ama as nossas brincadeiras tanto quanto eu.

— Sabe o que eu acho?

— Estava me perguntando exatamente isso. — Ela solta um suspiro dramático.

Me abaixo, apoio a mão na mesa e me deleito com a sua inspiração profunda quando me aproximo.

— Acho que você queria que eu aparecesse hoje. — Ela entreabre os lábios, mas antes que possa responder, me aproximo mais. — Acho que você esperava que o Ry fosse me contar onde você ia se encontrar com outro cara, porque queria ver como eu reagiria.

Aproximo a boca de sua orelha e falo baixinho:

— Para ver se eu apareceria e te diria que quero que você vá para casa comigo. Que quero que você pense em mim e não em outro cara. Que desejo que você pense no que sentiu quando a minha língua e os meus lábios saborearam a sua boceta gostosa naquela noite.

A respiração dela fica suspensa, e eu insisto:

— Quero que você pense em como será quando eu deslizar meu pau bem fundo dentro de você.

Me afasto devagar, contemplo seus lábios entreabertos e os olhos turvos de desejo. Dou uma piscada, endireito a postura e bato com as juntas dos dedos de leve na mesa.

— Tenha uma boa noite, Raio de Sol.

Vou até o bar, me sento no banco de couro gasto e peço uma cerveja. Deus sabe que vou precisar de uma bebida para me ajudar a superar o fato de que Sarah está em um encontro.

Fui enganado. E pelo meu melhor amigo.

Ouçõ o riso enquanto estou sentado no bar a alguns metros de distância, como a droga de um assediador. E Sarah gargalha de novo.

Encontro é uma ova. O filho da mãe do Ry me fez acreditar que ela estaria em um encontro de verdade, não simplesmente se encontrando com Clint. Encaro o copo e giro o gelo. Antes de decidir se deveria dar a noite como encerrada e ir para casa ou pedir outra bebida, sinto um toque no cotovelo.

— Ei, Só Jack. — Clint está sorrindo para mim com aqueles dentes perfeitos e o cabelo loiro penteado de maneira imaculada. — Você sabe que poderia ter se sentado com a gente, não é?

Com um riso sem graça, balanço a cabeça.

— Não sabia se vocês me queriam lá.

Ele me cutuca.

— Ah, pare com isso. Não vai ficar aqui sentado esperando um convite, vai? Vamos. Não pensei que você fosse esse tipo de cara. — Ele inclina a cabeça para o lado com um risinho. — Sabe, se alguém tivesse me mordido forte o bastante para deixar uma marca e me dado um tapa, talvez eu tivesse gostado. — Ele fica em silêncio por um instante e depois sorri. — Não, mentira. Não gosto muito de dor. Mas, pelo menos, agora você sabe do que ela não gosta.

— Exceto pela parte em que ela não parece estar interessada nas mesmas coisas que eu.

Ele arqueia as sobrancelhas.

— Ah. Você quer um relacionamento, não é? — Ele assente devagar, como se estivesse ponderando a situação e apoia a mão no meu ombro. — Jacky, Jacky, Jacky. O terreno já foi preparado para você. Mas... — ele se inclina e baixa a voz — fatos são fatos. E o fato é que aquela mulher te quer tanto que está enlouquecendo.

— Com ênfase na parte da loucura, imagino.

— Só estou dizendo para você não desistir. É preciso ser firme e mostrar a ela quem é que manda. — Ele dá uma piscadinha. — E hoje é a noite perfeita para isso, ela já bebeu dois drinques e está relaxada.

Vou deixar o resto por sua conta.

Ele caminha de volta para Sarah. Pela visão periférica, eu os vejo se despedir. Jogo dinheiro no bar para pagar a conta, passo pela cabine deles e espero por ela na calçada.

Assim que ela sai, eu me aproximo.

— Ei, Raio de Sol?

— Sim? — Ela tira da bolsa um chocolate envolto em papel alumínio e o abre. Como de costume, ela lê a mensagem na parte de dentro antes de dar uma mordida.

— Quando fico perto de você, não sinto o meu rosto.

Ela me encara.

— Está se comunicando através de letras de música agora? É sério, Jack?

Bem, pelo menos ela notou que era o sucesso do The Weeknd, *Can't feel my face*. Deveria valer de algo.

Ela olha para o céu e os lábios estremecem em sua tentativa de não sorrir. Então ela bate no meu peito.

— É sério mesmo, Jack? Você não pode estar...

Rapidamente, estendo a mão e envolvo sua nuca enquanto levo a outra até a cintura, puxando-a para mim.

Minha boca interrompe suas palavras.

Sarah

Estou convencida de que os beijos de Jack são mágicos e têm algum tipo de superpoder secreto, porque quase não noto que ele está me levando para baixo do toldo e me encostando na parede de uma loja. Tudo o que me importa é o fato de ele estar me beijando de novo. E me deixe dizer uma coisa: os beijos dele são únicos, algo a ser saboreado. Ele não baba no meu rosto, nem tenta me engolir. Ele é gentil e usa a quantidade perfeita de língua.

Falando em língua... *caramba*. Quando a sua língua desliza contra a minha, sinto um choque elétrico até os dedos dos pés. O gosto do meu chocolate misturado a Jack é delicioso.

Quando interrompemos o beijo, estamos ofegantes e eu suspiro alto:

— Seus beijos — balanço a cabeça com os olhos ainda fixados nos lábios dele — têm algum tipo de magia estranha...

— Que tipo de magia?

— E eu os sinto lá embaixo...

— Nas partes íntimas?

— Eu ia dizer nos dedos do pé. — Faço careta.

— Ah. — Sua expressão é de decepção.

Sorrio e pisco para ele.

— Estou brincando. — Me aproximo, roço os lábios nos dele e sussurro: — Eu sinto nas minhas partes íntimas. — Mordisco seu lábio inferior inchado antes de adicionar: — E em todo o resto do meu corpo.

Um grunhido baixo irrompe de sua garganta e sou imediatamente encurralada entre seu peito firme e amplo, e a construção dura de tijolo às minhas costas. O corpo musculoso me pressiona enquanto Jack embala a parte de trás da minha cabeça. Quando a boca se inclina para a minha, tomando-a em um beijo ainda mais sexy e apaixonado, cada fibra do meu corpo se eletrifica. O deslizar de sua língua na minha provoca outro arrepio delicioso em meu corpo, e tenho certeza de que meus mamilos não poderiam estar mais duros.

Quando paramos para respirar, pressiono as mãos em seu peito. Nossos olhares se encontram e sussurro:

— Se quiser continuar com isso, é melhor vir para casa comigo *agora*.

No mesmo instante, Jack entrelaça os dedos aos meus e nos apressamos pela calçada até a esquina para chamar um táxi.

Masturbação é uma das melhores atividades do mundo. Há dias em que até me arrisco a dizer que *é* a melhor.

O ponto é que... tenho o apetite sexual de uma adolescente. Vou deixar você decidir se é uma bênção ou castigo. Não, é sério. Tenho mesmo. Aqui vai um exemplo: depois de uma boa transa, quando *realmente* tenho um orgasmo e estamos deitados, tentando recuperar o fôlego, o cara, em geral, está pensando em uma soneca, uma cerveja ou qualquer outra coisa. Mas eu? Estou pronta para outra rodada. Não preciso de tempo para me recuperar. Estou a postos.

Próximo exemplo: eu amo me masturbar. Poderia até ser paga para fazer isso. Com certeza, aceitaria uma oportunidade dessas. Sem mencionar que estou convencida de que ganharia *milhões*. Consigo me masturbar diversas vezes seguidas. Acho que o meu recorde é dezesseis vezes consecutivas. Fiquei um pouco dolorida depois, mas valeu muito a pena.

Pode dizer que sou esquisita e que preciso de ajuda, mas posso alegar com total sinceridade que uma vez, uma pessoa me falou: “Me ensine, Obi-Wan Kenobi”. Mas tenho que admitir: isso tem um preço. Porque juro que queimo o motor de, pelo menos, um vibrador a cada três meses. E tenho que substituir as baterias recarregáveis duas vezes por ano. A opção de assinaturas com desconto na Amazon? É perfeita, porque, *obrigada, deuses da masturbação*, ela me permite economizar dinheiro e me envia um novo vibrador a cada trimestre. Bem a tempo de o antigo morrer.

Um dos meus problemas é com homens que não são confiantes o bastante para permitirem que meu vibrador participe durante a nossa diversão. Agem como se eu os tivesse, de alguma forma, insultado e dizem coisas tipo: “Isso é esquisito”.

Sabe o que é esquisito? Quando os caras não se dão ao trabalho de pensar fora da caixa para satisfazer uma mulher. É isso que é esquisito, pessoal.

Você deve estar se perguntando o que estou querendo dizer. Quero fazer Jack passar pelo desafio, ou seja, vou apresentar o vibrador a ele. Caso meu brinquedinho seja aceito, ele passará com louvor. Se não, vai ser: *obrigada, próximo*.

Uma voz interna sussurra: “Você está esperando que ele não passe. Ele te deixa incomodada, porque você sabe que ele quer mais do que está disposta a oferecer”.

Tento silenciar e mandar para longe essa linha de pensamento. Puxo Jack para dentro do meu apartamento e mal consigo trancar a

porta antes de começarmos a arrancar as roupas um do outro, deixando uma trilha pelo corredor até o meu quarto.

Quando eu o empurro na cama, não posso evitar me parabenizar mentalmente por ter conseguido colocar mais de um metro e oitenta de gostosura masculina em toda a sua glória desnuda em cima dos meus cobertores. Me movo para montar nele, estico o braço para abrir a gaveta da mesinha de cabeceira e seguro um objeto familiar antes de retirá-lo.

— Prepare-se, Westbrook. — Meus olhos encontram os dele em desafio.

Seu olhar escorrega pelo meu corpo nu antes de voltar para o brinquedo em minha mão. Ele estende o braço e toca o botão de velocidade, colocando-o no mais rápido. Pressionando a ponta no clitóris, me movo com o contato e ajusto minha posição sobre Jack. A sensação de seu pau cada vez mais duro debaixo das minhas pernas abertas, combinada com a maneira com que ele move o objeto sobre o meu clitóris, provoca arrepios deliciosos.

Ele passa a mão pelo meu corpo, envolve um dos seios e acaricia o mamilo enrijecido. Arqueio em direção ao toque e movo os quadris bem devagar, incitando-o em silêncio enquanto fecho os olhos.

— Puta merda, Sarah. — Ele ofega. — Você está molhada pra cacete. — Jack continua a se dedicar ao meu clitóris, me levando para ainda mais perto do orgasmo enquanto brinca com um mamilo, beliscando-o. Posso sentir meu centro cobrindo a ponta de seu pau com a umidade. Caramba, preciso dele dentro de mim outra vez.

— Jack — gemo, me movendo sobre ele. — Não pare. — Estou tão perto... perto demais. Curvo os dedos, meus músculos tensionam em antecipação e sinto o começo do primeiro espasmo nos músculos internos... — Aaaah! — Me afasto, tentando sair de cima dele o mais rápido possível e acabo caindo no chão. O impacto me deixa sem fôlego e fico deitada ali, nua e chocada. — O que é que foi isso? — sibilo baixinho encarando o teto.

— Você está bem? — Jack paira acima de mim, preocupado.

— O que foi que aconteceu? — Meus olhos estão arregalados de choque e horror. Esfrego minhas partes íntimas, que acabaram de levar um choque *de verdade*.

— Hum, eu acho que... — Suas palavras perdem forças, como se estivesse incerto sobre como me contar. — Foi algum tipo de curto-circuito no vibrador? — Sua expressão flutua entre choque e riso.

Passo um braço sobre os olhos e resmungo, murmurando comigo mesma:

— É sério que quase cauterizei minha vagina hoje? Parabéns, Sarah. Meus parabéns.

— Vagina cauterizada deve ser uma iguaria em algumas partes do mundo.

Movo o braço e o encaro, mas não consigo fazer isso por muito tempo, porque Jack está sorrindo para mim de um jeito brincalhão. Aquela mecha de cabelo se solta de novo e cai sobre sua testa. Eu a coloco no lugar e deixo a mão ali enquanto contemplo seus olhos azuis e permito que seu sorriso suave me envolva.

Suspirando, bufo um risinho.

— Quer não se arriscar mais, ficar quietinho e ver *A princesa prometida* comigo?

O sorriso dele se amplia. Jack se levanta e estende a mão para me ajudar a me levantar.

— Como quiser.

Jack

Os créditos sobem na tela da TV, marcando o fim do filme, e ela solta um suspiro que soa muito mais extravagante quando comparado ao que estou acostumado. Olho para ela, que está enrolada do meu lado, e arqueio uma sobrancelha em questão.

— Está triste porque acabou?

Antes de se afastar de mim, ela suspira de novo, com uma expressão pensativa.

— É a mesma coisa toda vez que assisto. — Ela desvia o olhar e dá de ombros. — Sempre me pergunto que tipo de cara passaria por tudo isso por uma mulher. Alguém que basicamente não deu atenção a ele até quase ser tarde demais. — Seu olhar foca no meu. — Depois, imagino como seria ter alguém que nunca desistiria, que nunca me abandonaria por livre e espontânea vontade.

Ela fica em silêncio por um instante, desvia o olhar e ri de um jeito forçado.

— Olhe para mim, toda sentimental. — Ela se levanta do sofá e pega a tigela enorme de pipoca da mesa de centro, onde agora só há alguns piruás sobrando.

Meus olhos acompanham seus movimentos enquanto ela vai em direção à cozinha e desaparece de vista. Suas palavras perduram.

“Sempre me pergunto que tipo de cara passaria por tudo isso por uma mulher. Alguém que basicamente não deu atenção a ele até quase ser tarde demais.”

Parte de mim não consegue evitar se perguntar se essas palavras também valem para nós dois. A vibração repentina do meu celular na mesinha de centro me tira dos meus pensamentos. Estendo a mão, ignoro o lembrete do calendário que me alerta sobre uma reunião on-line intensa, com uma empresa de softwares de linguística com sede em Moscou, logo cedo.

Um dos caras que conheci no MBA foi transferido para a sede dessa empresa. Ele entrou em contato comigo para ver se eu poderia apresentar minhas ideias a eles. Concordei, porque, se eu os ganhasse como cliente, seria uma conta enorme que alavancaria minha carreira e reputação.

— Já está de saída?

Olho na direção dela e a encontro apoiada na parede, me observando. Ela parece cansada e, apesar de eu ter que acordar bem

cedo amanhã, minha hesitação em partir pesa na consciência.

Droga. Sendo bem sincero, odeio deixar Sarah em qualquer momento. Ela se tornou um dos meus vícios. Como aqueles chocalatinhos que tem sempre em mãos, ela é o meu desejo por doces... sempre quero passar mais tempo com ela.

Solto um longo suspiro, me levanto do sofá e guardo o celular no bolso da calça. Me aproximo dela e apoio as mãos de leve em sua cintura.

— Tenho uma reunião bem cedo e preciso dar o meu melhor.

O arrependimento óbvio no meu tom é outra prova de que não quero ir. E posso jurar que o indício de algo na expressão dela me faz acreditar que Sarah talvez esteja sentindo a mesma decepção ao constatar que a nossa noite está terminando. De uma coisa tenho certeza: eu não poderia ter previsto os eventos da noite de hoje, por mais inesperados que tenham sido, mas não mudaria nada se tivesse a chance de voltar no tempo. Porque tudo nos trouxe até aqui, até este momento perfeito.

— Boa noite, Raio de Sol. — Roço os lábios de leve nos dela, sabendo que tenho que me impedir de aprofundar o beijo. Preciso manter o controle, uma vez que pretendo revisar minha proposta de negócio ainda hoje para garantir que esteja pronta pela manhã.

A despedida me segue como a mais delicada das carícias. E percebo qual é o verdadeiro desafio que estou enfrentando: preciso que Sarah esteja tão viciada em mim quanto é viciada naqueles chocolates.

Sarah

— O seu vibrador te deu um choque? — Maggie já repetiu isso cinco vezes. — Como isso aconteceu?

— Já terminou?

— Acho que poderíamos dizer que o que você e Jack têm é — ela faz uma pausa para enfatizar — *elétrico*. — Ela faz sons de choques e ri de novo.

— Que bom que eu sirvo de alívio cômico para você.

— Você tem que admitir... — Seu sorriso aumenta — É engraçado pra caramba.

— Hilário — respondo, seca. Me acomodo no sofá e solto um longo suspiro. — Talvez o universo esteja tentando me dizer algo — penso em voz alta. — Talvez eu devesse dar uma chance aos aplicativos de namoro.

Maggie faz um som de desprezo.

— Sarah, aplicativos de namoro são ridículos. As pessoas incluem no perfil coisas como se odeiam ou não pagar por uma porção extra de guacamole.

— Bem, isso é de tirar qualquer um do sério... — falo em tom divertido. Ela revira os olhos para mim. — Eu deveria desistir dos homens e direcionar toda minha energia ao cultivo do manjerição que tenho na janela.

— Sério? — Ela me encara e enruga o nariz. — Você está se ouvindo? Além disso, seu manjerição é patético.

— É. Coloque isso na lista de mais uma dica ruim do *Pinterest*. — Solto um longo suspiro, pego o celular e abro o aplicativo de namoro. — Venha aqui, vamos ver se eu encontro um cara que não vá canalizar seu dominador interior.

Maggie se aproxima e espia a tela do aparelho.

— Você também deveria procurar saber se gosta de se aconchegar no sofá e assistir a clássicos como *Clube dos cinco*, *A garota de rosa-shocking* ou, sei lá — ela meio que dá de ombros — talvez *A princesa prometida*.

Sua tentativa de soar indiferente é, na melhor das hipóteses, patética. Eu a encaro, mas seu olhar permanece na tela do meu celular.

— Sutil, Maggie. *Muito* sutil.

Ela olha para cima e me encara. Seus lábios estão curvados em

um sorrisinho astuto.

— Só estou dizendo que você não vai achar um cara desses aí.

— Ela assente em direção ao meu celular.

Bufo, jogo o aparelho de lado e ele pousa no assento ao meu lado. Coloco a mão no bolso do moletom com capuz, pego um dos meus chocolates e o desembulho. Estaria mentindo se dissesse que a mensagem escrita no interior da embalagem não me faz paralisar.

PARE DE BUSCAR O QUE ESTÁ BEM NA SUA FRENTE

— Ele é um fofo. Você poderia ficar com ele.

Empurro Clint, dou a volta no balcão das enfermeiras e sibilo:

— Você não pode estar falando sério.

— Ele parece estar se divertindo pra caramba, Sarah. — Clint sorri.

— Ele chegou com um pepino japonês enfiado no traseiro, Clint. — Eu o encaro, séria.

Seu sorriso se alarga e os olhos cintilam em deleite.

— Como disse, ele parece ser divertido. — Sua expressão fica séria de repente e ele parece preocupado. — Mas você vai ter que mantê-lo longe da seção de hortifrúti. — Ele franze os lábios, pensativo. — Talvez seja uma tentação muito forte para o rapaz.

Com um som frustrado, volto a atenção ao prontuário do paciente, ignorando meu amigo de propósito.

— Clint — grunho.

— Sim, Raio de Sol?

Viro a cabeça para encará-lo, e ele me lança um olhar de quem sabe de tudo.

— Não se preocupe. Sei que esse é o apelido que o Jack te deu. Só queria saber se ainda funciona, porque você o está evitando ultimamente.

— Eu não...

— Está, sim — Clint me interrompe com calma.

— Como é que você sabe disso? — Jogo as mãos para cima, exasperada.

Ele cruza os braços.

— Porque nós conversamos, Sarah. Eu e ele podemos não ser próximos ao ponto de compartilharmos pequenos incidentes de tapas, mordidas e choques na pepeca, mas Jack e eu nos tornamos amigos.

Tento ignorá-lo ao me virar e passo os olhos pela escala.

— Você ainda não encontrou ninguém naquele aplicativo, não é? — As palavras sussurradas em meu ouvido deixam minha mandíbula tensa.

— Eu não disse isso.

— Não precisou. Sua calcinha seca diz tudo.

Me viro para encarar Clint, cutuco o seu peito e murmuro:

— É melhor você parar agora ou vou fazer uma denúncia.

Arqueando as sobrancelhas, ele pega o celular e se afasta com um sorrisinho alegre.

— Como se alguém fosse acreditar que eu, o Enfermeiro do Mês, poderia ser qualquer coisa além de um encanto. — Clint para por um milissegundo. — E mais: estou no meu intervalo, então pensei em dar uma passada na cantina e enviar uma mensagem ao meu novo melhor amigo sobre a calcinha terrivelmente seca de alguém.

— Cli...

— Até mais, Raio de Sol. — Ele sai, e eu fico ali, fuzilando suas costas com o olhar.

— O que é que está acontecendo entre você e o Jack?

Fecho a porta da lava-louças, aperto o botão para ligá-la e me reclino no balcão da cozinha.

— Nada. — Dou de ombros. — Estou convencida de que o universo está trabalhando contra nós. Mas também não é segredo que eu o acho tão gostoso que alguém poderia se afogar na minha calcinha quando ele está por perto.

Maggie arqueia as sobrancelhas e arregala os olhos.

— Uau.

— Ouvi a palavra calcinha, então podem contar comigo. — Ry entra todo sorridente na cozinha. Ele passa o braço ao redor dos ombros de Maggie e sussurra algo que faz as bochechas dela corarem antes de dar um beijo rápido em sua têmpora.

— Que droga. — Aceno para eles como se os enxotasse dali. — Casais apaixonados.

A verdade é que eu os adoro e o fato de que estão loucamente apaixonados me emociona. É meio nojento os dois serem tão perfeitos um para o outro? Claro. Isso também me faz querer dar vomitar quando estão sussurrando de forma desavergonhada? Obviamente. Mas encaro a situação, porque é o que melhores amigos fazem.

Ry pega uma garrafa de água na geladeira, se vira e me olha com curiosidade ao abri-la.

— Então, o que tem a calcinha? — Ele sorri e toma um gole.

— Sarah disse algo sobre o Jack ser tão gostoso que alguém poderia se afogar na calcinha dela. — Maggie se vira para ele.

Ry cospe água por toda parte, praticamente dando um banho na minha amiga. Com uma crise de tosse por causa do riso, ele leva a mão a boca, tentando recuperar o controle. Pego um pano de prato e o

jogo em direção à Maggie para que ela possa limpar a bagunça.

— Não acho que a sua reação seja justificada — digo para ele.

Maggie joga o pano de prato no balcão e anuncia que vai trocar de camiseta.

— Desculpe, Mags — Ry grita ao vê-la desaparecer no corredor. Ele volta sua atenção para mim e balança a cabeça, sorrindo. — Sarah, Sarah, Sarah. Nunca deixa de me surpreender.

— Foi você quem perguntou. — Dou de ombros e abro um sorriso presunçoso.

Ele olha para o corredor e então para mim.

— Presumo que você e o Jack estão se entendendo. Quero dizer, ainda mais com você falando — ele hesita por um momento e não posso evitar achar o seu desconforto engraçado — da sua calcinha e, hum... afogamento.

— Mais ou menos. — Dou de ombros outra vez. — Sem mencionar os incidentes malucos que sempre acontecem quando estamos juntos.

Com a expressão séria outra vez, Ry não fala nada por um momento e lança outro olhar para o corredor, na direção para onde Maggie foi. Ele volta a me olhar e acena para que eu me aproxime, então abaixa o tom de voz. Se eu não o conhecesse, estaria preocupada. Mas seus olhos brilham com malícia e sei que ele está tramando alguma coisa.

— Enquanto ela está lá — ele diz baixinho —, me conte uma coisa. — Ele arqueia um pouco a sobrancelha. — A Mags já comentou algo sobre eu induzir o efeito “afogamento na calcinha” nela?

Controlo minha expressão e balanço a cabeça com uma tristeza fingida.

— Tão seca quanto o Deserto do Saara, Ry — respondo, soltando um longo e pesaroso suspiro para enfatizar minhas palavras.

Ele me encara por um momento e dou o meu melhor para manter a expressão séria.

Seus lábios se curvam em um sorriso largo, e ele passa um braço ao redor do meu ombro, me prendendo em uma chave de braço. Ao me trazer para perto, ele usa a outra mão para esfregar minha cabeça, bagunçando meu cabelo como se eu fosse uma criancinha.

— Ry!

— Mentirosa! — Posso ouvir o riso em sua voz enquanto luto para me libertar de seu braço. — Admita! Admita o afogamento na calcinha!

— Tudo bem! — respondo, ainda lutando. — Sempre! Ela sempre diz isso!

Ele me solta. Tento ajeitar o cabelo e lanço um olhar duro a Ry. Antes que eu possa ter a chance de dar uma bronca nele, ouvimos

Maggie falar:

— Não acho que ela merecia uma chave de braço, Ry. — Minha amiga está parada com os braços cruzados, nos observando e quase não consegue esconder o fato de ter achado graça.

— Ah, mas um homem precisa fazer o que é necessário, Mags. — Ry a puxa para perto e dá um beijo em sua testa antes de se inclinar para trás e abrir um sorriso arrogante. — Ainda mais quando se trata de afogamentos em calcinha.

Sarah

Estou sentada em nosso restaurante tailandês favorito com Maggie, Ry e Jack, que chegou atrasado por causa de uma reunião de trabalho.

Dizer que Jack está delicioso no terno escuro seria um eufemismo e tanto. Ele fica maravilhoso de terno. Não vou mentir e dizer que não estou fantasiando me arrastar para o colo dele e o livrar daquelas camadas de tecido feito sob medida.

Em vez disso, me inclino para frente e digo em voz baixa, para que os nossos amigos não escutem:

— Estava pensando... talvez, depois que terminarmos o jantar, poderíamos nos divertir um pouco. *Lá embaixo*.

Sim, eu disse isso. Estou sugerindo de forma descarada que podemos nos divertir – com oral – mais tarde.

Jack me encara com uma expressão estranha.

— Eu não estou com muita vontade de ir lá embaixo, Sarah. — Ele se concentra em espetar um camarão de seu *pad thai*. — É bem nojento.

Desculpa, *o quê?* Desde quando ele acha ir *lá embaixo* tão desagradável?

— Não entendi. Achei que você fosse gostar, com base na última... — dou uma olhada em nossos amigos que agora estão sintonizados e focadíssimos na conversa entre Jack e eu — Experiência.

Enquanto praticamente revelo tudo à minha melhor amiga, não sei se quero que Ry escute esta conversa específica. Mas não tenho muitas opções, porque Jack está falando alto o bastante para que Maggie e Ry escutem.

Sua expressão fica um pouco enjoada.

— É muito... grudento. — Ele estremece. — Nojento.

Do que que ele está falando? Grudento? Nojento?

Ele continua:

— Digo, não só grudento, como também um lugarzinho compacto, abarrotado — ele continua.

Meus lábios se afastam, e eu o encaro com o queixo um pouco caído.

— Um lugar compacto e abarrotado? — repito, completamente horrorizada.

— Sinceramente, não me sinto confortável lá embaixo. — Jack não para de falar e enfia um camarão na boca. Ele o mastiga e engole. — A não ser que eu tenha tomado algumas bebidas para entorpecer um pouco os sentidos e fazer tudo ser menos...

Vagamente, noto o som dos risos abafados de Maggie e Ry. Mas eu os ignoro, porque parece que tenho problemas maiores aqui. Sem mencionar que ainda estou presa àquela reclamação sobre o lugar ser “grudento”. Sem trocadilhos intencionais.

— E tem o cheiro — Jack complementa, fazendo uma careta desgostosa. — Caramba, é possível ver que limparam, mas o cheiro não sai. É um cheiro de taco podre.

Espantada, eu o encaro.

— *O QUÊ?* — Viro a cabeça para Maggie e Ry, pensando que, pelo menos, minha melhor amiga se intrometeria para me defender. Mas, não. Ela e Ry estão apoiados um no outro, com os ombros balançando e a cabeça curvada, como se tentassem disfarçar as expressões.

Volto à realidade, me concentro em Jack e semicerro os olhos de forma perigosa.

— Como é que é? Lá *não* fede a taco podre!

— Escute, Sarah — Jack diz, suspirando. — Entendo que possa parecer divertido para você, mas não é algo que eu goste. Não mesmo. Quero dizer — sua expressão se ilumina um pouco, como se tivesse pensado em algo —, talvez seja possível arrumar ou fazer uma limpeza completa. Realmente ir bem fundo e esfregar tudo. Tirar aquele cheiro e toda a poeira de lá.

Não posso acreditar.

Eu. Simplesmente. NÃO. Posso. Acreditar.

— É... — Ele franze a testa. — É uma aparência difícil de ignorar.

Arqueio as sobrancelhas.

— Aparência?

— Sim. Alguém precisa arrumar lado de fora e deixar tudo mais atrativo. É bem sem graça do jeito que está.

Sem graça?

— Você está falando sério, Westbrook? — Estou irritada. Irritada pra caramba.

— Olha — Jack responde com calma —, entendo que você e a Maggie possam gostar de lá, mas para mim e para o Ry, não é tão legal.

Antes que eu tenha a chance de dar uma resposta, Ry interrompe, erguendo as mãos.

— Ei, ei. Espere aí. — Ele parece estar tentando segurar o riso. — Acho que existe a possibilidade de vocês dois estarem falando de

coisas completamente diferentes.

Nós dois encaramos Ry antes de voltarmos a olhar um para o outro, e Jack franze a testa, a confusão marcando seus traços.

— Você não estava falando daquele bar antigo na parte baixa da cidade?

Ah.

Meu.

Deus.

Ele estava falando do bar que fica a alguns quarteirões dali, na parte baixa da cidade. Um bar. A droga do bar a que eu e Maggie sempre nos referíamos como *ir lá embaixo*. Não da minha vagina.

Pressiono os lábios com força e sinto a vergonha me inundar.

— Hum, não exatamente — eu respondo, devagar.

Ele me encara por um instante e abre um sorriso quase ofuscante. A gargalhada é estrondosa.

— Ah, Raio de Sol... — Ele ri, balançando a cabeça. Passa um braço ao redor da minha cadeira e se inclina para frente, aproximando a boca da minha orelha. — Você deveria saber que estou sempre disposto a dar uma volta *lá embaixo*. — Seus lábios roçam o lóbulo, o que provoca um leve tremor, e minha pele fica toda arrepiada. — Vou me certificar de não comer nada apimentado antes.

Leva um tempo para meu cérebro compreender suas palavras, para atravessar a névoa da voz grossa e rouca de Jack, pois o tom sedutor praticamente me arrebatava, mas quando entendo o que ele diz, meus olhos disparam para os seus, risonhos. O sorriso do homem está tão largo que é quase impossível ficar séria. Balanço a cabeça para ele.

— Seja bonzinho, Westbrook — eu o advirto, cutucando-o de brincadeira com o cotovelo.

Em resposta, ele me puxa para mais perto, dá um beijo leve na minha têmpora e sussurra:

— Sempre sou bonzinho com o meu raio de sol.

Nós quatro voltamos a comer e o riso, a zombaria agradável e as histórias nos entretêm como sempre. Ainda assim, estou um pouco distraída pelas palavras sussurradas de Jack. Ou, mais especificamente, por quatro delas.

“Sempre sou bonzinho com o meu raio de sol.”

Meu. Raio. De. Sol.

Eu estaria mentindo se dissesse que essas quatro palavras não fizeram uma parte minha desejar que aquilo fosse verdade.

Que eu realmente fosse o raio de sol dele.

Jack

— Você não está chateada por não irmos dar uma voltinha lá embaixo? — Dou uma piscadinha para Sarah, que balança a cabeça, rindo.

Decidimos ir ao Max Londons depois do jantar com Maggie e Ry. Estamos no bar do restaurante lotado, conversando e olhando as pessoas. Ela toma o especial da casa, sangria de vinho branco, e eu fico na cerveja.

Empurro seu ombro de leve.

— Você nem precisaria ter perguntado. — Aproximo os lábios de sua orelha para garantir que ela me escute apesar do barulho animado do restaurante. — Amo tudo relacionado a você. — Faço uma breve pausa, minha voz fica rouca só de pensar no seu corpo sob o meu. — Principalmente sentir seu gosto.

Ela se afasta e se vira um pouco, com os olhos azuis turvos de desejo.

— Você é perigoso.

— Como assim?

Ela umedece os lábios e chega mais perto.

— Você me faz querer fazer coisas que me colocariam em problemas. — Ela passa a mão pela minha coxa, o que parece inocente, mas então roça meu pau antes de se afastar.

Fico duro no mesmo instante, o breve toque me faz ansiar por mais.

— Raio de Sol... — balanço a cabeça com o olhar fixo no dela. — Você está brincando com fogo.

Com um sorriso perverso, ela coloca a mão na bolsa para pegar o que imagino ser um dos “seus” chocolates. Abrindo-o, Sarah lê a mensagem na parte interna da embalagem antes de dar uma mordida. Assim que está prestes a guardar o que resta do doce, apoio a mão em sua perna, passando os dedos por baixo da bainha para acariciar a parte interna da sua coxa.

— Não vai me oferecer um pedaço?

Seus olhos encontram os meus e ela hesita por um momento antes de levar o chocolate até a minha boca. Meus lábios envolvem os dedos dela e a ponta da língua toca um deles. Ela entreabre a boca, as pupilas dilatam e a respiração acelera. Não consigo impedir a expressão satisfeita em meu rosto.

Inclino a cabeça e dou um beijo suave em seus lábios, murmurando contra eles:

— Você quer ir para a minha ca...

— Sim. — A resposta imediata faz expectativa percorrer meu corpo. Mas é a maneira como sua mão se encaixa na minha quando ofereço ajuda para descer do banco que me afeta. Uma enchente de possessividade me inunda ao sairmos restaurante de mãos dadas, e tudo que ouço na minha cabeça é o eco de uma palavra.

Minha.

— Você está usando roupas demais.

A reclamação sussurrada de Sarah me faz sorrir. Frenética, ela desabotoa a minha camisa a caminho do quarto. Sarah me livrou do paletó no instante em que entramos no apartamento.

— Isso também vale para você. — Alcanço a parte de trás da saia, encontro o zíper e o puxo até o tecido cair aos seus pés.

Não importa quantas vezes eu veja essa mulher nua, a visão dela ainda consegue me deixar sem fôlego. Eu a seguro pela cintura e meu polegar toca sua calcinha.

— Tire. — Sarah agarra a minha camisa, e eu a deslizo pelos braços enquanto ela se concentra no meu cinto, puxando-o como se estivesse sendo cronometrada e precisasse desafivelá-lo em trinta segundos ou menos.

— Raio de Sol. — Meu tom é divertido, e ela me observa, questionadora. — Não precisa de tanta pressa.

— Errado — ela responde de imediato e não resisto ao leve riso que me provoca. — Estou com muita pressa, Jack. — Aqueles olhos azuis parecem escurecer ainda mais com o desejo. Ela faz beicinho e sua voz fica rouca. — Se você me sentir, vai entender o motivo de eu estar com tanta pressa.

Caramba. Essa mulher... nunca estive com alguém tão confiante, tão destemida para expressar a si mesma e aos seus desejos.

Ela tira a calcinha enquanto solta a minha calça e a puxa para baixo junto com a cueca boxer. Sem qualquer hesitação, levo a mão entre as suas coxas e penetro dois dedos em sua umidade.

Seu arquejo me atinge, e observo os seus olhos se fecharem enquanto ela inclina os quadris. Baixo a cabeça, roçando seus lábios a cada palavra sussurrada:

— Você está tão molhada, Raio de Sol. É para mim?

— Sim — ela sussurra, rouca.

— Abra os olhos — ordeno, me afastando um pouco. Meu olhar oscila alguns segundos quando tiro os dedos de dentro dela. Eu a vejo olhar fixamente quando os penetro novamente. Sarah me encara com

o olhar carregado, e continuo a acariciá-la. Me surpreendo ao sentir sua mão macia envolver o meu pau grosso e endureço ainda mais com o toque.

— Você está molhando os meus dedos. — A umidade se acumula na ponta quando ela começa a acariciar o comprimento. No mesmo instante, entro e saio dela. Desesperado, agarro a barra da sua blusa solta e a puxo sobre a cabeça. Sarah me solta por um breve momento para libertar os braços, se livra do sutiã e volta a segurar meu pau.

— Raio de Sol — minha voz soa ofegante até para mim —, não sei quanto tempo vou aguentar.

Quando ela me liberta, se movendo para se deitar de costas na minha cama, seu sorriso é malicioso.

— Então é melhor você fazer algo a respeito disso.

Pego uma camisinha, rasgo o pacote com mais urgência do que imagino já ter sentido e a coloco. Avançando para me juntar a ela na cama, me apoio nos antebraços enquanto pressiono sua entrada com meu pau.

Com um beijo suave em seus lábios, sussurro:

— Você é linda. — Eu a penetro só um pouco e nossos gemidos combinados soam no silêncio do quarto. Vou ainda mais fundo. Estou quase lá... só mais um pouco e...

BIIP-BIIP-BIIP!

Nós dois nos assustamos com o som estridente do alarme de incêndio. Saio de cima dela apressado, entrego suas roupas e tento vestir as minhas o mais rápido possível. Assim que estamos vestidos, seguro sua mão e descemos correndo as escadas do prédio.

Nos juntamos aos outros moradores parados perto da esquina, discutindo o que poderia ter acontecido, já que não há sinal de fogo ou de fumaça.

Descobrimos que o filho pré-adolescente de um dos moradores puxou o alarme de incêndio ao ser desafiado. Assim que o corpo de bombeiros assegurou que o prédio estava seguro, nos deixaram entrar de novo.

— Jack Westbrook — Sarah murmura enquanto se prepara para sair do meu apartamento —, sinto que o seu pênis e a minha vagina estão determinados a se manterem separados um do outro, ou seja, nada de orgasmos. — Seu sorriso parece pouco entusiasmado. — É como se tivessem feito um decreto real. — Ela engrossa a voz de maneira dramática: — O seu pênis e a minha vagina jamais atingirão o clímax juntos.

— Vai acontecer, Raio de Sol. — Roço os lábios nos dela antes

de aprofundar o beijo, entrelaçando minha língua com a sua.

Sei que ela trabalha cedo amanhã e tem que ir embora, mas não consigo me segurar. Preciso sentir seu gosto mais uma vez. O Uber vai chegar em breve, e não quero que ela o perca. Só preciso sentir seu sabor...

Ela se afasta um pouco e abaixa a cabeça para me dar um beijo na base do pescoço.

— Preciso ir.

— Eu sei. Queria que fosse diferente.

Ela sorri.

— Eu também. — Sarah me beija uma última vez, abre a porta e sai para o corredor. — Boa noite, Jack.

— Boa noite, Raio de Sol. — Faço uma pausa. — Me envie mensagem quando chegar. — Ela assente com um leve sorriso e vai em direção ao elevador. É uma merda vê-la ir embora. Parte de mim quer correr em seu encalço e roubar só mais um beijo. Só mais um gostinho de...

Dane-se.

Disparo pelo corredor acarpetado, meus pés estão descalços então não fazem barulho. Eu a alcanço bem quando entra no elevador. Estico as mãos para impedir as portas de se fecharem, e seus olhos assustados se fixam nos meus.

— Mais um beijo?

Sua expressão suaviza e ela dá um passo à frente, pressionando os lábios nos meus. Ao se afastar, Sarah me dá um sorriso que sei que vou guardar na memória. Delicado, íntimo, carinhoso.

— Tchau, Jack.

Me afasto, deixando as portas do elevador se fecharem e fico parado ali por muito mais tempo do que gostaria de admitir.

Não me importo que isso me faça parecer bobo, mas odeio me despedir dela. Se dependesse de mim, faria tudo ao meu alcance para garantir que nunca mais tivesse que dizer tchau.

Sarah

Depois de um longo fim de semana com uma rotina louca e, em alguns casos, pacientes e seus parentes igualmente malucos, planejo ir para casa e desfrutar de um tempinho a sós comigo mesma.

Caso você esteja se perguntando, sim, comprei um vibrador e pilhas novos. Choque no clitóris não vai ser mais uma preocupação. Não mesmo.

Preciso aliviar um pouco da tensão e como estou de folga nos próximos quatro dias, existe opção melhor que masturbação? Não só alivia o estresse, mas, de acordo com alguns estudos médicos, também pode ajudar a fortalecer o sistema imunológico... depois do orgasmo, é claro. Então, no fim das contas, estou prestando um ótimo serviço ao meu corpo. Levando em conta que trabalho em um ambiente muito estressante e que estou o tempo todo rodeada por pessoas doentes... é uma escolha maravilhosa.

Tudo bem, talvez eu esteja exagerando um pouco, mas é preciso admitir que tenho argumentos válidos.

Meu plano é ir para casa, ler um romance erótico e colocar meu novo vibrador para trabalhar. Pretendo pedir o pad thai daquele restaurante a dois quarteirões de lá. Sei que pareço uma universitária pervertida, mas não consigo evitar.

Eu me acomodo na cama, parte apoiada nos travesseiros e ligo o vibrador. Abro o Kindle no celular e retorno à cena picante do livro que estou lendo.

Mas algo dá terrivelmente errado e enquanto ajusto a posição do vibrador no clitóris, olho para a tela para começar a ler e não vejo página de um livro, mas o rosto de Jack me encarando.

— Ah, merda! — Tento cobrir a câmera, mas o celular escorrega da minha mão e cai sobre a minha vagina.

Minha vagina está em uma ligação de vídeo com Jack. Essa safada.

— Merda! Merda! Merda! — Nunca mais vou mostrar minha cara. Vou ser enfermeira em Nairobi.

Pego o celular e corro para desligar o som óbvio do vibrador. Com uma careta, levo o aparelho até o rosto.

— Oi, Raio de Sol. — Sem abrir os olhos, posso ouvir a diversão em seu tom. — Eu, com certeza, espero que não seja assim que você cumprimenta todas as pessoas em uma chamada de vídeo. Não que eu

esteja reclamando, é claro.

— Um cavalheiro jamais mencionaria isso. — Abro os olhos só para semicerrá-los.

— Eu nunca disse que era um cavalheiro, não é? — Um sorriso se abre em seu rosto bonito.

— *Jack* — digo o nome dele em tom advertência.

— Raio de Sol — ele contra-ataca de brincadeira. — Então, acho que já sei quais são os seus planos para a noite. — Ele está gostando daquilo mais do que deveria. — E, tenho que dizer... estou bem impressionado com a depilação.

É sério?

— Talvez eu possa ir até aí e verificar pessoalmente.

— Jack Westbrook. — Eu o vejo sorrir para mim. — Acha mesmo que isso vai funcionar comigo?

Ele me dá um sorrisinho sem graça.

— Na verdade, não. — O sorriso diminui um pouco e a voz fica mais baixa, mais rouca. — Você já deveria saber que amo encher sua paciência.

Solto um pequeno suspiro.

— Já que não vou mais me *animar* agora, você não quer vir aqui comer um *pad thai* e ver um filme?

Ele semicerra os olhos cheios de humor.

— Depende. Vamos assistir ao seu filme preferido, *A princesa prometida*?

Reviro os olhos e sorrio.

— Como quiser.

— Chego daqui a pouco. — Ele me dá uma piscadinha. — Vista uma roupa, Florzinha.

— Por mais que eu já tenha assistido a esse filme milhares de vezes e nunca me canse dele, ainda acho que ela deveria ter sido mais legal e ter admitido o que sentia por ele.

— Às vezes, as mulheres demoram para perceber que um cara gosta delas. — O olhar contundente de Jack diz tudo.

— Ah. — Eu o empurro com o ombro. — *Touché*, Westbrook. — Me levanto do sofá e vou até a cozinha para guardar o *pad thai* na geladeira. Eles sempre vendem porções enormes, o suficiente pare que renda um ou dois dias.

— Acho que vou para casa.

O tom contido de Jack me faz virar e o encontro encostado na parede da cozinha, me observando. Algo ilegível cintila em seus olhos, e não posso negar que uma parte minha quer pedir para que ele fique. Mas outra parte tem medo. Porque todas as vezes que ficamos juntos

de uma maneira sexual, algum problema acontece. O caos reina. E eu gostaria de terminar bem a noite, sem induzir o universo a nos colocar em outra situação inesperada.

— Eu te acompanho até a porta — digo baixinho.

Eu o espero calçar os sapatos e vestir o moletom com capuz para se proteger do frio. Ele chega mais perto, com os olhos calorosos e um sorriso suave nos lábios e passa a mão até a parte inferior das minhas costas.

Jack inclina a cabeça e dá um beijo leve nos meus lábios.

— Obrigado por me convidar, Raio de Sol.

— Imagina — sussurro em resposta.

Ele me solta, se afasta para abrir a porta e me deseja boa-noite. Jack atravessa a entrada, mas o faço parar antes de fechar a porta.

— Espere. — Detecto a urgência em meu tom e noto sua expressão preocupada quando ele se vira. Estendo as mãos para enganchá-las nos bolsos de seu moletom, o puxo até mim, fico na ponta dos pés e encosto os lábios nos seus.

Como se esperasse o meu movimento, ele envolve a parte de trás da minha cabeça com uma das mãos e aprofunda o beijo. A outra mão pousa no meu quadril, me puxando para mais perto. Não sei por quanto tempo nos beijamos antes de uma porta no fim do corredor bater, nos assustando.

Ele interrompe o beijo e me olha com afeto antes de pressionar os lábios nos meus uma última vez.

— Boa noite, Raio de Sol.

— Boa noite, Jack.

Sarah

Estou em uma daquelas noites raras em que me sinto bonita. Sabe uma daquelas noites em que a maquiagem, principalmente a tentativa de fazer um olho esfumado, não parece ter sido aplicada por uma criança zonzona com antialérgico? Também não tive problema com as roupas, o que, na minha opinião, é uma vitória.

Sem mencionar os sapatos. *Suspiro*. Os sapatos que Jack comprou para mim e a *clutch* são a cereja do bolo.

Também gostaria de ressaltar que mereço um bom reforço positivo por não ser *aquela* garota com o celular na mão, verificando a tela a cada dois segundos e meio para ver se o cara já mandou mensagem. Mas fazer isso passou pela minha cabeça. Uma ou duas vezes.

Tudo bem. Talvez uma centena de vezes, mas quem contando?

Na noite de hoje, temos vários bares pela frente enquanto Maggie completa a sua caça ao tesouro da despedida de solteira que as sobrinhas gêmeas de Ry, Molly e Masey, organizaram. Na verdade, elas são sobrinhas “de segundo grau”, ou seja lá o que isso signifique. Para mim, ou se é prima ou não, não existe meio-termo.

E como alguém que não consegue ir muito além de dois drinques, já desisti de tentar distingui-las e comecei a chamá-las de “M” individualmente e de “M e M” quando juntas. Por sorte, elas acharam fofo. A julgar pelo número de boas de penas que as duas têm no pescoço (cinco cada uma, caso queria saber, porque “não existe boa demais”), pela forma como o canto de seus olhos estão hipnotizados e a animação com alguns assuntos (um famoso jornalista de celebridades e o próximo furo de reportagem, saber se o *One Direction* vai ou não voltar algum dia e os “recém-descobertos” benefícios de engolir sêmen), estou pronta para dar um bom uso ao meu canudo e arrancar os olhos. Provavelmente, estourar os tímpanos também. Tudo em menos de uma hora.

Maggie é educada demais e tenta participar da conversa. Tudo parece bem e sob controle até M e M beberem licor de caramelo com creme irlandês demais e milagrosamente surrupiarem um “stripper legítimo” chamado Magic Mikey.

Certo. E eu sou uma legítima atriz pornô chamada Jenna Jamestown.

Magic Mikey passa a demonstrar suas habilidades, balançando

o traseiro envolto em couro onde estamos sentadas antes de pairar sobre o colo de Maggie. É tudo muito divertido até ele se contorcer de um jeito que deixa a virilha perto demais do rosto da minha amiga.

— Tudo bem, obrigada! Hum, chega. — Com cuidado, ela afasta a cadeira do homem.

Infelizmente, ele sofre de uma síndrome que alguns homens costumam ter quando estão perto de mulheres em bares ou discotecas: delírios profundos de grandiosidade. Esses delírios são desencadeados quando uma mulher recusa de maneira educada, fazendo com que eles achem que ela está bancando a difícil, a alguma das seguintes opções:

- a) Eles se oferecem para comprar uma bebida;
- b) Eles se intrometem de maneira repentina e rude na conversa com suas amigas;
- c) Eles invadem seu espaço na pista de dança e passam a esfregar o volume deles em você, como um animal no cio.

Então veem isso como um sinal para tentarem com mais afinco, para continuarem com as atitudes exageradas. Essa é claramente a praga do Magic Mikey.

— Ei, Mikey. — Seguro a orelha do cara entre o indicador e o polegar, com força o suficiente para fazê-lo se mover na direção que eu quero, ou seja, para longe do rosto de Maggie. — Obrigada pela dança, mas a minha amiga atingiu o limite de virilha no rosto dela pela noite. — Meu sorriso doce combinado com a libertação de sua orelha o faz entender.

Esfregando a cartilagem, ele me encara desconfiado e seus olhos voltam para as gêmeas.

— Acha que elas topariam se divertir?

— Provavelmente. Não, mentira. *Com certeza.* Jogue o seu charme, fale do Harry Styles, de enfeites brilhantes ou do quanto elas ficarão saudáveis depois de engolirem o seu sêmen hoje à noite.

Brincadeira. Eu não disse nada disso a ele, mas queria *muito*. Em vez disso, falei que ele teria que perguntar a elas. Foi preciso optar pelo caminho de adulta responsável. E foi doloroso pra caramba.

Dentro de trinta segundos cravados, enquanto converso com Maggie sobre irmos ao próximo bar, as gêmeas nos abordam.

— AH. MEU. DEUS! — uma delas exclama.

Caso você ache que estou inventando, não estou. Não mesmo.

— Vocês não vão acreditar no que acabou de acontecer! — As duas gritam do jeitinho que adolescentes gritam por um ídolo.

Solto um arquejo melodramático.

— Contem logo, garotas! — Maggie me dá uma cotovelada, tentando mascarar o riso para que elas não o percebam.

— Magic Mikey nos convidou para ir à casa dele — elas respondem juntas, com vozes agudas e cantaroladas. — E ele mora com mais cinco caras!

Encaro Maggie com os olhos arregalados.

— Ouviu isso, amiga? Sabe o que essa situação pede, não é? Maggie me encara desconfiada.

— Hum, não...

Ergo as duas mãos, balançando os dedos e me viro para as gêmeas.

— Dancinha de comemoração! — As gêmeas adoram o que eu faço e me imitam. Acho que é seguro dizer que elas me *amam*.

— Odiamos te deixar em uma noite tão especial, Maggie, mas...

— Mas o sêmen do Magic Mikey está chamando. — Não sei como falo sem rir. Isso, com certeza, continuará sendo um dos grandes mistérios da minha vida.

— É claro, você entende a urgência da questão — adiciono, lançando um olhar suplicante para minha melhor amiga.

Maggie cobre a boca com a mão, e reajo no mesmo instante, passando um braço ao redor dos seus ombros e trazendo-a para perto de mim.

— Vão — digo às gêmeas, dando tapinhas nas costas de Maggie como se a reconfortasse. — Deixem comigo, garotas.

Assim que elas desaparecem no bar lotado, dou um último tapinha nas costas dela.

— Estamos seguras.

Maggie levanta a cabeça, enxugando lágrimas no canto dos olhos de tanto rir.

— Sarah!

— O quê? — Abro um sorriso inocente. — Graças a mim, elas terão a noite mais incrível que já tiveram na vida.

Ela balança a cabeça e verifica o celular.

— Ry e os outros estão em um bar a dois quarteirões daqui. — Seus olhos encontram os meus, e ela arqueia uma sobrancelha. — O que acha de invadirmos a festa deles?

— O que estamos esperando?

Jack

Algum tipo de farol fortíssimo deve se acender quando um grupo de caras vai a um bar. As mulheres imediatamente nos abordam e perguntam se estamos em uma despedida de solteiro e tomam como desafio tentar seduzir o noivo.

Bem, o azar é delas, porque Ry está perdidamente apaixonado por Maggie, então não tem nem graça. Passamos por diversos bares e estamos em nossa última parada enquanto as garotas fazem uma excursão só delas essa noite.

E não quero admitir o quanto odeio a ideia de Sarah estar perto de strippers. Maggie nunca foi do tipo que gosta dessas coisas, mas é impossível prever o que pode acontecer em uma despedida de solteira. Tenho certeza de que elas estão se divertindo e rindo muito. Caramba, até sinto um sorriso curvar meus lábios ao imaginar como o rosto de Sarah se ilumina quando ela ri e como seus olhos azuis brilham.

— Qual é o problema de vocês dois? — Eu me viro e me deparo com o primo mais quieto de Ry, Aaron, me encarando com curiosidade. — Entendo o Ry — ele acena na direção do primo, que está impressionando o pequeno grupo de mulheres com histórias do início do seu relacionamento com Maggie, antes de voltar a sua atenção para mim —, mas você está com a droga de um sorriso piegas no rosto.

Surpreso, passo a mão pelo queixo, me esforçando para pensar em alguma desculpa, mas nada me vem à cabeça.

— Merda — murmuro, perdido. A mulher está me fazendo dar sorrisinhos idiotas como um bobão apaixonado que faria praticamente qualquer coisa por ela.

Mas é verdade. Eu faria.

— Ah, então é isso? — Aaron se reclina na poltrona macia do bar elegante onde estamos. Sua expressão arrogante diz tudo. — Você acabou de ter uma epifania, não é?

Era de se esperar que eu fosse atrair o cara casado que aparentemente tem prazer em atormentar os solteiros. Tomo um gole de uísque e tento ignorá-lo, mas a minha falta de resposta não o detém:

— Me fale dela. — Meu olhar duro só serve para fazê-lo sorrir. — Como ela é?

Sabendo que a probabilidade de ele deixar o assunto de lado é praticamente nula, solto um suspiro e encaro o copo. Enquanto tento pensar no que dizer sobre Sarah, sinto meus lábios se inclinarem em sorriso.

— Ela é tagarela, insolente e engraçada. — Observo o copo de uísque e o giro devagar. — Inteligentíssima também.

— E linda, suponho? — ele pergunta, com humor. — Loira, olhos azuis e pernas longas.

— Sim — digo, suspirando. *Merda*, estou com saudade dela agora e sendo um padrinho terrível.

— E quando ela te olha, é como se você fosse o único cara do mundo?

Algo no tom de Aaron tira a minha atenção do copo e foco nele.

— Exatamente.

Mas ele não está olhando para mim, e sim encarando algo sobre o meu ombro com um sorriso divertido.

Um segundo depois, duas mãos delicadas e macias cobrem os meus olhos e uma voz sussurra no meu ouvido:

— Adivinha quem é?

— Amber! Que bom que você veio! — Não me seguro e a provoco.

Sarah bufa, mordiscando de leve o lóbulo da minha orelha antes de afastar as mãos dos meus olhos.

— Amber — ela murmura com uma repulsa brincalhona. Ela contorna minha cadeira com a intenção de reivindicar o assento disponível na minha frente, mas seguro seu pulso e dou um leve puxão, fazendo-a cair no meu colo.

O cabelo loiro está solto e se move para frente como uma cortina de seda. Estendo a mão para empurrá-lo para trás e prendê-lo atrás da orelha, absorvendo a visão que tenho dela. Sarah está com um vestido justo azul que acentua a cintura fina. As mangas longas são bordadas e pedras decoram os punhos e o decote em V profundo.

A maquiagem está mais pesada que o normal, mas deixa os olhos azuis muito mais em evidência e os lábios exibem um tom sutil de vermelho. Seus olhos enrugam ligeiramente nos cantos.

— Oi, Jack.

— Oi, Raio de Sol.

Ela leva a mão à bolsa, desviando a minha atenção, e quando a vejo pegar um chocolate, não seguro o riso. Mas não dura muito, pois noto algo cintilando sob as luzes do lugar na minha visão periférica.

Meus olhos vão da barra de seu vestido que termina nos

joelhos ao comprimento das pernas macias como seda, até chegar aos sapatos que comprei para ela naquele dia em que nos “encarregaram” de alguns detalhes da preparação do casamento. Desço a mão pela sua perna e sorrio.

— Sapatos bonitos.

— Muito! — ela diz, convencida. — Um cara os comprou para mim.

— Um cara? — Emito um som de falso espanto.

Sarah dá um beijo na minha bochecha e sussurra com a voz rouca:

— Meu cara favorito. — Então, ela se afasta e abre seu chocolate favorito. Ao retirá-lo da embalagem, ela lê a breve mensagem escrita na parte de dentro e o olhar suaviza. Curioso, viro sua mão com a embalagem na minha direção para que eu possa lê-la.

FAÇA DO AMOR A SUA MAIOR AVENTURA

Encontro seus olhos e noto algo indecifrável naquelas profundezas. Então digo em tom casual:

— Acho que já vivemos algumas aventuras juntos.

Merda. O que estou fazendo? Ela vai achar que estou dizendo que nos amamos. E ela não me ama. Digo, eu não posso... não vou... *merda*.

— Sim, com certeza vivemos. — Sua voz me tira dos meus pensamentos. Ela dá uma mordida no chocolate e o oferece a mim. Seguro seu punho e o trago aos lábios. Dou uma mordida e aproveito para roçar os lábios nos dedos de Sarah. Meus olhos se fixam nos seus, a ouço inspirar e noto a forma como os lábios se entreabrem.

— Puta merda. Acho que acabei de engravidar só de olhar para vocês dois. — Eu me viro e encontro Maggie nos observando com malícia. — Estamos indo embora. Vocês, crianças irresponsáveis, se cuidem.

Ela se inclina para dar um abraço de despedida em Sarah e um beijo na minha bochecha.

— Obrigado, cara. — Ry bate a mão no meu ombro, balança a cabeça e dá um beijo rápido na bochecha de Sarah. Ao se afastar sorrindo, ele assente para a amiga da noiva. — Não deixe esse cara te colocar em apuros.

Aos poucos, o resto do grupo se divide em “Nossa bateria social já acabou” e “Vamos para outro bar”. Logo, restamos só eu e Sarah. Quando ela se move para sair do meu colo com a intenção de se sentar na cadeira disponível ao meu lado, seguro seu quadril com ainda mais firmeza.

— Fique. — Aninho meu rosto em seu pescoço. — Gosto de você aqui.

Sinto as vibrações leves do riso despreocupado e suave em sua garganta.

— Eu também gosto, mas — suas palavras perdem força, e eu ergo a cabeça, olhando-a com curiosidade — eu queria ir para casa.

Meu estômago vai parar no chão e sinto como se um peso de mil quilos pressionasse meu peito. Eu tinha esperanças de terminarmos a noite juntos.

É isso que ganho por ser presunçoso.

— Ah. Sim, é claro. — Faço uma cena ao verificar as horas no relógio. — Está *bem* tarde mesmo. Você provavelmente quer...

— Jack. — Meus olhos encontram os dela, e Sarah me dá um sorriso gentil. — Eu quis dizer que quero ir para casa, para o meu apartamento. — Ela faz uma breve pausa. — Com você.

— Comigo — reforço, como um idiota enquanto um sorriso se espalha pelo meu rosto.

— Com você.

E o aperto doloroso no meu peito misteriosamente desaparece.

Sarah

— Você se divertiu essa noite?

Estou aconchegada ao lado de Jack, com seu braço ao meu redor, dentro do táxi a caminho da minha casa. Rio e respondo:

— Foi interessante, isso eu não posso negar. — Então termino de contar as histórias do bar, e ele ainda está rindo quando paramos em frente ao meu apartamento.

Assim que entramos, tranco a porta e o clima muda. Nós nos apoiamos em paredes opostas e tiramos os sapatos. Assim que termino, Jack está em cima de mim, me envolvendo de uma maneira deliciosa. Ele apoia as mãos na parede, passa os lábios pela minha bochecha, mandíbula e pescoço antes de inspirar.

— Está me cheirando, Westbrook? — Tento provocá-lo, mas minha voz soa mais ofegante do que qualquer outra coisa.

— Pare. — Posso sentir o sorriso dele na minha pele. — Você está arruinando o momento. — Ele distribui beijos carinhosos pelo meu pescoço.

Levanto as mãos, entrelaçando os dedos em seu cabelo e puxo de leve para que ele encontre os meus olhos. Enquanto ele me encara no apartamento mal iluminado, juro que há algo diferente em seu olhar. Algo mais intenso. Algo no qual ainda não embarcamos.

Ele sorri e aproxima o polegar para brincar com o meu lábio inferior. Ainda com os olhos nos meus, Jack sussurra:

— Senti saudade de você hoje à noite, Raio de Sol.

Ele passa o dedo pela maçã do meu rosto e inclina a cabeça, me dando o que deve ser o beijo mais doce que já recebi. Nada de língua, só o toque leve dos seus lábios nos meus.

Juro que o sinto até o coração.

De repente, estou desesperada por mais. Eu o puxo para mais perto, inclino a cabeça para assumir o controle e aprofundo o beijo, uma necessidade que me incita mais a cada toque de sua língua na minha. O desejo aumenta a cada deslizar das minhas mãos pelas suas costas enquanto sinto seus músculos se moverem. Ele se aproxima, pressiona a parte interna das minhas coxas, se esfrega em mim e sua boca engole o meu gemido. Arqueio o corpo em sua direção, abaixo a mão para desafivelar sua calça e coloco a mão lá dentro para agarrar o pau duro.

Eu o seguro com força e o acarício, sentindo-o ficar ainda mais rígido. Quando ele se move em direção ao meu toque, outra onda de calor é lançada direto ao meu sexo e continuo a acariciá-lo.

Ele bate uma das mãos na parede atrás da minha cabeça e afasta os lábios dos meus, com a respiração ofegante enquanto espalha beijos molhados pelo meu pescoço.

— Está uma delícia, Raio de Sol — ele diz. Sinto que Jack está quase lá. Na verdade, saber que ele está quase gozando me deixa encharcada. Parece que praticamente inundei a calcinha.

Ah, merda. Meu corpo todo enrijece, alarmado. Assustado. Morto de vergonha.

Interrompo o beijo, arregalo os olhos e afasto Jack de mim.

— Ah, merda. — Não quero olhar para baixo... mas sei que preciso.

Por favor, que não tenha nada lá. Por favor, que não tenha nada lá. Por favor, que não tenha nada lá, peço mentalmente. Talvez eu tenha sorte.

Mas quando olho em direção ao joelho que ele pressionou bem no centro das minhas coxas, mesmo sob a luz fraca, eu a vejo. A menor das manchinhas de umidade na calça.

Levo as mãos ao rosto e digo, apressada:

— Caramba! Me desculpe! — Faço careta e olho para ele entre os dedos. — Por que não vai até a área de serviço? Você pode pegar o bastão tira-manchas enquanto eu... hum, faço o que preciso fazer no banheiro. — Me afasto dele e praticamente saio correndo para o banheiro, me trancando lá dentro.

Pego o que preciso debaixo da pia, me livro da calcinha antes de lidar com a situação e decido jogar a pobre roupa íntima no lixo. Ela não é nova e não quero me dar ao trabalho de tirar manchas de sangue.

Abro um pouco a porta e volto ao quarto na ponta dos pés. Reviro a cômoda atrás de uma calcinha *boyshorts*, calça de moletom e camiseta. Me livro do vestido e do sutiã e visto as roupas confortáveis.

Inspiro fundo para recuperar a coragem, então sigo pelo corredor para ver se Jack continua lá. Quando o encontro sentado no sofá, com um braço sobre o encosto, tão casual quanto possível, não tenho certeza se ele está feliz por ter me esperado ou decepcionado por ainda estar ali, mas tenho que encará-lo.

Ele olha para mim de cima a baixo e o ato parece uma carícia.

— Essas roupas parecem mais confortáveis. — Ele sorri. — Fofa.

Fofa. Exatamente o que todas as mulheres querem ouvir. Mas, por outro lado, praticamente marquei o coitado com *sangue*... De qualquer forma, a vergonha paira sobre mim como uma nuvem escura.

— Então... — com uma expressão exageradamente alegre, gesticulo de maneira casual —, você se lembra da última vez que estava prestes a ter um orgasmo? — Mal faço uma pausa antes de continuar, minhas palavras saem a toda velocidade: — E... hum, de repente a mulher menstruou e ela acabou — apoio as mãos no topo da cabeça e olho para o teto, a voz fraca e abatida se transforma em um sussurro choramingado — sujando a sua calça de sangue?

O silêncio perdura entre nós, o desconforto cresce exponencialmente até Jack falar:

— Raio de Sol. — Não me movo, ainda encaro o teto como se fosse meu trabalho. — Olhe para mim.

— Não posso. Estou tentando abrir um buraco no teto com o olhar, porque inclinar a cabeça desse jeito vai me permitir sobreviver por mais um tempo quando a enxurrada de constrangimento me atingir.

Juro que o ouço rir baixinho.

— Por favor, olhe para mim.

— Você usou o tira-manchas? — Me recuso a desviar o olhar do teto. Na verdade, tenho certeza de ter detectado uma pequena descoloração em um canto. Um sinal de danos causados por água, talvez? Eu deveria avisar ao senhorio.

— Eu não me importo com a porcaria da calça, Sarah.

Merda. Ele está usando o meu nome em vez de me chamar de Raio de Sol. Jack está falando sério agora.

Eu o ouço se mover e, antes que perceba, ele me pega no colo e me leva até o sofá. Assim que estou acomodada em seu colo, ele ergue o meu queixo com o dedo, me guiando a encontrar o seu olhar.

— Não se esconda de mim.

Reviro os olhos e solto um suspiro.

— Tudo bem. Vamos resolver isso logo.

— Vamos.

— Peço desculpas por... hum... te marcar. E você diz que eu não preciso me preocupar e...

— É só uma calça e...

— E eu digo: ei, você gostaria de se empanturrar com os meus “lanchinhos menstruais”, que são chocolates e batata de sal e vinagre? Não ao mesmo tempo, mas, sem dúvida, um pouco de cada. Porque é disso que eu preciso nesses dias e...

— Batatas de sal e vinagre são as minhas preferidas. — Suas

palavras são ditas de maneira tão doce que me fazem parar.

— Sério? — Paro por um segundo. — Você não está dizendo só por dizer?

Ele me dá um daqueles sorrisos e, de repente, percebo que é especial, porque tem algo diferente. Não é o sorriso que Jack dá a Ry, Maggie ou ao garçom quando agradece por ter trazido outro copo de água. Não, é diferente.

É um sorriso que ele dá só para *mim*.

— É sério, Raio de Sol. — Dando um beijo suave na minha testa, ele complementa: — Agora, vá pegar os seus lanchinhos menstruais.

Saio de seu colo, caminho até a cozinha e ele grita:

— Existe a possibilidade de adicionarmos uma “conchinha menstrual” ao cardápio da noite? Porque eu também estou com um pouco de cólica.

Espertalhão.

Mas me pego sorriso como uma boba o tempo todo em que estou na cozinha.

Sarah

Duas semanas depois

Passei o dia comprando todos os itens da lista para me preparar para o casamento de Maggie e Ry. Estava prestes a ficar sem hidratante, máscara de cílios, base e minha sombra preferida, tudo ao mesmo tempo. E com a possibilidade da minha escala de trabalho estragar tudo, decidi aproveitar a folga e resolver essas pendências.

Na saída da última loja, percebo que estou em frente ao prédio em que Jack trabalha.

Hesito ao olhar para o segundo andar, onde fica a sala dele, oscilo entre querer subir para vê-lo e a incerteza de se devo fazer isso ou não, porque sejamos sinceros, aparecer sem nenhum aviso é algo que uma namorada faria. E Jack e eu não estamos juntos.

Enquanto afasto a ideia, sinto uma vibração na bolsa indicar uma chamada recebida.

— Por favor, que não seja do trabalho — murmuro comigo mesma. Em vez disso, vejo o nome de Jack no identificador de chamadas.

— Estava pensando em você — digo, cumprimentando-o.

— É mesmo? — sua voz grossa questiona. — Espero que coisas boas.

— Na verdade, estou terminando alguns afazeres e acabei bem em frente ao Putnam's. — Me refiro ao restaurante conhecido por ter as melhores saladas da região.

— Estava prestes a pedir algo lá. Vou ficar preso aqui por mais um tempo e quero adiantar o trabalho antes de finalizar o dia. — Ele hesita. — Por que não me fala o que quer e eu ligo para fazer o pedido? Por minha conta. Você pode trazer a comida e me fazer companhia.

— Tem certeza?

— Raio de Sol. — Ele abaixa o tom de voz. — Eu não teria perguntado se não quisesse.

— Tem certeza de que não é porque está curioso para saber se minha vagina não vai te fazer outra chamada de vídeo acidentalmente?

Ouçó um suspiro alto atrás de mim, e me viro para me deparar com uma freira.

— Ah, merda! — Levo a mão à boca, horrorizada. — Quero dizer, desculpe, senhora. Quero dizer, irmã!

Então percebo que é a mesma freira que vi quando estava com Clint. E ela me ouviu fazer insinuações sexuais em público. De novo. Estou convencida de que Deus está tramando algo contra mim. *Só pode* ter sido um sinal, não é?

Com um olhar de desgosto puro, ela se afasta enquanto Jack ri ao meu ouvido. Olho para o céu e resmungo:

— Por que eu? — Para Jack, digo: — Ainda quer comer com uma pecadora?

— Com certeza.

— Peça a salada de queijo de cabra, noz e vinagrete de framboesa, por favor.

— Pode deixar. Te vejo daqui a pouco, Raio de Sol.

— Exatamente do que eu precisava. — Me ajeito em uma das cadeiras confortáveis em seu escritório. — Obrigada pela refeição.

— O prazer foi meu. — Ele recolhe os recipientes de plástico e os joga na lata de lixo ao lado da mesa. — Então, está pronta para o grande dia da Maggie e do Ry?

— Com certeza.

Me levanto e analiso seu local de trabalho. É pequeno, mas não abarrotado de coisas. Tem uma mesa de reunião em um dos cantos e, ao redor, algumas cadeiras de escritório com rodinhas. A escrivaninha fica no lado oposto da sala, mais perto das grandes janelas com vista para a South Broadway Avenue.

— Gostei do escritório. — Eu me viro para me apoiar na mesa de reuniões e respiro fundo quando encontro Jack bem perto de mim.

— Gostou? — Ele inclina a cabeça e dá um beijo suave na lateral do meu queixo. — Eu estou gostando de ter você no escritório. — Ele segura minha cintura, me ergue e me senta na mesa. Depois se posiciona entre minhas pernas, o tecido leve do meu vestido não representa obstáculo algum. Uma mão grande sobe pelo meu joelho até a parte de cima da coxa, fazendo a minha respiração falhar.

— Não é esse o tipo de negócio que você conduz nessa mesa, é? — sussurro, rouca.

Seus lábios se curvam sobre os meus.

— Infelizmente, não. — De forma divertida, ele morde meu lábio inferior. — Mas posso te dizer que o único negócio que vou conduzir com você é o do prazer.

— Tem certeza de... — Suas mãos escorregam para me

envolver, interrompendo a minha provocação.

— Ah, eu tenho — ele sussurra antes de sua boca encontrar a minha. Os dedos deslizam sob minha calcinha e me encontram molhada.

Um gemido ressoa fundo em seu peito e o beijo fica cada vez mais sensual. Nossas línguas duelam enquanto dois de seus dedos entram e saem de mim. Desafivel o cinto de Jack e quase arranco o botão e o zíper no desespero de tocá-lo. No momento em que coloco as mãos dentro da cueca boxer e em sua excitação pulsante, me deleito com seu suspiro em minha boca.

Afastando os lábios, ele apoia a testa no meu ombro, me dando beijos leves na clavícula exposta.

— Você está muito molhada. — Ele impulsiona os dedos bem fundo, enganchando-os. Inspiro com dificuldade enquanto o meu clímax se aproxima. — Quero que você goze, Raio de Sol. — Sua respiração está ofegante, assim como a minha.

— Quero que você goze comigo.

— Estou quase lá — ele sussurra em meu pescoço antes me saborear com a língua. O movimento dos dedos combinado com a maneira que Jack estoca em minha mão, me leva ao ápice. Meus músculos internos se fecham ao redor dos seus dedos e o corpo enrijece bem quando o orgasmo me atinge.

— Jack, estou...

— Ei, sumido! Como estão... *Ah, merda!* — Jack e eu nos separamos, desesperados, um pouco antes de ouvirmos a porta do escritório ser fechada com força e uma trilha de xingamentos em seu encaixo.

Ele ainda está parado entre as minhas pernas, a calça ao redor dos tornozelos e a excitação aparente, mesmo quando tenta escondê-la outra vez na roupa íntima com muito cuidado, fazendo careta.

— Ah, caramba — sussurro, olhando para Jack.

Ele me dá um sorriso fraco.

— Desculpe. Clientes nunca chegam sem aviso, mas parece que o meu melhor amigo, sim. — Ele apoia a testa na minha, resmungando baixo. — Puta merda, bem no meio de um dos momentos mais gostosos da minha vida...

Não consigo segurar o riso.

— Ah, Jack. — Ele ergue a cabeça, e pressiono os lábios nos dele. — Parece que isso sempre acontece com a gente, não é?

Tudo o que ele faz é me dar um sorrisinho.

— Você acha que talvez o universo esteja tentando nos dizer algo?

Antes de ele ter a chance de me responder, uma batida soa

na porta e Ry grita:

— Posso entrar? Desculpa ter invadido. Eu nunca... bem. Hum, vocês dois estão vestidos?

Jack fecha a calça, e eu ajeito o vestido antes de descer da mesa e ir em direção à cadeira onde a minha bolsa e sacolas estão.

— Vou embora. Conversamos mais tarde.

Evito seu olhar e saio rápido. Ofereço um cumprimento apressado a Ry enquanto praticamente corro pelo corredor que leva aos elevadores.

Jack

— Bem, foi uma saudação e tanto — Ry comenta. — Evito olhar para você quando nos trocamos no vestiário da academia, mas inadvertidamente acabo vendo algumas coisas aqui e ali. Com certeza, nada tão chocante quanto te pegar com a calça nos tornozelos e junto com a Sarah.

Como não respondo, ele continua:

— O que me faz lembrar que, uma vez que ela não tem um irmão mais velho, nem um pai por perto, precisamos ter uma conversa séria. Vou precisar ter uma conversa de homem para homem e polir a minha espingarda enquanto falamos?

— Você nem tem espingarda, Ry — resmungo, descrente.

Ele cruza os braços e arqueia uma sobrancelha para mim.

— É o que você *acha*. — Ele inclina a cabeça para o lado, pensativo. — Eu poderia te dizer que conheço algumas pessoas em Little Italy que quebrariam as suas pernas se você a machucar...

— Você não conhece ninguém em Little Italy, Ry — intervenho.

— Ou que conheço alguns membros antigos da máfia italiana que podem se livrar do seu corpo por alguns milhares de dólares?

Solto um suspiro cansado.

— Já terminou?

Ry ergue um dedo e entreabre os lábios, mas parece mudar de ideia.

— Na verdade, sim. Acho que não consigo pensar em mais nada. — Ele faz cara de nojo. — Está vendo como isso é triste? Preciso elevar o nível caso tenha uma filha.

Olho para o meu melhor amigo, balanço a cabeça e dou uma risada.

— Você vai dar um jeito, cara. — Depois de um instante, pergunto: — Está pronto para ter um filho?

— Claro.

Sua falta de hesitação me deixa feliz, assim como o fato de Maggie ser perfeita para ele.

— E o casamento é o jeito perfeito de colocar tudo nos trilhos.

Minhas sobrancelhas se unem em confusão ao que ele diz.

— Como assim?

Ele gesticula com a mão.

— Sabe, em casamentos, o amor está no ar. O champagne disponível... e tem algo mágico acontecendo. — Com uma piscadinha, ele adiciona: — Se for cauteloso com a execução, pode ser o fim da “praga” com a qual vocês dois estão lidando.

— Que assim seja, cara — murmuro, balançando a cabeça.
— Que assim seja.

Dois dias depois

Estou relaxando no sofá, com a TV ligada no volume baixo enquanto zapeio pelos canais. Então a desligo e jogo o controle de lado, resmungando. Não deveria ficar acordado até tarde. Vou ter um dia cheio de reuniões amanhã, mas estou ansioso demais para dormir.

Meu celular praticamente me provoca na mesinha de centro. Quero ligar ou mandar uma mensagem para ela, mas do jeito esquisito que as coisas terminaram entre nós no escritório, não sei o que fazer.

Merda. Passo a mão pelo cabelo e o puxo, frustrado. Decido agir como homem.

— Chega, vou ligar para ela.

No exato momento em que os meus dedos alcançam o aparelho, ouço uma batida na porta, o que me assusta. São nove e meia de uma noite de quinta-feira e, com certeza, não estou esperando ninguém.

Vou até a porta e verifico o olho mágico, mas não vejo ninguém lá. Hum. Por eu morar perto da universidade, concluo que foi algum estudante bêbado que parou no lugar errado. Eu me viro para voltar e ouço outra batida. Dessa vez, levo um susto ao ver a mulher parada lá.

Abro a porta e surpresa está estampada na minha expressão.

— Oi — Sarah me cumprimenta com uma cautela hesitante nos olhos.

— Oi, Raio de Sol. — Algo na maneira com que ela troca o peso de uma perna para outra me diz que ela está incerta de que eu vá convidá-la para entrar. Abro a boca para dizer algo, mas noto as sombras em seus olhos e a maneira como os seus lábios se pressionam em uma linha fina.

— Jack... — Sua voz falha. Ela está com uma expressão abatida, e vislumbro dor em seus olhos. — Não sei por que vim. De alguma maneira, foi aqui que vim parar. — Ela faz careta. — É só que... preciso de você.

Sem pensar, abro mais a porta e estendo os braços. Dentro de meio segundo, ela pressiona o corpo no meu e enterra o rosto no meu peito. Passo um braço ao seu redor com firmeza e tranco a porta. Estendo o outro braço para pegá-la no colo e aconchegá-la a mim,

avanchando pelo corredor.

Noto a umidade repentina na camiseta e sinto seus ombros tremerem enquanto chora em silêncio.

— Coloque tudo para fora — murmuro na maciez do seu cabelo. Sigo até o banheiro do meu quarto e, sem jeito, a coloco na beirada da banheira que nunca uso. Ajusto a temperatura da água e começo a enchê-la, tentando reconfortar Sarah ao acariciar suas costas e dando beijos suaves em seu cabelo.

Quando a banheira está cheia, começo a tirar seus sapatos e meias antes de me livrar da camisa.

— Vou te colocar de pé para tirar a sua calça, tudo bem? — Espero seu breve aceno antes de prosseguir.

No momento em que os olhos avermelhados encontram os meus, sinto como se estivesse levando um soco no estômago, porque o meu corajoso e ousado Raio de Sol não está ali agora.

Ela se move para se livrar do sutiã e da calcinha antes de me permitir ajudá-la a entrar com cuidado na banheira. Solto sua mão, mas ela me aperta de novo. Olho em seus olhos e vejo uma pontada de desespero ali.

— Por favor — sua voz soa delicada e fraca. — Você... pode entrar comigo?

Não há nada que eu não faria por você. A ideia me atinge instantaneamente com tanta intensidade que me faz sentir algo estranho no peito. Uma pressão... um aperto.

— É claro.

Tiro a roupa e entro na banheira atrás dela, segurando-a em meus braços de novo. Sarah se apoia em meu peito, nossas pernas estão entrelaçadas e unidas no calor da água e permanecemos em silêncio enquanto eu a abraço.

— Nunca fica mais fácil — suas palavras saem fracas, a voz tão baixa que quase não a escuto. — Dizem que fica mais fácil, que ficamos calejados, mas ainda não aconteceu comigo. — Ela balança a cabeça, as pontas do cabelo dançam na água. — Nem sei se quero. — Sua voz falha, e ela faz uma pausa como se tentasse recuperar o controle. — Não sei se quero ficar tão fria assim, se quero parar... *de sentir*.

Depois de uma pausa, tenho certeza de que ela terminou. Mas então, ela diz:

— Atendi a uma garotinha de nove anos com apendicite. — Ela pigarreia antes de continuar. — As coisas estavam indo bem, como deveriam. Até que algo aconteceu. — Seus ombros tremem, e eu a abraço com mais força. — O corpo dela simplesmente... desligou, e nada do que tentamos fazer para salvá-la funcionou.

Movendo-se nos meus braços, ela se ajeita de lado, com o

ombro esquerdo encostado no meu peito, e esconde o rosto no meu pescoço. Ficamos assim até a água começar a esfriar. Por mais que eu ame poder confortá-la e ser a pessoa a que ela recorreu em um momento de tristeza, algo me destrói.

Suas palavras são baixas, sussurradas em meu pescoço:

— Obrigada, Jack.

Fecho os olhos enquanto inúmeras emoções me atingem. Aprecio a sensação de tê-la nos braços, de ela me deixar abraçá-la, de ter *me* escolhido hoje.

— Sempre que precisar, Raio de Sol.

Sarah

Não faço ideia do que me levou à porta da casa de Jack em vez da de Maggie. Não faz sentido. A não ser pelo fato de que, bem lá no fundo, eu ansiava por seu abraço. Uma parte minha desejava apenas o seu toque, e uma vozinha na minha cabeça sussurrava que só ele seria capaz de me confortar e de me ajudar a amenizar a dor causada por aquela noite.

— Obrigada, Jack.

Minhas palavras sussurradas em seu pescoço ecoam no silêncio do banheiro. Não faço ideia se ele sabe o quanto seu toque me acalma. Estou praticamente enterrada nele, e Jack ainda não reclamou enquanto continua me abraçando com força, me mantendo aninhada em seus braços.

— Sempre que precisar, Raio de Sol — o murmúrio gentil em resposta, com a voz levemente rouca, me atinge.

A água está morna e minha pele se arrepia. No mesmo instante, Jack nos move.

— Vou pegar as toalhas. — Ele se levanta e a água escorre por seu corpo musculoso. Em qualquer outro momento, eu tiraria um tempo para apreciar a visão. Mas agora, vejo muito além de seu rostinho bonito e corpo em forma.

Vejo o homem que ele é por dentro. O homem que não pensou duas vezes antes de me abraçar, antes de me permitir estragar sua noite. O homem que tem mais coração e compaixão do que imaginei.

Depois que nos secamos, ele veste uma camiseta velha e macia em mim, a barra cai até o meio da minha coxa. Ele se ajoelha aos meus pés, segurando uma cueca boxer para mim, e apoia as mãos em seus ombros ao passar um pé de cada vez. Deslizando-a pelas minhas pernas e quadris, ele enrola a cintura algumas vezes para caber melhor.

Seu olhar preocupado encontra o meu, e ele afasta o cabelo do meu rosto. Enquanto os polegares tocam minhas bochechas, seus lábios se abrem e as palavras me deixam completamente sem fôlego.

— Estou feliz por você ter me procurado, Raio de Sol. — Seu pomo de Adão se move, como se Jack também lutasse contra a nuvem de emoções que paira sobre nós agora. Ele se aproxima, pressiona os lábios na minha testa em um beijo suave e se demora ali. E então sussurra contra a minha pele: — Você pode contar comigo sempre que

precisar.

Sinto a garganta se apertar com emoção quando ele se afasta.

— Vamos para cama. — Ele faz uma breve pausa. — Você trabalha cedo amanhã?

Balanço a cabeça em reposta, me sentindo perdida. A intimidade do momento não combina com o meu *modus operandi*. Não tenho o costume de me abrir com homens. Aprendi a lição bem cedo com a minha mãe. Ela nunca mais foi a mesma depois que meu pai foi embora e até hoje continua tentando mudar a si mesma para satisfazer seu mais novo namorado.

Jack me leva até a cama e puxa as cobertas. Sem dizer nada, engatinho pelo colchão e paro. *Em qual lado devo me deitar?* Ele deve sentir a minha hesitação.

— Escolha o lado que quiser.

Virando a cabeça, pergunto:

— Mas você tem um lado preferido, não tem?

Seu sorriso faz uma sensação nada familiar me inundar.

— Desde que você esteja ao meu lado, nada importa.

Continuo focada em seus olhos antes de assentir e escolher um lugar. Ele se deita e puxa a coberta sobre nós. Jack não me toca. Estamos deitados lado a lado, de costas, rodeados pelo silêncio da noite.

Meu corpo todo está tenso, e sinto vontade de me mover. Minhas emoções ainda estão à flor da pele por causa dos acontecimentos do dia. Jack já fez o bastante por mim ao me receber sem aviso e...

— Venha, pode se aconchegar a mim, Raio de Sol.

Viro a cabeça para encarar seu perfil no quarto escuro. A única luz chega em feixes fracos, espreitando entre as venezianas. Por meio segundo, sinto vontade de ser insolente com ele, mas Jack me impede antes que eu tenha a chance de colocar as palavras para fora.

— Não tem problema. — Ele suspira antes de virar a cabeça no travesseiro. — Não tem problema se deixar ser abraçada de vez em quando, sabia? — Ele faz uma pausa. — Venha aqui. — Sua voz tem o leve tom do humor de sempre e, para a minha surpresa, me arrasto até ele e apoio a cabeça em seu peito.

Seus braços me envolvem, certificando-se de que estou confortavelmente aninhada em seu corpo firme. Um cobertor de calma se acomoda sobre mim.

— Boa noite, Raio de Sol — ele murmura.

— Boa noite, Jack — sussurro e fecho os olhos enquanto o sono me domina.

Sarah

UMA SEMANA DEPOIS

Vamos falar de mamilos, pode ser? Os meus são únicos e, com isso, quero dizer esquisitos. Eles reagem de maneira exagerada a *qualquer coisa*.

Uma brisa vindo do nordeste? Ar-condicionado ligado? Alguém me fazendo cócegas? Alguém massageando os meus ombros de forma inocente? O barista na cafeteria preparando meu *latte* como eu gosto? A resposta é uma só: mamilos duros.

Tudo bem, estou brincando em relação ao café, mas você entendeu. Meus mamilos são famintos por atenção. São como qualquer membro da família Kardashian: sempre tentando estar sob os holofotes em todo e qualquer lugar. Tenho que usar sutiãs com bojo, caso contrário, estarei visivelmente saudando a todos, desde o cara do correio até a senhora que sai para passear com o cachorro pela manhã. Não sou exatamente bem-dotada, mas por causa dos meus mamilos vulgares, jamais ousou sair sem sutiã.

O lado bom dessa “aflição” é o fato de que os caras tendem a amar meus mamilos. São interpretados como um sinal claro de que estão fazendo algo certo. Mas a verdade é que um cara poderia simplesmente *passar os olhos* pelos meus mamilos que eles ficariam duros.

Jack é o primeiro a notar os hábitos estranhos dessa parte do meu corpo.

— Eles são sempre tão responsivos assim?

Curioso, ele me olha enquanto toma seu café. Depois de treinos separados na academia, estamos de banho tomado e livres de suor, então decidimos tomar um café nesta manhã de sexta-feira. Estou de folga, e ele se certificou de que o dia e o fim de semana estivessem livres para as celebrações do casamento de Maggie e Ry no sábado.

— Sim. — Dou de ombros. — É horrível. É como se — me inclino em direção à mesa, abaixando o tom de voz — você ficasse excitado com as coisas mais simples em momentos aleatórios.

— Você acabou de descrever a puberdade — ele comenta, mordaz.

Revirando os olhos, adiciono:

— Você entendeu o que eu quis dizer. E continua acontecendo até muito depois da puberdade.

— Não que eu esteja reclamando, mas entendo o quanto pode ser incômodo. — Ele chega mais perto e inclina a cabeça para o lado com uma expressão pensativa. — Eles não precisam de ajuda para serem responsivos, mas tenho uma pergunta. — Jack olha ao redor e abaixa a voz. — Você gosta de receber atenção extra neles?

Olhos azul-escuros me observam com anseio, esperando a minha resposta. Me sentindo ousada, sorrio e sussurro de volta:

— Depende de qual tipo de atenção extra estamos falando.

Coloco a mão no bolso da frente da bolsa de treino e pego um dos meus chocolates. Eu o abro com cuidado, leio a mensagem, dou uma mordidinha e estou prestes a guardar o pedaço que sobrou quando os dedos de Jack agarram o meu pulso.

— Posso? — Seus olhos se fixam nos meus e quando assinto, ele leva minha mão à boca. Aqueles lábios grossos envolvem o chocolate e a ponta da língua mal toca os meus dedos. Ele faz questão de posicionar os lábios no meu indicador e polegar, como se estivesse garantindo que não sobre nenhum pedaço do doce. Ele me solta, se reclina para mastigar e me observa o tempo todo. Assim que engole e bebe um pouco do café, apoia os antebraços na mesa com os olhos brilhando com desejo.

Caramba. *Estou com medo de ficar com os mamilos perpetuamente duros, além de com a calcinha encharcada, perto deste homem. Existem grupos de apoio para esse tipo de coisa? Já consigo me ouvir falando com eles.* “Oi, sou a Sarah. Meus sutiãs têm marcas de mamilo, e eu provavelmente poderia acabar com o clima seco para que uma estufa sobreviva por um ano inteiro.”

Informação demais? É, acho que a estufa passou dos limites. Me desculpe.

— Teve algum efeito? — ele tem a audácia de perguntar. Jack é a sensualidade em pessoa e, provavelmente, poderia me catapultar direto para a vila do orgasmo só me dando um *daqueles* olhares.

— Ah, acho que podemos dizer que sim. — Franzo a testa em preocupação fingida. — Mas tenho que ser sincera: acho que você precisa passar na minha casa e... — dou de ombros — Testar tudo, só para ter certeza.

Seus olhos cintilam com malícia.

— Eu sou sempre a favor da ciência e da pesquisa. — Ele inclina a cabeça em direção à porta. — Vamos?

Este talvez seja o momento no qual iremos até o fim, e Jack poderá finalmente marcar um gol aos quarenta e cinco do segundo tempo. Impedir que a decisão vá para os pênaltis. É possível saber que as coisas estão ruins quando começo a fazer analogias esportivas. Mas

é sério. Talvez essa seja a hora! Neste momento, dou pulinhos mentais como uma pré-adolescente que conseguiu ingresso para o show de seu ídolo.

Estamos tirando as roupas um do outro no instante em que atravessamos a porta. Decidimos ir para a minha casa, já que era um pouco mais perto, de acordo com as contas de Jack. E quem sou eu para discordar dos cálculos de um consultor de negócios?

Tropeçamos na porta do meu quarto, a madeira fria pressiona minhas costas nuas enquanto as mãos quentes de Jack envolvem meus seios, arrastando o polegar sobre os mamilos enrijecidos.

— Eles estão reagindo ao meu toque ou estão só... — Seu tom baixo e grave perde forças enquanto os lábios se prendem à minha orelha, sugando com cuidado.

— Com certeza ao seu toque — minha voz soa ofegante e irregular.

Agarro seus ombros largos e sinto os músculos se movendo quando ele se ajeita e inclina a cabeça para tomar meus mamilos entre os lábios. Jack brinca com um deles, colocando a ponta da língua para fora para lambê-lo antes de fechar os lábios ao redor e sugar de leve. Libertando-o, ele se move para acariciar o outro, o que faz minhas mãos cerrarem em seu cabelo enquanto arqueio em direção ao seu toque.

Ele se endireita de repente e me pega no colo, me colocando na cama. Jack para entre minhas pernas abertas e expõe sua excitação com orgulho, grossa e pronta para mim. Seus lábios se curvam um sorriso que vou demorar para esquecer. É travesso, sexy, intenso e caloroso, tudo ao mesmo tempo.

Ele se agacha ao lado da cama e posiciona o rosto o mais perto possível do meu sexo, sem quebrar o contato visual. As mãos deslizam pelas minhas pernas, afastando ainda mais as coxas. Ele abaixa a cabeça, parando quando os lábios estão a menos de um centímetro de distância.

— Quero que você brinque com os mamilos enquanto eu me divirto com a sua boceta. — Aquele sorriso e o fato de que ele quer que eu me toque, combinado com suas palavras, faz uma excitação acalorada se espalhar pelo meu corpo. Minha única opção é obedecer.

Fecho os olhos e inclino a cabeça assim que os lábios macios de Jack tocam minha abertura. Quando a ponta de sua língua me saboreia, minhas mãos e dedos se movem sozinhos, acariciando os mamilos. Ele desliza dois dedos para dentro e o movimento faz meus músculos internos se contraírem na expectativa do pau grosso tomar o lugar.

— Jack — sussurro. — Eu preciso de você. Por favor. — Não me importo com a súplica. Tudo o que sei é que se não o tiver dentro

de mim agora, posso morrer.

Mas ele me dá ouvidos? *Não*. Em vez disso, opta por me fazer sofrer ainda mais. Com dedos escorregadios por causa da minha excitação, ele os impulsiona para dentro e para fora, me levando para mais perto do clímax enquanto prende os lábios no meu clitóris e suga, aplicando pressão apenas o suficiente para me fazer oscilar.

Cavalgo seus dedos, empino os quadris, aperto e relaxo os músculos internos e meus mamilos estão mais duros que nunca. Assim que meus tremores desaparecem, abro os olhos para espiá-lo lá embaixo, observando-o enquanto ele tira os dedos de dentro de mim e os coloca na boca, chupando-os até estarem limpos.

— É melhor você subir na cama agora — eu aviso, rouca.

Ele estende a mão, pega uma camisinha na mesa de cabeceira e a coloca rapidamente. Em seguida, segura meus quadris para me levar para mais perto da borda do colchão. Com as mãos nas laterais da minha cabeça, ele pressiona a ponta na minha entrada. Jack entra muito devagar e olha para mim com uma mistura de carinho e desejo ardente enquanto toca minha bochecha.

— Você é tão linda, Raio de Sol. — Ele pressiona os lábios com delicadeza nos meus enquanto vai mais fundo, e já sinto o aperto revelador dos meus músculos internos. A sensação de tê-lo dentro de mim a cada estocada, me leva para mais perto do clímax. À medida em que seu comprimento duro entra e sai de mim, meus músculos tensionam em expectativa. Uma estocada é tudo de que preciso...

— Ah, querida. Você escolheu bem.

Jack e eu nos assustamos com o som da voz que nos interrompe, nossas testas batem uma na outra enquanto tentamos puxar algo para nos cobrir.

— Ai! — choramingo com a mão na testa antes de gritar na direção do burburinho no corredor. — Mãe! O que você está fazendo aqui?

Jack está com uma grande mancha vermelha na testa perto da sobrancelha esquerda. Ele usa o edredom para se cobrir enquanto eu visto uma das camisetas enormes com as quais geralmente durmo.

— Sua mãe? — ele sibila.

— Ela é louca — sussurro alto. — Vai começar a planejar o nosso casamento. — Escondo o rosto nas mãos e estremeço. — Droga, ela viu sua bunda. Enquanto nós... — Deixo as mãos caírem do rosto e gesticulo com uma delas enquanto tento encontrar as palavras.

Jack arqueia a sobrancelha. Ele está encostado na minha cabeceira como se não estivesse traumatizado, nem perturbado pelo que acabou de acontecer.

— Copulávamos? Fornicávamos? — Sua expressão se anima, e ele solta: — Trepávamos? — Então, ele imita o sotaque britânico de

Austin Powers. — Mas nós só estávamos trepando, querida.

— Você acha isso engraçado? — O pânico em minha voz é evidente.

— Qual é o nome do seu joventinho? — minha mãe grita da cozinha. Ela deve estar revirando a despensa e a geladeira, me julgando pelos recipientes de delivery, porque o plástico acaba com o meio ambiente ou por causa dos transgênicos que as comidas prontas podem conter. Ela é um pouco... hum... muito *hippie*. Ela gosta de *tudo* caseiro.

— Ou eu deveria chamá-lo de bundinha fofa? — Ela ri. — Porque a bunda dele...

— Jack! — eu intervenho. — O nome dele é Jack!

É claro, ele está sentado ali, rindo como se não se importasse com nada. Como se suas roupas não estivessem espalhadas pelo meu apartamento. Ele se move para sair da cama, se levanta e caminha até mim. Meus olhos automaticamente recaem até sua insistente ereção. Ele está *muito* duro. Olho em seus olhos faço uma careta.

— Desculpe por isso e — aceno na direção da ereção óbvia — *isto*. Sei que dói e...

Ele interrompe minhas palavras com um beijo e pressiona a testa na minha.

— Raio de Sol, você deve ter se esquecido, mas já passamos por isso.

— Está virando um padrão, não é? — Solto um suspiro pesado. Suas mãos embalam o meu rosto e seu está olhar atento.

— Eu amo estar com você. — Sua atenção se volta para o dedo que acaricia minha bochecha. — Não só por isso.

Com um beijo rápido nos lábios, ele se afasta e sorri.

— Agora, vá pegar as roupas do Sr. Bundinha Fofa para que ele possa conhecer a sua mãe.

Jack

Sarah se move como um foguete e dispara pelo corredor enquanto fico sentado na cama, esperando-a voltar com as minhas roupas. Eu a ouço soltar alguns resmungos baixos e a imagino exausta, recolhendo as roupas pelo caminho.

— A chave que você usou era para emergências, mãe.

A mãe de Sarah responde, nada perplexa com a irritação evidente no tom da filha:

— Querida, eu queria te fazer uma surpresa.

Sarah bufa alto e ao voltar marchando pelo corredor, murmura:

— Com certeza fez. — Ela entra no quarto, joga nossas roupas na cama bagunçada e começa a separá-las. Assim que termina de dividir as peças, veste as dela enquanto coloco a cueca e a calça.

Sarah passa a mão pelo cabelo.

— Certo — ela diz de repente. — Podemos dizer que você precisa ir ao escritório porque está trabalhando em um novo projeto e...

— Está tentando se livrar de mim? — Minha expressão é de mágoa exagerada. — Isso me machuca profundamente.

Seu olhar afiado só me faz sorrir.

— Sério, Westbrook?

— Ah, você não me assusta. — Passo um braço ao redor de sua cintura, puxando-a para mim. — Gosto mais de você quando está mal-humorada — sussurro em seus lábios e deslizo os meus nos dela, mas me seguro para não beijá-la. Posso sentir a rigidez de seu corpo amenizar, o que me deixa agitado, porque sei que sou o motivo. Roço os lábios em sua mandíbula. — Também gosto muito quando estou bem fundo dentro de você, Raio de Sol.

— Você acabou de fazer aquela coisa de sussurrar safadezas no meu ouvido? — ela murmura, e estou grato por notar que o pânico amenizou em seu tom. — Você está *tentando* me deixar molhada enquanto a minha mãe está no fim do corredor? — ela sibila.

Rio baixo e dou um beijo em sua testa.

— Com certeza. E, sim — mordisco de leve o lóbulo de sua orelha, saboreando a respiração pesada —, estou.

Me afasto, visto a camisa, dou uma piscadinha e saio do quarto, deixando-a lá. Sigo pelo corredor e chamo a mãe de Sarah:

— O sr. Bundinha Fofa está vestido agora, então podemos nos

conhecer direito.

Entro na cozinha e vejo uma versão mais velha de Sarah usando saia longa, sandálias de tiras finas e uma blusa fina feita de um tecido fluido que cai por seu corpo pequeno.

O rosto dela se ilumina quando me vê.

— Você é ainda mais bonito de frente. — Um sorriso largo e exuberante acompanha a fala. — Terei que dar os parabéns à minha filha pela boa escolha. — De repente, sua expressão fica preocupada. — Você é vegano?

— Hum... não, senhora — respondo devagar. Não sou vegano, não importa por que ângulo se olhe. — Eu gosto de um bom bife.

— Ah, que alívio. — Ela solta um longo suspiro e estende a mão para me dar um tapinha no ombro. — Uau! — Sua expressão se anima. — Que musculatura fantástica. — Ela me aperta e continua falando: — Homens que comem carne vermelha geralmente têm níveis mais saudáveis de testosterona e... — ela se aproxima para encarar a minha virilha — mais libido.

Ah, caramba.

Estendo a mão, na esperança de desviar sua atenção do meu pau e me apresento.

— Jack Westbrook. É um prazer conhecê-la, senhora.

Ela ignora a minha mão e acaba com a distância, me puxando para um abraço com muito mais força do que eu imaginaria que uma mulher baixinha de cinquenta e poucos anos teria.

— Sou a Lilly. — Recebo um tapinha firme nas costas e outro rápido no traseiro antes de ela me soltar e se afastar.

Seus olhos azuis brilham com malícia enquanto me observa.

— Precisava verificar com o que a minha filha está lidando.

Não sei bem como me sinto com a mãe de Sarah me apalpando...

— Mããããe — a voz de Sarah chega e ela aparece, muito mais arrumada agora, com o cabelo preso em um rabo de cavalo e um moletom de zíper fechado sobre as roupas. — Me explique de novo o que você está fazendo aqui.

Lilly a puxa para um abraço e não posso deixar de notar que ela não ganha o mesmo tapa na bunda que eu. Quando a mãe solta Sarah e volta a mexer na despensa, de costas para nós, me inclino até a orelha dela para sussurrar uma provocação:

— Eu ganhei um tapinha na bunda. Você, não.

Ela semicerra os olhos azuis para mim, mas antes que tenha a chance de responder, Lilly solta:

— É porque a bunda dele é melhor que a sua.

Sarah balança a cabeça.

— O que a fez vir de Albany até aqui?

— Ah, você sabe. — Mais remexidas na despensa. — Eu precisava da sua ajuda com uma coisa, então pensei em passar aqui e te buscar. Mas, melhor ainda... — Lilly se vira, a expressão é uma mistura de esperança e animação.

— Não, mãe.

— O Jack pode ir com a gente!

Olho entre as duas, me perguntando o que estou deixando passar. A expressão de Lilly é de puro deleite enquanto os olhos de Sarah estão arregalados de medo.

— Não. Diga não, Jack.

Lilly acena, dispensando-a.

— Pare com isso. Ele vai se divertir.

A única resposta de Sarah é um som estrangulado.

A curiosidade é mais forte que eu, então respondo:

— Pode contar comigo.

Puta. Merda. No que fui me meter?

— Eu tentei te avisar — Sarah sibila para mim, balançando a cabeça com um suspiro.

E ela está certa. Ela tentou. Pensei que sua mãe precisasse de ajuda para escolher a cor de uma tinta ou um sofá novo. Pensei que ela fosse nos levar à cidade para a ajudarmos a escolher um eletrodoméstico. Com certeza, nunca imaginei que ia ajudar uma mulher que acabei de conhecer a escolher algo íntimo.

E por íntimo, quero dizer um *brinquedo erótico*.

— Então, Jack... — Lilly entrelaça o braço no meu ao caminharmos pelo sex shop. — Me diga o que você gostaria que uma mulher comprasse para você.

Viro a cabeça para Sarah e sei que a minha expressão grita: “Por favor, me salve!”.

Ela apenas sorri e murmura as palavras que soltei de maneira tão descuidada mais cedo: “Pode contar comigo”.

— O que acha de contas anais? — Lilly pergunta.

— É, *Jack* — Sarah se intromete para ajudar. — O que acha de bolinhas tailandesas?

Fixo meu olhar no dela e respondo:

— Nunca usei bolinhas tailandesas, *Raio de Sol*. — Baixo a voz em desafio e adiciono: — E ninguém nunca reclamou.

— Bem, então o que você recomendaria? — Lilly se afasta cerca de cinco metros para inspecionar uma prateleira de plugs anais ao lado de uma variedade de vaginas de silicone.

Sarah segura os meus pulsos e toca de leve a testa no meu peito.

— Por que eu? — ela murmura baixinho. — Por que *eu*?

Tento disfarçar o riso antes de abaixar a cabeça sussurrar no ouvido dela:

— Estamos juntos nessa. É melhor aproveitarmos. — Então ergo a voz para chamar a atenção de sua mãe. — Acho que plugs anais podem ser um começo divertido, Lilly.

Sarah e eu não nos aguentamos e rimos baixinho da nossa situação.

Sarah

— Obrigada por esse passeio interessante, mãe.

O que mais eu poderia dizer? Obrigada, mãe, por levar Jack e eu para escolhermos um item pessoal para você e o seu novo namorado testarem? Eu preferiria não ter isso guardado na memória, muito obrigada.

Ela me abraça e, por um momento, sou enviada de volta ao passado, quando era uma garotinha. Antes que meu pai tivesse partido. Antes que ela começasse a se reinventar sempre que arranjava um namorado novo. Antes que ela decidisse que sua versão original não era suficiente. Antes de me fazer perceber o que eu não queria me tornar... o que eu não queria que acontecesse comigo.

Com um risinho, ela responde:

— O prazer foi meu, querida. — Ela faz uma pausa e sussurra no meu ouvido para que Jack não a ouça. Ele já se despediu e está sentado no sofá, com o som da televisão baixinho ao fundo. — Você deveria manter o sr. Bundinha Fofa por perto. Ele é dos bons.

Eu me afasto e lanço a ela um olhar de aviso, porque ela deveria me conhecer.

— Não comece. — Meu tom é discreto e cansado, pois já passarmos por isso um milhão de vezes. — Por favor.

Ela emoldura minhas bochechas com as mãos. Olhos do mesmo tom de azul que os meus me encaram enquanto ela solta:

— Ah, Sarah. — E suspira.

— Ah, mãe — Meus lábios se contorcem em resposta.

Seu olhar se move, e juro que noto uma pontada de tristeza em suas profundezas. Ela dá um beijo rápido na minha bochecha, se vira para abrir a porta e diz:

— Tome conta da nossa garota, Bundinha Fofa. — E vai para o corredor.

— Pode deixar, Lilly — Jack responde. Nenhum deles parece achar que notei o comentário sobre “nossa garota”, mas notei. Só escolhi ignorá-lo.

— Tchau, mãe.

— Tchau, querida. — Minha mãe dá dois passos no corredor em direção ao elevador, então para, parecendo hesitar. Dá meia volta e me encara. — Talvez a gente possa se encontrar para um jantar qualquer noite dessas? Só nós duas?

Quase pergunto a razão daquilo. Se o cabelo dela vai estar da mesma cor da próxima vez que a vir ou se ela vai fingir que não gosta mais de carne. Mas não o faço, pois quero que nossa noite termine bem.

— É claro. Acho ótimo. — Colo um sorriso no rosto.

Ela me dá um aceno e me joga um beijo antes de ir para o elevador. Assim que entra, tranco a porta do apartamento e me reclino na superfície dura. Solto um longo suspiro, murmurando comigo mesma:

— Preciso muito de uma bebida.

— Quer que eu te sirva uma taça de vinho?

Eu me movo, assustada. Estava tão perdida em meus pensamentos que me esqueci de que Jack ainda estava ali. Avanço pelo corredor até onde ele está relaxado no sofá e noto um de seus braços apoiado no encosto enquanto o outro está no braço do móvel. Como se ele fosse parte daquele lugar.

A ideia é tão esquisita e tão assustadora que tenho certeza de que paro de respirar por meio segundo.

— Na verdade — começo, suspirando —, depois de tudo o que aconteceu hoje, prefiro vegetar.

Seus olhos se fixam nos meus por um instante e seus lábios se curvam. Estendo a mão até uma das almofadas macias do sofá, e ele a apoia no colo antes de dar dois tapinhas.

— Então venha até aqui vegetar comigo, Raio de Sol.

Ignoro minha falta de hesitação em me juntar a ele no sofá. Assim como ignoro o contentamento que me percorre quando Jack me cobre com a manta que fica jogada no encosto do sofá. E ignoro como seus dedos me acalmam ao deslizarem gentilmente pelo meu cabelo, incentivando meus olhos a se fecharem em um relaxamento extasiante.

Muito mais tarde, fico vagamente ciente de que Jack está me colocando na cama depois de eu ter adormecido em seu colo. Ele me cobre e me dá um beijo suave nos lábios. E mesmo que eu ignore isso, um canto profundo e escuro do meu coração nota.

Sarah

— É hoje o grande dia. Minha melhor amiga vai se casar com o homem dos sonhos que um dia alegou ser gay para poder alugar o quarto disponível na casa dela e descobrir um jeito de conquistá-la.

— Uau — Maggie diz. — Que resumo encantador.

— Ei. — Dou de ombros e sorrio. — Estou tentando segurar o choro.

E é difícil, acredite em mim. Maggie está linda naquele vestido. No mesmo instante em que estou posicionando o véu delicado em sua cabeça, ouço uma batida na porta.

— Não, Ry! — eu grito.

Ele já tentou ver Maggie diversas vezes, alegando que precisava beijá-la ou dar um recado. Tive que despachá-lo.

— Sou eu, querida — a sra. James, mãe de Ry, fala antes de virar a maçaneta. Ela entra rapidamente e fecha a porta ao passar. A mulher para ao ver Maggie e leva a mão à boca.

— Minha nossa. — Ela suspira. — Você está deslumbrante.

— Não é? — Sorrio para Maggie, notando seus olhos brilharem. Sei o que ela está pensando. Seus pais morreram há um tempo e sei que ela faria de tudo para tê-los aqui hoje.

Seguro a mão dela e dou um aperto.

— Você sabe que eles vão ver tudo dos melhores assentos.

Assentindo, ela pressiona com firmeza um lábio contra o outro e estende os braços para mim. Eu a abraço com o máximo de cuidado possível para não amassar sua roupa.

— Eu te amo — ela murmura baixinho.

— Também te amo — consigo dizer, apesar do nó na garganta. Arregalo os olhos para impedir que as lágrimas escorram. Maggie e eu nos separamos e me concentro em arrumar o véu, alisando-o.

— Ry queria que eu te desse isso, querida. — A sra. James estende um pequeno guardanapo quadrado e dobrado ao meio. É o que Maggie e Ry fazem, trocam recadinhos fofos que escrevem um para o outro quando estão separados.

Maggie o pega e quando o lê, o sorriso que se espalha em seu rosto confirma tudo. O sorriso causado pelo recado do futuro marido imediatamente erradica qualquer traço de tristeza, deixando apenas alegria no lugar. Saber que Maggie encontrou um amor desse tipo com Ry significa tudo para mim, ainda mais porque as coisas nem sempre

foram fáceis para ela.

Os olhos de Maggie encontram os meus e se voltam aos da mãe de Ry antes de ler a mensagem em voz alta:

— Serei o cara com o sorriso mais bobo e alegre, esperando a noiva entrar na igreja e ir em direção a ele. Estou pronto para me casar com o amor da minha vida. Estou pronto para Maggie James.

A sra. James enxuga o canto dos olhos com um lenço enquanto eu continuo a mexer no véu de Mags, dando o meu melhor para garantir que esteja perfeito. Encontro o olhar da minha melhor amiga.

— Acho que está na hora de você ir encontrar seu noivo.

Tem algo que acontece em casamentos. É como se, de repente, você fosse encapsulado por algum feitiço ou clima que te deixa toda derretida e sentimental. Até eu que não sou nem um pouco emotiva. Mas com um casamento tão lindo e se tratado de Maggie e Ry, era inevitável que o ar transbordasse amor e emoção.

Observo o casal enquanto se demoram no bar. Ry pega um guardanapo da pilha ali perto e tira uma caneta do bolso interno do paletó. Maggie sorri para ele enquanto o marido escreve algo no papel antes de empurrá-lo para ela. Assim como antes, no momento em que Maggie lê o que está escrito, sua expressão é de absoluto...

— Amor.

Eu me sobressalto com a voz de Jack no meu ouvido, mas não tiro os olhos da minha melhor amiga e de seu marido.

— Posso jurar que a qualquer momento, vai aparecer corações, iguais aos dos desenhos animados, saltando dos olhos dos dois.

Não consigo não rir do comentário, porque é exatamente nisso que eu estava pensando.

— Será que existe a chance de você dançar comigo? — ele sussurra, rouco.

Me viro para encará-lo e decido brincar com ele. Apoio uma mão no quadril e gesticulo de forma dramática com a outra.

— Só porque você está muito bonito de paletó e tem um sorriso encantador, não quer dizer que...

Ah, merda! Pare! Pare! É essa a minha tentativa de atormentá-lo? É sério mesmo, Sarah? Cuspindo elogios?

— Você acha que estou bonito? — Ele arqueia as sobrancelhas em surpresa exagerada. — E que coisa é essa de sorriso encantador? — Ele vira a cabeça e abre um sorriso enorme. — É este o sorriso encantador? — Seu sorriso parece mais uma tentativa de me seduzir, não que eu vá admitir, e Jack coloca a mão na cabeça para posar de forma dramática. — Ou seria... este? É este, não é? — Ele tem a audácia de me dar uma piscadinha.

Reviro os olhos e redireciono minha atenção para a pista de dança cheia. Sem responder.

— Admita que você achou graça. — Por que ele está com a voz rouca? Juro que está exalando mensagens subliminares. Algo do tipo: “Suba naquele bar e abra as pernas para mim”.

Maldita vagina. Meu corpo é um traidor descarado quando se trata de Jack.

Ele se aproxima, encostando o peito nas minhas costas, e posso sentir o calor irradiando dele. De repente, ele passa os braços ao meu redor e os dedos seguram algo pequeno em frente ao meu rosto.

Um chocolate do tipo que sempre levo comigo. Mas hoje não tive onde escondê-los. Bem, não sem colocá-los em um lugar onde acabariam derretendo.

Lutando contra um sorriso, pego o doce, mas Jack não o solta. Puxo de sua mão, e ele se inclina para sussurrar:

— Me prometa uma dança e o chocolate é seu.

— Que seja. — Outro puxão, mas nada.

— *Prometa*, Raio de Sol — ele insiste, brincalhão.

— Prometo — digo entre dentes cerrados. Então dou outro puxão no chocolate e comemoro internamente quando Jack o solta. Abrindo-o, leio a mensagem de dentro antes de colocar o chocolate todo na boca.

ALGO PECAMINOSO ESTÁ PRESTES A ACONTECER

Com um sorrisinho, dobro o papel enquanto sua voz soa no meu ouvido.

— Eu diria que é verdade, já que você e eu — ele me assusta ao segurar minha mão, me gira e caminha de costas enquanto me leva para a pista de dança — estamos prestes a mostrar para essas pessoas o que é uma dança lenta de verdade.

Arqueio as sobrancelhas, cética.

— Com Dave Matthews Band? — *Satellite* está tocando e por mais que eu ame a música, não tenho muita certeza de que balançar o corpo de um lado para outro vá mostrar a alguém o que é “uma dança lenta de verdade”.

Ele nota minha descrença e me encara com um sorrisinho.

— Só feche os olhos e mergulhe nesta jornada comigo.

— Jack. — Não consigo evitar e reviro os olhos.

Com uma falsa tentativa de exibir uma expressão séria, ele solta:

— Raio de Sol. — E me puxa para mais perto. Fecho os olhos quando sinto sua mandíbula contra a minha bochecha e me pego concentrada no aroma potente, masculino e amadeirado que é cem por cento Jack.

— Está se concentrando na música? Na voz dele?

— Sim — murmuro enquanto meus olhos continuam fechados.

— Certo. — Há uma breve pausa. — Agora me diga se não há chances de Dave Matthews Band e Shakira serem a mesma pessoa.

Espere aí. *O quê?*

— Você está de brincadeira? — Afasto a cabeça para encará-lo, incrédula.

— Faça-me o favor, Raio de Sol. — Não sei dizer se ele está falando sério ou não. — Escute a voz dele e pense em todas as músicas da Shakira que você já ouviu...

— O que seria o total de duas.

— Note as semelhanças. — Ele arqueia a sobrancelha como se tivesse provado sua teoria. — Essa música não é um exemplo tão bom quanto as outras. *Ants Marching*, por exemplo. Essa música — ele assente, concordando consigo mesmo — te convenceria de uma vez por todas.

O riso sobe pela minha garganta e não consigo me impedir de balançar a cabeça.

— Você é louco, sabia?

Ele emite um som despreocupado antes de me balançar. Então me gira até que eu esteja novamente em seus braços antes de me mergulhar de maneira dramática. Jack nos endireita e continua a nos mover no ritmo da música. Ele estende uma das mãos para tirar alguns fios soltos de cabelo do meu rosto. Então dá um beijo na minha testa.

— Quanto a algo pecaminoso estar prestes a acontecer, Raio de Sol — ele murmura em um tom suave e baixo —, preciso dizer que tê-la assim nos meus braços já é suficiente para mim.

Jack

Tenho certeza de que um ovário acabou de nascer dentro de mim. É a única explicação para eu ter ficado tão emocionado com o casamento de Maggie e Ry. Ou, mais importante, com o brinde que fiz.

— Ry e eu passamos por muita coisa juntos. Nos conhecemos na faculdade e nunca mais nos separamos. — Com um sorrisinho, pressiono a mão no coração e adiciono, de forma dramática: — Éramos nós contra o mundo. Jack e Ry.

Ouçõ risadas e bufos, mas continuo, ficando sério quando olho para o meu melhor amigo e sua esposa:

— Ele me salvou de diversas maneiras, me colocou sob sua proteção e se tornou o tipo de amigo que eu não sabia que faltava na minha vida. O tipo de amigo de que eu não sabia que precisava. Ele me ajudou a enfrentar um período difícil quando meu pai morreu. Percebi que não precisava ser Jack Westbrook contra o mundo, tentando avançar sozinho.

Balanço a cabeça e abro um sorriso sem graça.

— Eu tinha uma pessoa ao meu lado, um melhor amigo que me entendia, que não julgava muito... — Paro e rio — A não ser quando me deu a má notícia de que um protetor de bolso, na verdade, *não* nos renderia garotas gostosas de nenhuma república.

Mais pessoas riem, e a minha expressão fica séria quando desvio o olhar até a mesa coberta por tecido para manter a compostura. Estudo o local antes olhar para os recém-casados. Então continuo:

— Quando Ry e Maggie se tornaram amigos, foi como se tudo fosse predestinado: em um instante, eram estranhos e logo se tornaram melhores amigos. Tive o prazer de ver essa amizade florescer e se transformar em algo mais. No amor que é tão imperfeito para quem olha de fora, mas perfeito pra caramba para os dois. Eu não poderia estar mais feliz pelo meu amigo ter encontrado sua outra metade, pelos dois terem encontrado o amor eterno.

Minha voz fica embargada e brinco com o microfone antes de voltar a atenção para Ry, que parece estar com os olhos marejados.

— Estou muito feliz por vocês terem se encontrado e muito, muito honrado por ter ganhado uma irmã nessa empreitada.

Engulo em seco e uso um sorriso corajoso, tentando manter o

tom leve enquanto falo com os convidados:

— Uma vez, ouvi uma frase que dizia: “Você sabe que está apaixonado quando não quer dormir, porque a realidade é melhor que seus sonhos”. — Erguendo a taça de champanhe, sorriu para os noivos. — À Maggie e Ry. Que a realidade de vocês seja sempre melhor que os sonhos.

Assim que termino o brinde e o DJ volta a tocar música para arrastar as pessoas para a pista de dança, Ry se levanta. Ele abre caminho até mim e me dá um abraço apertado, murmurando no meu ouvido:

— Obrigado, cara. Eu te amo.

Me afasto um pouco e dou um tapinha em sua bochecha.

— Eu também te amo, docinho.

Ele revira os olhos para o apelido antigo. Antes de dizer outra coisa, mais dois braços deslizam ao nosso redor.

— Eu quero participar do abraço. — Maggie sorri para mim. — Obrigada, Jack. Por tudo.

Passo o braço ao redor dela, dou um beijo em sua bochecha e faço uma expressão questionadora.

— Isso quer dizer que tenho permissão de ser padrinho, não é?

O casal resmunga ao mesmo tempo. Antes que eu possa dizer algo, vejo o pai de Ry levar Sarah até a pista de dança.

— É o seu pai indo dançar com a Sarah? — faço a pergunta a Ry, sabendo que o pai dele é todo certinho e sério. Não é uma pessoa que faria algo que chegasse perto de ser divertido, como dançar com a dama de honra ou contar piadas.

— Hum — Ry hesita, parecendo perdido. — Sim. É ele.

Eu me inclino para frente, encosto o ombro no dele e sibilo de brincadeira:

— Será que seu pai está tentando roubar a minha... — Paraliso de repente.

— Continue. — Humor domina a voz de Ry. — A sua... — ele insiste.

Merda. Eu estava prestes a dizer “minha mulher”. Mas ela não é. Caramba, não sei nem o que somos, se é que somos alguma coisa. Sinto um cutucão nas costelas, olho para baixo e vejo Maggie me encarar.

— Você deveria ir resgatar a sua mulher quando a música acabar.

Ao caminhar até a pista de dança em direção a Sarah, não deixo de notar que Maggie se referiu a ela como minha mulher. Escolho ignorar por ora, porque sei que vou ter trabalho para convencer Sarah a ser minha.

Lembrete para mim mesmo: comece a comprar aqueles

chocolatinhos de que ela gosta. Caixas e mais caixas.

Sarah

Faz alguns dias desde o casamento de Ry e Maggie, e tenho trabalhado como louca. Se estou com inveja dos meus amigos que estão tomando sol nos trópicos e bebericando um drinque entre rodadas de sexo intenso de recém-casados?

Por favor. Será que um quadrado tem quatro ângulos retos?

Caramba. Preciso mesmo dormir, porque já comecei a tagarelar sobre matemática. Sinto o gosto de vômito na boca.

Também estou muito decepcionada por não ter colocado as mãos em Jack depois do casamento, mas honestamente, depois de um dia cheio de responsabilidades de dama de honra, eu estava exausta. A única coisa com a qual eu estava fantasiando era *dormir*.

Hoje, Clint e eu queríamos aproveitar o tempo bom e como saímos do trabalho no mesmo horário, decidimos ir almoçar. Estamos caminhando pelo centro de Saratoga, e Clint vê algo na vitrine de uma boutique ali perto.

— Isto está praticamente gritando o meu nome. — Ele aponta para um cinto cravejado com detalhes dourados e prateados.

— Com certeza vai chamar um pouco de atenção para a sua cintura — eu comento, mordaz.

Clint faz uma arma com os dedos e a aponta para mim.

— Exato. E qualquer atenção à essa região é bem-vinda, querida. — Estudando o cinto, ele solta um longo suspiro. — Mas prometi a mim mesmo que não gastaria com bobagens. — Batendo os dedos de leve no vidro, ele lamenta: — Tchauzinho, cinto. Talvez um dia nos reencontremos.

Balanço a cabeça e rio.

— Você é esquisito. — Ele entrelaça o braço no meu e continua a me levar pela calçada movimentada. — Está planejando ir para casa?

Ele mal reprime um bocejo.

— Aham. Estou ouvindo uma soneca chamar meu nome. — De repente, ele endireita a postura e seu rosto vira uma máscara de inocência. — Espere aí. A casa do Jack não fica a dois quarteirões daqui?

Me perguntei por que continuamos seguindo em direção ao fim da South Broadway, para longe das lojas que Clint geralmente prefere. Olho para ele.

— Isso passou longe de parecer desinteressado.

Ele sorri alegre e dá de ombros.

— Não me importo. — Paramos para atravessar, esperamos o sinal e caminhamos pela faixa de pedestres até o outro lado da rua. — Vou te deixar na porta dele como se fosse uma cegonha. Então ele vai... — Clint para de repente, arregalando os olhos para mim.

— Ele vai o quê? — pergunto com cuidado, o observando.

— Talvez ele perceba que está *me* cobiçando! — ele anuncia todo animado. Clint solta o braço do meu e pula tão alegre quanto um chihuahua enquanto avança pela rua até a casa de Jack.

Olho para o céu azul e resmungo:

— Por que eu? — Então começo a andar rápido para alcançá-lo.

Mas não sou rápida o bastante para interceptá-lo antes que ele aperte a campainha da casa de Jack.

— Pois não?

Clint se apoia no prédio e abre um sorriso tímido para o interfone, como se Jack pudesse vê-lo.

— Jack, sou eu, Clint. Estou parado aqui com uma loira deslumbrante que, por acaso, é uma safada sem tamanho e escreve poemas em segredo sobre o amor dela por você. Ah! E as esculturas. Não posso me esquecer daquelas réplicas de argila que ela faz do seu gigantesco pê...

Avanço em um movimento que deixaria o Neo de *Matrix* com inveja, e cubro a boca de Clint para abafar suas palavras.

Mas é tarde demais.

— Já vou descer. Mal posso esperar para ouvir sobre esses poemas e esculturas.

Ao som do interfone se desconectando, Clint estende o braço para abrir a porta e puxa meu braço, me empurrando para dentro do lobby.

— Pegue o cara, gatona.

— Mas...

Então, ele fecha a porta e sai correndo, me deixando parada ali, perplexa, no lobby do prédio de Jack. Que vai descer a qualquer instante.

Merda, merda, merda. O que esse cara tem que me deixa tão perdida?

Respiro fundo algumas vezes para me acalmar, me viro em direção ao elevador. E paro de repente.

— Oi, Raio de Sol. — Jack está diante de mim, parecendo delicioso demais em um short de cintura baixa e camiseta branca simples.

— Ah, droga. — Eu poderia, por favor, ter passe livre para me jogar em cima dele? Assim como fazem nos filmes antes de beijarem o

outro de forma apaixonada?

— Essa não era bem a reação que eu estava esperando. — Ele olha além de mim. — E pensei que o Clint estivesse aqui.

— Ele *estava*. — Aceno para o lado de fora. — Mas ele fez uma versão esquisita do famoso tocar a campainha e sair correndo.

Ficamos parados ali, com alguns metros nos separando, e me sinto esquisita pra caramba. Troco o peso entre os pés e coloco as mãos nos bolsos do moletom.

— Bem, hum, eu deveria...

— Subir. — Ele inclina a cabeça na direção dos elevadores. — Fique um pouco.

Neste momento, percebo que nunca vim à casa de Jack com a intenção de só... ficar um pouco, casualmente.

É esquisito.

Tudo bem, sei o quanto isso soa horrível, mas é verdade. É esquisito. Em minha defesa, toda a coisa da “maldição” começou aqui.

— Tente conter a animação — ele comenta sério quando não respondo de imediato. Percebo que estive mordendo o lábio inferior e devo estar fazendo careta de tanto pensar.

— Pode deixar — ofereço, animada demais. — Eu adoraria passar um tempo com você.

— Escada ou elevador?

— Escada — digo, apressada. — Comi muito no almoço.

Recebo um sorrisinho dele.

— Escada, então. — Ele caminha em direção à porta que dá acesso à escadaria, abrindo-a. — Você primeiro.

Subimos em silêncio e chegamos ao quarto – e último – andar do prédio. Jack me leva pelo corredor até a sua porta. Ao entrar no apartamento, tento me livrar da sensação de *déjà vu*.

— Quer beber algo? — ele oferece, indo até a geladeira, e pegando uma garrafa de água. — Eu estava prestes a relaxar e ver um filme. A semana foi terrível.

— Não, obrigada. — Com um suspiro exausto, me apoio no balcão da cozinha e adiciono: — Eu concordo que a semana foi terrível.

Jack se vira, se apoia na geladeira e abre a garrafa. Meus olhos estão fixos em seus antebraços, no movimento dos músculos e das veias enquanto ele gira aquela tampa.

— É difícil, não é? — Ele leva a garrafa aos lábios e os bíceps esticam as mangas da camiseta branca.

Ah, *caramba!* Hora da confissão: tenho uma coisa com antebraços e bíceps, com mais ênfase nos antebraços. Dê a este homem um garfo, uma faca e um pouco de comida para cortar, e eu poderia ficar sentada o dia todo observando os antebraços

trabalhando. Todos aqueles pequenos movimentos dos músculos e veias expostas são como colírio para os meus olhos. Hummm.

E caso você esteja se perguntando, pois sei que está sempre fui esquisita assim.

— Posso comentar que estou oficialmente desejando seus antebraços? — solto.

Jack se engasga com a água e tenta cobrir a boca, mas não consegue segurar parte do líquido que respinga na camiseta. Não sei o que fiz essa semana para merecer isso, mas deve ter sido algo *muito* bom, porque a camiseta branca ganha uma mancha molhada bem no peito. A água gelada imediatamente deixa os mamilos duros, e eu estou. No. Paraíso.

Ele pigarreia e coloca a garrafa no balcão.

— Caramba, Raio de Sol. — Ele ri e é quase como se estivesse envergonhado. Mas piora. Ou melhora. Porque, no instante seguinte, ele faz algo divino: tira a camiseta molhada.

Isso mesmo. Ele segura a peça pela nuca e a puxa pela cabeça. Dura, no máximo, cinco segundos, mas para *mim*, leva meio minuto, porque minha mente vê tudo em câmera lenta.

Sabe aqueles filmes em que uma mulher sensual e curvilínea está correndo pela praia usando roupa de banho provocativa, com os seios balançando loucamente e a cena está em câmera lenta? Bem, é isso que está acontecendo aqui e agora. Minha mente está planejando saborear o momento mais tarde, desacelerando tudo enquanto ele ergue a camisa pelo abdômen e peitoral duros. É como se fosse um strip-tease só para mim.

Acordo quando percebo que fui deixada parada sozinha na cozinha enquanto ele vai buscar outra camiseta.

— Não se vista por minha causa — murmuro mais para mim do que qualquer outra coisa.

— O quê? — ele grita do quarto.

— Perguntei qual filme você estava pensando em ver — minto.

— *Dezessete outra vez.*

Vou até a sala de estar, olho pelos janelões com vista para a rua e as lojas movimentadas ali perto.

— Tudo bem para você? — ele pergunta. Ouço seus passos se aproximarem e o som de Jack inserindo o filme no aparelho de Blu-ray.

Quando me viro, sinto que ele está pondo em prática seu plano de tentar me seduzir.

— Ei, ei, ei. Espere aí. — Jogo as mãos para cima. — Você nunca me disse nada sobre esse... — faço um círculo com o indicador na direção de seu rosto, onde agora há uma armação preta — óculos encantador e sensual.

Ele passa a mão pela mandíbula, o som da barba por fazer arranha de leve a palma. Rindo baixo, como se estivesse um pouco envergonhado, ele dá de ombros.

— Só uso para descansar os olhos das lentes de contato.

— E — eu me aproximo, acenando em direção ao seu abdômen agora coberto — preciso dizer, você é o único responsável pelo aquecimento global com esse tanquinho.

Jack solta um som indiferente e percebo que, lá no fundo, ele ainda se vê como o nerd de antigamente. Sei que Maggie mencionou algo sobre as histórias de quando Ry conheceu Jack no primeiro ano da faculdade e do quanto o cara era inocente. E Jack também disse algo a respeito disso em seu brinde no casamento.

Não sei por que, mas sinto uma vontade feroz de tentar fazê-lo perceber e entender de uma vez por todas que ele não é mais o cara geek e facilmente ignorado.

Apoio a mão na parede firme que é o seu peito e inclino a cabeça para o lado, em contemplação.

— Preciso dizer, gosto dessa versão mais relaxada de Jack Westbrook. — Balanço as sobrancelhas. — Muito. — Encosto um dedo nos lábios e exagero uma expressão pensativa. — Talvez possamos brincar de empresário nerd e sexy que flagra a secretária tarde da noite enquanto ela está curvada sobre os arquivos.

Algo atravessa seu rosto, e ele me encara, incerto.

— Você gosta do estilo nerd?

Não são exatamente as palavras, mas a *forma* como as diz que me faz parar. Está claro que há algo mais, um peso por trás da pergunta.

— Talvez — respondo, devagar. Passo o indicador pelo centro da sua camiseta e olho para seu rosto. — Você era um nerd gostoso antigamente?

Algo parece errado em seu riso, e ele evita o meu olhar.

— Não sei quanto a gostoso, mas com certeza era nerd.

— Bem, talvez você só não estivesse no seu auge. — Deslizo uma das mãos pelos peitorais firmes antes de acariciar seu abdômen. Os músculos se contraem sob meu toque. — Tenho certeza de que eu estaria interessada em você naquela época.

Seus olhos se enrugam nos cantos.

— É mesmo?

— Tenho certeza.

— Bem, coincidentemente, recebi um convite para visitar a época em que eu era nerd pra caramba. — Há uma pitada de zombaria em sua voz.

Observando-o com curiosidade, pergunto:

— Um convite?

— Para o reencontro de dez anos da minha classe.— Seus lábios se contorcem.

— Ah. — Faço uma careta. — Não estou com inveja. O Ensino Médio foi doloroso demais da primeira vez.

— Exato. Mas — ele hesita, desviando o olhar —, uma pequena parte de mim quer mostrar àquelas crianças arrogantes e riquinhas que não sou mais o nerd magricela sem qualquer senso de estilo.

A maneira como os olhos azuis se turvam com o que parecem ser memórias infelizes faz o meu coração doer.

— Quando?

— Daqui duas semanas. — Ele volta a me olhar.

Repasso mentalmente a minha escala e dou um tapinha em seu peito.

— Então é melhor você confirmar presença.

— Do que você está falando? — Um vinco se forma entre as suas sobrancelhas.

— Vamos ao reencontro, Jack. E vamos abalar o mundinho deles. — Assinto como se quisesse enfatizar o sentimento.

— Sarah, você não precisa ir comigo. Não toquei no assunto para te convencer a ir. — Ele solta um suspiro longo e resignado.

Não sei o motivo, mas não gosto quando ele usa o meu nome em vez do esperado *Raio de Sol*. Fico na ponta dos pés e encosto os lábios nos dele em um beijo suave antes de andar e me acomodar no sofá.

— Está resolvido. Faça isso agora. Depois, vamos ver o filme.

Balançando a cabeça com um risinho, ele segue até o notebook na mesa de jantar, provavelmente abre o e-mail e envia uma confirmação rápida. Ele se vira e vem na minha direção, focando o olhar acalorado em mim. Fico aliviada em ver que as sombras desapareceram.

— Tudo resolvido, Raio de Sol. Agora — Jack se acomoda no sofá e passa um braço ao meu redor —, é hora do filme. — Ele pega o controle, e eu me aconchego em seu abraço enquanto ele aperta o *play*.

Não sei se já me senti tão bem por simplesmente passar um tempo com um cara.

Jack

A reunião é uma tragédia. Uma tragédia colossal de proporções épicas. Eu sabia que seria assim, mas acho que até eu subestimei a capacidade que as pessoas têm de ser intolerantes e inflexíveis.

O único ponto positivo é que Sarah está ao meu lado. A mulher está tão deslumbrante que quando ela abriu a porta do apartamento, quase engoli a língua. É claro, ela tinha me avisado que se vestiria para chamar atenção, mas *caramba*. Ela está com um vestido vinho de manga longa que termina logo acima do joelho. A parte de cima é bege e o decote é um V profundo coberto por renda.

— Você é a mulher mais bonita daqui, Raio de Sol — murmuro em sua têmpora antes de dar um beijo suave.

Seus lábios se movem em um sorrisinho sexy.

— É impossível, eu sou a única que não tem seios gigantescos — ela sussurra em resposta.

Jogo a cabeça para trás e rio, porque a observação foi muito verdadeira. É como se todas as minhas colegas de classe tivessem aproveitado uma promoção de silicone de dois a preço de um e optado pelo “quanto maior, melhor”. Muitas das mulheres estão exageradas, nada naturais.

Os lábios de Sarah se abrem em resposta, mas ela é interrompida por uma loira que ainda reconheço, mesmo depois de dez anos: Naomi, que pronuncia o seu nome como “Nay-ou-mi”, Salinas.

Naomi e o namorado da época da escola, Timmy Collier, gostavam de fazer piada comigo e com o fato de que o meu pai, um cara que criou o filho sozinho e que lutava para pagar as contas, dirigia um Honda Civic caindo aos pedaços e me levava e buscava na escola todos os dias.

Em Saratoga Springs, onde todos parecem ter dinheiro sobrando, meu pai, contador, se esforçou ao máximo para me dar tudo de que precisava. No entanto, ele jamais conseguiu arcar com a moda do momento, muito menos tinha condições de me dar um carro.

Eu era um nerd estereotipado que usava óculos enormes, e grossos e vestia calças curtas demais. Também nunca fui bom em socializar. Eu entregava jornais para ganhar um dinheiro e ajudar em casa, e era frequente que às sextas-feiras eu assistisse de casa aos jogos de futebol americano do time da escola que passava no canal da

cidade. Não se engane, eu era super excluído: o cara que não teve berço de ouro, cuja família não era dona de um negócio de sucesso, nem de um restaurante lucrativo na região. O cara que não conseguia fazer uma garota olhar duas vezes para ele.

Por sorte, tudo isso mudou quando Ry me acolheu na faculdade.

Naomi, com uma minissaia preta que combina com a blusa rosa-choque ridiculamente decotada, se aproxima e nos abraça por aproximadamente trinta segundos depois que entramos no salão. No entanto, em vez de me encarar com completo desdém, ela me encara como um cachorro faminto babando por um filé suculento.

Mas quando ela nota o meu nome no crachá... é o melhor momento de todos.

— Oizinho, vocês dois. Não se esqueçam de... — Ela para abruptamente quando se dá conta. Os olhos vão do crachá para o meu rosto, de volta ao crachá e direto para o meu rosto, como se tentasse decidir se isso é alguma piada. — Jack Westbrook? É você mesmo?

— Sim. — Prego um sorriso educado no rosto.

— Caramba — Naomi pontua devagar. Então se vira para chamar um careca que estava ali perto. — Querido, venha cumprimentar o Jack! — Não há como deixar de notar a alegria fingida em seu tom.

O cara vem na nossa direção com uma das mãos no bolso da calça mal ajustada. O crachá o identifica como “Timmy”. *Hum*. Por que não estou surpreso?

Ele passa os olhos por mim e os fixa em Sarah. Cada vez mais irritado, observo o olhar dele viajar até os seios dela e pousar ali por muito mais tempo do que o aceitável antes de descer pelo resto do corpo. Quando os olhos dele fazem o caminho de volta, estão arregalados em óbvio interesse. O cara umedece os lábios e sorri de maneira lasciva. Sinto meu corpo todo ficar tenso. A possessividade feroz que me domina é potente.

Meus dedos flexionam na cintura de Sarah, e ela coloca a mão em cima da minha, em resposta. Estendo a outra para Timmy, com um sorriso falso no rosto.

— Ei, cara. Bom ver você.

Ele aperta a minha mão e noto sua careta. Mal sou capaz de disfarçar meu sorriso satisfeito pelo resultado do meu aperto de mão punitivo.

— Espere um segundo. — É Timmy que finalmente liga os pontos. Bom saber que ele continua tão esperto quanto era na época da escola. — Você é o Jack Westbrook? O cara de que...

— Vocês zombavam sempre que tinham chance? Sim. — Solto a mão dele.

— Caramba. — O homem fica boquiaberto. — Você está diferente.

— Não é? — Naomi se intromete. — Quem diria que você estava escondendo esse cara bonito por baixo daquele nerd malvestido.

Sinto Sarah enrijecer ao meu lado quando respondo com a voz inalterada:

— Pois é.

— Lembra daquela vez que eu te prendi no armário? — Timmy gargalha. — Deus, foi engraçado demais.

Ótimo. Exatamente o que eu queria: relembrar o passado com esse babaca.

Minha voz sai entediada:

— Engraçadíssimo. — Desviando a atenção e, espero, a conversa para Sarah, eu a apresento: — Esta é Sarah Matthews.

Sinto que algo brilha nos olhos dela. Tenho quase certeza de que ela quer vingança.

Hora de relaxar e observar a minha mulher fazer o que faz de melhor.

Sarah

Estou enojada. *Muito*.

Esses dois são ridículos. Por sorte, sou treinada para lidar com gente doida e com gente malvada. Trabalhar em hospital me ajudou a aperfeiçoar essas habilidades. Mas aqui há uma pequena diferença: assim que começaram a incomodar o Jack, mudaram as regras do jogo. Minhas garras estão oficialmente de fora. Ninguém brinca com o meu Jack.

Espere... o quê? Eu quero dizer, *hum...* ninguém brinca com o Jack. Não sei de onde essa coisa de “meu” saiu.

— É um prazer conhecer vocês. — Com um sorriso exageradamente animado, estendo a mão para Naomi. — Propositalmente, falo seu nome errado, pronunciando “Nêi-ou-mee”, reencenando a minha versão da cena do filme *Dezessete outra vez*.

— É Nay-ou-mi — ela corrige fazendo careta.

Sem deixar o meu sorriso meloso perder a força, murmuro:

— Legal. — Então cumprimento o marido dela. — Timmy.

Ele puxa a minha mão, me fazendo tropeçar em sua direção.

— Eu prefiro abraços — ele diz enquanto me puxa para mais perto. É neste momento que “acidentalmente” enfio a ponta do meu salto em seu pé.

— Ai! — Ele me solta, se afastando com um olhar acusatório. Como se não estivesse sendo inapropriado. Como se eu não o tivesse notado olhando para meus seios. Nojento não começa a descrever. Mas ainda pior é o fato de ele ser casado com Naomi, que é, claramente, um lixo de pessoa.

— Então Jack... — ela praticamente ronrona, comendo-o com os olhos. — Quando essa transformação aconteceu?

Posso dar um soco nela? Por favorzinho?

Eu me concentro em Naomi antes de lançar um olhar de adoração a Jack.

— Você está louca para tirar proveito dele e desses peitorais incríveis, não é? — Passo a mão no peito dele. Cubro a boca como se estivesse contando um segredo para ela e me inclino para frente. — Preciso dizer que estou muito grata por você não ter descoberto naquela época o que ele guarda debaixo do cinto. Sabe do que eu estou falando, não é mesmo?

Dou uma piscada dramática e solto um suspiro sonhador.

— Às vezes, ele é tão grande que... pois é. Atinge cada lugar que me faz ter... — Faço uma pausa para enfatizar minhas próximas palavras — Um orgasmo atrás do outro. — Mais uma pausa longa e um suspiro dramático. — Eu fico *exausta*.

Naomi se engasga, e Jack me interrompe antes que eu possa ir mais longe.

— Acho que vi um conhecido, Raio de Sol, vamos lá dizer oi.

— Ah, que pena! — Faço biquinho para Naomi, e Jack me agarra pelo pulso e me puxa para longe. — Venha conversar comigo depois — grito enquanto sou arrastada dali. — Podemos conversar mais, Nêi-ou-mi.

Assim que me viro na direção onde Jack está me levando, escuto a mulher gritar:

— É Nay-ôu-mi.

E em uníssono perfeito, Jack e eu murmuramos:

— Ah, legal.

— Para onde você está me levando? — pergunto enquanto Jack nos leva para fora do salão e nos guia pelo longo corredor do resort.

— Para longe deste lugar.

Paro e puxo sua mão.

— Espere aí.

Ele se vira para me encarar.

— Raio de Sol, desculpe, mas não quero passar a noite com essa gente horrível.

Eu me aproximo dele, deslizo a mão pelo seu rosto e olho nas profundezas de seus olhos azul-escuros.

— Eu sei, mas — digo baixinho —, você está se esquecendo de onde estamos. — Ele parece confuso, então explico: — Estamos em um resort. — Quando fica claro que as minhas palavras ainda não fizeram sentido, adiciono: — Há diversos salões para eventos do tipo em que estávamos. — Faço uma pausa e lanço um olhar cheio de significado. — E casamentos.

Interesse ilumina os olhos dele.

— O que você está sugerindo?

— Eu vi aquela mesa ali atrás. — Aceno na direção de um salão específico pelo qual acabamos de passar. — Tem algumas etiquetas perdidas lá.

Ele se aproxima, e vejo um brilho travesso em seus olhos.

— Está sugerindo que a gente entre de penetra? Você quer entrar fingir ser convidada em um casamento?

— Aceita? — Sorrio para ele, desafiando-o.

— Talvez.

Volto à mesa em que vi as etiquetas em alto-relevo prata e com um número bem pequeno na parte inferior. Passo os olhos pelos nomes, pego duas e entrego uma Jack.

— O que você acha, Michael Willis? — Arqueio a sobrancelha de forma sugestiva.

Ele passa na minha frente e olha as etiquetas.

— Vamos nessa.

Colo a etiqueta em sua camisa social. Aliso o local com firmeza e me lembro do que tenho na bolsa.

— Ah! Espere aí.

Vasculho a clutch retangular e tiro dali o que sempre tenho em mãos.

— Você guarda cartões com monogramas na bolsa? — Jack pergunta, sem acreditar.

Rapidamente, escrevo uma mensagem dando os parabéns a “Jen e Donny” e pego meu talão de cheques.

— Raio de Sol. — Olho para cima e o encontro me observando, achando graça. — Por que tenho a sensação de que você já fez isso?

Termino de preencher o cheque para cobrir nossas despesas e o guardo dentro do cartão, que coloco no envelope, lacrando-o.

Fecho a bolsa, olho para ele com um sorriso arrogante e bato o envelope em seu peito.

— Pronto para encontrarmos a mesa quarenta e sete, sr. Willis?

— Acho que já posso dizer que fizemos uma ótima escolha com esse casamento — Jack murmura antes de dar outra mordida nas vieiras grelhadas.

— Concordo. — Corto o peito de frango recheado. — Mas... — me inclino para sussurrar de maneira discreta: — não sei o que está melhor, se é a companhia ou a comida.

Ele sorri. Antes que eu possa dizer mais alguma coisa, parece que o universo quer reforçar meu comentário, porque o padrinho se levanta para o que parece ser um brinde improvisado, a julgar pela expressão surpresa dos convidados.

O cara é alto, e desengonçado e está com o cabelo muito bagunçado.

— Para quem não me conhece — ele gesticula com a taça de champanhe —, sou o Ron, o padrinho, e conheço Donny desde que tínhamos sete anos. — Ele encara a taça antes de voltar a atenção aos convidados. — Para falar a verdade, nem sabia se conseguiria vir hoje, porque estava na minha décima passagem pela reabilitação por causa do vício em mangá pornô.

— Vício em mangá pornô? Pornô em quadrinhos? — Jack sibila

em meu ouvido, mas eu o dispensei com a mão.

Eu não perco esse discurso por nada no mundo.

Ron continua:

— Ele me ajudou a fazer as malas todas as vezes que fui para a reabilitação. — O homem parece se emocionar com as memórias. — Ele foi bem incisivo comigo quando me pegou tentando levar alguns mangás escondidos na mala. — O homem seca uma lágrima antes de continuar. — Mas sou tão grato por ele... Donny me ajudou a passar por isso e estou melhor. — Ron afirma com um aceno, então se dirige ao noivo: — Sei que você e a Jenny serão felizes juntos, cara. — Ele se inclina para o noivo, obviamente se esquecendo de que ainda está com o microfone na mão. — Aquela asiática com quem você transou ontem à noite não chega aos pés da Jen, porque ela é muito mais gostosa.

Ron se endireita e ergue a taça para um brinde.

— A Jen e Donny!

— Puta merda. — Suspiro, observando a noiva perder o controle. Ela sai da cadeira e começa a interrogar o marido enquanto a maioria dos convidados continua sentado, em choque.

— É por isso que vim de avião da Flórida. Sabia que valeria a pena testemunhar esse casamento — Randi, a mulher sentada à minha direita, diz.

Também deveria mencionar que Randi é a suposta excluída da família e que se chamava Randall. Ela foi criada perto de Saratoga Springs e depois de finalmente declarar à família que se sentia mais confortável como mulher em vez de como homem, se mudou para Panama City Beach na Flórida, onde mora até hoje.

Além disso, tenho certeza de que agora somos melhores amigas. Ela tem um olhar afiado para moda, sem mencionar que brindou comigo depois de sussurrar: “Meus parabéns por ter conquistado o Sr. Gostosura Pura aí do lado”.

— Ah, e a noiva e o grupinho dela — Randi se aproxima, abaixando o tom de voz enquanto nos conta mais fofocas da família — costumavam zombar de mim quando comecei a pintar as unhas e me maquiuar. — Ela toma um gole de água e continua — Eram terrivelmente cruéis.

— Sinto muito, Randi — digo e coloco a mão em seu braço.

Ela dá de ombros.

— São águas passadas. Mas isso... — Ela acena com o garfo para a parte da frente do salão. — Faz valer o que gastei no voo para cá. — A mulher dá de ombros. — Esses dois foram feitos um para o outro. Não duvido que vão ficar bem. Mas não se enganem — Randi olha para Jack e para mim —, porque foi só a ponta do iceberg de hoje. Essas famílias não perdem por esperar.

E, caramba, ela estava certa.

Sarah

— Essa noite foi muito interessante, sem dúvida — Jack diz com um suspiro enquanto nos acomodamos no banco de trás do Uber depois de sair do casamento.

Rindo de tudo que aconteceu, balanço a cabeça.

— Não sei qual foi a parte mais louca.

— A reabilitação por causa de mangá? Ou talvez a “transa com a asiática”? — ele sugere.

— Ouuuuu — alongo a palavra — quando o pai do noivo se levantou e disse que não foi o Donny, mas *ele* que ficou com a asiática.

— Ah, é verdade. — Os cantos dos olhos de Jack se enrugam. — Não sei como pude me esquecer disso.

— O que aconteceu lá — aponto com o polegar para o local da festa — foi melhor que qualquer temporada de *The Real Housewives*.

Apoio a cabeça no banco e fecho os olhos. Ainda sinto a exaustão persistente dos turnos no trabalho e minha voz sai cansada:

— Apesar de Jen e Donny terem resolvido as diferenças bem rápido, são momentos como esse que reafirmam o porquê sou contra casamentos.

Silêncio impera no carro, exceto pela música baixa tocando perto do motorista. Jack fica quieto por tanto tempo que me assusto quando ele fala:

— Você não quer se casar nunca?

Não é bem a pergunta, mas *como* ele a faz que me incita a abrir os olhos. Eu o encaro. Seu tom é gentil, mas inquisitivo, com um toque de algo que não consigo decifrar.

Abro um sorriso sem graça e suspiro.

— Meu pai foi embora há muito tempo. Ele e a minha mãe brigavam demais e, um dia, ele simplesmente desapareceu. Não ficou nem para tentar lutar por ela ou pelo casamento deles. E, bem — Dou de ombros —, você conheceu a minha mãe. — Olho para meus dedos brincando com a fivela da bolsa e adiciono: — É como se ela estivesse sempre tentando se encontrar e se transformar em uma pessoa completamente diferente para agradar cada um dos caras com quem se envolve.

— Mas a Maggie e o Ry...

— Os dois são claramente uma exceção. — Minha voz sai mais afiada do que pretendia. Tento suavizar a situação e abro um sorriso.

— Está claro que eles são perfeitos um para o outro como duas metades da laranja.

Os olhos de Jack me estudam no interior escuro do veículo.

— Talvez você só não tenha encontrado a sua metade ainda.

Antes que eu possa responder, o motorista vira na minha rua. Jack sai, dá a volta no carro para abrir a minha porta e me ajuda a sair. Ele murmura algo para o motorista, então se vira e me acompanha até a entrada do prédio.

Ele se aproxima e ergue as mãos para acariciar o meu rosto. A expressão em seus olhos azuis me fascina quando se aproxima e me beija com tanta reverência que sinto um aperto no peito. Assim que os lábios se afastam dos meus, ele acaricia minhas bochechas de leve.

— Boa noite, Raio de Sol. — Ele me solta e volta para o carro.

— Espere... — gaguejo, observando-o confusa. Ele se vira com a mão apoiada na porta aberta. — Você não... vai entrar?

Seu sorriso não alcança os olhos.

— Hoje, não. — Ele pisca para mim. — Descanse, Raio de Sol.

— Jack entra no carro e fecha a porta. O vidro escuro da janela me impede de vê-lo.

Eu me viro, digito o código da portaria e entro assim que a porta se abre. Ouço o Uber virar a esquina quando já estou segura dentro do prédio. Não sei por que, mas não me viro. Sigo direto para o elevador.

Me sinto inquieta enquanto subo para o terceiro andar.

Jack

— Ela disse em alto e bom som que não quer se casar. — Acerto a bola com muito mais força do que o necessário, devolvendo-a para Ry.

— E o que você vai fazer a respeito disso? — Ele devolve a bola.

— Como assim? Você não me ouviu? Ela é contra casamentos. — Frustrado, tensiono a mandíbula enquanto a raquete se conecta com a bola.

— Ouvi, sim. Mas — ele diz, com muito mais paciência — onde está o Jack que ficou do meu lado quando pensei em desistir quando tudo deu errado com a Maggie?

— É diferente.

— É? — Ele arqueia a sobrancelha para mim, devolvendo meus saques fortes e raivosos com facilidade.

— Como assim, cara? Você voltou da lua de mel com algum tipo de força sobre-humana?

Ele sorri, e os dentes brancos contrastam ainda mais com a pele bronzeada.

— O amor faz isso com a gente.

— Ah, sim — murmuro.

Quando terminamos o jogo, ele fica quicando a bola.

— Escute, você não teria me deixado desistir da Maggie, teria?

— De jeito nenhum — respondo sem nem pensar, porque qualquer um veria os dois foram feitos um para o outro. — Mas agora é diferente.

— Como?

Bato a raquete na palma da mão enquanto penso, mordo os lábios e tento explicar:

— Sarah não o mesmo que eu...

— Então faça com que ela queira.

— E ela é contra casamento.

— Você pode fazer com que ela mude de ideia.

— Ela não... — Não consigo nem dizer em voz alta. Nem mesmo para o meu melhor amigo.

— Ei. — Meus olhos encontram os de Ry no caminho para o vestiário. — Você acha mesmo que ela não sente nada por você?

Abro a porta com força e me apresso até os armários. Por mais

grato que eu esteja por sermos os únicos neste corredor, ainda abaixo o tom de voz e minhas palavras saem brucas:

— Se ela sente algo por mim? Com certeza. Principalmente pelo meu pau. — Digito a combinação e abro o armário. — E pela minha boca. Fim. — Eu me livro dos tênis e das meias e os coloco no armário. Faço o mesmo com a camisa.

— Não foi o que eu quis dizer e você sabe.

Pego o sabonete líquido, o chinelo e fecho o armário com mais força que o necessário.

— Escute, sei o que você está tentando fazer, mas nós sabemos que, às vezes, o cara não fica com a garota. — Sigo para os chuveiros.

— Mas o cara não costuma desistir antes de esgotar todos os seus recursos — Ry grita atrás de mim.

Eu me viro e o encaro.

— Você está dizendo que eu deveria ir com tudo e ver o que acontece?

— Exatamente.

— E se ela não estiver interessada?

— Então ela vai perder a melhor coisa que poderia acontecer na vida dela — Ry conclui.

Ficamos em silêncio, encarando um ao outro antes dos cantos dos meus lábios se erguerem ligeiramente.

— Ah, docinho de coco. Você ainda é fofo comigo, não é? — Não posso evitar. Tenho que irritá-lo, porque não posso lidar com aquele clima deprimente.

Ele bate com a toalha na minha bunda.

— É isso mesmo, gostosura.

— Vou esperar para tomar banho depois que vocês terminarem. — Ry e eu nos viramos e avistamos um homem loiro, um pouco mais baixo que nós, se virar e sair correndo.

Ry balança a cabeça, rindo.

— Nem todo mundo entende o nosso amor, Jack.

Eu o empurro pelo ombro e vou para o chuveiro.

— É isso aí, docinho.

No meio da semana, Sarah e eu decidimos nos encontrar para um drinque depois do trabalho. Não havia mesas no Max Londons, e a fila estava imensa, então ficamos no bar.

Ela bebe o vinho e seu rosto se ilumina.

— Ei, quer ir colher maçãs e visitar um labirinto de milho comigo no domingo? Estou de folga.

— Vamos beber sidra fresca e comer rosquinha de sidra?

— É óbvio.

— Pode contar comigo. Além disso, preciso dizer que acho irônico irmos passear em um labirinto formado por milhares de pés de milho — eu me inclino em direção a ela para enfatizar minha frase — um milheiro em um milharal.

— Que poesia linda — ela diz, inexpressiva.

Empurro seu ombro com o meu e dou uma piscadinha brincalhona.

— Eu vou ganhar, Raio de Sol. E você vai acabar se apaixonando por mim. Espere só.

— É? — Seus olhos se iluminam com diversão, pois está óbvio que ela acha que estou brincando.

Sorrindo, continuo:

— Ah, eu vou te vencer pelo cansaço. Vou continuar tirando lasquinhas dessa barreira ao redor do seu coração e causar uma imensa erosão até você desistir e perceber que também me ama. — Ergo a cerveja e a inclino para ela em um brinde. — À erosão — digo.

Quando Sarah toca de leve a taça no meu copo, ela está com um sorrisinho divertido no rosto.

— À erosão. — Ela ri.

Ela não faz ideia de que estou falando sério, não faz ideia da minha determinação. Porque mesmo depois de todas as nossas travessuras e contratempos sexuais, uma coisa está totalmente clara, apesar de ser estranha pra caramba: se eu tiver que sofrer de bolas azuis pelo resto da vida, não existe outra mulher que eu prefira ter ao meu lado.

Sarah

— Sempre quis viver aquele amor que os outros comentam: “Você já viu como ele a olha?”. Sinto que é o que tenho com o Ry. — Maggie está com aquela expressão concentrada em que aparece um vinco entre suas sobrancelhas. — E vou fazer de tudo para garantir que continue sendo assim. — Seu rosto se ilumina e o sorriso contente e sonhador fica mais largo. A pele ainda tem um brilho bronzeado da lua de mel.

Como não tenho que trabalhar neste fim de semana, planejamos uma noite das garotas para colocar em dia a série *Unbreakable Kimmy Schmidt*. Mas não consegui assistir nem cinco minutos e palavras irromperem da minha boca. Tudo transbordou e acabei de contar a Mags sobre Jack a brincadeira sobre a “erosão”.

— O problema é que... — Ela coloca o pé no sofá e abraça a perna. Com o queixo apoiado no joelho, Maggie me observa atentamente. — Jack é um cara legal e todos sabem disso. Mas acho que talvez você o tenha assustado ao anunciar que não quer se casar.

— Mas...

Ela ergue a mão para me calar.

— De acordo com o Ry, Jack nunca agiu com nenhuma outra mulher da forma como age quando está perto de você. O que quer dizer que o sentimento dele por você é bem sério. — Ela arregala os olhos de modo bem dramático antes de anunciar em um sussurro alto: — Tipo, talvez ele realmente goste de você e queira oficializar as coisas. — Maggie leva a mão à boca e solta um arquejo alto e exagerado. Então pega uma das almofadas em que está apoiada.

— Pare. — Reviro os olhos.

Ela coloca a almofada no lugar e inclina a cabeça para o lado, pensativa.

— Mas, Sarah, e se ele estiver falando sério sobre a questão da erosão?

Eu me levanto e começo a andar de um lado a outro.

— Eu só... não. Não é possível que Jack sinta algo sério por mim. — Exasperada, jogo as mãos para cima e adiciono: — Nós nem conseguimos ter uma transa do início ao fim, caramba!

— Sabemos que isso não é tudo que importa — Maggie comenta, calma.

— Ele nunca disse a palavra com “A”. Pelo menos, não de um

jeito sério. Quero dizer, não... — Sou só eu ou a minha voz está soando aguda e um tanto apavorada?

— Ainda.

— Maggie! — Jogo os braços para o alto. — Você deveria estar me acalmando, mas está me deixando ainda mais apavorada. — Pressiono dois dedos na lateral da garganta. — Meu pulso está acelerado pra caramba. — Semicerrando os olhos, adiciono: — Por sua causa e dessa conversa doida.

Ela revira os olhos. Caramba, que amiga. *Tão* prestativa.

— Sarah, seu pulso está acelerado porque estou sendo sincera. Você sente algo por ele, e ele por você. — Ela solta um longo suspiro e adiciona com um aceno de mão. — Então vocês descobrem que se amam e vivem felizes para sempre. — Ela se levanta e joga as mãos para cima. — Confete por toda a parte! Saratoga Springs vai comemorar!

Está ouvindo isso? É o barulho da minha melhor amiga sendo jogada na rua.

— E depois — Maggie continua —, eles farão desfiles e, aaah! — Seus olhos se iluminam com animação. Ela está se deixando levar demais. — Talvez até com cavalos! E vão desfilar pela South Broadway, e todos vão comemorar... — Ela inclina a cabeça para o lado e faz careta. — Espere aí. O que vamos comemorar mesmo?

Não aguento mais. Não. Aguento. Mais.

— O “felizes para sempre” de Jack e eu — respondo, sem inflexão nenhuma na voz, o que não intimida minha amiga. Nem um pouco.

— Verdade! — Seu rosto se ilumina, e ela dá continuidade aos detalhes imaginários de seu desfile. Volto a me sentar no sofá, solto um longo suspiro e apoio o queixo na mão. Ela vai acabar se cansando daquilo.

É o que espero.

— Me explique de novo como fomos do desfile pelo centro de Saratoga Springs a você e eu ficando loucas em um bar? — Lanço um olhar divertido a ela enquanto esperamos as bebidas.

Ela esperou Ry chegar em casa, e ele, sendo um cara ótimo, concordou que Maggie e eu deveríamos dar uma volta na cidade. Ele ainda disse que ficaria honrado por ser nosso motorista caso precisássemos. Conheço bem a Maggie e sei que somos fracas para bebida, então esta noite só pode terminar de duas maneiras: nós duas bebendo dois drinques, no máximo, e vendo pessoas passarem até ficar muito tarde – tipo, nove da noite.

Duas garotas descontroladas, Maggie e eu.

A outra possibilidade, que tem menos de dois por cento de chance de acontecer, é que Maggie e eu vamos ficar bêbadas e causar no centro de Saratoga Springs. Não é muito provável, considerando que somos o equivalente a duas jovens senhoras que fantasiam com estar de pijama em casa, bebendo uma taça de vinho e comendo um lanchinho às sete da noite.

Mas as surpresas ainda não acabaram. Porque aqui estamos nós, em um dos bares mais movimentados do centro, arrumadas e com a maquiagem quase perfeita, vestindo nossos jeans preferidos, que nos fazem sentir muito gostosas, e um *cropped* minúsculo.

Você entendeu o que eu quis dizer. Todas as mulheres têm um jeans, um *cropped* e um par de sapatos com o poder mágico de transformarem a forma como nos sentimos e como agimos. É isso que temos para hoje, e vou ser honesta: é bom demais. Só eu e minha melhor amiga.

Ah, e cerca de uma centena dos nossos “amigos mais próximos”.

— Aaah! — Maggie grita, entornando mais uma dose. E quando começa a tocar Miley Cyrus, ela me arrasta até a pista de dança.

Vá em frente. Você sabe que quer nos julgar, mas não pode me dizer que escuta *We Can't Stop* ou *Party in the USA* e resiste à vontade de se mexer pelo menos um pouco. E se disser que não, vou saber que está mentindo.

Dançando muito mal e cantando a plenos pulmões, estamos nos divertindo como nunca, e nenhuma vez passa pela minha cabeça que estaremos acabadas no fim da noite. Porque, sejamos sinceros: quando você e a sua melhor amiga não param de gritar “Melhor noite de TODAS!” mesmo com a música altíssima, não há a menor chance de vocês se arrependerem.

À medida em que a noite avança, mais bebemos. E no que diz respeito a nós duas, só resta uma possibilidade: confusões sem fim.

Sarah

— Tenho um segredo — Maggie diz, inclinando-se meio desengonçada na minha direção.

No momento, estamos descansando em uma das namoradeiras macias que ficam afastadas da enorme pista de dança, longe o suficiente dos alto-falantes para conseguirmos nos ouvir sem precisarmos gritar.

Em uma declaração dramática, ela apoia a testa no meu ombro.

— Estou acabada. — Ela solta um longo suspiro. — Muito, *muito* acabada.

— O salão ainda está girando? — murmuro, mais para mim mesma do que para Maggie.

— Mandeí uma mensagem safada para o Ry. — Ela abre um sorriso enorme. — Eu disse: “Venha me buscar no bar e me levar para casa agora, ou me perca para sempre”.

— Ótima referência a *Top Gun*. — Empurro seu ombro com o meu.

— O que você mandou para o Jack? — Ela me observa, ansiosa. Estreito os olhos e faço careta.

— Por que você acha que mandei mensagem para ele?

Ela simplesmente me lança um daqueles olhares. Porque é isso: somos melhores amigas. Não conseguimos mentir uma para a outra. Então, desmorono como um castelo de cartas. Em minha defesa, eu gostaria de culpar o álcool. Tiro o celular da bolsa e abro a mensagem que enviei a Jack. Ou, mais especificamente, o GIF. Maggie cai gargalha, e seus olhos encontram os meus antes de voltarem à tela.

— Essa é clássica. Mandou bem. Ah! — Ela me devolve o celular no mesmo instante. — Você acabou de receber uma resposta.

Enviei um GIF de Long Duk Dong, o intercambista do filme *Gatinhas & Gatões*, em que ele está pendurado de cabeça para baixo, dizendo: “O que tá havendo aí, hein, fofinha?”. Porque, sim, eu me comunico melhor com GIFs. Eles me trazem muita alegria, mesmo que não sejam o método de comunicação mais maduro do mundo.

A boa notícia? Jack respondeu.

Jack: *Você andou bebendo, não é? E esse GIF é o equivalente a um convite?*

Sarah: *Taaaalveeeez.*

Caso esteja se perguntando, sim, acredito que repetir as letras é um jeito de seduzir por mensagem. Diz a mulher que está enrolada com um cara e que sofre de bolas azuis.

Jack: *Ry e eu estamos indo buscá-las. Cuide-se, Raio de Sol.*

— Owwwwwn! — Maggie suspira de forma dramática, quase perdendo o equilíbrio na namoradeira. — Eu amo o apelido que ele te deu! — E como esperado, ela começa a cantar *You Are My Sunshine*.

Coloco a mão em seu braço para fazê-la parar.

— Por mais que eu fique feliz por você ligar os pontos entre o apelido que Jack me deu e a música *You Are My sunshine*, acho que não combina com a da Nicki Minaj tocando ao fundo.

Minha amiga acena, me dispensando, totalmente despreocupada. Quando termina de me fazer uma serenata, solto um longo suspiro.

— Estou ficando velha demais para isso. Que tal a gente... — Por alguma razão, meus sapatos chamam minha atenção. — Por que eu estou usando os seus sapatos?

— Nós trocamos mais cedo, lembra? Você me fez prometer que sempre compartilharíamos os sapatos sensuais e as histórias de sexo que vêm junto.

Hum. Por alguma razão, não me lembro daquela conversa.

Lanço um olhar de adoração aos *meus* saltos, os que Jack comprou para mim e que estão nos pés de Maggie, e não posso evitar me abaixar e acariciar a lateral dele. É claro, por ter bebido mais do que devia, aproveito para apoiar a cabeça na coxa de Maggie.

— Você está mesmo fazendo carinho nos seus sapatos? — Maggie ri. — Enquanto eles estão nos meus pés?

— E não tenho vergonha nenhuma. Esses sapatos são lindos e foi um homem igualmente lindo que os deu de presente para mim.

Ah, merda. Está vendo o que acontece quando bebo? Começo a dizer várias frases melosas. Sério. O que vem depois? Recitar sonetos? Como a esquisita que sou, deixo a cabeça no colo de Maggie e acaricio os saltos. A luz neste lugar os deixa ainda mais brilhantes e bonitos. Além disso, o colo de Maggie é muito confortável.

— Ei. — Levanto a cabeça rápido e encontro um segurança vestindo uma camisa polo preta com o nome *Reggie* bordado nos encarando. — Você precisa se sentar direito ou ir embora. As pessoas não podem desmaiar aqui.

Eu me endireito, arregalando os olhos em sinal de inocência.

— Eu só estava admirando esses sapatos. — Aponto para eles. — Não são lindos? Ainda mais com essa luz que os deixa ainda mais brilhantes. — Com uma breve pausa, adiciono: — Além disso, ele não

é só super macio, também resistente a manchas.

Ao que parece, também estou tentando ser vendedora de sapatos esta noite. Mas não me importo, porque acho que conquistei a atenção de Reggie.

Aponto para o pé de Maggie e digo:

— Vá em frente, é sério. Você tem que ver como é.

Reggie parece indeciso, mas seus olhos encontram os de Maggie, como se estivesse pedindo permissão.

— Fique à vontade.

Ele se abaixa e estende a mão. Assim que seus dedos fazem contato com a superfície da peça, ele arregala os olhos com surpresa.

— Uau.

— Não é? — Maggie diz com um sorriso enorme. — Incrivelmente macios. Entende o porquê ela os está acariciando? — Ela pontua isso com um aceno e, mesmo bêbada, não consigo me impedir de rir dela. Por sorte, o segurança ainda está hipnotizado, inspecionando os sapatos.

— Vou ter que comentar sobre eles com meu namorado — Reggie diz. — Ele gosta de coisas brilhantes.

Meus olhos se voltam a Maggie e trocamos aquele olhar de: *ele passou despercebido no seu gaydar também?* Porque os ombros desse cara são gigantescos, no estilo Atlas segurando o mundo. Eu diria que ele tem quase noventa quilos, o melhor amigo dos pesos na academia.

Por outro lado, observando com atenção o cabelo perfeitamente penteado, acho que é provável que o excesso de álcool ingerido tenha nos distraído.

— É incrível como eles são realmente macios e — Reggie ergue os olhos até os de Maggie, ainda agachado aos nossos pés — resistente a manchas.

— Eles mudaram a minha vida, ainda mais depois da experiência terrível com um par lindo de Jimmy Choo de camurça. Esses são muito melhores. — Sorrio para ele.

— Ah, eu entendo bem. — Ele abre um sorriso e, puta merda, é bonito demais para descrever. — Eu tinha um par de sapatos de camurça que foi arruinado quando alguém cuspiu bebida bem no...

— Você está flertando com a minha garota?

Nós três nos viramos na direção da voz masculina e não seguro o sorriso que se espalha pelo meu rosto.

— Clint! — Eu me levanto da namoradeira e vou em sua direção, me jogando em seus braços. — Que saudade!

Ele me dá tapinhas nas costas e me segura a um braço de distância, me observando de cima abaixo, com um brilho divertido nos olhos castanho-escuros.

— Está bancando a rebelde hoje, é? — Ele para ao meu lado,

passa um braço por meus ombros e cumprimenta Maggie antes de voltar sua atenção a Reggie. — Estou vendo que conheceu minha garota favorita.

Reggie cruza os braços. Os músculos saltam e as veias proeminentes ficam expostas. Como ele ainda não estourou a camisa? Aquele tecido parece estar pedindo por ajuda.

— É sério?

Clint estica o braço e empurra o peito de Reggie de um jeito brincalhão, e eu me pergunto como sua mão não quebrou.

— Xio. Você sabe que eu te adoro.

Estou tendo um daqueles momentos em que a mente está lenta, mas desesperada para tentar acompanhar a conversa.

— Espere aí. Quer dizer que o Reggie é o seu... — Eu inclino a cabeça para o lado, curiosa.

Clint sorri.

— Meu novo namorado? Sim. — Ele dá uma piscadinha travessa para Reggie.

Olho de forma acusatória para Clint e empurro seu peito.

— Você não me contou.

— Ultimamente, você anda preocupada com — suas sobrancelhas se erguem de maneira sugestiva antes de cantarolar: — o Sr. Bolas Azuis.

Maggie gargalha, Reggie parece intrigado e Clint está satisfeito consigo. Eu, por outro lado, estou parada, fuzilando-o com os olhos.

— Preciso comer — Maggie anuncia de repente. — De preferência, comida gordurosa.

— Ainda bem que chegamos.

Surpresa, vejo Jack e Ry parados, lindos demais e chamando a atenção das mulheres ali perto.

E como reajo àquelas mulheres comendo Jack com os olhos? Sério, soltei rosnados ferozes antes de partir para a briga. Só na minha cabeça, porque, vamos ser sinceros, não sou corajosa assim na vida real. Na minha cabeça? Ah, a situação ficou *feia*. Principalmente com aquela loira parada a alguns metros de nós, devorando Jack com os olhos. Primeiro, eu lhe daria um tapa, e ela arquejaria com indignação, então eu a jogaria no chão. Sem nenhuma gota de suor ou fio de cabelo fora do lugar.

Ufa. Foi intenso. Estou quase sem fôlego só de imaginar.

— Eu sei no que você está pensando — Jack provoca no meu ouvido.

— Que estou faminta e pronta para irmos ao Comptons? — respondo, com doçura. Comptons é a única lanchonete que fica aberta até tarde, atendendo principalmente a universitários ou trabalhadores em troca de turno. — A noite deveria ter sido só das garotas. — Faço

um biquinho brincalhão.

Ah, meu Deus. Estou fazendo *biquinho* agora? Com certeza, bebi demais. Hora de dar a noite por encerrada antes que eu também comece a enrolar o cabelo no dedo e a mascar chiclete.

— Desculpe, Raio de Sol. — Jack não soa nada arrependido.

— Mas... espere aí! — Maggie protesta enquanto Ry a ajuda a se levantar da namoradeira. — Não tivemos a chance de provar a dose de névoa roxa.

Ry parece estar se esforçando para não rir.

— Mags, podemos experimentar a bebida outro dia.

— Promete?

— Sim.

— Clint? Você quer vir? — Eu me viro para o meu colega de trabalho.

— Não... Estou esperando o turno deste cara aqui acabar. — Clint me puxa para um abraço rápido antes de sussurrar no meu ouvido: — Divirta-se com o Sr. B. A.

— Divirta-se com o Reggie. Não o deixe esquecer de te contar sobre o sapato resistente a manchas.

Ele enrugua o nariz e me sinto obrigada a rir antes de lhe dar um empurrãozinho brincalhão.

— Não é nada sexual, seu bobo. — Dou um beijo rápido em sua bochecha e me despeço. Quando me viro para ir embora, Clint se encarrega de me dar um tapa na bunda com força o bastante para me fazer cambalear.

Jack estende a mão para me equilibrar, e não deixo de notar o olhar irritado que lança a Clint antes de me levar com cuidado até a saída.

— Você tem certeza de que ele é só seu amigo? — Jack pergunta ao chegarmos à calçada.

— É claro. — Eu rio enquanto o frio da noite me faz arrepiar. Maggie e eu viemos sem casaco porque não queríamos ficar cuidando deles e sabíamos que estaria quente lá dentro. Agora, a história é outra.

Quando Jack tira o casaco e me envolve nele, eu o encaro, obrigando que as potras pessoas desviem de nós.

— Por que você está me olhando desse jeito? — Ele me avalia.

— Você me deu o seu casaco.

Uau. Obrigada, Capitã Óbvio. Estou parecendo uma idiota falando isso.

— Você estava tremendo — ele diz e me olha esquisito, como se não fosse nada e como se qualquer outro cara fosse fazer o mesmo.

Mas ele está errado, ainda mais hoje em dia.

— Ei! Está tudo... — Ouço Ry nos chamar. Não respondo. Em

vez disso, pressiono as mãos no peito de Jack e o faço andar para trás até suas costas baterem na parede da loja mais próxima.

Ele me observa e sombras discretas dançam por seus traços, causadas pelos postes que contrastam com a escuridão da noite.

— Raio de Sol? — Seu tom é questionador.

Os saltos me permitem arrastar os lábios pela barba escura por fazer em sua mandíbula e me deleito com a sua inspiração afiada. Me aproximo de seu ouvido e sussurro:

— Só quero que você me leve para casa.

— É o que eu pretendo fazer. — Sua voz está grave, com um leve toque de humor. — Depois que alimentarmos vocês.

Mordisco o lóbulo da sua orelha.

— Eu quero que você me alimente. — Me afasto um pouco e sorrio de forma ousada. — Quero que você me alimente com seu...

— Sarah! Você vem ou não? — Maggie me interrompe. — Preciso de comida. Muuuuita comida.

Eu me viro e vejo a minha amiga e Ry nos alcançando.

— Desculpe, mas não. Vou levar este homem para casa e vamos quebrar a cama.

Ouçó Jack sussurrar algo que soa como:

— Ah, caramba.

Jack

Se fosse qualquer outra pessoa, eu a estaria forçando a comer e garantindo que chegasse em casa em segurança. Mas algo em Sarah me faz perder a noção, o raciocínio lógico e, talvez, até alguns princípios morais. Porque quando ela começou a falar nós dois, meu pau se animou.

Sei que não podemos fazer nada com ela neste estado. Mas, caramba, quero mergulhar bem fundo em seu corpo e saboreá-la. Quero olhar em seus olhos enquanto estivermos fazendo a...

— Caramba.

Só percebo que falei em voz alta quando Sarah me provoca:

— Esse é o espírito, Westbrook.

Forço um sorriso e tento me recompor.

— Vou tentar chamar um táxi. — Ergo o queixo e aponto para a esquina.

— Isso! — Sarah comemora, fazendo uma dancinha e batendo palmas. — Se você vai se dar bem hoje bata palmas! — ela grita, recebendo aplausos e gritos de um grupo de universitários que estava ali perto. — Isso aí!

— Acalme-se, sua pervertida. — Seguro sua mão, equilibrando-a quando ela tropeça. Quase paralisei quando a vi no clube. Estava usando aquele jeans que a abraçava em todos os lugares certos e a camiseta preta com a frente toda coberta, mas só duas tiras cruzadas nas costas... quase perdi o fôlego.

Cobri-la com meu casaco não foi totalmente altruísta. Seus mamilos estavam enrijecidos, e eu não queria que outra pessoa tivesse qualquer vislumbre deles. Porque são meus.

Meus. Droga. Ry estava certo. Estou muito ferrado. Pior ainda, não sei no que estava pensando quando achei que conseguiria continuar em negação, comigo ou com meu melhor amigo.

Estou perdidamente apaixonado por essa mulher. Alguém que não se relaciona, que não está nem perto de sentir por mim o que sinto por ela. Mas fatos são fatos. Ela é o meu raio de sol, e não quero considerar viver sem ela.

Porque sei, sem qualquer dúvida, que a minha vida seria muito mais sombria e sem graça se Sarah não estivesse nela.

— Jack — ela me chama, arrastando meu nome de forma preguiçosa. — Mal posso esperar para me livrar dessas roupas. — Ela chuta os saltos para longe, tira o casaco e o joga na cadeira ao lado. Assim que tranco a porta, ela joga a bolsa no chão sem pensar duas vezes. Tiro os sapatos, e corro para estabilizá-la quando a percebo cambalear.

— Aaah. — Ela balança as sobancelhas para mim. — Você me salvou de novo. — Sarah se vira e caminha pelo corredor que leva ao meu quarto. — Espero que você esteja pronto para — ela faz uma pausa para cantarolar o restante das palavras — a festaaaa. — Há outra pausa breve. — E, às vezes, eu gosto de cantarolar. Espero que não tenha problemaaaaa. — Ela junta as palavras e a voz vai desaparecendo enquanto entra no meu quarto.

Passo a mão áspera pelo rosto e deixo escapar uma risada. Porque é incrível ver Sarah assim, com a guarda baixa. Ela continua a cantar baixinho:

— *No! Sleep! 'Til Brooklyn!* — Ela não daria prejuízo nenhum aos Beastie Boys, disse eu não tenho dúvida.

Vou atrás dela e paro ao ver a trilha de roupas ao longo do corredor: jeans, camiseta e sutiã, junto do que parece ser a menor calcinha preta que já vi na vida.

Balanço a cabeça, fecho os olhos e peço forças ao universo. Forças para sobreviver a esta noite na companhia de uma mulher que me deixou apaixonado. Que é deslumbrante e nem percebe que me tem na palma da mão.

— Jack. — Sua voz rouca vem do quarto. Atravesso a porta e a encontro bem no meio da minha cama, com os braços esticados como se estivesse prestes a fazer anjinhos na neve. Os mamilos endurecidos praticamente suplicam pela minha boca, e as pernas esguias me seduzem a deslizar entre elas.

— Não quer se deitar de conchinha comigo? — Ela fica lá, nada incomodada pelo fato de estar gloriosamente nua. — Pelado?

Rio e balanço a cabeça.

— Não, Raio de Sol. Nada de conchinha pelado essa noite.

— Por que não? — Ela faz beicinho.

Eu me aproximo da cama, tiro a camisa polo e a deixo cair no chão.

— Porque não quero me aproveitar de você. — Meu jeans sai logo em seguida e tiro as meias. Só de cueca, puxo as cobertas. Sarah se ajeita antes de eu me deitar ao seu lado.

— Talvez eu queira me aproveitar de você. — Ela passa a mão pelo meu peito e desce mais um pouco antes de eu detê-la. Então a olho nos olhos. — A culpa é do seu tanquinho. — Sarah se inclina sobre mim e dá um beijo do lado esquerdo do meu peito. — A culpa é

toda dele, que faz com que eu queira me aproveitar de você. — A mão escorrega pelo meu abdômen e os músculos se contraem sob o toque.

Droga. Meu pau está muito duro agora. Cubro sua mão com a minha e detenho seus avanços.

— Sarah — suplico. — Não podemos. — *Merda.* Ouço a hesitação na minha voz.

Seus olhos se iluminam, visíveis sob a luz da lua que espreita pelas frestas da veneziana.

— E se brincarmos só com a pontinha?

— Sarah.

— Não gosto quando você me chama assim. — Ela franze a testa.

— É o seu nome. — Falo devagar, confuso.

Ela me lança um olhar que diz: “Dã”.

— Eu sei. Mas quando você me chama de Sarah em vez de Raio de Sol, é como se algo tivesse sumido de repente. E não sinto mais aquele quentinho no coração.

Se eu fosse um emocionado, tiraria o dia de folga só para tentar decifrar se ela acabou de admitir que sente algo mais forte por mim, ou se foi só efeito do álcool. Nessa altura, ela tem me deixando confuso demais.

— Posso ganhar um beijinho de boa noite? Por favor?

Sou incapaz de me controlar perto dela.

— Só um beijinho...

Neste momento, sua boca está na minha, interrompendo minhas palavras. Ela desliza o corpo nu sobre mim para me cavalgar. Inspiro com força por causa do contato e deslizo a mão pelo seu traseiro. E então ela se arqueia e pressiona os seios em mim. Os mamilos cutucam minha pele e sinto minha determinação se esvaír.

Só um beijo, lembro a mim mesmo.

Meus dedos mergulham em seu cabelo, se enrolam nos fios longos e aprofundo o beijo. Nossas línguas se encontram e fico arrepiado por sentir seu gosto. Ela move os quadris sobre mim e gemo quando outra onda de excitação me percorre. Meu pau endurece de um jeito doloroso.

Solto seu cabelo e acaricio seu pescoço, clavícula e sigo até o seio esquerdo. Roço seu mamilo com o polegar, e ela interrompe o beijo para se sentar, rebolando lentamente sobre mim.

Ela segura os meus pulsos, leva minhas mãos aos seus seios eu os seguro. Sarah é tão sexy... sei que é errado, mas não posso negar o que ela deseja. Se ela quer me usar para ter um orgasmo esta noite, então sou todo dela.

Sou todo dela. Essas palavras perduram na minha mente, a verdade reverbera profundamente dentro de mim.

Enquanto ela rebola no meu colo, seus olhos se fecham lentamente e aquela deve ser a visão mais linda que já tive. Acaricio seus seios, arqueio os quadris e me pressiono onde ela mais deseja e precisa.

Seguimos naquele ritmo até que deslizo a mão até seu clitóris. Minha cueca fica cada vez mais molhada com sua excitação. Continuo brincando com seu clitóris, pressionando o polegar com um pouco mais de força e fazendo movimentos circulares. É quando acontece.

Sarah se desfaz diante dos meus olhos.

Ela entreabre os lábios rosa-claro em um arquejo, fecha os olhos e os mamilos enrijecem até um tom lindo de rosa à medida em que ela se entrega ao orgasmo. Mas essa não é a parte mais bonita. É o que sai de seus lábios. A maneira como ela diz, como se tivesse por um fio, torna o momento mágico.

— Jack.

Sarah

Por que minha boca parece uma caixa de areia? Não que eu saiba como é a textura de uma, já que sou alérgica a gatos, mas ainda assim... puta merda.

E os meus olhos estão colados. É isso que ganho por dar ouvidos ao conselho de Maggie de aplicar mais de uma camada de máscara de cílios. Tenho que usar as duas mãos para puxar a pele em direções opostas, tentando abri-los. Pense em algo nojento.

Quer saber o que não é nojento? A visão que me cumprimenta.

Duas palavras: olá, ereção matinal. Tudo bem, são três. Droga. Ainda estou de ressaca e o meu cérebro está se esforçando.

A ereção matinal de Jack está quase fazendo um *cover* da Adele e gritando: *Hello from the other siiiiide!* O outro lado seria dentro da cueca.

A parte mais triste dessa situação – um cara gostoso com o qual você já esteve nua diversas vezes, mas com quem nunca conseguiu chegar às vias de fato –, é que você está sempre imaginando, sabe? Coisas do tipo: *qual é o gosto dele quando goza? Qual a sua expressão quando tem um orgasmo? Como seria acordar ao seu lado todas as ma...*

Ei, ei, ei. Espere aí. Eu devo ter bebido muito na noite passada, porque a minha mente está indo para lugares em que não ousou entrar. Não sou assim.

Suspiro e me movo o mais silenciosamente possível para não incomodar Jack, só para perceber que estou sem roupa e não há nada por perto. Me aproximo da cômoda, imaginando que posso encontrar uma camiseta ou alguma coisa para vestir, assim não vou precisar andar pelo apartamento dele pelada em um domingo de manhã.

Quando meus dedos tocam o puxador da primeira gaveta, noto uma pequena foto emoldurada no canto mais distante da cômoda. Intrigada, eu a pego e trago para uma inspeção mais atenta, porque o garotinho nela parece muito desajeitado. Jack não estava brincando quando disse que era um nerd completo, com protetor de bolso e tudo.

— Sou eu e o meu pai um ano depois que minha mãe morreu. — A voz é tão inesperada que me assusto, quase derrubando a foto. Meus olhos voam até ele e o encontro me observando com uma expressão esquisita e reservada. — Ele sofreu um ataque cardíaco há quatro anos.

— Sinto muito — digo em voz baixa. Sempre odiei essas

palavras. Parecem frias e inúteis quando as dizemos para pessoas que perderam entes queridos, mas é difícil demais pensar em qualquer outra coisa.

Ele dá de ombros e seu olhar desvia para as cortinas.

— Ele se enterrou no trabalho. Era estressante tentar criar um filho sozinho. Ainda mais por aqui...

Mordo os lábios, incerta quanto ao que dizer.

— Segunda gaveta. — Mais uma vez, me assusto com suas palavras inesperadas e meus olhos se voltam para encontrá-lo me observando. — As camisetas que você está procurando estão ali.

Eu me viro e o escuto soltar um gemido baixo.

— Caramba, Raio de Sol. Essa sua bunda...

Pego uma camiseta cinza de algodão da gaveta que ele apontou e a visto, alisando-a até alcançar o meio da coxa, então me viro para encará-lo.

— O que tem ela? — Minha expressão é de inocência exagerada.

Ele passa a mão pelo rosto, fazendo careta ao soltar uma risada tensa.

— Talvez eu não consiga sair dessa cama por um tempo.

— E se eu fizesse algo assim... — Arregalo os olhos de forma dramática enquanto me curvo um pouco. A camiseta sobe e a bainha roça a parte inferior do meu traseiro. — Seria muito ruim?

— Raio de Sol — ele diz em uma mistura de rosnado de alerta e gemido.

— Nem pensar — eu digo, caminhando toda alegre em direção ao banheiro. — Estou brincando. Minha boca estánojenta, não tem como você querer se aproximar dela sem usar uma máscara de oxigênio.

Enquanto caminho pelo quarto, posso jurar que o escuto murmurar algo que soa como: “Eu quero mais do que só a sua boca, Raio de Sol”.

Mas é provável que esteja enganada.

As pessoas subestimam sidra e rosquinhas de sidra. É sério. Tenho certeza de que tive um orgasmo quando dei a primeira mordida na rosquinha fabricada no pomar de maçãs em que estamos.

Tanto a colheita quanto o passeio pelo labirinto de milho estão suspensos até que eu me satisfaça com essa gostosura. Não quero testar minhas habilidades com o estômago vazio.

Além disso, gostaria de deixar registrado que *nunca* comi tantas rosquinhas de uma vez. Mas, no momento, não estou envergonhada. É isso que ressacas fazem com as pessoas.

— Eu deveria ter comprado mais rosquinhas? — Os olhos de Jack cintilam com bom-humor.

Solto um murmúrio abafado, já que estou de boca cheia, e quase reviro os olhos.

Jack me levou para casa hoje de manhã e teve a paciência de me esperar tirar a noite passada do corpo. Vesti roupas mais apropriadas, e ele nos trouxe para o pomar de maçãs. No momento, estamos sentados um de frente para o outro em uma das mesas de piquenique espalhadas sob uma grande tenda branca enquanto me empanturro.

Quando sinto o açúcar granulado da rosquinha grudado nos meus lábios, coloco a ponta da língua para fora, porque seria um desperdício não saboreá-lo. Os deuses das rosquinhas não aprovam esse tipo de coisa, tenho certeza.

À medida em que tento tirar um pouco do açúcar dos lábios, Jack bate a mão na mesa e se levanta. Alarmada, arregalo os olhos com a ferocidade em sua expressão.

Eu o observo vir até o meu lado da mesa e passar uma perna sobre o banco para se acomodar de frente para mim. Ele estende uma das mãos, entrelaça os dedos no meu cabelo e me puxa em sua direção. Minha respiração fica presa na garganta quando sinto a ponta de sua língua na pele, e os meus mamilos enrijecem com a ideia tentadora de ele lambendo-os da mesma maneira.

— Jack — sussurro.

— Sim?

— Estamos em um ambiente familiar. Temos que nos controlar. Ele sorri.

— Ah, Raio de Sol. Você não faz ideia de como é duro me controlar perto de você.

Ergo as sobranceiras de maneira sugestiva.

— Tenho certeza de que sei como é duro.

A risada que ele solta faz um calor me percorrer, e os cantos de seus olhos se enrugam quando ele sorri. Ele dá um beijo suave na minha testa e murmura:

— É mais duro do que você imagina.

Sarah

— Então nós... sabe? — pergunto despreocupada enquanto colho outra maçã da árvore e a coloco na cesta.

Já passamos pelo labirinto de milho e prometi a Jack que faria uma torta de maçã para nós dois assim que voltássemos do pomar. Arrisco uma olhada para ele e prossigo:

— Noite passada? — O olhar afiado que ele me dá faz com que eu pare a meio caminho de colher outra maçã. — O quê? É uma pergunta justa.

Ele vem na minha direção e eu recuo instintivamente. Minhas costas atingem o tronco firme de uma macieira. Jack se inclina sobre mim.

— Você acha mesmo que eu me aproveitaria de você? — ele exige saber, quase irritado.

— N-não — gaguejo. — Eu nunca pensaria isso.

Algo muda enquanto continuamos parados em uma das fileiras mais isoladas do pomar, quase sozinhos, já que a maior parte das pessoas escolheu as árvores mais próximas da entrada.

Seus olhos escurecem quando ele se aproxima, apoiando a mão em um galho grosso acima da minha cabeça.

— Você não se lembra de ter subido em cima de mim, Raio de Sol?

Ah, merda.

Minha garganta está totalmente seca, e me esforço a engolir antes de responder:

— Não.

— Que pena. — Seus lábios roçam a minha mandíbula. — Foi sexy pra caramba. — Outro toque leve de seus lábios envia descargas elétricas pelo meu corpo. — Sabe o que aconteceu depois?

Por favor, não me diga que tivemos uma transa deliciosa da qual eu não me lembro, peço em silêncio.

Jack continua, sem esperar a minha resposta:

— Você dormiu.

Eu me movo para trás tão rápido que acerto a cabeça no tronco da árvore. Mas, pela expressão de Jack, ele parece não notar.

— Seu babaca! — Eu o empurro, o que não o faz ceder nem um centímetro. Ele sorri. — Eu estava bêbada pra caramba.

— E com tesão pra caramba.

Eu me esforço para ficar séria, mas é difícil.

— Como você se sente ao se aproveitar de um homem tão doce e inocente quanto eu? — Ele faz a pergunta com uma seriedade exagerada, e não consigo segurar o riso. Reviro os olhos.

— É sério. — Ele faz careta e se afasta de mim. Sua expressão parece perturbada. — Eu me sinto usado pra caramba. Descartado como o jornal de ontem. — Ele leva a mão ao coração, como se sentisse dor. — Ah, Raio de Sol. — Com uma expressão pesarosa, ele balança a cabeça. — Quando é que você vai aprender a não cavalgar no pênis alheio com tanto abandono?

Jogo uma maçã em seu rosto sorridente, mas ele a pega e dá uma mordida. Então pisca para mim, mastigando e engolindo antes de se aproximar.

Ele inclina a cabeça, me encurralando novamente contra a árvore. Jack levanta uma das mãos para embalar a lateral do meu rosto e desliza o polegar pela minha bochecha enquanto os olhos se fixam nos meus. Existe algo único na forma com que ele está me observando. Parece intenso e... íntimo.

— Raio de Sol. — Sua voz soa grave e baixa, os lábios volumosos chamam minha atenção enquanto ele fala e aproxima a cabeça de mim. — Você faz ideia — ele faz uma pausa, seu olhos buscam algo e não posso evitar me sentir dividida entre suas palavras hipnotizantes e a comoção repentina de vozes cada vez mais altas atrás dele — de que estou me apai...

— Ah, meu Deus. — É algo naquela voz desconhecida, naquelas palavras, que me faz desviar a atenção de Jack

— Só pode ser brincadeira. — Meu tom soa parte chocado, parte exasperado, porque estou encarando o que parece ser o passeio de uma escola católica: padres com roupas casuais, mas com o colarinho branco bem visível, além de algumas freiras mais velhas, incluindo aquela com quem sempre esbarro.

Deslizo para mais perto de Jack, usando seu corpo amplo para me esconder da freira que havia deixado claro que estou na via expressa para o inferno.

— Eu juro — sibilo para ele — só pode ser uma conspiração. — Olho para o rosto de Jack e encontro seu olhar bem-humorado. Aponto para cima e sei que minha voz tem uma pitada de angústia. — De todas as pessoas na região, Ele a escolheu para *me* monitorar?

— Então é melhor você parar de cavalgar os pênis alheios e de deixar sua vagina fazer chamadas de vídeo — ele diz com uma risadinha. Em seguida, passa o braço ao redor dos meus ombros e olha em direção à cesta de maçãs que seguro. — Já devemos ter o suficiente para a torta.

Vamos em direção à entrada para pagar por nossa colheita e

passamos ao lado do grupo de padres e freiras. A expressão de Jack fica séria, seus olhos se voltam para eles e depois para mim. É quando ele faz o impensável.

— Você pode parar de me tocar dessa forma? Não é não! Como mulher, você deveria saber disso! — ele exclama em voz alta.

Jack tira a cesta da minha mão e sai fingindo estar bravo. E eu poderia ficar parada aqui e encarar o julgamento, mas não tenho escolha. Eu me viro e corro atrás dele como se o fogo do inferno estivesse mordiscando meus pés.

— Não teve graça.

— Ah, teve sim. Você deveria ter visto a sua cara. — Jack sorri. Ele está parado ao meu lado na cozinha do meu apartamento, me ajudando a descascar as maçãs para a torta.

— Como se já não bastasse eu estar no radar de Deus com o meu comportamento pecaminoso.

Ele corta a última maçã em pedacinhos e coloca na assadeira.

— É hilário termos esbarrado com a mesma freira.

— Nossa, muito hilário — murmuro ao despejar a massa e espalhá-la sobre as frutas.

Estamos fazendo torta de maçã sueca. Ela não requer massa por baixo, o que é uma coisa boa, já que não sou uma Master Chef em busca de perfeição. Não. Eu não sou assim. Mas, sem dúvida, sei fazer uma torta de maçã sueca deliciosa.

Coloco a assadeira no forno e ajusto o temporizador. Então me viro para pegar a tigela e os utensílios para lavá-los, mas Jack foi mais rápido que eu.

— Pode deixar — protesto enquanto ele coloca tudo na pia e pega o detergente e a esponja.

— Não me importo. Que tal vermos um filme enquanto esperamos a torta ficar pronta?

Eu o observo pensativa enquanto a sua atenção está focada na louça.

— Você pretende ficar por aqui só até comer a torta? Depois vai embora?

Não quero admitir o quanto desejo que ele fique. O dia está sendo mais divertido do que imaginei. Mas já era de se esperar, a diversão costuma andar de mãos dadas com Jack.

— Está tentando se livrar de mim, Raio de Sol? — A lateral de seus lábios se curva em um sorriso.

— Não, eu só... — Nunca peço para nenhum cara ficar, então isso é muito esquisito para mim.

Ele termina de lavar a louça e seca as mãos no pano de prato

antes de se virar e fixar seus olhos azuis nos meus.

— Você quer que eu fique? — ele pergunta com delicadeza, mas há algo em seu tom, algo mais que não consigo identificar.

De repente, minha coragem desaparece e assinto.

— *A princesa prometida*? Ou *Dezessete outra vez*? — ele pergunta, listando nossos filmes preferidos.

— Camponês — digo, fazendo graça e criando a minha versão de uma interação famosa entre os personagens principais de *A princesa prometida* —, traga um copo de sidra enquanto esperamos.

Ele pisca antes de se virar para o armário onde ficam os copos.

— Como quiser.

Desta vez, não é só a piscadela, mas o sorrisinho brincando em seus lábios que faz o meu estômago virar do avesso.

Jack

— Acho que essa é a melhor torta de maçã que como em anos.
— Dou um tapinha na barriga e deixo o prato vazio na mesinha de centro. — Talvez a melhor que já comi na vida.

Os olhos de Sarah se iluminam com orgulho enquanto leva o último pedaço à boca, fechando os lábios ao redor do garfo de um jeito que não deveria ser nada sedutor. No entanto, quando se trata dela, acho que tudo é sexy.

Noto uma migalha pendendo no canto de seus lábios. Chego mais perto e estendo a mão para segurar seu queixo. Ela arregala os olhos, surpresa.

— Tem um pedaço — eu me aproximo, sem quebrar o contato visual — bem aqui. — Coloco a ponta da língua para fora, limpando sua boca. A forma com que sua respiração faz prazer percorrer por todo o meu corpo. Distribuo beijos suaves por seu lábio inferior e quando sua mão vacila no prato, eu o tiro dela e o coloco ao lado do meu.

No instante em que suas mãos estão livres, ela me surpreende. Deslizando-as pelo meu cabelo, Sarah funde sua boca à minha em um beijo desesperado, me devorando. Ela fica de joelhos e me empurra para o sofá e sobe no meu colo. Nossas línguas se entrelaçam e a respiração fica ofegante.

Deslizo as mãos por suas curvas suaves e agarro seu traseiro firme, trazendo-a mais para perto. Ela interrompe o beijo e me olha com os olhos semicerrados.

— Eu não quero repetir a noite passada.

— Como assim? — FRANZO a testa, confuso.

— Não quero que seja unilateral de novo — ela sussurra, espalhando beijos suaves pela minha mandíbula.

Putá merda, isso envia uma onda de sangue para meu pau. Seus lábios se conectam ao lóbulo da minha orelha, sugando antes de passar os dentes. Ela começa a tirar minha camisa de dentro do jeans, puxando-a para cima.

— Ah — ela suspira, absorvendo meu tronco exposto. — Seu corpo deveria vir com um aviso.

— Que tipo de aviso? — Um riso surpreso me escapa.

Seus olhos azuis dançam com malícia.

— Algo como: “Proteja os ovários ao se aproximar deste

homem”.

Paro de rir quando ela tira a camiseta, ficando com um sutiã bege simples. Ela me encara e estende a mão para abri-lo antes de deslizar-lo pelos ombros e jogá-lo de lado.

Ergo as mãos para segurar seus seios. Os mamilos estão quase enrijecidos e quando ela arqueia o tronco ao meu toque, me sinto encorajado a prosseguir. Me aproximo, capturo um dos cumes rosados e o sugo antes de passar a ponta da língua por eles.

Sigo em direção ao outro, e seus dedos se fecham com ainda mais força no meu cabelo. Ela chega mais perto, como se não se cansasse do meu toque. Sua receptividade me motiva, meu pau está tão duro que chega a doer, e é como se ela notasse. Uma de suas mãos se move para mergulhar no meu jeans e a ponta dos dedos roçam a cabeça, me fazendo reagir instintivamente.

De repente, estou desesperado por mais. Mudo a posição e a deito no sofá. Meus dedos estão frenéticos, trabalhando para tirar seu jeans. Eu o deslizo pelas pernas esguias e meus olhos se deleitam com a visão de seu corpo envolto apenas por calcinha e meias. Quando as minhas mãos vão para a calcinha, ela me detém.

— Você está muito vestido. — Seu olhar está cheio de desejo enquanto me observa concordar. Eu me levanto, tiro o jeans, as meias e seguro o cós da cueca.

— O que você acha? Consegue lidar comigo assim? Nu? Ou precisa proteger os ovários? — provoco.

Com um olhar penetrante, ela ergue uma perna, tira a meia e repete a ação do outro lado antes de tirar a calcinha e chutá-la para longe. Ela me dá um sorriso astuto e aponta para a minha roupa íntima.

— Eu aguento.

Tiro a cueca e a chuto para o lado antes de me juntar a Sarah. Um sibilo escapa de nossos lábios ao toque da pele nua. Meu pau se acomoda entre suas coxas e pressiona seu sexo. Com os antebraços apoiados nas laterais de sua cabeça emolduro seu rosto e acaricio suas bochechas macias.

— Você é linda — digo baixinho, encarando-a.

Você é linda, e estou me apaixonando por você. Algo muda naqueles olhos azul-claros, como se minha declaração a tivesse deixado desconfortável. Antes que o pânico a domine, me aproximo e me pego beijando-a com um desespero único. Estou tentando comunicar meus sentimentos a uma mulher que não quer sentir. Que não quer nada que se parece com um relacionamento romântico.

Estou tentando fazê-la enxergar além de suas reservas, enxergar o que tenho a oferecer, enxergar *nós dois*. Eu quero e preciso que ela veja que nos encaixamos bem.

Sarah devolve o beijo com uma paixão que rivaliza com a minha, as mãos deslizam pelas minhas costas até chegar ao meu traseiro e me puxam com força para si, fazendo meu pau tocar sua entrada.

Termino o beijo e digo com a voz rouca de desejo:

— Camisinha. — E me movo para pegar uma no bolso da calça, mas Sarah me para.

— Eu tomo anticoncepcional e sempre faço exames.

Viro a cabeça devagar, estudando sua expressão antes de falar:

— Também faço exames regularmente e não estive com mais ninguém desde...

Sarah não me deixa terminar. Ela me puxa em sua direção e meu pau a penetra com facilidade. Caramba, a sensação de seu calor me envolvendo é quase demais, sem mencionar que nunca transei sem proteção antes. Parte de mim está ansioso por saber se isso significa que Sarah está na mesma página que eu, que ela está se abrindo à possibilidade de sermos... *nós*.

Quando ela envolve as pernas na minha cintura, me forçando ir ainda mais fundo, meus pensamentos desaparecem e minha intenção é apenas mostrar a essa mulher o quanto podemos ser incríveis juntos. Mostrar que amo tudo nela.

Depende de mim quebrar as paredes ao redor de seu coração para que o meu amor possa finalmente entrar, preenchendo todas as fissuras até o meu nome estar gravado lá.

Da mesma maneira que o dela está gravado em mim.

Sarah

Não me canso das estocadas desenfreadas de Jack. Seu toque é viciante e a expressão em seu rosto me faz sentir que estou oscilando entre irromper em chamas por causa do orgasmo que está a caminho ou ser vítima de um ataque de pânico, porque... caramba, esses olhos, escurecidos por uma intensidade desconhecida, são demais. E sei que não aguento lidar com isso.

Eu me movo para mudar de posição, tentando fazer com que ele fique debaixo de mim, pensando que, talvez, isso ajude. Mas quando consigo, algo acontece e faço Jack perder o equilíbrio, escorregar e acertar a quina da mesa de centro com tampo de vidro.

Com a cabeça.

— Puta merda!

Corro até a cozinha para pegar um pano limpo e volto correndo até onde ele está, sentado no chão com a mão pressionando o corte na testa. Eu o examino com espanto antes de pegar sua mão e posicioná-la com firmeza no tecido em uma tentativa de ajudá-lo a estancar o sangramento.

— Já volto. Enquanto isso, vista-se, porque você vai precisar de pontos. — Eu também me visto às pressas enquanto corro até o banheiro em busca do kit de primeiros-socorros.

— Só pode ser brincadeira. — Escuto um farfalhar e me viro para ajudá-lo a colocar a camiseta e o jeans enquanto ele tenta segurar o pano.

Minutos depois, consigo limpar um pouco a ferida e aplicar suturas adesivas na laceração, o que deve resolver até chegarmos ao pronto-socorro. Com um riso tenso, pego a bolsa, as chaves e conduzo Jack até a porta. Descemos rápido até as vagas reservadas para moradores, entramos no meu carro e sigo para o hospital.

Sem perder tempo, ligo para Clint usando o bluetooth do carro. Para minha surpresa, ele atende logo e espero que seja um sinal de que o hospital não está muito movimentado.

— Oi, querida. Meu intervalo está quase acabando, mas preciso perguntar: você se deu bem com o Sr. M. A. B. S. ontem à noite? Ou eu deveria continuar chamando o cara de Sr. B. A.?

Sinto a atenção de Jack em mim, mas ignoro... assim como a pergunta de Clint.

— Estou levando o Sr. Moreno, Alto, Bonito e Sensual ao

pronto-socorro para alguns pontos.

Clint faz uma pausa breve.

— Eu *mal posso esperar* para ouvir a história por trás disso.

Franzo a testa e, por sorte, estamos a apenas duas quadras do hospital.

— Estamos a duas quadras. Te vejo daqui a pouco.

— Eu estou no viva-voz?

— Sim. — Hesito.

— Oi, bonitão. — A voz de Clint assume um tom de flerte.

— Oi, cara. — Jack responde.

— Ser mal-educado com a nossa garota é perigoso, não é? —

Clint fala, e Jack ri.

— Ela é perigosa, sem dúvida.

— Vamos te deixar novinho em folha. Nos vemos daqui a pouco. — Ele desliga, e viro a esquina para entrar na faixa que leva à entrada do pronto-socorro.

— Vou te deixar aqui e estacionar rapidinho.

— Eu consigo andar — Jack protesta.

Paro bem em frente às portas e me viro para ele.

— Não vou demorar. — Inquieta, franzo a testa e aponto para a cabeça dele. — Estou preocupada com o corte, então não vamos arriscar. Vejo você lá dentro daqui a pouco.

Assentindo, ele sai do carro. Prestes a fechar a porta, Jack para e seus olhos encontram os meus.

— Ei, Raio de Sol?

— Sim?

Seu semblante suaviza e olhos se enrugam nos cantos.

— Eu me diverti muito com você hoje. Nem a minha testa estragou o dia. — Então ele fecha a porta, se vira e entra no hospital.

— Vamos ver se entendi direito. Você caiu e bateu com a cabeça na quina da mesa de centro enquanto trocavam de posição do sofá? — Clint pergunta, fazendo uma careta exageradamente séria.

— Acabei de contar o que aconteceu — digo entre dentes. — Três vezes.

— Ah, mas eu gostei de ouvir. — O sorriso de Clint aumenta. — Mais uma vez. — Virando-se para Jack, ele pergunta: — Então quer dizer que você estava por cima e a srta. Mandona teve que trocar de posição?

Meus olhos voam para o dr. Mills, que está concentrado nos últimos pontos na testa de Jack, antes de semicerrá-los outra vez para Clint.

— Você quer fazer o favor de parar? — sibilo.

— Não precisa se preocupar, srta. Matthews. — O dr. Mills finaliza o trabalho e coloca um curativo. — Você sabe que já ouvi e vi coisas muito piores.

— E é melhor vindo de um de nós — Clint insiste, presunçoso. Para mim, ele diz: — Então as bolas azuis atacam novamente, é?

— Clint — eu rosno.

Ele dá um tapinha consolador no joelho de Jack.

— Vocês dois são como aquela garota aventureira do desenho animado tentando abrir caminho pela elusiva ilha da fantasia... — ele faz uma pausa — ou são como os povos antigos tentando encontrar a terra prometida. Ou...

— Já entendemos — Jack e eu dizemos ao mesmo tempo.

— Pronto, sr. Westbrook. — Dr. Mills entrega a papelada para Jack. — Marque uma consulta com o seu médico para retirar os pontos em oito dias, ou — ele faz uma pausa e olha para mim — se você for corajoso o bastante, a srta. Matthews pode tirá-los para você.

— E talvez ela ofereça algum benefício...

— Obrigado — Jack interrompe Clint e aperta a mão do médico.

— Que finalmente te trará alívio! — Clint termina com um floreio.

— *Clint* — dr. Mills, Jack e eu o repreendemos ao mesmo tempo.

Com um revirar de olhos dramático, ele joga as mãos para cima.

— Eu não posso ser o único que acha isso fascinante pra caramba! Sério — ele bufa —, duas pessoas que parecem ofender o universo toda vez que tentam transar. — Balançando a cabeça, ele ergue o queixo na direção de Jack. — Cuide-se, B.A. — Então se inclina na minha direção e dá uma piscadinha. — Você, senhorita, é melhor não empurrar mais nenhum homem em mesinhas de centro enquanto algo ainda estiver preso na sua caverna.

Ainda estou irada depois que ele sai da sala com o médico em seu calção, deixando Jack e eu na sala silenciosa. Solto um longo suspiro e olho para ele.

— Pronto para ir para casa?

Ele abre um sorriso fraco.

— Pronto, brutamontes.

Mas desta vez, a piada não surte o efeito desejado. Ainda estou pensando nos comentários de Clint sobre o universo.

E me perguntando se são válidos ou não.

Jack

Sarah não diz nada durante todo o percurso para o meu apartamento. Na verdade, ela fica quieta demais e é impossível não me perguntar, enquanto cruzamos as ruas do centro de Saratoga Springs, se ela está remoendo o comentário desconcertante de Clint.

Como se ofendêssemos o universo sempre que tentamos transar, Olho o perfil de Sarah enquanto ela conduz pelo tráfego mais intenso do que o comum para uma tarde de domingo e noto o leve vinco em sua testa. A expressão preocupada envia uma onda densa de mau agouro pelo meu corpo.

Quando ela estaciona na minha vaga, a pressão no meu peito diminui um pouco, porque presumo que vai entrar comigo. A tensão ainda está presente enquanto subimos de elevador até o meu andar.

— Obrigado pela noite de hoje.

Ela arqueia as sobrancelhas e os lábios se contorcem em um sorrisinho sem graça.

— Você está me agradecendo por ter batido a cabeça na minha mesinha de centro?

Eu a encaro com cuidado.

— Você entendeu o que eu quis dizer. — O elevador apita antes de as portas se abrirem. Então ela sai e eu a sigo. — Obrigado por ter me feito companhia.

Paro em frente à minha porta, tiro a chave do bolso e a deslizo na fechadura antes de me virar para Sarah. Ela está apoiada na parede, com o olhar cauteloso. Me aproximo, apoio as mãos na parede e a prendo ali.

— Raio de Sol, você não tem ideia de quanto tempo faz que ninguém cuida de mim e me faz companhia, então obrigado. — Minha voz sai baixa e engrossada pela emoção, porque mesmo nas poucas lembranças que tenho da minha mãe, ela era a última pessoa a assumir a responsabilidade de fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para cuidar de mim.

A expressão de Sarah parece suavizar e a tensão em seu rosto diminui.

— De nada — ela responde baixinho.

Abro a porta, entramos e tiramos os sapatos.

— Você deveria tentar descansar um pouco, mas... — ela para de falar, parecendo desconfortável, e a minha intuição sabe o que ela

está prestes a dizer. E saber não faz doer menos. — O que Clint disse mais cedo me fez pensar. — O vinco entre suas sobrancelhas fica evidente, implorando para que eu o atenuo.

Ela coloca a mão na bolsa e tira de lá um daqueles chocolates que sempre carrega. Desvia o olhar, concentrando-se em abrir a embalagem. Ela tira o chocolate de dentro e lê a mensagem. Então dá uma mordida, mastiga e engole antes de continuar.

— Pare para pensar, Jack. Passamos por isso quantas vezes? E *sempre* acontece alguma coisa. Somos interrompidos ou algo ruim atrapalha tudo. Não é normal. — Ela balança a cabeça e guarda o resto do chocolate. — Acho que deveríamos enxergar isso como um sinal de que não fomos feitos pa...

Estendo a mão e seguro o pulso de Sarah com o chocolate. Dou um passo para perto e observo seus olhos se arregalarem. Vejo a incerteza em sua expressão. É como se ela estivesse se perguntando o que estou fazendo. Trago sua mão até minha boca, mordo o chocolate e limpo os dedos dela com a língua, então respondo:

— Não.

O choque fica estampado em seu rosto.

— Não? — ela repete, descrente. — O que você quer di...

— Eu quero dizer que... — Engulo, permitindo que o chocolate derretido cubra minha língua, então me aproximo ainda mais dela para que a minha respiração encontre seus lábios. — Não, eu não vou deixar que você enxergue isso como um sinal.

— Mas...

Eu a interrompo com um beijo profundo, com sabor de chocolate. Pressiono o corpo no de Sarah e a prendo à parede. O beijo é desesperado, carente, apaixonado e voraz: emoções que percorrem meu corpo neste exato momento.

Afasto suas coxas e me aproximo ainda mais, deixando-a sentir a minha excitação. Deslizo as mãos por suas costelas e empurro a barra da camiseta até meus polegares repousam sob seus seios. O peito de Sarah sobe e desce com a respiração ofegante e me pergunto se ela percebe que está arqueando o corpo para o meu toque, como se tentasse desesperadamente me persuadir. Embalo os seios envoltos pelo sutiã, roço seus mamilos com os polegares e, naquele momento, um gemido escapa de seus lábios.

Praticamente arranco sua blusa me livro do sutiã. Em um piscar de olhos, o torso de Sarah está exposto para mim. Sem dar tempo para que pensamentos invadam sua cabeça, percorro seu pescoço com os lábios, espalhando beijos molhados ao longo da clavícula antes de tomar um de seus mamilos, o polegar e o indicador brincam com o outro. Me deleito com os ofegos e gemidos que minhas ações provocam antes de abocanhar o outro cume enrijecido.

— Jack — ela murmura. — Jack, precisamos...

Escolho este momento para chupar seu mamilo com força antes de soltá-lo com um estalo enquanto olhos em seus olhos.

— Acho que você deveria me deixar decidir do que precisamos, Raio de Sol.

Apressado, desabotoo seu jeans, o tiro e o jogo para longe. A calcinha e as meias vão em seguida. Deslizo um dedo até seu sexo para conferir se ela está molhada e a encontro completa e deliciosamente encharcada.

Que se dane o controle. Estou arriscando tudo. Ela precisa entender que nada, nem qualquer sentimentalismo piegas do universo, vai nos impedir de fazer amor. Passo a mão pelo seu cabelo e cerro os dedos ao redor dos fios longos à medida em que penetro outro dedo bem fundo. Engulo seus gemidos, estimulando-a com os dedos cobertos com sua excitação. Os quadris dela começam a se mover, me incentivando a continuar.

Fico de joelhos e afasto ainda mais as suas coxas. minha boca vai direto ao clitóris, o envolvo com os lábios e o chupo de leve. As mãos de Sarah voam para o meu cabelo enquanto meu nome sai de seus lábios em um gemido sussurrado. Continuo a entrar e a sair dela em golpes rápidos, e ela puxa meu cabelo com ainda mais força.

— Jack — Sarah murmura o meu nome de novo, mas desta vez, consigo ouvir que ela está à beira do precipício.

Prendo seu clitóris com mais firmeza e uso a ponta da língua para brincar com ele enquanto os dedos continuam a deslizar para dentro e para fora do seu sexo. Acelero os movimentos quando sinto seus músculos internos se contraírem e isso a leva ao limite. Ela move os quadris e se pressiona sem qualquer pudor à minha língua quando o orgasmo a atinge.

Assim que os tremores acabam, olho para cima e encontro seu olhar lânguido. Sem deixar encará-la, me levanto e a ergo pela cintura. Por instinto, ela abraça meus quadris com as pernas e o pescoço com os braços. Então a levo para o quarto. À medida em que avanço pelo corredor, Sarah espalha uma trilha de beijos delicados pelo meu rosto, do lado oposto de onde acabei de levar os pontos, e mordisca o lóbulo da minha orelha.

Eu a coloco sobre a cama. Tiro um momento para apreciar a visão de Sarah deitada no lençol cinza-escuro.

Tiro a camisa com cuidado para não esbarrar no curativo, o jeans a cueca e as meias vão em seguida. A maneira como os seus olhos passeiam pelo meu corpo faz uma onda de excitação me percorrer, e meu pau se move. Eu o agarro e acaricio lentamente o comprimento, observando Sarah acompanhar os movimentos e afastando os lábios em expectativa.

Me posiciono entre suas pernas e levo as mãos aos seus quadris. Ela arregala os olhos quando a puxo para mais perto, ajustando seu traseiro na borda da cama e apoiando seus pés no colchão. Com o olhar fixo no dela, me aproximo, roçando a ponta do meu pau em sua entrada.

— Não há nada impedindo que isto aconteça, Raio de Sol — murmuro, entrando lentamente nela. Minha voz está rouca de tanto que me contenho. O calor que irradia dela, o cheiro de sua excitação... é quase mais do que posso aguentar.

— Não vá devagar — ela protesta, ofegante enquanto balança os quadris suplicando por mais.

Tenho que cerrar os dentes, pois a vontade de entrar de uma vez é tentadora demais. Mas não posso fazer isso. Não vou fazer. Preciso mostrar que tenho controle. Que vou...

— Me faz gozar nesse seu pau.

Putá merda. Gemo alto e deslizo as mãos pela maciez de suas coxas, agarrando-as. Continuo encarando-a.

— Não quer que seja delicado? — Eu a penetro mais um pouco antes de parar.

— Não — ela ofega, agarrando o lençol. Os mamilos rijos imploram pela minha boca. — Preciso de você bem fundo dentro de mim, Jack.

Incapaz de me segurar por mais tempo, vou fundo e seguro seus seios. Belisco os mamilos, e ela joga a cabeça para trás, cobrindo meu pau com mais umidade. Seguro suas pernas e as levanto, apoiando seus joelhos nos meus ombros para conseguir mais profundidade.

— Olhe para mim — ordeno. — Deixe-me ver esses olhos lindos. — Preciso que ela veja que isto está acontecendo. Que nada pode nos atrapalhar.

Preciso que ela veja que o meu corpo está se unindo ao dela, que estou entregando uma parte de mim.

Meu coração.

Minha alma.

Tudo.

Sarah

Os olhos azul-escuros parecem espreitar meu interior enquanto Jack dá tudo de si, nossos corpos unidos da forma mais íntima possível. Ele me ajeita para atingir o ponto perfeito e, apesar de eu ter gozado há alguns minutos, já posso sentir o aperto revelador dos meus músculos e a umidade crescente.

Meus olhos vagueiam na direção de onde estamos unidos e vejo Jack, duro e grosso, estocando profundamente em mim. Olho para cima e me deleito com o seu abdômen firme e aquelas linhas em V que o emolduram. Os peitorais são lisos e quando vejo a gota de suor no centro de seu peito, fico ainda mais excitada. Pressiono as mãos em seu peito, fazendo-o parar no mesmo instante. Seus olhos se enchem de preocupação.

— Preciso ficar por cima. — Quando seus lábios começam a se abrir para protestar, eu o interrompo: — Por favor. Me deixe fazer isso. Ainda mais — Sorrio — Depois do que fiz com sua testa.

Ele faz uma pausa e estreita os olhos.

— Como quiser.

Rolo para o lado, dando espaço para ele se deitar de costas antes de eu deslizar por cima dele e montá-lo. Eu o encaro e seguro seu pau, guiando-o para dentro de mim. Recebê-lo assim, sem qualquer proteção, parece ser a coisa mais deliciosa do mundo.

E assustadora pra caramba, ouço uma voz na minha cabeça.

Eu me abaixo com um movimento fluido e sinto suas mãos agarrarem meus quadris. Ele me aperta à medida em que seus olhos percorrem as curvas do meu corpo.

— Você não faz ideia do quanto é espetacular. — O calor em seus olhos quase me leva ao limite e o som baixo e rouco de sua voz mostra sua excitação.

Apoio as mãos em seu peito e começo a me mover. Ele fecha os olhos, e uma parte de mim está aliviada por não ter que testemunhar tudo que ocorre nas profundezas daquelas órbitas azul-escuras. Ainda assim, sinto que há algo faltando.

Os lábios de Jack se abrem enquanto sua respiração se iguala à minha. Apoio as mãos no colchão e o beijo. Ele enrosca os dedos no meu cabelo, me trazendo para ainda mais perto. O beijo se intensifica, tornando-se uma combinação inebriante de desejo fervoroso, desesperado e feroz.

Acelero os movimentos, e ele move os quadris, impulsionando-os para cima para me acompanhar. Os movimentos ficam mais frenéticos à medida em que me aproximo da libertação. Eu o cavalgo com certo desespero até que Jack afasta a boca da minha.

— Me cavalgue e se toque, Raio de Sol — ele sussurra as palavras, pesadas de desejo, e me pego obedecendo ao seu pedido.

Motivada pela intensidade de seu olhar, me sento em seu colo. Jack e eu gememos com a mudança de ângulo e com o quanto é delicioso. Pressiono um dedo no clitóris e começo a fazer movimentos circulares e lentos. Meu olhar está colado ao dele. Jack continua a mover os quadris. Acelero ainda mais os movimentos, prestes a atingir o clímax, e nesse momento, ele murmura com a voz rouca:

— Linda.

É a reverência no tom que me leva ao limite. O orgasmo me atinge em ondas intensas. Noto vagamente o som de seu gemido junto ao meu, seus dedos apertando meus quadris enquanto ele goza.

Caio em seu peito. Nossa respiração ofegante é o único som no quarto, e sinto uma de suas mãos deslizarem por minhas costas em uma carícia suave e reconfortante.

— O universo não pode nos impedir de nada. — Jack murmura em voz baixa e suas palavras me atingem antes de ele dar um beijo no topo da minha cabeça.

— Você é o primeiro cara que me deixa comer chocolate na cama.

Eu queria que tivesse soado impertinente, como uma provocação. Mas aquilo me fez soar como uma *daquelas* mulheres, e imediatamente quero retirar as palavras. Não sou o tipo que se joga de cabeça em um relacionamento e toma café na cama com o namorado.

Me pergunto se estar sentada na cama, encostada no que devem ser os travesseiros mais macios da história, ao lado do homem que virou meu mundo de cabeça para baixo há meros segundos, conta. Jack nos serviu um pouco de vinho e estamos aconchegados em sua cama, assistindo a *Dezessete outra vez* na TV presa à parede. Ele me surpreendeu com alguns chocolates da marca que amo, desculpando-se por serem ao leite e não meio amargo.

— Desculpe, Raio de Sol — ele disse. — Peguei o pacote errado e só percebi agora que abri.

— É chocolate — afirmei, pegando um. — Ninguém deveria fazer pouco de chocolate.

Leio a mensagem quando abro a embalagem e dou uma mordida no doce.

DEIXE A GOSTOSURA ACONTECER.

O chocolate ao leite derrete na boca e cobre minha língua com sua doçura. Me assusto quando Jack vira o rosto, aconchegando-se no meu pescoço.

— Eu gostaria de deixar um pouco mais de gostosura acontecer.

— Ah, é? — pergunto, brincalhona. — Estou intrigada, Westbrook. Me conte mais. — Seu resmungo divertido faz um sorriso lento curvar meus lábios, e engulo o resto do chocolate.

— Prefiro mostrar. — Ele desliza sobre mim e meus seios pressionam seu peito. Ele me beija e me saboreia com língua, o que arranca um gemido de nós dois. O sabor de Jack, combinado ao chocolate, deve ser uma das melhores coisas de que já provei.

Quando ele se afasta, não contenho um choramingo. Observo os olhos dele escurecerem com desejo, seu lábio inferior está sujo de chocolate. Me aproximo, com a intenção de deslizar o polegar, mas assim que o toco, seus lábios se fecham. E Jack o chupa. Com força.

Como é possível que eu sinta o que ele está fazendo com meu dedo *lá embaixo*? Excitação pulsa pelo meu corpo com o seu toque, e eu daria qualquer coisa para sentir aquela língua e a boca em outra parte do meu corpo.

Jack se move de repente e fica de joelhos. Estende a mão até a mesinha de cabeceira e pega outro chocolate. Levo um momento para entender o que ele está fazendo. Jack está aquecendo o doce com as mãos, usando o calor de seu corpo para deixá-lo mais maleável. Então ele monta nas minhas pernas, abre a embalagem, a joga para o lado e passa o chocolate derretido por um dos meus mamilos.

Ele se aproxima com os olhos fixos nos meus e passa a língua pelo doce, lambendo e sugando cada pedacinho. Ele repete o movimento no outro seio e, desta vez, quando passa a ponta da língua pelo mamilo, não seguro gemido que me escapa.

— O que você acha? — ele murmura na minha pele, ainda com o olhar fixo ao meu. — Está pronta para deixar a gostosura acontecer?

— Não sei se estou muito interessada, já que você está acabando com todo o chocolate — rebato.

Ele abre um sorrisinho tão sexy que fico até sem ar.

— Ah, mas tenho planos para que você o saboreie também. — Com a minha expressão confusa, ele desliza pelo meu corpo até estar acomodado entre as minhas coxas.

Segurando o que resta do chocolate, Jack o desliza ao longo da minha abertura e ao redor do clitóris antes de mergulhá-lo dentro de mim. Depois, ele o leva à boca e fecha os olhos, como se estivesse saboreando a doçura misturada à umidade da minha excitação.

Quando os seus olhos se abrem, queimando de desejo, ele se aproxima devagar.

— Gostosuras estão prestes a acontecer — ele sussurra

segundos antes de me devorar em um beijo muito íntimo. O aroma do chocolate toma conta do ar, e Jack alterna entre usar a língua para ir fundo e me saborear, e colar os lábios no meu clitóris, sugando-o com delicadeza e aplicando a quantidade certa de pressão.

Ele sente quando me aproximo do clímax e afasta ainda mais as minhas pernas, me tomando com a boca. Sua língua avança com selvageria, entrando bem fundo e me excitando. O aperto dos seus dedos em meus joelhos afastados chega a doer. Tremores me dominam quando sinto o orgasmo, meus quadris se movem descontroladamente. Minha respiração sai em arquejos pesados enquanto me movo em sua língua, e Jack me devasta com a boca.

No momento em que meu fôlego volta ao normal, observo-o se levantar, com o queixo sujo de chocolate e uma pontada de arrogância marca os cantos de seus lábios. Deslizando pelo meu corpo, ele fica por cima e se apoia nos antebraços.

— O que achou? — Jack arqueia a sobrancelha com expectativa. — Gostosuras aconteceram?

Finjo ponderar, desviando o olhar para o canto do quarto.

— Hum, que pergunta difícil. Muito difícil.

— É mesmo? — ele pergunta com uma pontada de humor.

Eu o olho nos olhos e dou de ombros fingindo indiferença.

— É difícil julgar um trabalho tão fora do padrão.

Ele abre um sorriso enorme e seus olhos brilham com diversão.

— Ah, Raio de Sol. — Ele ri e me dá um selinho. Sua expressão suaviza. — Agora podemos concordar que o universo não tem nada contra a gente. — Jack faz uma pausa, espalhando uma trilha de beijos ao longo da minha mandíbula. — Não tem nada a ver com isso, muito menos com amor.

Meu corpo enrijece com essas palavras e fica claro que Jack nota quando levanta a cabeça para me observar com uma expressão confusa.

— O que foi?

— Ninguém falou em amor, Jack — tento dizer com calma, mas sei que há uma pitada de pânico ali.

Ele não responde de imediato, pois me estuda com cuidado. Então seu olhar suaviza, e ele murmura o que eu menos esperava:

— Acho que estou falando agora. — Aqueles olhos azuis parecem mais escuros e sua voz soa tenra. — Eu me apaixo...

— Não! — Pressiono os dedos em seus lábios para impedi-lo de dizer qualquer coisa. Quero sair correndo. Adrenalina inunda meu corpo e meu coração está acelerado. Eu o empurro e luto contra a confusão que fizemos na roupa de cama, desesperada para me libertar.

Quase caio no chão, mas me equilibro no último segundo. Vou até a poltrona ao lado da janela, onde Jack colocou as minhas roupas.

Meus movimentos são desengonçados enquanto me visto, sem me importar se estão do lado certo ou não.

— O que você está fazendo, Sarah?

A calma em seu tom me irrita. Como ele pode estar tão relaxado? Depois de quase dizer com todas as letras que me ama? Sinto como se alguém tivesse me dado um soco no estômago. Pensei que estivéssemos na mesma página.

— Escute, só porque finalmente conseguimos transar e — hesito na pressa de encontrar as palavras — chegar aos finais, não significa que o universo não tenha tentado nos dizer... ou melhor, não significa que ele não tenha tentado *gritar* que não é para ser. — Emito um som carregado de ironia. — Sério, não deveria ser tão difícil assim transar! — Minha voz beira a histeria.

— Não se trata apenas de sexo, Sarah. Somos mais que isso. — Não deixo de notar que ele está usando o meu nome. *Sarah*. Não Raio de Sol.

— Obviamente, você está esperando muito mais disso.

Sua expressão é séria.

— Disse o quê? O que estou esperando?

Faço círculos com o dedo, gesticulando entre nós.

— De nós dois. Você está esperando um final feliz como o que o Ry conseguiu com a Maggie. Mas você e eu sabemos — hesito, com um riso instável — que eu não sou como a Maggie.

Seu olhar se fixa no meu antes de ele falar bem devagar:

— Eu sei disso. — Ele faz uma pausa. — Não quero o que o Ry e a Maggie têm. — Quando dá um passo na minha direção, a ferocidade em seus olhos me faz dar outro para trás, sem perceber. — Só quero o que você e eu começamos a ter. Quero que isso continue. — Ele olha para os pés e passa as mãos pelo cabelo, bagunçando-o como se estivesse colocando as ideias no lugar antes de olhar para mim. — Eu quero que tenhamos o nosso felizes para sempre.

Balanço a cabeça, boquiaberta.

— *O quê?*

— O que você acha que fizemos esse tempo todo, Sarah? — Ele me encara, incrédulo. — Temos passado tempo juntos, fazendo praticamente de tudo!

— E sendo interrompidos toda vez que as coisas vão para um lado mais sexual! — devolvo. — Fala sério, Jack. — Minha voz se eleva enquanto a indignação aumenta. — Nós. Passamos. Tempo. Juntos. — digo, pontuando as palavras. — Não veja coisas onde não há!

Ele analisa minha expressão, tentando detectar algo.

— O que foi tudo isso então? — Ele acena, descontrolado. — Todo esse tempo que passamos juntos? Foi só uma brincadeira de mau

gosto? — Ele fica ainda mais sério. — Porque você deveria saber que eu não queria só uma *trepada*, Sarah.

Meu corpo todo estremece com as palavras grosseiras. Acho que é impossível seu rosto parecer ainda mais enojado.

Com um bufo frustrado, eu o olho nos olhos.

— Nunca dei a entender que queria algo mais. Conte sobre meus pais. Sobre a minha mãe. Eu me recuso a ser como ela. Olhe como ela é — aceno, descontrolada. — Uma *hippie* cinquentona que troca mais de namorado que de roupa, ainda na tentativa de se autoafirmar depois que meu pai foi embora. Sei como é. — Ganhando mais fôlego, dou um passo para frente. — Não posso ficar com alguém para sempre, Jack. Não sou assim.

Ele me encara sem dizer nada. O silêncio parece se arrastar por uma eternidade, mesmo sabendo que, na verdade, são só alguns segundos.

— E se eu for? — ele pergunta em voz baixa e a forma como fala me toca lá no fundo, fazendo faíscas de pânico me percorrerem.

Ele tensiona a mandíbula e semicerra os olhos.

— Me diga uma coisa — ele exige ao se aproximar. — Que outro cara sabe dos seus lanchinhos menstruais? De como você gosta de ter um estoque de chocolates com mensagens na embalagem? Ou de como a sua respiração falha quando ele dá um beijo no seu pescoço, logo abaixo da orelha? — Ele faz uma pausa. — Que outro cara você procurou e ele te abraçou depois de você ter perdido um paciente? — Jack inspira de forma brusca. — Você tem que deixar eu me aproximar, Sarah. Sim, você me deixa ver um pouco além, mas não me deixa chegar mais perto. — Ele balança a cabeça devagar, com a dor marcando seus lindos traços. — Não completamente.

O cômodo parece se fechar ao meu redor ao mesmo tempo em que o ar é sugado para fora dele. É como se tivesse um elefante sentado no meu peito, o aperto é excruciante. Ofegando, passo por Jack, desesperada para fugir.

— Tenho que ir. — Saio do quarto, pego minha bolsa e calço os sapatos, praticamente correndo em direção à porta.

— Se você for embora, acabou. — O tom definitivo em sua voz atravessa o corredor, me fazendo parar quando toco a maçaneta. — Não vou forçar algo que você não quer.

Eu me esforço muito para falar.

— Eu sei. — Abro a porta e ignoro a voz interior que sussurra que estou cometendo um erro.

— Adeus, Sarah.

Enquanto fecho a porta com um estalo suave, murmuro:

— Adeus, Jack.

Sarah

— É um prazer revê-la, Srta. Rabugenta.

Não me dou ao trabalho de virar para Clint enquanto finalizo as anotações no prontuário de um paciente. Meu único movimento é erguer a mão esquerda para coçar a cabeça. Com o dedo do meio.

Clint ri e chega mais perto, abaixando a voz.

— Mencionei que atendi um certo homem bonito que conhecemos e tirei os pontos dele? Ou seja — ele me cutuca de forma sorrateira —, tive que conferir certas partes...

Viro a cabeça abruptamente e semicerro os olhos, irritada.

— Nós dois sabemos que os pontos dele estavam na testa, então não havia necessidade de você conferir parte alguma.

Ele sorri e dá de ombros.

— Talvez todo aquele tempo fingindo ser namorado do Ry tenha mudado as regras do jogo para ele. *Talvez* — seus olhos brilham e ele os arregala de forma dramática — ele tenha percebido que não estava apaixonado por você, e que, na verdade, estava apaixonado *por mim*. — Clint leva as mãos ao peito com um suspiro sonhador. — Não seria fofo?

Eu o encaro e as minhas palavras são quase um rosnado:

— Muito fofo.

— Sabe o que há de errado com você?

— Não, mas com certeza você está prestes a me dizer.

Ele não se importa em validar a minha resposta sarcástica.

— Você precisa de uma história inspiradora para colocar a cabeça no lugar.

— É?

— Sim. — Ele assente. — Preciso que você me escute com atenção. — Clint para por um instante. — Era uma vez, uma jovem de uma cidade de ferro. Ela tinha o sonho de dançar, mas a sorte não estava a seu favor.

Faço careta, descrente. Ele não pode estar se referindo ao que eu acho que...

— Essa jovem teve que acreditar em si mesma, se arriscar e dar o seu melhor. Quando fez isso, quando conseguiu uma chance... sabe o que aconteceu?

— Ela enlouqueceu? — digo, sem nenhuma emoção, porque está parecendo demais com o enredo de *Flashdance*. — Na pista de

dança?

— Bem, sim. Mas mais que isso. — Ele se aproxima, abaixando o tom de voz. — Ela encontrou o amor.

Nossos olhares se encontram e se fixam um no outro até cairmos na risada.

— *Flashdance*, Clint? Sério?

Ele dá de ombros.

— Foi o melhor em que pude pensar no improviso. — Ele ergue um dedo. — Mas acho que faz muito sentido.

— O que exatamente você está dizendo que eu devo fazer? — pergunto, estudando-o.

— Além de comprar um macacão, polainas e dançar até cansar antes de se encharcar de água? — ele responde.

Eu pisco.

— Além disso.

— Dê o seu melhor. Se arrisque. Porque — ele dá de ombros — eu acho que ele tem potencial. — Seus lábios se curvam em um sorriso arrogante. — Potencial para ser mais do que o motivo das nossas piadas.

Antes que eu possa responder, somos interrompidos, e Clint sai pelo corredor para atender a um paciente. Fico ali, com duas coisas pairando na minha mente: primeiro, a ideia de me arriscar e de dar uma chance à situação com Jack. Segundo, aquela maldita música de *Flashdance* com o refrão que diz algo como: “Ela enlouqueceu na pista de dança” repetindo sem parar.

— Deixe-me ver se entendi direito: você recusou um cara gentil e sexy pra caramba porque ele queria te amar e ter um relacionamento sério? — Maggie pergunta de forma casual, balançando o hashi para mim. — Será que você está enlouquecendo ou já enlouqueceu de vez?

— Ei! Que comentário é esse de Jack ser sexy? — Ry murmura, lançando um olhar magoado à esposa antes de devorar outro sushi.

Meus amigos decidiram que precisávamos comer comida japonesa em um restaurante. Mas sei o que eles estão fazendo.

Uma intervenção.

Mas não sou uma viciada. Sou só uma bola de emoções. Quem diria que eu poderia sentir tanta saudade de Jack? Que poderia sentir saudade de suas mensagens de texto ou do seu estoque aparentemente infinito de chocolate? Do seu humor? Do seu sorriso? Dos seus beijos? De como seus lábios são macios e delicados quando ele...

Mas que o que é isso? Minha mente está me traindo. É claro.

Maggie revira os olhos, nem se dando ao trabalho de olhar Ry,

pois sabe que o marido está brincando.

— Sarah, você pensou nisso? Pensou *mesmo* nisso? — Preocupação marca sua expressão.

Perco o apetite e solto os hashis.

— É claro — respondo, exasperada. — Pensei nisso toda vez que minha mãe fez mais do que o necessário para satisfazer um homem novo na esperança de mantê-lo por perto. Ainda penso nisso, e ela continua fazendo a mesma coisa.

Maggie me olha nos olhos.

— Você gosta do Jack?

Eu a observo com cautela.

— É claro que gosto dele. Gosto de você, do Ry e...

— Você gosta dele só como amigo ou há algo mais?

— Como alguém de quem fui íntima, com certeza. — Pressiono os lábios e meu corpo todo fica tenso.

— Não é isso que estou perguntando, e você sabe. — Maggie semicerra os olhos.

Ry solta um suspiro alto e exasperado, bate o hashi no prato e me encara.

— Você fica animada quando ele está por perto? Quando vocês conversam? — Ele apoia os antebraços na mesa e continua: — Sente um friozinho na barriga quando ele sorri para você? Geralmente, você fica mais feliz quando ele está por perto?

Não respondo de imediato, mas reflito sobre as perguntas.

— Frio na barriga? Você andou lendo uma daquelas revistas da Maggie?

Minha pergunta engraçadinha para tentar mudar aquele assunto desconfortável não funciona. Ry e Maggie me encaram, me deixando na defensiva.

Cubro o rosto com as mãos e solto um pequeno resmungo.

— Todos estão contra mim, eu juro.

— Não estamos contra você, Sarah — a resposta de Maggie é imediata e gentil. — Nós nos importamos. É isso.

— E com o Jack também. Nós nos importamos com ele — Ry completa. — Ele *foi* o meu namorado de mentira por quase um ano, então sou obrigado a...

— Nós nos importamos com vocês dois — Maggie interrompe. — E queremos que vocês sejam felizes.

Passo as mãos pelo rosto e os encaro, irritada.

— Mas eu estou...

— Não, não está — Maggie e Ry dizem em uníssono.

Abro a boca para discordar, mas os dois erguem uma das mãos para me deter. Meu suspiro beira a petulância, mas não me importo. Não gosto de ver meus amigos se unindo contra mim. Primeiro Clint, e

agora esses dois.

O tom de Maggie soa mais gentil:

— Você não está feliz, querida. Todos enxergamos isso, e sei que, lá no fundo, você também sabe.

— Conheci sua mãe, Sarah — Ry diz, sério. — E por mais que eu adore aquela mulher, você não é nada parecida com ela. — Ele inclina a cabeça para o lado, pensativo. — Você é ambiciosa, bondosa, divertida, inteligente pra caramba e tem um coração enorme. Uma mulher dessas não foi feita para ficar sozinha. Uma mulher como você foi feita para...

— Amar e ser amada — Maggie e Ry dizem juntos. Virando-se um para o outro, surpresos, eles riem antes de voltarem a atenção para mim.

Brinco com os meus hashis e murmuro:

— Mas e se Jack e eu não fomos feitos para ficarmos juntos? Tipo — minha voz fica mais baixa, mais fraca —, ele fez o mesmo que meu pai. Não ficou ao meu lado. Ele... me deixou ir embora. — Encaro a mesa, ainda mexendo os hashis, e uma mão grande cobre a minha. Olho para cima e encontro a expressão séria de Ry. De repente, sinto o calor de sua mão se infiltrar na minha, gelada e úmida.

— Vocês se magoaram. Leva um tempo para colocar a cabeça no lugar e compreender os sentimentos. Mas a questão é: você está disposta a deixá-lo escapar? Você conseguiria encará-lo quando estivermos todos juntos e tiver que conhecer a noiva dele? Ou a esposa? Quando você o vir casado e com filhos?

Sinto um aperto doloroso no peito com a ideia de Jack se casando com outra pessoa. Com a ideia de ele ter uma vida, filhos... sem mim.

— Sua expressão me diz tudo que preciso saber. — Ry aperta a minha mão antes de soltá-la e se afastar. — Agora, o que você vai fazer?

Droga. Aquela é realmente a pergunta de um milhão de dólares.

O que eu vou fazer?

Não tenho a menor ideia.

Jack

— Terno novo?

Viro a cabeça e encontro Ry parado na porta do meu escritório.

— Oi. — Olho para o relógio e vejo que ainda não são nem cinco horas, ou seja, Ry saiu do trabalho muito mais cedo. — Você saiu mais cedo hoje.

Ele dá de ombros e fecha a porta antes de se sentar em uma das cadeiras em frente à minha mesa. Ele cruza perna de forma casual.

Casual até demais. O que só pode significar uma coisa.

— Você está bonitão. — Ele sorri para mim, aumentando minhas suspeitas.

— Pare de me paquerar, docinho. Você é casado. — Eu bufo, brincando.

— Sempre vou ter um lugar para você no meu coração. — Meu melhor amigo solta um suspiro dramático.

Balançando a cabeça com desdém, clico no mouse para salvar minhas últimas anotações no computador.

— Como posso te ajudar?

— Eu estava me perguntando se — novamente, a expressão séria de Ry ergue algumas bandeiras vermelhas — você aceitaria jantar com a gente na semana que vem.

Franzo a testa, confuso.

— Por que eu não aceitaria ir jantar com você e a Maggie? Já fizemos isso um milhão de vezes.

— Eu não disse que seria só a Maggie e eu.

Ah. Ele quer saber se Sarah e eu conseguimos ser civilizados um com o outro...

— Quis dizer a Maggie e eu junto da Sarah e o acompanhante dela.

Tudo paralisa, até a minha respiração, e tenho que me esforçar para engolir o nó na garganta. Minha voz sai rouca, fazendo minha resposta ficar muito longe de soar despreocupada.

— Acompanhante?

— Sim. Ela está saindo com um cara ... — Ry estica os braços e entrelaça os dedos na nuca.

Eu me levanto abruptamente e me apresso até os janelões com vista para a rua movimentada. Me viro e encaro meu amigo.

— Nós acabamos de... só faz alguns... — gaguejo, sem

acreditar. — Ela está saindo com alguém?

Ele simplesmente me encara, sem dizer nada. Minha visão embaça enquanto me viro para as janelas e diversas memórias se passam pela minha mente. A coragem de Sarah, seu sorriso e seu jeito de rir. O abraço quando ela precisou de mim. Seu beijo. Seu toque.

— Droga — murmuro, me apoiando na janela.

— Ei.

— O quê? — Não me dou ao trabalho de virar, porque, se pensei que foi doloroso pra caramba ver Sarah me deixar, a ideia de ela estar saindo com alguém revira o meu estômago.

— Eu só estava testando você.

Leva um momento para eu entender o que ele disse. Minha cabeça gira e encaro o meu melhor amigo. Este que eu talvez acabe socando.

— Você o quê?

Ele sorri.

— Só estava fazendo um teste para ver se está tão chateado com a situação quanto ela.

— Você é um baba... *Espera aí.* — Inclino a cabeça. — Ela está chateada?

Ry se levanta e passa uma das mãos pelo cabelo.

— Você dois tinham que ser teimosos, não é?

— Engraçado, mas acho que me lembro de você se remoendo no meu sofá não faz muito tempo — comento, semicerrando os olhos.

Ele solta um suspiro.

— Você vai dar um jeito nessa merda ou não?

Tensiono e relaxo a mandíbula, tentando me recompor.

— Ela deixou claro o que quer e, mais importante que isso, o que *não* quer.

— E você vai deixar por isso mesmo? — A expressão de Ry ganha uma intensidade repentina quando ele vem na minha direção. — Nós dois sabemos que você não deixou por isso mesmo quando me desentendi com a Mags.

Nós nos encaramos por um bom tempo antes de eu desviar o olhar. Frustrado, passo a mão pelo cabelo e gesticulo.

— E o que eu posso fazer?

— Você ama a Sarah?

Encontro o seu olhar e assinto. Então ele diz:

— Mesmo que ela te deixe praticamente o tempo todo com bolas azuis? — Eu assinto de novo. Ry esfrega as mãos e seus olhos brilham com animação. — Bem, então precisamos partir para a ação.

Uma hora mais tarde, Ry e eu estamos sentados à minha mesa de reuniões. Afasto o notebook após uma última anotação e nós nos olhamos.

— Finalmente — ele diz.

Pela primeira vez desde que Sarah saiu do meu apartamento, sinto um sorriso se formar.

— Finalmente temos um plano. — Olho para o meu melhor amigo e tenho que perguntar: — Você acha que vai dar certo?

— Sem dúvida nenhuma — ele afirma, assentindo com um sorriso. — Anote o que eu estou falando... o Sr. Bolas Azuis vai conquistar a garota.

Sarah

— Você está parecendo aqueles comerciais de doces. Feliz e em cores vivas.

Prendo Clint com um olhar afiado.

— É sério? — Eu me esqueci de lavar as roupas e estou usando a roupa cirúrgica colorida que vestia na faculdade durante os turnos na pediatria.

— Bem, com essa atitude, você será a parte do “antes” do comercial de bala. — Ele revira os olhos para mim.

— Clint — digo, expirando e verificando as horas. — Estou prestes a encerrar o turno.

— E está insinuando que eu deveria pegar leve com você? Ser mais legal? Talvez te dar um chocolate, já que você, por incrível que pareça, não tem mais nenhum? — Ele arqueia as sobrancelhas em questionamento.

Resmungo e faço uma careta.

— Podia jurar que tinha o suficiente.

Ele abre um sorriso de quem sabe das coisas.

— O quanto você me amaria se eu dissesse que tenho alguns aqui?

Imediatamente, pulo em cima dele e coloco as mãos em seus bolsos traseiros à procura de uma dose.

— Não acredito que você não me disse — acuso.

Clint agarra meus pulsos e me empurra para longe, me encarando incrédulo.

— Caramba, Matthews. Você parece uma viciada. — Ele me faz dar um passo para longe, ergue as mãos e me encara. — Fique aí.

Clint coloca a mão no bolso da frente, e eu gostaria de dizer que não me prestaria a isso, mas nunca estive tão desesperada por um chocolate. E, sendo sincera, tenho que admitir que penso em Jack toda vez que como um.

Quando meu amigo tira dois do bolso, eu os arranco dele como uma viciada prestes a tomar a sua dose. Começo a abrir um, mas a voz do meu amigo me faz parar.

— Como assim? Nem um obrigada?

Olho para ele e dou um sorriso agradecido.

— Obrigada, Clint.

Tiro o chocolate da embalagem e o levo aos lábios enquanto

leio a mensagem. Minhas mãos congelam a um centímetro da boca quando encaro a frase, confusa.

ENTREGUE-SE AO AMOR.

Hum. Essa mensagem é bem diferente das outras, mas talvez estejam variando. Dou de ombros mentalmente, mordo o chocolate e minha boca se enche de doçura, me fazendo lembrar de Jack.

Droga.

Noto que Clint ainda está parado ali, me observando com uma expressão esquisita.

— O que foi? — pergunto, cautelosa.

— Alguma mensagem boa dentro da embalagem? — Seus olhos vão até o papel alumínio que seguro antes de voltarem ao meu rosto.

Acho estranho, porque Clint nunca pergunta sobre as mensagens. Entrego o papel a ele e tento estudar a sua reação enquanto lê.

Seu olhar encontra o meu e os cantos de seus lábios se curvam em um sorriso.

— Você deveria seguir o conselho.

— Sei — bufo. — Porque eu geralmente sigo conselhos de embalagens de chocolate. — Eu me viro e sigo até o corredor que leva ao cômodo onde ficam os nossos armários. Ele coloca a mão no meu braço, me fazendo parar. Seus olhos castanhos estão atentos.

— Não se esqueça de olhar a outra embalagem.

Assinto, encarando-o com suspeita... porque eu sempre leio. E ele sabe disso.

— Vejo você mais tarde.

Só muito mais tarde noto a esquisitice que foi Clint, que não gosta daqueles chocolates, ter dois no bolso.

Para mim.

O AMOR PODE NÃO SER FÁCIL, MAS SEMPRE VALE A PENA.

— Lar doce lar — murmuro comigo mesma, destrancando a porta do apartamento. Aquela mensagem na segunda embalagem me manteve distraída durante todo o caminho para casa.

O silêncio é estranho enquanto fecho a porta e me reclino nela com um suspiro exausto. Talvez eu devesse arrumar um bichinho de estimação. Um que não exija muita atenção devido aos meus turnos longos. Assim não seria tão solitário voltar para casa e encontrá-la vazia.

E não, não me passa despercebido que isso nunca me incomodou antes. Nunca me importei em chegar em casa e encontrar

o lugar silencioso e vazio...

— Jack — solto em um suspiro. Só de dizer seu nome em voz alta sinto o aperto no peito se intensificar.

Ainda não tive coragem de falar com ele. Porque como alguém chega e diz: “Oi, então, se lembra de quando você se declarou, e eu saí como um carro desgovernado, deixando marcas de derrapagem no chão, enquanto tentava fugir? Bem, eu mudei de ideia. Na verdade, eu amo você.”

Chuto os sapatos para longe e caminho pelo apartamento, pronta para deixar a bolsa na cadeira da cozinha.

Mas não chego tão longe.

Minhas chaves e a bolsa caem no chão com um baque alto. Pasma, encaro a vista ao meu redor.

Vasos cobrem toda superfície vazia da minha cozinha e sala de estar. E reconheço as flores espalhadas por toda a parte.

Bolas azuis.

Arranjos daquelas flores azuis ridiculamente simples decoram o balcão, a mesa da cozinha, as mesinhas nas laterais do sofá e a mesa de centro. Bolas azuis por todos os lados, em cada superfície disponível. É uma crise alérgica prestes a acontecer... e a coisa mais linda que já encontrei ao chegar em casa.

Noto que no maior arranjo, o que está mesa de centro, há um envelope da floricultura, o que chama a minha atenção. Dezenas e mais dezenas de chocolates envoltos em papel alumínio estão espalhados pela mesa, mas três, em particular, estão apoiados no vaso.

Me aproximo, puxo o envelope com cuidado e tiro o cartão de dentro.

POR FAVOR, LEIA AS MENSAGENS DESTES TRÊS CHOCOLATES PRIMEIRO, RAIOS DE SOL.

Com dedos trêmulos e o coração a segundos de explodir, coloco o cartão na mesinha e pego um chocolate. Eu o abro e o deixo na mesa.

SE FOSSE POSSÍVEL, EU VOLTARIA ATRÁS E LUTARIA POR VOCÊ.

Minha respiração falha, e imediatamente pego o outro, abrindo-o com pressa.

EU NUNCA TIVE A CHANCE DE DIZER O QUANTO TE AMO. ESPERO TER ESSA OPORTUNIDADE.

Começo a abrir o terceiro, e só percebo que estou chorando quando lágrimas caem na embalagem.

VOCÊ É O MEU RAIOS DE SOL. AINDA. PARA SEMPRE.

O som de vibração que vem da minha bolsa me alerta de que o celular está tocando. Com o coração na boca e ainda agarrada ao papel alumínio, remexo a bolsa atrás do aparelho. A tela está acesa com o nome da pessoa que eu ansiei ver nas últimas duas semanas.

Passo o dedo pela tela para aceitar a chamada e a encosto no ouvido.

— Jack — minha voz soa ofegante.

— Raio de Sol. — Aquelas palavras, aquela voz grossa e rouca cheia de emoção me percorre, aquecendo todo meu corpo.

— Você fez isso para mim? — pergunto, descrente. Seco outra lágrima e fixo o olhar em todos os chocolates que devem estar em embalagens customizadas.

— Eu faria qualquer coisa por você — ele responde de imediato. — Mas preciso te avisar... — consigo escutar um sorriso em sua voz — depois de um tempo, minha criatividade acabou.

Curiosa, vou até a mesa, pego outro chocolate da pilha e o abro rapidamente, ansiosa para ler a mensagem.

EU DARIA TUDO PARA A SUA VAGINA ME FAZER OUTRA CHAMADA DE VÍDEO.

O riso sobe pela minha garganta, se libertando.

— Você quer fazer outra chamada de vídeo com a minha vagina, é?

— Se você tivesse que pensar em dezenas de mensagens, também entraria em desespero. — Detecto timidez em sua voz.

Abro outro e sorrio para a embalagem.

EU SOFRERIA DE BOLAS AZUIS PELO RESTO DA VIDA SE ISSO SIGNIFICASSE PASSAR CADA UM DESSES DIAS COM VOCÊ.

— Jack. — Suspiro ao celular. Queria que ele estivesse aqui para que eu pudesse agradecer e dizer que... — Onde você está?

— Abra a porta, Raio de Sol.

Fico tensa antes de me virar lentamente, olhando para a porta. Tiro o celular da orelha e corro até a entrada do apartamento., Quando abro a porta, sou recebida por uma visão da qual tenho ansiado.

— Jack Westbrook — murmuro, absorvendo-o usando jeans gasto e uma camiseta cinza de manga comprida e gola portuguesa. — Como você conseguiu fazer isso?

Diminuindo a distância entre nós dois, ele entra e fecha a porta. Jack apoia uma das mãos no meu quadril, se aproxima e, com os olhos

brilhando de emoção, dá um beijo na minha testa.

— Encomendei as embalagens e usei meu tempo livre para abrir coisinhas e os colocar nas minhas embalagens.

— Você pediu ajuda para o Clint e a Maggie — declaro baixinho, percebendo que ele deve ter entregado os chocolates a Clint e o convencido a roubar o meu estoque. Depois deve ter usado a chave que deixo com Maggie.

— Tive que pedir a ajuda deles para algo tão importante assim. — Seus olhos buscam os meus. — Eu deveria ter lutado mais, Sarah. Desculpe.

Pressiono um dedo em seus lábios e falo, baixinho:

— Não. Eu estava errada... e com medo. Você tinha razão.

Ele franze a testa e um vinco aparece entre as sobrancelhas. Então inclina a cabeça para o lado.

— Desculpe, mas não ouvi direito a última parte. Você poderia repetir?

Enquanto abro a boca para repetir, noto o brilho revelador em seus olhos. Eu o empurro de brincadeira e bufo.

— Boa tenta...

Seus lábios engolem as minhas palavras, e eu o beijo de volta com tudo o que tenho. Fico na ponta dos pés e passo os braços ao redor de seu pescoço. Jack agarra meu cabelo e inclina minha cabeça para aprofundar o beijo.

É quando percebo do que estive sentindo falta.

Jack não tem um gosto doce e indulgente como os meus chocolates. Ele tem gosto de algo muito mais pecaminoso, muito mais delicioso e muito mais viciante.

Jack tem gosto de amor.

Jack

UM ANO DEPOIS

— Me deixa dar só uma olhadinha.

Sorrio para a tela, observando-a tentar franzir a testa para mim e falhar. Os cantos dos lábios estão se movendo e os olhos azuis brilham com divertimento.

— Não vou colocar o celular lá embaixo, Jack.

Olho feio para ela.

— Antes, você não via problema nenhum em deixar sua vagina fazer chamadas de vídeo comigo.

Sarah solta um suspiro exasperado.

— Aconteceu *uma* vez. E nós dois sabemos que foi um acidente.

— Melhor acidente de todos os tempos. — Lanço a ela um sorriso arrogante. — Tenho que ir ou vou me atrasar.

Escuto as vozes de Maggie e Clint ao fundo, reclamando sobre azar se me deixarem ver o rosto de Sarah. Por sorte, nenhum de nós se importa com isso. A expressão dela suaviza e se transforma em um daqueles sorrisos tenros que me são familiares. Classifico-os como *meus*.

— Amo você, Jack — ela murmura. — Nos vemos daqui a pouco.

Pisco para ela.

— Serei o bonitão esperando por você com uma flor azul na lapela.

Ela ergue o buquê, enchendo a tela do meu celular com as mesmas flores azuis e mosquitinhos brancos.

— Serei a mulher indo em sua direção com isto em mãos.

— Amo você, Raio de Sol. — Depois que ela murmura sua despedida e desligamos, me viro para Ry, meu padrinho. — Tudo certo?

Ele dá um tapinha nas minhas costas.

— Tudo certo.

Seguimos em direção à frente do grande salão de festas no histórico Hall of Springs, em Saratoga Springs, e admiro os pilares imensos, assim como o teto alto e ornamentado. Sem qualquer sombra de dúvida, o lugar é lindo por si só.

No entanto, a visão que me deixa sem ar por causa da beleza indescritível é Sarah caminhando pelo tapete de linho branco que a

leva até mim. Não por causa do vestido, que é deslumbrante. Nem pela maquiagem ou o penteado elegante. Mas porque ela está caminhando na minha direção com a intenção de se tornar a minha esposa.

Quando ela chega, sorrindo para mim depois de entregar o seu buquê a Maggie, pego suas mãos.

— Oi, Raio de Sol — sussurro, esperando que ela perceba que estou colocando algo em sua palma. Por sorte, já tinha avisado ao celebrante para aguardar o meu sinal. Espero enquanto Sarah olha com curiosidade o que lhe dei.

Ela me encara antes de, com cuidado, abrir o chocolate. Espero que ela as palavras que sei que estão na parte de dentro.

De repente, ela joga a cabeça para trás, rindo. Seus olhos brilham ao se fixarem nos meus.

— Pronta?

Assentindo, ela embrulha novamente o chocolate e o entrega a mim. Rapidamente, o guardo no bolso.

— Estou pronta, Jack.

Assinto para o celebrante, que dá início à cerimônia. E durante os “eu aceito” e, depois, na festa, me lembro da mensagem no chocolate embrulhado em papel alumínio que dei a Sarah mais cedo. Caramba, aquela mensagem é a mais pura verdade.

VOCÊ ACREDITA QUE BOLAS AZUIS ACABARAM FAZENDO PARTE DO NOSSO INCRÍVEL FELIZES PARA SEMPRE?

Epílogo

Sarah

Quatro anos depois

— Mamãe! Olha o que eu trouxe para você! — A criança loira de olhos azuis vem correndo até mim.

Lanço um sorriso sabichão a Jack enquanto ele e Ry voltam com os cafés que foram comprar, me abaixo e cumprimento minha filha, aceitando suas flores.

— Você me trouxe flores, Ella?

— Papai disse que são especiais. — Ela assente, como se estivesse afirmando o fato, com o rosto fofo agora solene. — Ele comprou na loja da srta. Paisley.

Estendendo a mão para ajeitar o cabelo da garotinha e dou um beijo em sua testa.

— Elas são especiais. Quando você estiver mais velha, vou contar a história por trás destas flores.

— Quando eu ficar mais velha... ano que vem?

Rindo baixinho, sorrio para a minha filha.

— Talvez demore mais alguns aniversários.

— Mauve e eu podemos comer chocolate? — Ele me olha com aqueles olhos de um tom azul-escuro igual aos do pai.

— Desde que vocês tomem cuidado para não fazer bagunça.

— Eu prometo, mamãe.

Abro a bolsa, pego dois chocolates embrulhados em papel alumínio e os coloco na palma da mão de Ella.

— Obrigada! — Ella corre até Mauve, que está em um dos balanços do parquinho.

— Muito bem, Westbrook. — Eu me viro e semicerro os olhos para o meu marido, colocando as flores no colo. Ele me entrega o café antes de se sentar ao meu lado no banco com vista para o parquinho.

— Não consigo imaginar por que você não contou para a sua filha o nome dessas flores — Ry comenta de onde está sentado, com Maggie.

— Ei, docinho — Jack adverte. — Não seja assim. — Mal contendo o sorriso ao levar o café aos lábios, ele adiciona: — Vocês dois têm os recadinhos em guardanapos, e eu, flores e chocolates. Está claro quem é o melhorzinho aqui.

— Sosseguem. — Reviro os olhos em resposta às provocações amigáveis dos dois antes de Jack se levantar e atender ao pedido de Ella para empurrá-la no balanço. Ele segura a minha mão e a beija antes de deslizar algo na minha palma. Ry segue atrás dele. Sabendo que Mauve vai pedir a mesma coisa, ele deixa Maggie e eu sentadas sozinhas.

Nós observamos em um silêncio confortável enquanto os dois empurram as meninas no balanço. Elas sorriem e soltam gritinhos alegres ao irem ainda mais alto.

— Sarah?

— Sim? — Eu me viro para a minha melhor amiga, mas seus olhos estão fixos na visão diante de nós.

— Alguma vez você chegou a imaginar isso? — Suas bochechas têm aquele brilho rosado característico de uma mulher abençoada pela gravidez. Uma das mãos descansa na barriga grande.

Balanço a cabeça e abro o chocolate que Jack me deu.

— Nunca na vida, querida. — Minha respiração fica presa no peito com o que a mensagem ali dentro diz.

Minha garganta se fecha com emoção quando encontro o olhar do meu marido do outro lado do parquinho. Enquanto a minha melhor amiga e eu estamos sentadas aqui, observando nossas famílias lindas, deixo o chocolate derreter na boca e seguro firme a embalagem.

EU AMARIA FAZER OUTRO BEBÊ LINDO QUE TENHA O SEU SORRISO, RAIOS DE SOL. O QUE ACHA?

Com o olhar fixo no do meu marido, articulo a minha resposta:

— *Sim.*

Leia também:



Às vezes, o amor precisa de uma segunda chance...

Nunca me arrependi de não ter ido ao meu próprio casamento, mesmo que isso tenha me afastado da maior parte dos meus familiares. Oito anos depois, tenho a vida que sempre quis. Como executiva de contas de publicidade, meu mundo é quase perfeito...

Até eu ficar cara a cara com meu passado. Com o homem que já amei. O homem que tem meu futuro nas mãos e que está decidido a se vingar de mim por tê-lo deixado no altar.

Mesmo com todos os assuntos mal resolvidos entre nós, ainda amo Knox Montgomery. O único problema?
Ele me ama... ou não?

Prólogo

Emma Jane

— Pobrezinha.

Essa expressão, *pobrezinha*, algo muito característico da região sul do país, é meu tiro de misericórdia.

A ironia não passa despercebida, já que acabei de evitar de me dar um tiro de misericórdia, falando de forma figurativa. Em vez de caminhar em direção ao altar, estou caminhando ao longo do calçadão de Pensacola Beach com meu vestido de noiva.

Sozinha.

Com o rosto borrado pelas lágrimas.

Duas idosas me olham com uma curiosidade flagrante, gravada em suas feições e uma se vira para a outra para cochichar:

— Será que o noivo a deixou?

— Você o culparia? — a outra mulher responde, com o tom repleto de desdém. — Ela tem um — ela pronuncia as próximas palavras como se fossem absolutamente escandalosas — *piercing no nariz*.

Meus óculos de sol escondem o olhar sombrio que direciono a elas. Então, com um suspiro de desprezo, continuo caminhando, passando a mão pelo rosto molhado. A julgar pelas manchas pretas em meus dedos, o rímel decididamente não era à prova d'água.

Droga de rímel idiota.

Droga de noivo idiota. Estou começando a ver uma tendência aqui... quanto mais caminho, mais olhares recebo. Uma garotinha de maiô com tutu aponta para o topo da minha cabeça e grita de forma alegre:

— Olha! Uma princesa!

Droga de tiara e véu idiotas que minha mãe insistiu que eu usasse. Sigo até uma grande lixeira e, sem qualquer sutileza, começo a puxar os grampos que prendem essa combinação horrível na minha cabeça. Enquanto estou tento removê-la, a agitação assume, devido à minha triste falta de progresso. Aperto o véu e dou um puxão firme no coque elaborado. Os grampos pulam e caem em várias direções, e eu rezo para que ninguém chegue perto demais e fure um olho. Colocando o comprimento obsceno de tecido no lixo, me sinto um

pouco mais leve.

O sol de junho me atinge enquanto sigo pelo calçadão e o calor irradia nas solas do meu chinelo favorito. Fecho os olhos e inspiro profundamente o ar salgado do Golfo do México.

Deus, eu amo essa praia. Sempre foi uma das minhas favoritas, especialmente porque leva pouco menos de uma hora para chegar de Mobile até aqui. A água tem um lindo tom de verde azulado e a areia é perfeitamente branca e sem conchas. Em qualquer outro momento, eu tiraria meus chinelos e correria em direção às ondas. Mas agora, tenho prioridades diferentes: uma bebida forte. Ou dez. Ou vinte.

O desafio é encontrar um lugar onde eu possa passar despercebida – *bem*, tanto quanto possível. Examino lentamente as opções de bares e restaurantes que ficam ao longo do calçadão. Olho e dispenso um por um.

— Não... não... não... n... — Espere um minuto.

Uma placa em particular atrai minha atenção. Ela tem o contorno de dois homens de pé, um de costas para o outro e suas formas são preenchidas com um redemoinho de arco-íris e o nome Be-Bob's escrito em fonte cursiva.

Um bar LGBTQ+. Perfeito.

Com o chaveiro preso na bolsa, vou até o bar, fazendo o melhor para ignorar os olhares assustados e boquiabertos dos banhistas. Abro a porta, passo pela soleira e entro.

Em um lugar onde eu poderia encontrar um pouco mais de aceitação.

Coloco os óculos de sol no topo da cabeça e levo um momento para que meus olhos se ajustem à luz mais fraca. Só tem umas oito pessoas por aqui, conversando enquanto bebem. Quando não ganho mais do que um breve olhar antes que todos voltem para suas próprias conversas, solto meu primeiro suspiro de alívio. A maioria dos clientes deve estar cedendo ao bom tempo e aproveitando o sábado na praia, sem procurar refúgio e se escondendo como eu.

Examino as fotos emolduradas que enfeitam as paredes e que apresentam drag queens e modelos masculinos seminus antes de caminhar até o bar. Me sento em uma banquetta de couro gasta e chamo a atenção do único barman atrás do balcão. Ele parece estar fazendo um inventário das bebidas, se é que sua prancheta serve de referência.

Quando ele se vira e tem uma visão completa de mim, sua expressão não tem preço, pois suas sobrancelhas quase atingem a linha do cabelo. Eu riria se pudesse, mas estou emocionalmente esgotada.

Enquanto ele observa o que está visível para ele, seus olhos castanhos claros suavizam e os cantos da sua boca se erguem

ligeiramente. Sem pestanejar, ele se abaixa e pega um lenço umedecido do balcão. Aceito, agradecida, e ele apoia os antebraços sobre a superfície, me olhando com interesse enquanto eu limpo o rímel das bochechas.

O barman espera até que eu termine e então pega o lenço de volta e o joga no lixo.

— Bem, não posso dizer que já servi uma noiva fugitiva. — Meu salvador da maquiagem borrada parece me avaliar, como se esperasse que eu explodisse em um rio de lágrimas.

Engraçado, o impulso de vir até aqui me esgotou e estou mergulhada no estágio de raiva pela traição do meu noivo.

Apoio o cotovelo no bar, o queixo na palma da mão e ofereço a desculpa mais fraca para um sorriso.

— Há uma primeira vez para tudo, certo?

Ele não responde de imediato, apenas me olha com curiosidade até que seus lábios se esticam em um sorriso fácil. Seus olhos enrugam nos cantos. Ele tem o que chamo de “olhos bondosos”.

Mas *então* eu me lembro: *o que é que eu sei?*

Claramente não sou a melhor pessoa para julgar os outros. Isso se tornou muito evidente.

O barman estende a mão.

— Casey.

Retribuo o gesto, observando sua manicure impressionante. As cutículas desse cara são melhores que as minhas, e eu adoro o tom de esmalte cinza metálico em suas unhas.

— Prazer em conhecê-lo, Casey. Sou Emma Jane.

Ele se abaixa e ouço um tilintar enquanto ele pega gelo e coloca um recipiente no balcão. Então ele faz sua mágica e derrama diversos líquidos ali. Finalmente, com um floreio – e uma cereja ao marasquino – ele empurra o copo de plástico pela superfície lisa.

— É a minha mistura secreta especial. Eu a chamo de — ele se inclina em minha direção, abaixa o tom de voz e seus olhos brilham com malícia — Tira Calcinhas.

Arqueio uma sobranceira enquanto olho para ele com ceticismo consternado.

— Acho que dificilmente serei a principal candidata a tirar a calcinha no momento.

Casey dá de ombros e pisca por cima do meu antes de voltar a me olhar. Seu sorriso fica mais largo.

— Nunca se sabe.

Dou uma risadinha, balanço a cabeça e levo o canudo à boca para tomar um gole da mistura que ele fez. Assim que engulo a bebida, sinto o perfume de alguém que se aproxima de mim.

Droga. Uma das razões pela qual vim para esse bar foi porque

pensei que as chances de ser paquerada seriam mínimas. Mas quando olho para o cara com o canto do olho, vejo antebraços fortes e musculosos, bronzeados e com pelos escuros. Seu cheiro é atraente e masculino, com um perfume que não é sufocante. No entanto, só a visão daqueles braços já me deixa incrivelmente cautelosa de olhar o resto.

Casey não se dirige ao recém-chegado. Seu foco ainda está em mim.

— Sou todo ouvidos, Emma Jane. Me disseram que sou ótimo nisso.

Bom Deus. Por onde eu começo?

Antes que eu possa responder, o homem ao meu lado fala, e sua voz profunda começa a se elevar.

— Você está me traindo, Case? — Ele solta o que parece ser um suspiro de indignação exagerada. — Não posso acreditar que você me traiu assim.

Olho para cima e vejo a expressão de Casey cheia de alegria. Ele revira os olhos.

— Ainda estou esperando que você mude.

Uma risada rouca chega aos meus ouvidos. Ela parece muito masculina e muito atraente. Por esse motivo, me recuso a virar e olhar para o lado.

— Posso mudar se você concordar em torcer para o meu time.

— Isso não vai acontecer — Casey zomba antes de seu olhar encontra o meu. — Essa bebida não é exatamente o que o médico receitou?

Abro um sorriso, porque ele parece ser um cara fofo.

— É, sim. — Para começar, percebo que não dei meu cartão para pagar ou, pelo menos, abrir a conta. Pego minha bolsa. — Quanto eu te devo?

Ele acena para mim.

— Querida, esse é por minha conta, contanto que você prometa contar toda a história antes de fecharmos.

Um suspiro alto escapa dos meus lábios.

— É uma história patética.

— Me deixe adivinhar. — A voz rouca do sr. Antebraços tem um timbre profundo e um toque de diversão mesclado em seu tom. — Você o pegou com uma das madrinhas.

Solto uma risada rouca e brinco com o canudo, usando-o para mover os cubos de gelo na bebida.

— Não. — *Se fosse tão simples...* penso comigo mesma.

— Pegou-o com o padrinho?

Desta vez, sua sugestão me arranca uma risada mais leve.

— Não mesmo.

— Bem, você sabe que não posso sair daqui sem ouvir a história. Estou intrigado.

Esse cara é gostoso, com certeza. Sua voz é o epítome de sexy, mas mesmo assim, com tudo o que aconteceu, não tenho interesse.

Finalmente, desvio a atenção da minha bebida e meus olhos viajam por aqueles antebraços musculosos, pelos bíceps protuberantes que esticam as mangas de uma camisa polo azul escura e até o rosto que...

Minha respiração fica presa na garganta quando o reconhecimento me atinge e eu arregalo os olhos quando vejo o homem ao meu lado.

Becket Jones, quarterback da equipe da NFL em Jacksonville, Flórida. Ele foi duas vezes vencedor do Troféu Heisman da Universidade da Flórida e foi a segunda escolha geral do Jacksonville Jaguars. Somando-se a esse currículo impressionante, ele recebeu o Troféu Lombardi e foi recentemente eleito o jogador mais valioso da liga. Seu rosto está em comerciais e em outdoors por toda parte. Morando em Mobile, no Alabama, um estado sem time de futebol profissional, a maioria de nós gravita em torno do Atlanta Falcons, do New Orleans Saints ou do Jacksonville Jaguars.

Não sigo a NFL tão de perto quanto o futebol americano universitário, mas teria que viver em uma caverna para não reconhecer Becket e seu rosto bonito. Mesmo escondido pela aba do boné, curvada nos cantos e que desenha sombras sobre seus olhos, eu reconheceria aquele sorriso largo e encantador em qualquer lugar. Ele está curvado no balcão, mas sei que tem bem mais de um metro e oitenta.

Suas feições ficam nubladas enquanto ele observa minha resposta e sua grande mão se estica para puxar o boné para baixo.

— Por favor, não me diga que você vai vender uma história ridícula sobre me ver em um bar gay para um fofoqueiro idiota.

— Claro que não. Eu só estou... — Hesito por um momento. — Surpresa.

Ele levanta o queixo, apontando para dois caras rindo e conversando parados perto de uma jukebox. Um deles está vestindo uma camisa com flamingos cor de rosa, junto com um boá de penas amarelas pendurado no pescoço.

— Estou com meu irmão, Brantley – aquele que insistiu no traje maluco – e seu colega de apartamento, Vonn, cujo aniversário estamos comemorando. — Ele pisca para os dois, deixando o afeto aparecer em seu olhar antes de voltar sua atenção para mim. — Dirigi de Jacksonville até aqui para me juntar a eles.

Aceno de forma educada, sem saber o que dizer.

— Bem, espero que tenham uma ótima noite. — Volto para

minha bebida e tomo outro gole da mistura perigosa, reconhecendo que Casey e Becket fixaram sua atenção em mim com curiosidade irrestrita. Esta bebida é deliciosamente doce, e sei que está mascarando a enorme quantidade de álcool que Casey colocou nela. Não posso ficar bêbada. Deveria – e quero *mesmo* – mas não posso. Tenho coisas mais importantes em que pensar.

Como descobrir o que fazer com a porcaria da minha vida.

Com um longo suspiro, abro o zíper da bolsa e pego o celular – cujo toque foi silenciado – para enfrentar as consequências que sei que estão prestes a explodir.

Que isso seja notado como o erro número um. Porque tenho certeza de que meu telefone vai superaquecer com a quantidade de mensagens de texto e chamadas perdidas que já recebi. Principalmente do meu pai.

Pai: É melhor você voltar para cá agora, mocinha.

Continuo passando por todas as outras mensagens até chegar à última, enviada há cinco minutos.

Pai: Considere-se deserdada. Nem pense em voltar para essa casa depois da vergonha que nos fez passar.

Hã. Bem, graças a Deus pensei nisso e fiz uma parada rápida em casa antes de vir para cá. Peguei os itens que mais precisava, sabendo que a reação dele seria extrema. Talvez eu estivesse delirando, mas esperava que não chegasse a esse ponto.

Quando estou prestes a colocar o telefone de volta na bolsa e evitar o restante das mensagens que certamente são dolorosas, outra chega.

Pai: Esqueça o trabalho na revista. Acabou. Você está demitida. Você é responsável por isso, Emma Jane.

Meu peito se aperta e meu estômago revira. Eu sabia que isso aconteceria, mas não torna a confirmação menos devastadora. Trabalhei pra caramba para a revista *Southern Charm Lifestyle* em sua nova localização, em Mobile. Sei que tenho potencial para subir na carreira.

Mas agora acabou. *Puff*. Tudo por causa do meu pai. O vereador Davis Haywood, dono do jornal local e da maior revista da cidade, além de grande desenvolvedor comercial. Ele tem dinheiro e poder para fazer as coisas acontecerem em Mobile.

Só que nunca pensei que um dia ele usaria esse dinheiro e poder contra a própria filha.

— Então — Becket me tira dos meus próprios pensamentos

cheios de drama. —, você pode não saber disso a meu respeito, mas fui criado para ser um cavalheiro.

Eu o considero com cautela, sem saber o que ele quer com isso.

— Certo — arrasto a palavra lentamente.

— Isso significa que não posso deixá-la sentada neste bar, olhando para o telefone, parecendo que seu cachorro acabou de morrer.

O olhar que lanço para ele normalmente faria as pessoas recuarem... mas então me lembro que este homem enfrenta o risco de ser atacado por caras de mais de noventa quilos em qualquer jogo.

Por mais que meus olhos semicerrados brilhem de um jeito perigoso, como quem diz *nem vem*, não o afeta.

Ele olha em volta antes de colocar o boné na cabeça, com a aba para trás. E, honestamente, em qualquer outro homem adulto, pareceria juvenil. Entretanto, em Becket Jones fica realmente fofo.

Casey entrega uma garrafa de água para ele, que a abre e engole metade do líquido. Com os braços apoiados no balcão, ele me cutuca de brincadeira com o ombro.

— Vamos lá. Desembucha,

Exalo audivelmente e o olho com ceticismo.

— Você quer realmente...

— Ouvir todos os detalhes sórdidos? — Ele sorri para mim, quase me cegando com seus dentes brancos. — Com certeza.

Balançando a cabeça para ele, tomo outro gole da bebida e brinco com o canudo, fazendo os cubos de gelo tilintarem no copo.

— Tudo bem. Mas não se atreva a me dizer *pobrezinha* cheio de piedade.

— Combinado.

Soltando um longo suspiro, eu começo com a voz cheia de dor. E odeio meu tom.

— Estou fugindo de um homem que não me ama de verdade.

— Caramba, garota... — Brantley me encara com os olhos arregalados diante da minha história de sofrimento. Ele e Vonn se esgueiraram até o balcão e se sentaram ao nosso lado assim que comecei a contar tudo.

— Ainda estou vidrado neste vestido. — Vonn faz um gesto, apontando para minha roupa. — A organza é de tirar o fôlego. Muito delicada. — Ele solta um suspiro sonhador. — Perfeito para um casamento de verão.

Brantley o empurra na mesma hora.

— Cara! Não cutuque a ferida.

Solto um suspiro, soprando alguns fios de cabelo soltos para

longe dos olhos, e assinto sem entusiasmo.

— Não é nada demais.

— E agora? — Brantley pergunta.

— Essa é a pergunta de um milhão de dólares. — Baixo os ombros e apoio os cotovelos no balcão – tudo o que fui orientada a não fazer na vida. As mulheres da Liga Feminina teriam um prato cheio, assim como minha professora de dança e instrutoras de baile de debutantes. Caramba, aquelas mulheres eram páreo duro se comparadas a Emily Post, a rainha da etiqueta, com suas doutrinas rigorosas.

Com um gemido cansado, cruzo os braços sobre a superfície lisa do balcão e coloco a cabeça em cima deles. Fecho os olhos, desejando que tudo isso fosse apenas um sonho ruim.

Se nada der certo, posso tentar bater com o salto do sapato, como a Dorothy, de *O mágico de Oz*.

Brilhante. Talvez eu também devesse pedir a Casey uma dose de desespero na próxima bebida.

— Eu posso ajudar.

Levanto a cabeça devagar para olhar com cautela para Becket. Ele ficou quieto enquanto eu contava aos caras sobre tudo que aconteceu.

— Como assim?

Ele dá de ombros.

— Eu conheço pessoas.

Uma pequena risada se forma dentro de mim, porque ele não faz ideia de quem é meu pai.

— O meu pai é muito conhecido em Mobile. Ele é dono do jornal local, da revista *The Bay* e é um grande desenvolvedor comercial de propriedades em toda a região. — Eu paro e desvio o olhar cansado e abatido. — Ele já disse que estou demitida e que serei rejeitada se eu voltar.

— Blue.

Viro a cabeça lentamente para encarar o famoso zagueiro, que aparentemente me deu um novo apelido. Seus olhos escuros me analisam com seriedade absoluta enquanto ele estende a mão para colocar uma mecha do meu cabelo atrás da orelha. E me dou conta do porquê ele está me chamando de *Blue*, que significa azul.

Em mais um ato contra a tentativa do meu pai de me dominar, pinte uma mecha de cabelo para representar meu “algo azul”.

— Tenho uma boa amiga que é vice-presidente de marketing e publicidade da *Fit & Fashion* em Jacksonville. Quer dizer, você teria que provar que é boa, mas eu poderia conseguir uma entrevista para você. Ela está procurando pessoas confiáveis para trabalhar.

— Você está... — Eu vacilo, porque... bem, esse cara nem me

conhece. Não de verdade. Já estamos na companhia um do outro há pouco mais de uma hora. Sem mencionar que a *F&F* é uma revista bem conhecida, com um público muito maior que a *Southern Charm Lifestyle*. — Você está se oferecendo para me ajudar a encontrar um emprego? Em uma cidade diferente?

Um sorriso curva os cantos de seus lábios, e ele inclina a cabeça para o lado enquanto aqueles olhos escuros brilham com bondade.

— Todos nós levamos rasteiras. Às vezes, somos derrubados com tanta força que precisamos de ajuda. — Ele dá de ombros. — Além disso, parece que um recomeço, longe de tudo, seria uma coisa boa.

— Mas você nem sabe...

Becket me interrompe e se aproxima.

— Sei que você não me pediu autógrafo, não aproveitou a chance de tirar uma foto minha ou enviar mensagens de texto para alguém sobre mim ou meu irmão e Vonn. — Ele faz uma pausa e noto que seus olhos têm manchas douradas em meio ao marrom profundo.

— Na minha opinião, isso diz muito.

Se afastando um pouco, ele sustenta meu olhar.

— Somos amigos, Blue.

— Amigos — repito, um pouco atordoada.

Ajudar os necessitados não é algo estranho para mim. Caramba, eu nasci e cresci no Extremo Sul. Somos conhecidos por parar no acostamento para ajudar estranhos a trocar um pneu e oferecer um copo de chá ao carteiro quando ele passa em um daqueles dias em que há um sol para cada um.

Mas de alguma forma, isso é diferente. É maior.

Comprimo os lábios enquanto pondero a oferta de Becket e inclino a cabeça para o lado. Finalmente, levanto meu dedo indicador.

— Se vamos ser amigos, quero que sejamos iguais. Você está me ajudando muito. Como posso te ajudar?

— Você poderia ser o par dele.

Tanto a minha cabeça quanto a de Becket se viram para onde Casey está preparando bebidas para os novos clientes sentados do outro lado do bar.

Eu olho de um para o outro.

Com um revirar de olhos, a atenção do jogador se volta para mim.

— O que ele quis dizer é que preciso de uma mulher, uma *acompanhante* que compareceria aos eventos comigo e...

— Que não se venda para algum paparazzi ou o faça passar vergonha.

Becket semicerra os olhos para Casey antes de terminar.

— Não espere por um relacionamento ou um pedido de casamento.

Minhas feições se transformam em uma expressão de divertimento.

— Querido, posso garantir que essa é a última coisa que espero ou quero.

Seus lábios se curvam no sorriso que enfeita as capas de revistas e outdoors, e ele estende a mão.

— Temos um acordo então?

Repito seu gesto e no instante em que coloco a mão na sua, ela é envolvida. Damos um aperto de mão breve. E então Becket envolve meus ombros e me dá um abraço rápido antes de se afastar e sorrir para mim.

— Tenho a sensação de que este é o início de uma bela amizade.

E eu tenho a sensação de que talvez nem todas as fadas madrinhas sejam do sexo feminino.

Um

Emma Jane

OITO ANOS DEPOIS
JUNHO
JACKSONVILLE, FLÓRIDA

— Estamos ansiosos para trabalhar com vocês. — Aperto as mãos dos quatro representantes da *ESPN* que consegui impressionar para fechar um acordo de publicidade. De longe, este é o maior negócio que já fechei desde que comecei a trabalhar na *F&F*.

Enquanto os dois homens e a mulher saem em fila, um permanece e preciso fazer um esforço enorme para conter um gemido de cansaço.

Teegan Rodriguez. Um ex-jogador profissional de beisebol que se transferiu para uma vaga na conhecida rede esportiva, dando bom uso ao seu diploma universitário em negócios e comunicação.

— Alguma chance de você estar livre para jantar hoje à noite? — Teegan me dá um sorriso que tenho certeza de que faz as mulheres se jogarem a seus pés.

Mas eu, não. Provavelmente porque sei que ele perderia o interesse assim que conseguisse o que quer.

— Sinto muito, Teegan. Tenho que ir a uma festa beneficente esta noite. — Ofereço meu sorriso mais inexpressivo enquanto junto o arquivo com os documentos necessários para a equipe jurídica finalizar o acordo.

— Com o Jones — ele completa com uma pontada mordaz em seu tom.

Jesus. Atletas e seus rancores. Só porque ele ficou em segundo lugar e Becket em primeiro na disputa de atleta favorito dos fãs da *ESPN*. Dava até para imaginar que alguém o tivesse ofendido ou algo assim.

Semicerro os olhos com um aviso na voz.

— Com meu melhor amigo.

— Certo.

Muito bem, para mim chega.

— Foi bom te ver, Teegan. — Vou em direção à porta da sala de reuniões com ele me seguindo. No último momento, ele dá um passo à

frente, me fazendo parar.

— Talvez outra hora? — Ele estende o braço e passa o dedo indicador nas costas da minha mão. Imagino que ele pense que é uma carícia sedutora.

— Talvez. — *Talvez nunca.* Abro outro sorriso educado, movendo a mão de forma casual a fim de evitá-lo. Em seguida, falo olhando por cima do ombro. — Te vejo outra hora, Teegan. — Só quando chego na porta da minha sala e a fecho é que solto um suspiro de alívio. Assim que me sento, vejo uma notificação de mensagem acender na tela do celular.

Desta vez, meu sorriso é genuíno.

Becket: *Preciso dar uma surra no Rodriguez? Presumo que ele tenha te convidado para sair pela centésima vez.*

Eu: *Não precisa. Já cuidei disso. Juro que aquele homem não entende sutilezas.*

Becket: *Essa é a minha garota. A propósito, mandei um vestido para a festa de hoje à noite.*

Eu: *Beck. Você precisa parar. Achei que tivéssemos combinado que eu poderia usar o azul que já tenho.*

Becket: *Vi esse quando estava em Miami e tive que comprá-lo.*

Não consigo conter um suspiro, porque embora meu melhor amigo seja o homem mais fofo que conheço, eu realmente gostaria que ele arranjasse uma namorada. Honestamente, comparecer a alguns desses eventos como sua acompanhante, com o debate contínuo sendo “Ela é ou não a namorada dele?”, pode ser mais que um pouco cansativo às vezes.

Eu: *Tenho uma surpresinha para você esta noite.*

Becket: *O que é? Duas brasileiras gostosas que têm uma queda por quarterbacks americanos?*

Dou uma risadinha, sabendo que ele é bem discreto quando se trata de mulheres, especialmente depois de seu passado doloroso. Todo mundo presume que ele é mulherengo, já que é encantador. Mas na realidade, ele não poderia estar mais longe disso. Eu só queria que ele namorasse com mais frequência... porque é bastante ocasional, na melhor das hipóteses.

Eu: *Você vai ver hoje à noite. Não é nada espetacular como um vestido, mas acho que é muito especial.*

Becket: *Então eu sei que vou adorar. Te pego às sete e o vestido deve ser entregue em seu escritório em breve.*

Eu: *Até mais tarde.*

Pego o arquivo da *ESPN* junto com algumas outras páginas da documentação necessária, saio da minha sala e as entrego a minha assistente.

— Alissa, se você puder digitalizar isso e enviar para o Departamento Jurídico, seria ótimo.

— Pode deixar. — Ela segura os arquivos com um sorriso.

— Quanto falta agora?

Seu sorriso fica mais brilhante com a menção do nascimento de seu primeiro filho.

— Só mais oito semanas.

Minha expressão fica séria.

— Me avise se você não estiver se sentindo bem ou se eu estiver te sobrecarregando, tá?

— Sim, senhora.

Alissa está mentindo para mim, porque ela é uma das mulheres mais trabalhadoras que já conheci. Ela insiste em me chamar de senhora, embora eu seja alguns anos mais nova que ela. Mas é a melhor assistente que eu poderia ter pedido.

Me viro para voltar para a minha sala, mas ela me interrompe. Olha ao redor antes de falar em um tom abafado.

— Ouvi uns rumores de que o Martin vendeu a revista para algum figurão da mídia da região, mas estão tentando manter os detalhes em segredo.

Dou um olhar curioso para minha assistente antes de baixar a voz.

— Isso é verdade?

Ela dá de ombros.

— Sinceramente, não sei. No passado, já houve rumores de que ele não é muito bom com dinheiro... — Ela para com uma expressão preocupada.

Franzo os lábios com uma expressão pensativa, já que também ouvi isso.

— Bem, vou ver se descubro alguma coisa, mas pode ser só uma fofoca inofensiva.

Ela assente, e eu volto para a minha sala com esses pensamentos se agarrando a minha mente.

— Você está linda.

Becket sorri para mim e, por uma fração de segundo, a alegria e o carinho estampado em sua expressão me fazem esquecer que estou chateada com ele por ter comprado este vestido para mim.

Um vestido que custou bem mais de seis mil dólares.

Olho para ele e faço um barulho com a língua.

— Não pense que você pode me convencer a não ficar chateada por causa deste vestido.

— Mas, docinho — ele fala devagar, tentando imitar o sotaque sulista —, eu sabia que ele acentuaria sua beleza.

— Galanteador.

Ele abre um sorriso largo e cheio de dentes.

— Você me conhece. — Ele estende a mão e inclina a cabeça. — Vamos?

— Vamos, sim. — Apoio a mão na dele e saímos da limusine. Becket me ajuda de forma cuidadosa para garantir que minha roupa não fique presa.

O vestido de noite sem alças, é lindo demais para ser descrito em palavras, por mais caro que tenha custado. O material acetinado vermelho escuro brilha quando a luz incide sobre ele e os cristais Swarovski costurados em volta da cintura cintilam.

Eu deveria estar acostumada com o ataque de flashes depois de todo esse tempo, mas ainda leva um momento para meus olhos se ajustarem. A mão de Becket continua firme na minha, e ele me encara.

— Pronta, Blue?

— Pronta.

Sorrindo, paramos para fotos, sem responder às perguntas relativas ao nosso relacionamento ou aos rumores de um noivado. A verdadeira bênção é o fato de que o empresário de Becket ajudou a evitar que alguém ficasse sabendo do meu passado, aquele que deixei para trás em Mobile. Sei que é bem provável que isso também se deva graças ao meu pai, que faria tudo ao seu alcance para evitar que falatório envolvendo seus negócios.

Volta e meia aparece um boato de que Becket me pediu em casamento, mas sei que tem a ver com a imprensa local, que espera que seu famoso quarterback encontre o amor. No entanto, devo admitir que estou extremamente grata pelo debate sobre uma possível gravidez ter terminado.

Entramos no grande salão designado para o baile de gala desta noite, em homenagem aos atletas incluídos na última edição da *Body Issue*, da *ESPN*. Becket e mais vinte e cinco outros atletas, posaram nus na campanha, cobrindo as partes íntimas de forma estratégica e criativa.

Depois de trocarmos cumprimentos com alguns conhecidos, guio Becket para um local mais silencioso. Seus olhos, que estão brilhando de curiosidade, encontram os meus. Abro um sorriso malicioso antes de retirar um pequeno item de dentro da bolsa. À primeira vista, parece ser algum tipo de carta.

Coloco o objeto na palma da sua mão e observo quando a ficha cai: a relevância disso e dessa data.

Seu olhar é algo de que não me esquecerei tão cedo. Seus olhos brilham em apreciação sincera e seu sorriso se torna mais íntimo. É mais uma prova de que tenho um dos melhores amigos do mundo.

— Blue. — Ele olha para o cartãozinho e sua voz fica rouca de emoção. Seus olhos escuros se fixam nos meus. — Você é muito importante para mim. Sabe disso, não é?

As lágrimas começam a se formar em meus olhos porque eu sei. E sei disso justamente porque ele também é muito importante para mim. Acredito firmemente que foi o destino que nos uniu, nos fazendo tropeçar um no outro naquele bar há oito anos.

— Eu sei.

Seus lábios se curvam em um sorriso e seus olhos brilham de um jeito malicioso.

— Se eu conseguisse te beijar na boca sem querer vomitar, com certeza me casaria com você.

Solto uma risada que faz com que algumas pessoas olhem para nós. Sorrio para ele.

— Eu sei.

Ele olha para o cartão que fiz. Foi a foto que tiramos depois do nosso acordo naquela noite no bar em Pensacola Beach. Eu, usando meu vestido de noiva e ele com um boné virado para trás. Estamos sorrindo, embora eu esteja um pouco hesitante.

Esta foto marcou o início de uma amizade que nunca vi igual.

Marquei a data e um amigo do nosso departamento gráfico me mostrou como editá-la. O *Photoshop* ainda não era meu amigo, mas consegui criar algo legal para o nosso “aniversário de amizade”.

Becket pega sua carteira e coloca o cartão dentro dela com cuidado.

— Vou nos levar comigo para onde quer que eu vá. — Ele emoldura meu rosto com as mãos grandes e dá um beijo suave na minha testa antes de sussurrar — Te amo.

Meus olhos se fecham e eu murmuro:

— Também te amo.

O som de um pigarrear interrompe nosso momento e, de forma obediente, nos viramos e cumprimos um dos anfitriões do baile.

— Com licença, mas tenho que roubar essa linda mulher para uma dança.

A voz profunda de Becket ecoa atrás de mim enquanto ele coloca a mão na minha cintura. As mulheres com quem eu falava dão risadinhas, sucumbindo ao charme e à aparência do meu amigo.

Enquanto ele me leva para a grande pista de dança, noto a versão instrumental de *Better man*, de Miranda Lambert sendo tocada

pelos músicos no palco.

— Conversa superficial? — ele murmura em meu ouvido.

— Você não faz ideia. Os rumores sobre o futuro desconhecido da *F&F* conseguiram se espalhar ainda mais. — Faço uma careta. — Alguém mencionou ter visto o novo proprietário aqui esta noite.

A risada ressoa em seu peito.

— Posso me atrever a dizer que sou seu salvador então? Te resgatei de uma conversa angustiante?

Eu me inclino para trás e pisco de brincadeira, permitindo que meu sotaque sulista se torne mais proeminente.

— Como uma mulher tão imperfeita como eu pode te retribuir?

Seu sorriso corresponde ao meu.

— Dando aos fofoqueiros algo mais para falar. Segure firme.

Com isso, Becket me gira antes de me puxar de volta. Ele me inclina e sussurra para mim.

— E você tem que se lembrar, Blue. — Ele aprofunda a voz para recitar uma frase do meu filme favorito, *Gênio Indomável*. — As pessoas chamam de imperfeições, mas isso é uma coisa boa.

Ele nos coloca de pé novamente. A música termina e todos param para aplaudir. É quando algo me chama a atenção. Ou melhor, alguém. Um homem. E uma sensação estranha me atinge. Do lado oposto do salão de baile, ele muda sua postura e não consigo ver seu rosto, mas há algo muito familiar nele e na maneira como se comporta.

— Blue.

Estremeço, encontrando a expressão preocupada de Becket em mim. Com um sorriso tenso, tento me livrar da sensação de *déjà vu*.

— Desculpe. Só... pensei ter visto alguém que conhecia.

— Você está bem?

— Estou. — Me esforço um pouco mais para sorrir. — Eu juro.

Ele me observa por um instante antes de inclinar a cabeça na direção das grandes mesas cheias de canapés.

— Quer comer alguma coisa?

— Claro.

Depois de comermos um pouco da comida deliciosa, somos envolvidos em conversas com pessoas que pedem a opinião de Becket a respeito de alguns agentes disponíveis ou curiosos sobre o meu trabalho na *F&F*.

E não consigo me livrar da sensação perturbadora de que meu passado está logo ali, me assombrando.

— Exausta não descreve como me sinto agora.

Tiro os sapatos de salto na limusine e deixo escapar um gemido

suave enquanto mexo os dedos do pé.

Becket inclina a cabeça para trás e fecha os olhos.

— Eu também.

Com a bochecha apoiada no couro liso, eu o observo de forma afetuosa.

— Você daria um ótimo namorado, sabe? — Minha voz é suave, o tom abafado enquanto estudo seu perfil.

Um canto da sua boca se curva, mas seus olhos permanecem fechados.

— É mesmo?

Estendo a mão, pego a dele e a seguro com firmeza.

— Beck, você sabe que sim — eu sussurro. — Acho que está na hora de preparar esse novo plano de jogo.

Ele vira a cabeça e me olha.

— Usando terminologia esportiva comigo agora?

Com um meio sorriso, respondo:

— Uma vez, me disseram que é necessário um plano de jogo quando se decide fazer uma mudança.

— Parece uma pessoa sábia.

— É, sim. — Engulo em seco, enfrentando minhas próximas palavras. — Mas ele precisa e *merece* mais do que idolatrar sua melhor amiga.

Ele me encara em um silêncio pesado. E eu deveria saber que não poderia começar com esse assunto sem esperar que ele fosse mais astuto. Becket é rotulado como um atleta idiota, mas está muito longe disso.

Prova disso, são suas palavras abafadas.

— Eu poderia dizer o mesmo a você.